UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

BERENICE ABREU

O *RAID* DA JANGADA SÃO PEDRO: PESCADORES, ESTADO NOVO E LUTA POR DIREITOS

NITERÓI – RIO DE JANEIRO
2007

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

BERENICE ABREU

O *RAID* DA JANGADA SÃO PEDRO: PESCADORES, ESTADO NOVO E LUTA POR DIREITOS

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em História.
Área de Concentração: História Social

ORIENTADOR:
PROF. DR. JORGE LUIZ FERREIRA

NITERÓI – RIO DE JANEIRO
2007

BERENICE ABREU

O *RAID* DA JANGADA SÃO PEDRO: PESCADORES, ESTADO NOVO E LUTA POR DIREITOS

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em História.
Área de Concentração: História Social

Aprovada em Fevereiro de 2007

BANCA EXAMINADORA:

PROFª. DRª. MARIA HELENA ROLIM CAPELATO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PROFª. DRª. LUCÍLIA DE ALMEIDA NEVES DELGADO
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

PROFª. DRª. ÂNGELA MARIA DE CASTRO GOMES
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

PROFª. DRª. RACHEL SOIHET
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

PROF. DR. JORGE LUIZ FERREIRA – ORIENTADOR
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

A145 Abreu, Berenice.
O Raid da Jangada São Pedro: Pescadores, Estado Novo e Luta por Direitos. – 2007.
256 f.
Orientador: Jorge Luiz Ferreira.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2007.
Bibliografia: f. 246-256.

1. Jangadeiros. 2. Estado Novo. 3. Direitos Sociais. 4. Cidadania. I. Ferreira, Jorge Luiz. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 361.10981

PARA FRED, COM TODO O MEU AMOR
Essa "viagem" só foi possível porque em nenhum momento estive só. Mesmo nos momentos em que me vi sozinha, navegando por "mares estranhos", sentia sua companhia serena e firme ao meu lado. Esse trabalho, pelo menos o que nele houver de bom, compartilho com você.

PARA CLARICE
Por você cheguei ao fim dessa viagem e seguirei contigo até o final da tua, mais uma vez contrariando todas as previsões de temporal.

PARA MINHA DOCE E AMADA NETA ANINHA
Como os pescadores da São Pedro que se orientavam pelas luzes dos faróis e pelo brilho das estrelas, sigo teus olhos doces de criança e acho o norte que traz de volta o ânimo para prosseguir, porque, afinal, "navegar é preciso".

PARA MEU PADRINHO RAIMUNDO
em memória
Por ter me ensinado a doçura e a leveza que existem nas rochas.

PARA JACARÉ, JERÔNIMO, MANUEL PRETO E TATÁ
em memória
Que eu possa ter preservado em meu escrito a dignidade de suas ações e a majestade dos seus propósitos.

“Jacaré e os outros fizeram sua viagem de jangada exatamente como aqui foi filmado. Eles levaram 61 dias em mar aberto sem bússola e guiados apenas pelas estrelas... um recorde único na história da navegação. Para os jangadeiros de Fortaleza esse foi o primeiro passo em sua longa jornada para pertencer à nação brasileira.”
(Orson Welles, 1942)

AGRADECIMENTOS

Como Jacaré, Jerônimo Manuel Preto e Tatá, eu também tive que enfrentar muitas “tempestades, faltas de vento e tubarões” ao longo da “viagem” que resultou no término dessa tese de doutorado. Sem as pessoas que abaixo listarei não seria possível “vencer” tantos desafios. Sou muito grata a todas elas e, com certeza, o que de há de mérito nesse trabalho, cabe, em grande parte, a elas.

A Frederico de Castro Neves, por tantas e exaustivas vezes ter me escutado falar dos jangadeiros da *São Pedro*. Pelas sugestões perspicazes. Pelo encorajamento nas horas em que pensei em fraquejar. Pelas revisões e trabalho de digitação final, por estar ao meu lado enfrentado comigo tubarões e tempestades, enfim....

Ao meu orientador Jorge Ferreira, a quem devo: a sugestão de transformar esse tema em tese de doutorado; as orientações firmes e seguras que respondem por aquilo que esse trabalho tem de bom; e a compreensão de me ouvir e acompanhar nos momentos de maiores “tormentas” que enfrentei a bordo dessa “frágil jangada”.

Às professoras Ângela de Castro Gomes e Rachel Sohiet, pelas valiosas e generosas e críticas e sugestões no momento da qualificação.

Às professoras Maria Helena Capelato, Lucília de Almeida Neves, Ângela de Castro Gomes e Rachel Sohiet, pela gentileza e generosidade em aceitarem participar da banca de defesa de tese.

Aos professores do programa de Pós-graduação da UFF, Gladys Sabino e Gizlene Nader, pela seriedade com que ministraram seus cursos e pelas importantes contribuições que lançaram às minhas reflexões, com as sugestões de leitura. Ao professor Guilherme Pereira das Neves, além disso, pela atenção dispensada como coordenador do Programa, nos primeiros anos de curso.

Aos funcionários da Pós-Graduação da UFF, Mário “Branco” e Joceli Santos da Silva, pelo respeito, carinho e atenção com que sempre me trataram e facilitaram minha permanência no Programa.

Aos amados e eternos amigos que a estada no Rio de Janeiro me propiciou, o maior presente que a cidade me deu: Tyrone, Cida, Silvana e Taís.

À professora Simone Souza, que me disponibilizou parte importante de sua biblioteca especializada em Estado Novo e seus documentos particulares, pesquisados na FGV, sem os quais teria sido difícil a confecção do quarto capítulo dessa tese.

Ao professor João Raméres Régis, pela valiosa informação dos documentos da Polícia Política do Governo de Getúlio Vargas, no Arquivo do Estado, referentes a estada dos jangadeiros no Rio de Janeiro.

Ao professor e arquiteto Liberal de Castro, por uma cópia cifrada e pelas referências da canção "Jangadeiros: a triste história de uma praieira".

Aos bolsistas Érica, Cristiê e Priscilla, e ao pesquisador Tácito Rolim, pela contribuição imprescindível para a conclusão dessa tese.

Ao amigo e pesquisador Tyrone Cândido, pela digitalização de parte da documentação e pelas sugestões ao longo da pesquisa.

Ao historiador João Elmadan, pela digitalização do jornal *Unitário* de 1941.

Ao cineasta e pesquisador Firmino Holanda, pela generosidade com que me auxiliou na pesquisa, dividindo suas indagações sobre a saga dos jangadeiros e sobre Orson Welles.

Aos pesquisadores Túlio Muniz, Raimundo Caruso, Eustógio Dantas, Solange Schramm, Márcia Juliana Santos, Antônio Luiz Macedo e Silva, Erick Assis, Sander Castelo, pelas contribuições valiosas, em sugestões e publicações.

Aos funcionários do Instituto Terramar, em especial, Jéferson e Henrique, pelas sugestões de bibliografia reativas aos pescadores e pela disponibilização do acervo da instituição.

Ao Prof. Franck Ribard, pelas sugestões sempre pertinentes.

Ao Prof. Régis Lopes, pelo apoio, disponibilidade e empenho na divulgação da pesquisa, através da publicação dos livros relativos ao *raid* de 1941.

À Dona Betina, Dona Lyrisse, Sr. Puraquê (em memória), Dona Maria, Dona Raimunda, Dona Celsa, Sr. Bafô, por terem me franqueado a porta de suas casas e compartilhado comigo as suas lembranças.

Aos funcionários do Arquivo Nacional, Arquivo do Estado do Rio de Janeiro, Hemeroteca e Setor de Manuscritos da Biblioteca Nacional; dos Setores de Periódicos, de Obras Raras, de Microfilmagem da Biblioteca Pública Menezes Pimentel; da Biblioteca da Academia Cearense de Letras; do Instituto do Ceará.

Aos Professores José Ferreira Nunes e Ana Paula Ribeiro Rodrigues, da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, e à funcionária Francisca Ângela Ferreira

Rocha, do Setor de Bolsas e Convênios, da UECE, pelo apoio e empenho na concessão de uma bolsa de estudos PICDT, sem a qual o término dessa tese seria praticamente impossível; ao Sr. Jomar Monteiro Saldanha, em memória, pelo carinho e seriedade com que acompanhou os relatórios de afastamento docente.

Às agências de fomento CAPES e CNPq, pelas bolsas de estudos concedidas em momentos diferentes da pesquisa.

À UECE, pela liberação; e aos colegas do Departamento de História, que possibilitaram, com seu trabalho, minha dedicação integral ao curso de doutorado.

Aos meus mestres de yoga e meditação, que me ensinaram a manter a "mente quieta, a espinha ereta e o coração tranqüilo", para saber esperar a "tempestade" passar.

Aos "anjos de branco" que vêm acompanhando minha filha Clarice, nos ajudando a enfrentar esses desconhecidos mares tortuosos e tormentosos que formam o corpo humano.

A todas as secretárias que trabalharam em minha casa durante esses quatro anos em que estive no doutorado, assumindo boa parte das tarefas domésticas para que eu pudesse me dedicar à tese.

À Beth Ferreira, pela amizade e carinho com que me recebeu em Niterói, em todas as vezes que precisei.

À minha família, pelo apoio e ajuda com minhas "meninas".

Ao meu sogro Almir, em memória, por ter me acolhido no Rio de Janeiro e pelas lições sobre a grandiosidade do ser humano, justamente nos seus momentos de maior fragilidade.

À minha cunhada Virgínia e sua família, pela acolhida afetuosa no Rio de Janeiro.

À minha amiga e irmã Meirinha, por tudo.

RESUMO

Quatro pescadores artesanais urbanos, Jacaré, Tatá, Manuel Preto e Jerônimo, residentes na Praia de Iracema, em Fortaleza, Ceará, partiram em uma jangada de piúba, com destino a capital da República, para levar ao conhecimento do poder público as reivindicações da categoria. Esse trabalho objetiva analisar as dimensões políticas desse primeiro *raid* reivindicatório de jangadeiros, realizado nos anos de 1941 e 1942. A pesquisa histórica empreendida contemplou jornais do Rio de Janeiro, Bahia e Fortaleza, três diários produzidos durante essa viagem, documentos oficiais do Governo de Getúlio Vargas, revistas, filmes produzidos no período, além de depoimentos orais de contemporâneos dos jangadeiros. Ficou evidenciado na pesquisa que os sujeitos centrais dessa história, os pescadores da jangada *São Pedro*, descobriram na viagem de jangada uma importante estratégia política de dar visibilidade aos problemas enfrentados pela categoria. Também perceberam que, naquele momento em que viviam, a ditadura do Estado Novo, estava aberta uma porta de negociação direta com o Estado, e aproveitaram-se dessa oportunidade política para lutar por aquilo que consideravam seus direitos, os benefícios sociais já concedidos a outras categorias profissionais. O Estado Novo também se beneficiou do ousado *raid*, que contribuiu para fortalecer o ideário nacionalista fortemente alimentado no período. A viagem de jangada, ao longo da costa brasileira, propiciou aos jangadeiros da *São Pedro* um aprendizado de classe, fazendo-os entender que a luta não era restrita aos pescadores do Ceará. A segunda viagem, ocorrida em 1942, aprofunda essa luta por direitos e por reconhecimento, através das filmagens empreendidas com o cineasta americano Orson Welles. As viagens de 1941 e 1942 foram um exercício de cidadania social que serviram de inspiração para outros *raids* empreendidos em 1951, 1958, 1972 e 1993.

Palavras-chave: jangadeiros, Estado Novo, direitos sociais, cidadania.

ABSTRACT

Jacaré, Tatá, Manuel Preto and Jerônimo, four traditional fishermen from Iracema-beach, Fortaleza, state of Ceará, left for the capital of Brazil in a traditional boat, a so-called "jangada" (raft), in order to gain the State´s attention to the demands of the fishermen community. This thesis aims to analise the political dimensions of this first raid that took place in 1941-1942. The historical research is based on newspapers form Rio de Janeiro, Bahia and Fortaleza, three diaries that were written during the journey, official documents of the government of Getúlio Vargas, magazines and films in addition to the oral rapports of their contemporaries. It has been pointed out in this investigation that these fishermen of the *São Pedro* raft discovered their journey to be an important political strategy to give visibility to the problems encountered by their fellow fishermen. They also noted that at these time the dictatorship of the "Estado Novo" was open to negotiation, and used that political opportunity to fight for their rights: the social benefits that had already been conceded to other professions. The "Estado Novo" also benefitted by this daring raid that contributed to the surging nationalistic ideology at that time. The journey along the Brazilian coastline gave the fishermen of the *São Pedro* a understanding of social classes, making them understand that the fight was not restricted to the fishermen of Ceará. The second journey, in 1942, widens the fight for their rights and acknowledgement, by means of the film by the American director Orson Welles. The journeys of 1941 and 1942 were an exercise in social citizenship that served others to undertake similar raids in 1951, 1958, 1972 and 1993.

Key words: social rights, citizenship, Estado Novo, raft.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13

CAPÍTULO I
SIMPLES, POBRES E TEIMOSOS: CULTURA E TRABALHO DOS JANGADEIROS 29

A PRAIA DE IRACEMA E OS PESCADORES 29
O COTIDIANO DO TRABALHO: A PESCA 36
FORA DO MAR: A PINGA, A IGREJA, A FESTA.... 46
A FAMÍLIA, A COLÔNIA... 53

CAPÍTULO II
"SOMOS MENSAGEIROS DOS PESCADORES DE TODO O NORTE": O APRENDIZADO DE CLASSE 62

O SONHO DE JACARÉ E O PROJETO DA VIAGEM À CAPITAL FEDERAL 62
OS PADRINHOS DO *RAID*: A ORGANIZAÇÃO DA VIAGEM 66
A VIAGEM E O APRENDIZADO DE CLASSE 74
A CAPITAL FEDERAL RECEBE OS JANGADEIROS "BRASILEIROS" 88

CAPÍTULO III
NACIONALISMO E CIDADANIA NO ESTADO NOVO: A "TRILHA" DOS JANGADEIROS CEARENSES 107

JACARÉ: O "PERO VAZ DE CAMINHA" DA JANGADA SÃO PEDRO 111
AS REIVINDICAÇÕES DOS PESCADORES NO CONTEXTO DA LUTA POR DIREITOS 119
A "FIBRA DA NACIONALIDADE": A SAGA DOS JANGADEIROS E A NAÇÃO 128
OS JANGADEIROS NA NAÇÃO: ALGUMAS CONCLUSÕES 140

CAPÍTULO IV
"EU NÃO DEIXO MINHA PESCA NEM POR VIDA DE BACHAREL": O RETORNO 146

"A RECEPÇÃO TRIUNFAL": AS FESTAS DE CHEGADA 146
O INTERVENTOR DA LEC NA CARONA DA JANGADA SÃO PEDRO 157
OS AMIGOS DE TODOS OS TEMPOS: OS JORNALISTAS DO *RAID* 170

CAPÍTULO V
E DEPOIS DO *RAID*... NOVAS ONDAS, OUTRAS "VIAGENS" 179

O INQUÉRITO DA CONFEDERAÇÃO GERAL DOS PESCADORES DO BRASIL 179
MAIS DENÚNCIAS, OUTRAS VIAGENS! 187

CAPÍTULO VI
QUATRO HOMENS NA JANGADA DE ORSON WELLES 204

ORSON WELLES: DE GÊNIO DO ESPETÁCULO A EMBAIXADOR CULTURAL DA AMÉRICA 204
O "CIDADÃO KANE" PEDE UM AUTÓGRAFO A JACARÉ 210
WELLES E OS JANGADEIROS NO MUCURIPE: A CONSTRUÇÃO DE UMA "HISTÓRIA VERDADEIRA" 227

CONCLUSÃO
AINDA OUTRAS VIAGENS 237

FONTES 244

BIBLIOGRAFIA 246

INTRODUÇÃO

Era uma manhã de setembro dos primeiros anos da década de 1990. A sessão do Cinema de Arte do Shopping Iguatemi, em Fortaleza, exibia o tão falado e esperado filme de Orson Welles – *It's All True* (Tudo é verdade). Os desdobramentos trágicos da película, além de sua temática "local" – os pescadores cearenses em sua vida cotidiana, as imagens das dunas hoje inexistentes, etc –, atiçavam a curiosidade do público, que acorreu em grande número à sessão. O fato de ter sido dado como perdido pelo próprio diretor, que se viu em dificuldades durante as filmagens, aumentava as expectativas, do ponto de vista técnico, em relação à montagem que havia sido realizada, em 1993, por alguns colaboradores de 1942. Sobre o filme, portanto, parecia rondar uma aura sombria de mistério e incerteza. Assim, cinéfilos, intelectuais, pescadores, partícipes e descendentes dividiam o espaço do cinema, com diferentes expectativas com relação à obra inacabada do cultuado diretor norte-americano.

Mas o que interessava diretamente aos organizadores do evento, à platéia ali presente e, particularmente, para mim, era o episódio intitulado "Quatro homens em uma jangada", filmado na vila de pescadores do Mucuripe, Fortaleza, no primeiro semestre de 1942. A "ficção" de Welles buscava retratar aspectos da vida dos jangadeiros cearenses, a ameaça da morte no mar, sempre presente e responsável pela viuvez precoce de pobres jovens, e, por fim, a luta daquele povo por melhores condições de vida, simbolizada pela viagem até o Rio de Janeiro – fato "real" acontecido no ano anterior.

Nas cadeiras ao meu lado, remexia-se um público, ao mesmo tempo, impaciente e falador, diferente daquele que normalmente encontramos nesse tipo de "sessão de arte". Ao final, fiquei sabendo, pelo organizador da sessão, que estavam ali alguns dos pescadores que participaram como personagens do filme de Welles, além de descendentes dos jangadeiros protagonistas principais da película.

A idéia da organização era promover um debate sobre o filme e sobre o assunto nele retratado – a vida dos jangadeiros cearenses e a viagem de 1941. Mas os convidados, falando todos ao mesmo tempo, levantavam uma série de indagações que me pareceram, naquele momento, inteiramente confusas e sem nexo: um perguntava por que o cineasta não mostrou o momento da morte de Jacaré; outro, em tom acusatório, sugeria que Jacaré havia sido assassinado porque "falava demais"; alguém ainda afirmou que o Estado

Novo de Getúlio Vargas é quem mandara matar o jangadeiro; outro, por fim, sugeria que Jacaré ainda estava vivo, morando nos Estados Unidos.

As memórias sobre o filme e sobre o evento que o inspirou estavam em plena atividade, mesmo depois de 50 anos!

Saí do cinema inquieta e curiosa para saber mais detalhes sobre os "fatos reais" que motivaram o cineasta americano a construir uma ficção cinematográfica, tendo por base o universo de vida dos jangadeiros cearenses e de certa viagem que haviam empreendido em 1941 ao Rio de Janeiro, Capital Federal. Apesar dos poucos dados de que dispunha inicialmente para compreender aquela "trama", estava certa que uma das chaves para desvendá-la era estabelecer um elo entre os termos ali sugeridos: jangadeiros, Jacaré, Getúlio Vargas e Estado Novo.

A partir do filme e das disputas em torno das memórias sobre o episódio fundante, a viagem dos quatro jangadeiros cearenses, comecei, então, a rastrear os indícios históricos a fim de reconstituir essa "trama" e assim conferir algum tipo de nexo àquelas memórias que tanto me perturbaram. No começo da pesquisa, eu tinha a sensação de ter nas minhas mãos uma espécie de novelo de lã, com vários fios soltos e, o que era pior, completamente embaraçados. Lancei-me, então, a tarefa de desembaraçar os fios e juntá-los novamente ao novelo. Quando consegui juntar os primeiros desses fios, com as primeiras informações sobre a viagem empreendida pelos pescadores cearenses em 1941, tive a impressão de que o episódio era curioso, mas por demais simples, não parecia justificar um trabalho exaustivo de pesquisa. Eu estava completamente errada, a história da viagem não era simples, ao contrário, extremamente complexa, densa e, ainda por cima, geradora de muitas outras "viagens".

O objeto dessa pesquisa é a análise de algumas dessas "viagens", realizadas nos anos de 1941 e 1942. Nesses dois anos, o *projeto*[1] da primeira viagem reivindicatória de jangadeiros teve um desfecho, completou-se de algum modo, com as tensões e readaptações que teve que passar, restando desdobramentos na memória que se dispersam em várias direções. Penso que consegui juntar alguns fios desse novelo tão embaralhado da história e da memória do episódio, mas serão apenas alguns... Quanto aos demais, deixarei, aproveitando-me das imagens sugeridas por Chico Buarque, para outros "escafandristas" que certamente prosseguirão ainda, por milênios e milênios, a tentar decifrar os ecos dessas

[1] *Cf.* Gilberto Velho. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas.* 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. A noção de *projeto* dá conta da "performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade". Isso pressupõe uma carga de racionalidade que orienta a ação dos indivíduos, portanto, de seus projetos (p. 28).

"antigas palavras".[2] Mas os jangadeiros do Ceará, depois dessa primeira, não pararam mais de "viajar", com o fim de se entender diretamente com os governantes brasileiros.

Busquei construir, ao longo desse trabalho, uma "narrativa densa", naquele sentido emprestado por historiadores da cultura,[3] dessas "viagens", tentando revelar suas várias dimensões no interior do contexto social, político e cultural da ditadura do Estado Novo. Nessa narrativa, busquei articular os acontecimentos e as intenções manifestas dos atores envolvidos nessas "viagens" com as estruturas mentais, materiais, sociais e simbólicas que influenciavam as ações desses sujeitos e o desenrolar dos acontecimentos. Essas estruturas "influenciaram" mas não condicionaram inteiramente, deixando brechas para o inesperado. Como sugere Clifford Geertz,[4] em torno da idéia da "descrição densa", o "episódio" revela as estruturas sociais, os pactos, as concepções de cada um, os rituais, etc, sendo o universo da "cultura" um "contexto dentro do qual eles podem ser descritos com densidade".

Os sujeitos históricos centrais de minha narrativa são os quatro jangadeiros que empreenderam a viagem de 1941: Jacaré, Tatá, Manuel Preto e Jerônimo. São homens pobres, trabalhadores, que viviam e se reproduziam através da atividade da pesca artesanal, realizada em jangadas de piúba. Mas esses pescadores viviam em uma capital, que, naquela época, de acordo com o censo de 1940, possuía cerca de 180 mil habitantes. Eram, desse modo, "pescadores artesanais urbanos",[5] fazendo parte de uma "sociedade complexa", no sentido referido por Gilberto Velho,[6] que pressupõe certo grau de interação com segmentos de outras camadas sociais. Nessa *rede de relações*, emergirão vários outros sujeitos: pescadores, filantropos, presidentes de clubes sociais, padres que atuavam na Praia de Iracema, onde trabalhavam os pescadores, além dos jornalistas, políticos e outras pessoas de destaque do meio social de Fortaleza.

---

[2] Estou me referindo a música *Futuros Amantes*, de Chico Buarque de Holanda, do CD *Francisco*. Sobre isso, *Cf.* Frederico de Castro Neves. Para Futuros Historiadores: teoria e história na música de Chico Buarque de Holanda. In: J. G. Vasconcelos e A. G. Magalhães Jr. (orgs.). *Linguagens da História*. Fortaleza: imprece, 2003, p. 68-81.

[3] Sobre essas abordagens, *Cf.* Peter Burke (org.). *Escritas da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992; e Linn Hunt (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Peter Burke situa o ressurgimento da narrativa na história nos projetos de construção de narrativas densas, que se afasta das tradicionais abordagens que se encerravam nos acontecimentos.

[4] Clifford Geertz. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 24.

[5] Sobre essa categoria de pescadores artesanais e a complexidade da inserção desses segmentos na vida das cidades, *Cf.* Antônio Carlos Diegues. *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*. São Paulo: Ática, 1983; *La Pesca Artesanal em Brasil*. Ancona: mayo de 1993; e *Povos e Mares: leituras em sócio-antropologia marítima*. São Paulo: NUPAUB-USP, 1995.

[6] Conferir a esse respeito Gilberto Velho, op. cit.

Com base nessa premissa básica, da interação, me afastei daqueles modelos de explicação que polarizaram o comportamento das camadas populares, ora manifestando-se inteiramente de modo autônomo, ora inteiramente marcadas pela dominação de classe. Ao invés disso, procurei articular, como propõe Roger Chartier, os "mecanismos que levam os dominados a interiorizar sua ilegitimidade cultural com aqueles comportamentos autônomos", em que "conseguem organizar numa coerência simbólica as experiências de sua condição".[7] Assim, percebi, nas ações desses sujeitos sociais, os jangadeiros, relações de exploração e subordinação social que os fazem muitas vezes internalizar a dominação e a "ilegitimidade cultural", manifestadas em forma de deferência, humildade e gratidão em relação às pessoas "distintas" que os cercavam; em algumas situações, no entanto, quando compreendiam, informados por seus valores e códigos morais, que "estavam sendo passados para trás", se rebelavam, algumas vezes através de denúncias públicas.

As viagens dos "jangadeiros do Norte", como foram muitas vezes chamados, foi ainda um exercício de reconhecimento de aspectos da dominação material e simbólica a que estavam submetidos, um processo de luta e de pertencimento a uma classe; portanto, de construção de identidades. Percebo isso motivada pela noção de "experiência", de E. P. Thompson, pressupondo que os conceitos de luta de classes, classe social, e, consequentemente, o de consciência de classe, não exigem apenas o exame das relações materiais de trabalho, mas das experiências compartilhadas pelos indivíduos nas variadas situações que experimentam. Assim, a idéia da experiência reclama:

> "(...) reexaminar todos esses sistemas densos, complexos e elaborados pelos quais a vida familiar e social é estruturada e a consciência social encontra realização e expressão (...) parentesco, costumes, as regras visíveis e invisíveis da regulação social, hegemonia e deferência, formas simbólicas de dominação e de resistência, fé religiosa e impulsos milenaristas, maneiras, leis, instituições e ideologias – tudo o que, em sua totalidade, compreende a 'genética' de todo o processo histórico, sistemas que se reúnem todos, num certo ponto, na experiência humana comum, que exerce ela própria (como experiências de classe peculiares) sua pressão sobre o conjunto."[8]

Parti do pressuposto de que as "viagens" foram partes de uma estratégia política dos pescadores cearenses para lutar pelo reconhecimento da condição de

[7] Roger Chartier. "Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico", *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p. 190.
[8] E. P. Thompson. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 189.

trabalhadores brasileiros e, no mesmo movimento, por aquilo que consideravam seus direitos. Nesse sentido, eles elaboraram e colocaram em prática um *projeto* de viagem, dentro de um *campo de possibilidades* existente naquele momento, *negociando com a realidade* e reorientando suas ações a fim de verem concretizadas suas pretensões.[9]

Essa luta por direitos se realizou dentro dos limites impostos pela ditadura do Estado Novo, informada também pelos códigos morais, sociais e culturais dos jangadeiros, havendo naquele momento uma convergência, em alguns setores, entre os projetos dos pescadores e do Estado. De qualquer modo, apesar da constatação dos marcos oficiais e da existência de uma ditadura naquele momento em que se realizaram as viagens, posso localizar na ação daqueles quatro trabalhadores alguns sinais de autonomia.

Acredito que essas "viagens" e seus desdobramentos são sugestivas para o entendimento de como segmentos sociais populares interpretam a proposta e ação do Estado e, a partir daí, organizam suas demandas e estratégias de luta. Através da reivindicação pelos chamados "direitos sociais", essas camadas ousaram vivenciar sua cidadania social e política.[10] Por outro lado, sentiram-se, de algum modo, parte da Nação brasileira.

A idéia da primeira viagem ao Rio de Janeiro, em 1941, partiu dos próprios jangadeiros. Para isso, prepararam-se durante um tempo, interagiram com outros pescadores, com entidades assistencialistas de seu meio, com pessoas de destaque político e social, enfim, como nos sugere Gilberto Velho, operaram uma complicada "negociação da realidade". Nessa negociação, estavam previstas alianças, trocas, interações, já que essas se constituem, além do conflito, em dimensões constitutivas da vida social. A noção de *campo de possibilidades*, que pressupõe alternativas ao engendramento de perspectivas de comportamento e ação, reclama algo que dê a idéia das mudanças, adequações, reformulações que esse projeto acaba sofrendo. É o caso do conceito de *metamorfose*.[11] Através dele, posso perceber como o projeto inicial se transforma e se refaz continuamente, conforme as ações, expectativas e alternativas colocadas para e pelos jangadeiros.

Jacaré, Tatá, Manuel Preto e Jerônimo, os quatro pescadores, pretendiam falar com o Presidente para denunciar várias irregularidades que observavam no mundo da

---

[9] *Projeto, campo de possibilidades, negociação com a realidade* e *metamorfose* são conceitos que se complementam: *Cf.* Gilberto Velho, op. cit.

[10] Essa observação é feita por Francisco Weffort, em *O Populismo na Política Brasileira* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980), quando reconhece o papel representado pelas massas urbanas no pós 1930.

[11] Gilberto Velho, op. cit.

pesca. Eles esperavam do Estado a regulamentação de um conjunto de relações econômicas e sociais que, da forma como vinha sendo feita, contrariava suas noções de "justiça e direitos fundamentados na moral do trabalho e da comunidade", no sentido sugerido por E. P. Thompson em torno do conceito de *economia moral*.[12]

A viagem reivindicatória, como mostrarei adiante, tinha o consentimento e, mais que isso, o estímulo de autoridades e membros da sociedade. Quando contextualizamos tal acontecimento no período histórico em que se realizou – a ditadura do Estado Novo –, podemos auferir que isso só seria possível dentro dos quadros de obediência e cautela de ânimos prescrita no projeto político do Estado Novo. Melhor dizendo, ele se enquadra, perfeitamente, no interior desse projeto.

Maria Helena Capelato, dentre outros autores, sugere que uma das estratégias políticas do primeiro governo de Getúlio Vargas era a ritualização ou espetacularização da política.[13] As solenidades organizadas em torno do 1º de Maio ou do aniversário do Presidente são momentos exemplares dessa estratégia. Além do mais, há toda uma estrutura de sentimentos, como sugere ainda a autora, que é reforçada pela política de massas, levando as pessoas a sentirem-se, todas, parte da nacionalidade.

> "Nos regimes autoritários que se fundamentam na política de massas, a teatralização tem papel mais importante: o mito da unidade e a imagem do líder atrelado às massas convertem o cenário teatral especialmente adequado para o convencimento. O imaginário da unidade mascara as divisões e os conflitos existentes na sociedade."[14]

Por outro lado, o momento da "festa" possibilita ainda a criação e veiculação de idéias e imagens utópicas, como sugere Bronislaw Baczko para o caso da Alemanha nazista.[15] É possível inferir, portanto, no caso do Estado Novo, que esses momentos de regozijo das massas, como o da recepção monumental dos jangadeiros, são

---

[12] *Cf.* E. P. Thompson. *Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; Frederico de Castro Neves. "Economia Moral *versus* Moral Econômica, ou: o que é economicamente correto para os pobres?" *Projeto História.* São Paulo: EDUC, nº 16, 1998, p. 39-58; e Suzanne Desan. Massas, Comunidades e Ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis. In: Linn Hunt (org.). *A Nova História Cultural*, op. cit., p. 63-96.

[13] Acrescento ainda a noção de *teatro* e *contrateatro* de E. P. Thompson. Folclore, Antropologia e História Social. In: *As Peculiaridades dos Ingleses e outros ensaios.* Campinas-SP: Ed. UNICAMP, 2001, p. 227-268. Este historiador lembra que o espaço da política e da lei é sempre teatral, no sentido de que o domínio e a hegemonia das elites se realizam pela ritualização de gestos, aparições públicas, falas, etc. Aqui estamos nos referindo ao contrateatro de membros do povo que se realiza no interior e através do teatro do Estado e das elites.

[14] Maria Helena Capelato. *Multidões em Cena: propaganda política no varguismo e no peronismo.* Campinas-SP: Papirus, 1998, p. 57.

[15] Bronislaw Baczko. Utopia. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Vol. 5: "Antropos-Homem." Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

responsáveis em grande parte pelo fortalecimento de idéias/imagens utópicas de unidade nacional e de harmonia entre as classes. A idéia de que a sociedade se estrutura na felicidade e realização de uma classe, a operária, e no projeto do "Homem Novo" está a projeção de um imaginário social daquele que também seria o ator e beneficiário desse projeto, seria a utopia moderna veiculada pela propaganda e inserida nas práticas políticas do Estado Novo.

Prefiro desconfiar dos efeitos absolutos e definitivos da propaganda e das estratégias de convencimento da política estadonovista sobre a consciência dos trabalhadores brasileiros. Em outros termos, prefiro não interpretar a relação entre o Estado e os trabalhadores no Brasil, no período do Estado Novo, como uma via de "mão única", mas como "interação" e mesmo "cumplicidade", como sugere Jorge Ferreira.[16]

Coloco-me, portanto, do lado daqueles historiadores que operaram uma revisão teórica e historiográfica do *populismo*. Como sugere Maria Helena Capelato,

> "(...) contrariando as interpretações que apontam como principal característica do populismo a manipulação e o controle das massas e sua passividade enquanto ator social, os pesquisadores procuram explicar, por novos ângulos de abordagem, a adesão da maioria das classes populares ao varguismo, inclusive ao Estado Novo, período marcado por extrema repressão política e forte controle social."[17]

O que é preciso enfatizar aqui é que essa revisão procurou recuperar para os trabalhadores a condição de sujeitos históricos, ativos, capazes de proceder a uma leitura da realidade e fazer suas escolhas. Isso não significa, entretanto, deixar de reconhecer, como sugere Ângela de Castro Gomes, que os atores dessa relação, Estado e trabalhadores, possuem "recursos de poder diferenciados mas [são] igualmente capazes não só de se apropriar das propostas político-idológicas um do outro, como de relê-las".[18]

Situo, ainda, as questões aqui esboçadas no interior de uma postura teórica da história política renovada, em que a dimensão da cultura ajuda a descortinar o sentido de certas práticas e comportamentos em relação ao Estado e à política de um modo geral. É na perspectiva de uma *cultura política* que procurarei compreender as motivações e implicações para a realização do *raid* de 1941. Em outros termos, é pensar "a política no

---

[16] Jorge Ferreira. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: Jorge Ferreira (org.). *O Populismo e sua História: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 58-124, p. 95.
[17] Maria Helena Capelato. *Multidões em Cena*, op. cit., p. 189.
[18] Ângela de Castro Gomes. O populismo e as Ciências Sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. In: Jorge Ferreira (org.). *O Populismo e sua História*, op. cit., p. 46.

sentido de uma cultura, em que importam crenças, ideais, normas e tradições que dão um peculiar colorido e significado à vida política em determinando contexto".[19]

No desenvolvimento de minha pesquisa, trabalhei com algumas hipóteses, que foram operacionalizadas e confrontadas com as várias fontes que levantei. A primeira delas sugere que os jangadeiros cearenses se aproveitaram politicamente da abertura proporcionada pelo governo Vargas, tornando públicas as reivindicações da categoria. Em segundo lugar, entendo que as viagens dos quatro jangadeiros cearenses ao Rio de Janeiro, em 1941 e em 1942, significaram para a categoria um exercício de cidadania social. Em terceiro lugar, a experiência da viagem, o contato com outros pescadores e a solidariedade recebida por companheiros de profissão proporcionaram aos pescadores cearenses uma percepção de classe. Por fim, o filme de Orson Welles, além de se configurar como parte importante do *projeto* dos jangadeiros, contribuiu para uma mudança na imagem dos quatro pescadores, anteriormente tratados pela imprensa e pelas elites como heróis nacionais.

A partir do conceito de experiência e de uma visão renovada a respeito das estratégias de luta e resistência dos trabalhadores ao longo do período do Estado Novo, procurei analisar um amplo conjunto de fontes que propiciaram um diálogo frutífero entre estas referências teóricas e as evidências que estas fontes contêm.

Utilizei fontes hemerográficas em abundância, procurando estar sempre atenta para o fato de que a censura da Ditadura do Estado Novo, efetivada, nesse caso, através da ação do Departamento de Imprensa e Propaganda e dos departamentos estaduais vinculados a esse órgão central, exercia um controle, maior ou menor, dependendo do local onde estavam localizados os jornais, sobre o que era publicado. Mas, o próprio fato de jornais de todo o país forneceram amplos espaços de divulgação para o episódio da viagem já significou um forte indício do tipo de interpretação que o Estado e as elites operaram da viagem dos quatro jangadeiros. O próprio enquadramento, portanto, já era um sinal do tipo de apropriação que foi realizada.

Normalmente coniventes com a política do Estado Novo, os jornais passam a noticiar a passagem dos jangadeiros de maneira ambígua, registrando, ao olhar do historiador, uma transição na própria visão que se construiu sobre a viagem: da informação sobre um feito esportivo e aventureiro, para a análise de uma série de declarações que politizam continuamente as intenções dos pescadores. Assim, as "exigências" ou

[19] Vavy Pacheco Borges. "História e Política: laços permanentes." *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 12, n.23/24, set.91/ago.92, p. 16.

“reivindicações” dos pobres jangadeiros vão progressivamente aparecendo nas páginas relutantes dos jornais de vários estados brasileiros. Ao mesmo tempo, os personagens passam a ter significados diferentes em função destas mudanças simbólicas na apropriação da viagem pelos meios de comunicação: de “pobres e valorosos homens do mar” a “porta-vozes de uma luta reivindicatória”.

Utilizei dois diários, que chamarei daqui adiante *Livro do raid* e *Diário de Bordo da Jangada São Pedro*.[20] Os dois foram construídos nos anos de 1941 e 1942, tendo como foco a primeira viagem, realizada em 1941, e seus desdobramentos, já no ano de 1942, quando o *Livro do raid* foi doado pela diretora da Associação de São Pedro da Praia de Iracema ao Museu do Estado do Ceará. O segundo documento, o *caderno de notas*, ou *Diário de Bordo da Jangada São Pedro*, foi perdido, mas podemos encontrar fragmentos, organizados pelos jornalistas Edmar Morel e David Nasser, publicados nos jornais *Diário da Noite*, *O Globo*, do Rio de Janeiro, e *O Povo*, de Fortaleza. Esses dois registros, ambos produzidos como tentativas intencionais de construção de uma memória da viagem, se diferem inteiramente nos recursos lingüísticos utilizados, marcados que estavam pelo capital cultural de seus autores: no primeiro, autoridades civis, políticas, religiosas e militares e, no segundo, o semi-alfabetizado jangadeiro Jacaré e seus companheiros de condição. O Diário de Getúlio Vargas, organizado pela Fundação que leva o nome do presidente, aparece aqui como um contraponto aos textos anteriores.

Pesquisei ofícios e comunicações da Polícia Política da Ditadura do Estado Novo, contidas no Arquivo do Estado do Rio de Janeiro, nos períodos em que os jangadeiros permaneceram no Rio de Janeiro, recém chegados à Capital Federal após 61 dias de viagem de jangada. Também utilizei correspondências e ofícios, alguns carimbados como sigilosos, de autoridades políticas, religiosas, além de jornalistas cariocas, trocadas com o Presidente Getúlio Vargas no período do Estado Novo. No Arquivo do Rio de Janeiro, consultei várias correspondências enviadas do Ceará ao Presidente Getúlio Vargas no período que focalizei, os anos de 1941 e 1942, além de acervos fotográficos da Agência Nacional.

Consultei, também, no Setor de Manuscritos da Biblioteca Nacional, o arquivo pessoal do jornalista Edmar Morel, de onde extraí várias das fotografias utilizadas nesse trabalho. Também na Biblioteca Nacional consultei a sessão de revistas, onde pude

[20] Em 2004, o Museu do Ceará, órgão da Secretaria de Cultura do Estado, onde está depositado o *Livro do Raid*, publicou uma edição *fac-similar* desse documento, adicionando fragmentos do *Caderno de notas de Jacaré* publicados nos jornais do Rio de Janeiro. Para simplificar, utilizarei daqui para diante as referências contidas nessa publicação.

levantar matérias relacionadas à temática em questão, no caso as revistas *Diretrizes*, de 1941 e 1942, e *Careta*, de 1941.

Os filmes produzidos sobre os jangadeiros – "A jangada voltou só", de Rui Santos (1941)[21], "Quatro homens e uma jangada" (episódio de *It's all true*), de Orson Welles (1942), "Nem tudo é verdade", de Rogério Sganzerla (1985), e "Cidadão Jacaré", de Firmino Holanda (2006) – formaram um outro conjunto documental que propiciou um amplo campo de reflexão. Produzidos em contextos políticos e sociais distintos, estes filmes configuram uma memória visual sobre os jangadeiros, a praia, o mar etc, que permitem vislumbrar as possibilidades de interpretação da viagem da jangada *São Pedro* sob várias perspectivas, desde uma visão deslumbrada com a riqueza cultural, até uma tentativa de folclorização da vida dos "homens do mar" como figuras estereotipadas que constituem o mosaico da vida nacional, passando pela tentativa de "desmistificar" a passagem do cineasta americano pelo Brasil. No todo, porém, os filmes revelam cenas originais de diversos momentos da vida dos jangadeiros e, principalmente, da chegada do Mestre Jerônimo e seus comandados ao Rio de Janeiro – carregados em triunfo pelas ruas e recebidos pelo presidente Getúlio Vargas em cerimônia oficial.

Os escritos de Câmara Cascudo, *Jangada* e *Jangadeiros*,[22] ambos da década de 1950, também foram incorporados às análises por mim desenvolvidas ao longo desse trabalho. Nesses estudos, o folclorista compila uma vasta gama de fontes históricas, documentos quinhentistas, relatos de viajantes, etc, além de registrar inúmeras observações baseadas em suas próprias lembranças,[23] pois, como confessou nas palavras preliminares de *Jangadeiros*, "na esquina onde" se criou "encalhavam as jangadas", fabricadas por amigos seus. Nesses estudos, Cascudo se mostra como guardião e intérprete dos pescadores em jangadas, aqueles que o então diretor do Serviço de Informação Agrícola, prefaciador de *Jangadeiros*, anunciou que "tendem a desaparecer", como preconizaram outros letrados brasileiros desde os anos de 1940.[24]

---

[21] Esse filme consta nos arquivos da Cinemateca brasileira como cinejornal. *Cf.* José Inácio de Melo Souza. "Trabalhando com Cinejornais: relato de uma experiência." *História: Questões e Debates*. Curitiba: UFPR, nº 38, jan/jun 2003, p. 43-65.

[22] Câmara Cascudo. *Jangada, Uma pesquisa etnográfica*. 2 ed. São Paulo: Global, 2002; *Jangadeiros*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Serviço de Informação Agrícola, 1957.

[23] Sobre esse aspecto da utilização das próprias lembranças em seus estudos, *Cf.* Marco Silva (org.). *Dicionário Crítico Câmara Cascudo.* São Paulo: Perspectiva, FFLCH, FAPESP; Natal: EDUFN, Fundação José Augusto, 2003. Além do próprio organizador, os dois comentaristas, de *Jangadas* e *Jangadeiros*, ressaltam esse aspecto.

[24] O comentador de *Jangada*, Bianor Pereira, engrossa o coro daqueles que enxergam que as jangadas estão sendo extintas; suas conclusões apontam que a jangada é um "instrumento hoje praticamente anulado pela necessidade populacional e pela demanda tecnológica do mundo moderno". Marcos Silva (org.),

Penso que os estudos folclóricos devem ser apropriados por nós historiadores com a devida cautela, como sugeriu Thompson.[25] No caso do estudo sobre ritual, o historiador inglês aponta que as fontes a serem utilizadas, inclusive aquelas provenientes da coleta de folcloristas, devem ser focadas à luz de sua reinserção no contexto em que foram geradas, e não como meros "fragmentos folclóricos", meras sobrevivências.[26] Isso implica um trabalho de compreensão das funções, usos e significados desses "fragmentos" na vida dos indivíduos.

Nos dois livros que analisei, é visível a admiração e o respeito que o folclorista, vizinho de jangadeiros, nutria por esses trabalhadores. Nesse aspecto, penso que ele se destaca da postura assumida por outros estudiosos do meio, que admiram à distância. Quando nos debruçamos sobre a rede de relações de pescadores artesanais urbanos, percebemos a existência de homens de distinção social que cultivam esses sentimentos em relação a jangadeiros. Avalio que passa por essa "admiração" uma certa reverência às qualidades, cultuadas como masculinas, enxergadas no jangadeiro: a força, o vigor físico, a bravura enfrentando feras marinhas e a natureza, muitas vezes adversa, além da coragem em se aproximar cotidianamente do fantasma da morte. Tomemos um exemplo do seu olhar sobre os jangadeiros:

> "O mar, a solidão, o silêncio, conservam-lhes esmalte e tom de gravidade natural nos modos. Ninguém é mais magestoso, imponente, senhor de si, que um velho jangadeiro, pobre, doente, triste. O tratamento comum é de "mestre", recebido com a naturalidade de uma devida oferenda aos anos de exercício duro nos pesqueiros longínquos. Guardam, forte e sensível, o sentimento pessoal de orgulho tranqüilo da profissão audaz, arriscada e valente, brincando com a morte. Todos amam recordar façanhas, falando discreta, mas fluentemente dos sucessos passados. Aceitam, quando robustos, as competições sem prêmio financeiro apenas pela demonstração

---

Dicionário, op. cit., p. 140. Interessante é observar são mais de 60 anos de "estado de coma" da jangada! Afirmo, entretanto, contrariando esses prognósticos e a afirmativa taxativa de Bianor, que a jangada não desapareceu. Ainda permanece como embarcação básica do pescador artesanal nordestino, especialmente dos cearenses. Analisando a situação da pesca nas praias de Redonda, Batoque e Prainha do Canto Verde, no Ceará, Maria do Céu de Lima constatou que a jangada só perde (em quantidade) para o bote, espécie menor de embarcação a vela que, todavia, preserva as mesmas características básicas da jangada. Dados do IBAMA, referentes a 2000, citados pela geógrafa, apontam que 5.122 embarcações compõem a frota pesqueira no Ceará, sendo que 72,8 % é a vela (botes, jangadas e similares). *Cf.* Maria do Céu de Lima. *Comunidades Pesqueiras Marítimas no Ceará: território, costumes e conflitos*. Tese de Doutorado em Geografia defendida na Universidade de São Paulo. São Paulo: 2002, p. 107. De qualquer maneira, a jangada permanece como símbolo da identidade local, apregoada pelos poetas, afixada em placas e construções urbanas e divulgada em prospectos de publicidade das agências de turismo, dos órgãos governamentais e de outras empresas que pretendem, de alguma maneira, estar vinculadas ao Ceará e aos cearenses.

[25] E. P. Thompson. Folclore, op. cit., p. 231.

[26] Idem, p. 238.

> pessoal do arrojo e da resistência. Corridas de jangada, apostas de nado, buscas de pesqueiro novos, são lembranças amáveis e repetidas."[27]

Os estudos de Cascudo foram, portanto, valiosos para compor a teia da vida cotidiana desses pescadores. Confrontei várias de suas descrições com aquelas feitas por pescadores entrevistados há pouco tempo e constatei a sobrevivência de vários aspectos desse modo de vida. Cascudo se refere, apenas brevemente, aos *raid* dos pescadores em jangada, sem, contudo, fazer qualquer menção ao seu caráter reivindicatório. O peso do seu conservadorismo político, talvez, não quisesse reconhecer esse aspecto de luta daqueles jangadeiros que tanto cultuava. Ao invés disso, as longas viagens de jangada reforçavam, para ele, o culto à bravura, reduzindo-as às seguintes características: "propaganda da profissão, prova de resistência pessoal, uma exibição de coragem tenaz e diária não apenas em momento heróico mas numa continuidade de ação obstinada, contra vento, frio e mar".[28]

Realizei também entrevistas orais, divididas em dois momentos. Primeiramente, entrevistei três filhos do pescador Jacaré, Dona Raimunda, Dona Maria e Sr. Raimundo, o "Puraquê". Posteriormente, conversei com Dona Betina, veranista da Praia de Iracema nos anos de 1940, e Dona Lyrisse Porto, antiga professora de Jacaré e da colônia de pescadores da qual faziam parte três dos pescadores da Praia de Iracema. Naquele momento, entendi que essas entrevistas trariam elementos essenciais para ajudar a juntar alguns fios do novelo que tinha nas mãos. Os filhos de Jacaré porque são portadores de uma memória marcada pelo trauma do desfecho trágico. A professora porque me daria mais elementos para entender o significado do diário de Jacaré e sua tardia alfabetização. Dona Betina me auxiliaria a compreender o lugar que ocupavam os pescadores da Praia de Iracema na memória de pessoas não provenientes da própria comunidade.

Apesar de ter tido contato com outros remanescentes dos pescadores, desisti, em um primeiro momento, de entrevistá-los. Ao conversar com eles, percebi que guardavam muitas expectativas em relação ao assunto e ainda sonhavam ser recompensados de algum modo pela façanha de seus parentes, transformada, com o passar do tempo, em elemento da identidade local, construída em face da força da natureza que se sobrepõe à civilização.[29] Cada vez que chegava alguém para pedir que contassem suas

---

[27] Câmara Cascudo. *Jangadeiros*, op. cit., p. 42.
[28] Idem, p. 36.
[29] *Cf*. Frederico de Castro Neves. *Imagens do Nordeste: a construção da memória regional*. Fortaleza: Secult, 1994, p. 27-33.

lembranças, reascendiam neles as expectativas. O que eu teria para oferecer-lhes? Esperei cinco anos para voltar a procurar essas pessoas. Nesse tempo, refleti muito sobre o assunto, publiquei alguns trabalhos e amadureci minhas reflexões sobre a pesquisa com a memória e com os relatos orais.

No interior dessas reflexões, foi fundamental a leitura de Alessandro Portelli, que chamou minha atenção para o compromisso ético e político que assumimos com esse tipo de trabalho, um trabalho feito por dois sujeitos ativos: quem coordena ou pergunta e quem aceita responder ou discorrer sobre sua vida. Por outro lado, também me auxiliou a pensar o enfrentamento das diferenças sociais dos dois sujeitos atuantes e, no meu caso, das expectativas materiais dos depoentes. Ora, as diferenças existem e não seria o meu temor ou a minha vontade que as anulariam. Mas, como sugere Portelli, ela pede por "igualdade", pois "a entrevista levanta em ambas as partes uma consciência da necessidade por mais igualdade a fim de alcançar maior abertura nas comunicações".[30] A igualdade que podemos almejar só pode ser encontrada no reconhecimento das nossas diferenças e no encontro do projeto comum que nos une. Foi aí que percebi que já estava na vida dessas pessoas e elas na minha, mesmo que não pisasse nunca mais em suas casas.

Com todas essas reflexões, retomei as entrevistas. Dona Celsa Gomes, viúva de Tatá, um dos quatro pescadores, é uma narradora exemplar, memória fabulosa e dona de uma voz doce e bela. Era uma sertaneja pobre que viveu a infância perambulando pelo sertão com a família, mudando de fazenda para fazenda. A infância ficou marcada pelo trabalho, trabalho de criança, brincava trabalhando, espantando os insetos que se aproximavam das plantações de arroz, colhendo mamona. Os pontos de referência de suas lembranças eram a família, o trabalho, a religiosidade e, por vezes, a dor e o sofrimento, que registrou na fita cassete, com a voz embargada, quando falou do pai que um dia enlouqueceu e fez a família perambular pelo sertão, tangida como gado, ameaçada pela psicose paterna. Dona Celsa só conhecia o mar e os jangadeiros por meio de uma canção cantada pela irmã mais velha. Mas, depois de 20 anos, sua história se misturou com a dos jangadeiros da Praia de Iracema, para nunca mais se separar.

Depois foi a vez do Sr. José Pereira da Silva, Sr. Bafô, filho do pescador Manuel Preto. Ele mora sozinho e aparenta muita disposição e autonomia para os seus quase oitenta anos. Começou a conversa me falando de seus problemas financeiros e de como necessitava de ajuda. Com sinceridade, falei que podia imaginar suas dificuldades e

---

[30] Alessandro Portelli. "Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade." *Projeto História*. São Paulo: EDUC, nº 14, fev/1997, p. 10.

que a única coisa com a qual poderia me comprometer em ajudá-lo seria em escrever com honestidade e seriedade sobre as viagens do seu pai. Confessei-lhe, ainda, retribuindo a confiança que depositou em mim contando-me suas dificuldades, que eu era professora e que minha universidade estava a mais de cem dias em greve, que também eu estava lutando por melhores condições de vida. Nos acertamos a partir daí e a entrevista fluiu de modo exemplar.

Como Dona Celsa, Sr. Bafô parecia já saber o que iria falar. Também com ele decidi fazer uma história de vida. Percebi, o tempo todo, que, ao selecionar o que iria me contar, parava para dizer: "aí veio a viagem do papai". Ora, eu não quis enquadrar a fala de Sr. Bafô e era ele que tentava enquadrá-la! Procurei interpretar seu enquadramento e cheguei à conclusão de que ele entendia que a importância de seu depoimento se reduzia a dizer o que sabia sobre a viagem. Os pontos de referência das lembranças de Sr. Bafô são: a irreverência dele quando criança, o pai, a ousadia e a miséria, que faz com que permaneçam memórias sensoriais significativas, como o barulho da chuva que caía das goteiras da velha choupana em que vivia com a família, em Altamira.

Voltei a conversar com as filhas de Jacaré, que me contaram sobre a morte do irmão Puraquê e das aflições porque passavam sua viúva e seus filhos, desamparados sem pensão e ameaçados de despejo.[31] Contaram-me, fato confirmado pela viúva, D. Terezinha, que Puraquê morreu de enfarto em decorrência do estado de tensão que viveu com as ameaças de despejo. Mas, além de conversarmos longamente sobre a triste história do irmão, pude perceber algo interessante: Dona Maria, a filha mais velha de Jacaré – que, nos primeiros contatos, ainda em 2001, se mostrava inibida para falar, sempre justificando que não "se lembrava de muita coisa" –, cinco anos depois, se mostrou muito mais disposta e interessada em narrar suas memórias. O mais interessante é que ela incorporou às suas próprias lembranças muitas informações que eu havia publicado em meus estudos, resultados das pesquisas que eu vinha realizando. Mas, além dessas novas "histórias" incorporadas ao seu arsenal de lembranças, Dona Maria contou-me muitas outras coisas, com detalhes, como se, de repente, quase que por um passe de mágica, não existissem mais "lapsos" na sua memória.

Fiquei feliz e inquieta com o comportamento de Dona Maria. O contentamento não era apenas porque me beneficiaria com suas memórias, mas também porque percebi o quanto aquilo a deixava, e a irmã, contentes. Pareceu-me que, agora, ela

[31] Puraquê era trabalhador autônomo, sapateiro, não tendo conseguido em vida pagar a previdência social, o que lhe possibilitaria uma aposentadoria remunerada ou deixar uma pensão para a viúva.

conseguia reunir-se e apaziguar-se com o pai morto, com Jacaré, cujo corpo jamais foi encontrado. As suas lembranças, que talvez os trabalhos publicados tenham contribuído para permitir que emergissem, pareciam funcionar como elos de ligação e de aproximação efetiva com a história do pai.[32] Mas permanecia uma questão a me intrigar: porque, naqueles primeiros encontros, Dona Maria estava tão esquecida? Michael Pollack sugere, a respeito de sua própria experiência com relatos orais, que, na maioria das vezes, o silêncio não resultava do "esquecimento" ou "brancos de memória", mas "de uma reflexão sobre a própria utilidade de falar e transmitir seu passado".[33] Talvez isso seja válido para compreender as falhas de memória de Dona Maria. Lembro-me que ela desabafou, naquela ocasião, de que estava cansada de encontrar com jornalistas, pesquisadores, até americanos, em sua casa, que colhem histórias, levam os poucos registros que tinha (algumas reportagens de jornal) e depois somem. Naquele momento, entendeu que era melhor calar-se. Como adverte Alessandro Portelli, um desafio que se coloca ao trabalho com relatos orais é o respeito pelo silêncio dos depoentes, uma defesa, portanto, "dos direitos das pessoas de não revelar tudo a respeito delas próprias".[34]

O silêncio faz parte e, ao mesmo tempo, compõe o caráter fragmentário e lacunar da memória, o que torna o trabalho da história uma espécie de recomposição destas lacunas e de resignificação desses silêncios. A viagem da jangada *São Pedro*, de 1941, desencadeou outras "viagens", de naturezas diferentes, algumas nem sequer completaram seu curso, mas todas enredadas a partir dos termos que aqui proponho como definidores do processo: jangadeiros, Jacaré, Getúlio Vargas e Estado Novo. Com eles, o novelo se torna inteligível e as linhas se encontram novamente em algum lugar, formando um novo núcleo de entendimento sobre a ação das camadas populares em busca da cidadania.

---

[32] De 2001 para cá, foram publicados os seguintes materiais sobre o assunto: Berenice Abreu de Castro Neves. *Do Mar ao Museu: a saga da jangada São Pedro*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 2001; O Diário do Raid. In: *Diário dos Jangadeiros: Fortaleza-Rio de Janeiro (1941)*. Edição fac-similar. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura, 2004, p. 20-37; e "Odisséia numa Jangada." *Revista Nossa História*. São Paulo: Vera Cruz, nº 8, jun/2004, p. 14-21; Firmino Holanda. *Orson Welles no Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001; e *Cidadão Jacaré* (documentário exibido em cadeia nacional pela TV Cultura, dentro da série DOC-Brasil – D. Maria aparece falando na película).

[33] Michael Pollack "Memória, esquecimento, silêncio." *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: v. 2, nº 3, 1989, p. 13.

[34] Alessandro Portelli. Memória e Diálogo: desafios da história Oral para a Ideologia do século XXI. In: Marieta M. Ferreira, Verena Alberti e Tânia M. Fernandes (orgs.). História Oral: Desafios para o Século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC-Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 70-71.

Todos prontos? Junto com Jacaré, Jerônimo, Manuel Preto e Tatá, vamos navegar pelos mares do Brasil, a bordo da Jangada *São Pedro*, nos agitados anos do Estado Novo.

CAPÍTULO I

"SIMPLES, POBRES E TEIMOSOS":

CULTURA E TRABALHO DOS JANGADEIROS

I

A PRAIA DE IRACEMA E OS PESCADORES

"Era o meu lindo jangadeiro
De olhos da cor verde do mar.
(Também como ele, traiçoeiro)
Mentiu-me tanto o seu olhar!
Ele levava o dia inteiro,
Longe, nas águas, a pescar...
E eu, intranquila, o seu veleiro,
Lá, no horizonte, a procurar."
(*Jangadeiro, história triste de uma praieira*)

A menina sertaneja Celsa não conhecia o mar, nem tampouco jangadeiro. O muito que tinha escutado falar sobre isso, nos tempos em que morava com a família no sertão do Ceará, era por meio de uma canção, cantarolada pela irmã mais velha, quando embalava a caçula na velha rede. Nessa época, a pequena Celsa não imaginava que um dia casaria com o jangadeiro Tatá e passaria o resto de sua vida olhando para o mar de Iracema, ali na Rua dos Tabajaras.[35]

A pequena Betina, neta do banqueiro José Gentil, contemporânea de Celsa, também escutara a mesma canção, e sabe cantá-la até hoje, aprendida pela voz sonhadora

[35] Entrevistei D. Maria Celsa Gomes, última esposa do pescador Tatá, em sua residência, na mesma Rua dos Tabajaras nº 524, Praia de Iracema, Fortaleza, nos dias 11 e 16 de agosto de 2006. Ela cantou um trecho dessa música para mim. Dentre outras coisas, contou-me que o marido pediu que ela nunca vendesse essa casa, pois seria sua herança para os dois filhos do casal, Paula e Sady, que atualmente moram na França e Austrália, respectivamente. Dona Celsa nasceu em um lugarejo chamado *Salva Vidas*, distante três léguas do município de Quixeramobim. Em toda sua infância e adolescência, foi mudando de um lugar para outro no entorno desse município: Banabuiu, Brito, Riacho dos Cavalos, Canhotinho. O pai era morador e encarregado de cuidar das fazendas e de gados de pessoas da família Porto.

de uma lavadeira que prestava serviços à sua família, na mesma Praia de Iracema, onde um dia foi morar a sertaneja Celsa.[36]

A esposa do arquiteto Liberal de Castro aprendera essa canção e sabia dedilhá-la nas teclas de seu piano, tocando-a várias vezes para a família, em reuniões musicais.[37]

Três mulheres e uma canção, que remete a uma realidade, constatação de que a cultura circula e é apropriada por pessoas de diferentes origens sociais, não como mera transmissão, mas como forma específica de apropriação.[38] A sertaneja, a neta do banqueiro e a pianista se apropriaram, cada uma ao seu modo, daquele produto; suas memórias, entretanto, a preservaram inteiramente, com poucas variações.

Betina, a menina de Fortaleza, era neta do banqueiro José Gentil, figura expoente da elite econômica da cidade, e veraneava, nos anos de 1940, com a extensa família de avós, tios e primos, nas várias casas de frente para o mar que o "vô Gentil" possuía na Praia de Iracema. É desse tempo seu conhecimento da canção Jangadeiros, história triste de uma praieira. Com suas lembranças e palavras, ela desenha uma beira-mar onde jangadas de vários nomes ficavam ali encalhadas, em frente a sua casa, homens fortes com suas roupas marrons circulando, os jangadeiros. Apontando o dedo para cima, me fez imaginar os casebres dos pescadores no morro que se estendia ruas acima. Os belos olhos de D. Betina brilharam ainda mais quando falou das noites de lua cheia, onde se podiam ver alguns casais de namorados que, escapando da vigilância familiar, trocavam afagos, tendo por assento as jangadas.

> "Sabe quando era que tinha muita gente? Em noite de lua, ah!, como os namorados gostavam de ficar lá, sentar nas jangadas, ficar se abraçando. (risos) Eram muitas jangadas... Paravam na frente a minha casa e nós aproveitávamos para ficar brincando de uma para outra, pulando de uma para outra. Era a 'Estrela do mar', 'Padre Cícero', 'Graúna', 'Ceará', da Z-1. (...) Os jangadeiros saíam bem cedinho, eles já vinham com aquelas roupas da cor deles, né, empurrando as jangadas em cima daqueles dois

---

[36] Entrevistei Sra. Maria Alberto Costa Sousa Gurgel, Dona Betina, em 16 de junho de 2001, em sua residência, na Rua Carolino de Aquino nº 283, no Bairro de Fátima, Fortaleza. O sobrenome de solteira de Dona Betina era Gentil Costa Sousa. Ela cantarolou a música para mim, no meio de suas lembranças dos jangadeiros da Praia de Iracema.

[37] Agradeço ao arquiteto, professor e pesquisador Liberal de Castro a cópia cifrada e a referência dessa canção. Trata-se da música *Jangadeiro, história triste de uma praieira*. *Cf.* Mário Mascarenhas. *O melhor da música popular brasileira.* 5 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Irmãs Vitale, s.d

[38] Estou aqui pensando na idéia de circularidade cultural proposta por Bakhtin e Carlo Ginzburg, resumida na idéia de "uma influência recíproca entre a cultura das classes subalternas e a cultura dominante". Carlo Ginzburg. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 24.

> rolos e saíam até as jangadas ficar pequenininhas, as famílias dando adeus, os meninos. À tardinha, eles voltavam e ficavam jogando aqueles peixes fresquinhos! O peixe de preferência de mamãe era o 'Ariacó', ela fazia aquele pirãozinho escaldado. Eles vendiam o peixe ali na praia para os donos dos hotéis, depois iam pra casa só com os peixinhos deles. (...) As casas dos pescadores eram por trás, era nos morros, era no meio do coqueiral."

A octogenária Betina se remete à Praia de Iracema dos anos de 1940. Nessa época, as casas de seu avô se avizinhavam com outras, de propriedade de famílias, como a dela, de destaque na sociedade, como as famílias Porto e Otoch. Nessa época, a cidade de Fortaleza tinha cerca de 180.000 habitantes,[39] já apresentando sinais de segmentação na distribuição espacial de ricos – que, saídos do Centro, formaram os bairros chiques, como Jacarecanga, Benfica, Praia de Iracema, Aldeota, em fase de expansão naqueles anos – e os locais de moradia dos pobres, como as favelas do Pirambu e Mucuripe, Meireles, Bairro do Seminário, Arraial Moura Brasil, Cercado do Zé do Padre, Lagamar, Morro do Ouro, Varjota, Morro do Moinho, dentre outros.[40] Os jangadeiros da São Pedro, com exceção de Tatá, foram "empurrados" para além da beira mar da Praia de Iracema. Jacaré e Manuel Preto residiam na área pobre vizinha ao Seminário da Prainha, acima da Praia de Iracema, região conhecida por Alto Alegre e Altamira.[41] Descrevendo Altamira da época de Manuel Preto, Bernardo Doré, em seu romance A epopéia dos jangadeiros, nossos irmãos do mar, informa:

> "Altamira é um recanto de Fortaleza, entre a Praia de Iracema e a Avenida Monsenhor Tabosa. Ruas estreitas, sem calçamento, sem luz, cacimbas de Tijolo, em quintais abertos, casas de taipa com telhado baixo, cercas arrebentadas, areal, penúria. (...) Andam por ali crianças aos magotes. Caboclinhos queimados de sol vivem na areia da rua, ora correndo, pulando, ora tangendo a bola de meia sob nuvens de poeira; estes trocam taponas, aqueles teimam em empinar, por entre palmas de coqueiros, papagaios minúsculos de cauda de algodão. (...) Moram naquele trecho da

---

[39] Segundo o Censo de 1940, referido por Antônio Luiz Macedo e Silva Filho. *Paisagens do Consumo*: *Fortaleza no tempo da Segunda Grande Guerra*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002, p. 29.

[40] Gizafran Jucá, em *Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza* (São Paulo: Annablume, 2000, p. 42), lista outras localidades onde residiam os pobres dos anos de 1930 a 1950, também sugerindo que o Arraial Moura Brasil foi "a mais antiga forma de pré-favelamento que a cidade conheceu".

[41] Quando perguntado onde residiam, Jacaré declarava que moravam em Altamira, mas, por informação de suas filhas Raimunda e Maria, eles residiam no Alto Alegre, na Travessa Tupy nº 92, na casa onde hoje reside o filho mais novo de Jacaré, Pedro. É provável que, naquela época, a identificação "Altamira" englobasse um raio de ação maior, pois Dona Lyrisse Porto, em entrevista, que será aqui comentada adiante, disse genericamente que as casas dos pescadores ficavam em Altamira. Já Manuel Preto residia no Retiro do Bom Jesus, naquilo que, de fato, era Altamira.

cidade, em boa vizinhança, pescadores, lavadeiras, operários e donos de bodegas."

Sr. Bafô, o filho mais velho de Manuel Preto,[42] era uma dessas "crianças" e lembra bem de Altamira, não esquecendo como levou chuva dentro de sua própria casa, uma miserável choupana cheia de goteiras, feita de palhas. Em sua fala e expressão, parece que a chuva ainda está a molhar sua pele, memória da miséria, imagem difícil de ser apagada. José de Lima, primo de Mestre Jerônimo e companheiro de "outras viagens", lembrava que as casas dos "jangadeiros aqui de Fortaleza mal tinham porta e janela".[43] Em entrevista ao jornal A Manhã,[44] do Rio de Janeiro, Jacaré disse que a casas dos pescadores variavam, mas que, na maioria dos casos "o pescador arranja umas taboas, uns cacarecos e arma o barraco". A casa de Jacaré, na Travessa Tupy, no Alto Alegre, era bastante simples, com poucas e precárias mobílias, sem iluminação elétrica e sem rádio, complementa dona Maria Olimpio, a filha de Jacaré, que tinha dez anos na época da viagem de 1941.[45] Tatá, esse sim, resistiu morando na Rua dos Tabajaras nº 524, em uma casa simples,[46] mas coberta com telhas, na Praia de Iracema. Jerônimo, àquela época, residia em uma praia próxima, Meireles, em uma miserável palhoça, nas proximidades de onde hoje está o aristocrático clube Náutico Atlético Cearense, mas já havia morado com o primo Tatá na Praia de Iracema, quando fora trazido por ele, ainda rapazote, para Fortaleza. Pela proximidade do Mucuripe, Jerônimo era vinculado à Colônia de Pesca Z-2, enquanto os outros eram filiados à Z-1, situada no bairro, e ali exerciam seus ofícios de pescadores.

O movimento "dos ricos" em direção à Praia de Iracema se verificou, efetivamente, por volta de 1920, quando a localidade ainda era conhecida por Praia do Peixe ou Porto das Jangadas. Ali, algumas das famílias mais influentes e distintas de Fortaleza foram construindo seus "bungalows" alpendrados, próximos ao mar, enquanto

---

[42] Entrevista, realizada por mim, com o Sr. José Pereira da Silva, conhecido como Sr. Bafô, em sua residência, na Rua Lauro Nogueira nº 780, Papicu, Fortaleza, no dia 22 de agosto de 2006.

[43] Entrevista concedida pelo pescador José de Lima, 99 anos, ao jornalista Raimundo Caruso, publicada em seu livro *Aventuras dos Jangadeiros do Nordeste*. Florianópolis-SC: Panam Edições Culturais, 2004, p. 27.

[44] Essa entrevista foi publicada na coluna *Trabalho e Assistência Social: O trabalho dos pescadores.* Jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1941.

[45] Entrevistei Dona Maria duas vezes, em 2001 e em 2006. As entrevistas foram realizadas na residência de sua irmã Raimunda Olimpio Meira da Silva, com quem vive até hoje, no bairro do Montese, Fortaleza.

[46] Segundo me contou D. Celsa, Tatá veio morar nessa casa, ainda rapaz, quando ainda era de palha; amigou-se com uma viúva, Altina, que ali morava com um menino, provenientes da terra dele, Uruaú. Depois casou com Altina e com ela teve duas filhas. Tatá enviuvou da primeira esposa e casou com uma moça de Guiuba, que morreu de parto, em dia que ele estava na pescaria. Depois casou de novo com Dona Guilhermina, que já tinha idade avançada e não lhe deu filhos. Na época da viagem de 1941, era com essa última que vivia.

clubes elegantes, como o Ideal, o Jangada e o Praia, complementavam o lazer dos novos moradores. Os pescadores foram sendo empurrados "morro acima", erigindo suas palhoças no Alto Alegre, Morro do Seminário, Altamira e imediações, enquanto as jangadas em que trabalhavam permaneciam ancoradas na beira-mar, na praia que ia se tornando a cada dia um espaço dos mais disputados e elegantes da cidade.

Nos primeiros anos da década de 1920, as elites que passaram a veranear e freqüentar a velha Praia do Peixe acharam por bem, com a ajuda da imprensa local, reivindicar um novo nome para a localidade, que fosse mais condizente com seu distinto uso. Foi assim que, depois de longas e persuasivas matérias em jornais e revistas locais, a velha praia dos pescadores se transformou em "Praia de Iracema", isso em 1925, numa alusão ao romance do conterrâneo José de Alencar. Também as ruas do bairro ganharam nomes de tribos indígenas mencionadas por Alencar em seus romances, como a Rua dos Tabajaras, Rua dos Tremembés, Rua dos Guanacés, dentre outras. Essa disputa simbólica em torno do nome do bairro foi seriamente pesquisada e discutida por Solange Schramm, através de fontes escritas, provenientes de jornais, revistas, além de fontes visuais, cartões postais, mapas, dentre outros documentos daquela época e, ainda, nos depoimentos orais de antigos pescadores que atuaram na região ou de moradores pobres das imediações. Para essas pessoas, segundo constatou Solange, o "simbolismo do nome Praia de Iracema não criou raízes, permanecendo resistente a velha denominação, identificadora, de Praia do Peixe".[47]

Solange Schramm sugere ainda que a valorização inicial dessa área remonta a meados do século XIX e início do novo século, quando vários equipamentos infraestruturais foram instalados na região próxima, como alfândega, trapiche de desembarque, trilhos de ferro[48] e, em 1906, a Ponte da Alfândega,[49] em virtude da utilização daquela praia como porto. Por essa época, a população que residia nas proximidades do mar era constituída, basicamente, de pescadores e outros homens pobres.

---

[47] O estudo de Solange Schramm é bem mais amplo, e visou analisar as várias memórias que se construíram historicamente sobre a Praia de Iracema. Entendendo esse terreno da memória como de disputa e conflitos simbólicos, a autora situou e registrou a voz dos pescadores que foi em vários momentos desprezada nesse incessante processo de construção de "memórias" do lugar. Solange Maria de Oliveria Schramm. *Território Livre de Iracema: só o nome ficou? Memórias coletivas e a produção do espaço na Praia de Iracema*. Dissertação de Mestrado em Sociologia na UFC. Fortaleza: 2001, p. 89. A autora situa a ocupação da área onde se encontra a Praia de Iracema, já no início do século XIX, na região identificada como Prainha, hoje Av. Pessoa Anta e adjacências (p. 31).

[48] Thomaz Pompeu de Sousa Brasil. *Ensaio Estatístico da Província do Ceará*. Tomo I. Fortaleza: Typ. Do B. de Mattos, 1863, p. 565-566.

[49] Essa ponte passou a ser chamada até hoje como Ponte Metálica, "após reforma concluída em 1924". *Cf.* Solange Scharamm, *Território Livre de Iracema*, op. cit., p. 32-33.

Em fins da década de 1930,[50] um novo porto começou a ser construído, no Mucuripe, mas somente nos anos de 1950 a obra foi efetivamente concluída. Em 1925, uma extensão da linha de bonde chegava até a Rua dos Tabajaras, ligando o centro à Praia de Iracema.

Essa região litorânea, situada na parte norte da cidade de Fortaleza, da qual fazem parte a Praia de Iracema, Mucuripe e também Meireles, foi palco, portanto, de intensas transformações, a partir dos anos de 1920, no que se refere ao uso e ocupação do território que o constitui. Em profundo e sensível estudo, o geógrafo Eustógio Dantas explica esse processo, perseguindo compreender o processo da maritimidade em Fortaleza, ou seja, o tipo específico de relação da sociedade com o mar. Retomando fontes ricas e diversas, cartas régias, relatos de viajantes, historiadores cearenses, literatos, etc, o autor vai apresentando as particularidades dessa cidade que "olhava" para o mar com "alma" de sertanejo. Ressalta no trabalho de Eustógio o lugar que ocupavam os pescadores, ocupantes originais desses espaços, nesse processo de transformação do uso e ocupação de áreas litorâneas, especialmente do Ceará.[51]

Diferente dos pólos hegemônicos coloniais, formados especialmente por Salvador e Recife, o território compreendido pelo Ceará teve ocupação e desenvolvimento efetivos a partir de áreas interioranas, com a preponderância de vilas localizadas no sertão. Nesses espaços, atividades relacionadas, inicialmente, à criação de gado, fizeram preponderar economicamente as localidades de Aracati, Icó e Sobral. Fortaleza e a vila próxima, Aquiraz, assumiram atribuições de administração, sem, contudo, se destacarem do ponto de vista demográfico, econômico ou político.[52] Somente no século XIX essa situação se inverte, passando Fortaleza a se projetar e ultrapassar as cidades interioranas em importância efetiva. Segundo Eustógio, isso se deveu, principalmente, ao modo como as autoridades administrativas legislaram, em seu favor, sobre tarifas alfandegárias e o incremento de vias de comunicação, que ligaram por troncos ferroviários o interior à capital, o que, em outros termos, significava que era por Fortaleza que se processaria o maior escoamento da produção proveniente das áreas interioranas. Por essa época, a

---

[50] Jornal *O Povo*, Fortaleza, de 28 de maio de 1938. A matéria é ilustrada com uma foto do local, vendo-se, ao fundo, a ponta da Praia do Farol.

[51] Eustógio Wanderley Correia Dantas. *Mar à Vista: Estudos da maritimidade em Fortaleza*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

[52] A esse respeito, além das obras já citadas de Eustógio Dantas e Solange Schramm, ver Simone Sousa (org), *História do Ceará*. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 1994; e *A Nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000; Sebastião Ponte, *Fortaleza Belle Époque: Reformas Urbanas e Controle Social*. 2 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 1999; Auxiliadora Lemenhe, *Razões de uma cidade: conflitos de hegemonia*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991; Raimundo Girão, *Pequena História do Ceará*. 4 ed. Fortaleza: Ed. UFC, 1984.

atividade econômica predominante era a produção de algodão para exportação e o Ceará, desde fins do século XVIII, não mais se subordinava a Pernambuco, efetuando as trocas mercantis diretamente com outras localidades do Brasil e da Europa. Além do algodão, Fortaleza também exportava café, couro e cera de carnaúba.

O território compreendido por Fortaleza tinha, até princípio do século XIX, uma população reduzida, 3.000 habitantes em 1800. Na segunda metade do século, quando se consolida sua posição hegemônica, ela chega a 16.000 e 21.373, respectivamente em 1863 e 1872.[53] Dessa população, uma parte era constituída por comunidades de pescadores, indígenas ou descendentes e negros libertos.[54] Essas áreas, administradas pela coroa portuguesa como "áreas de marinha", como pontos estratégicos de defesa, já eram habitadas por nativos que se sedentarizaram ao local através da atividade da pesca, prevista e aceita pela leis régias, desde fins do século XVII.[55] No caso de Fortaleza, a urbanização se verificou, até meados do XIX, a partir das mediações do antigo Forte Holandês, já convertido em domínio lusitano e batizado com o nome de Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção. Esse é o núcleo originário da cidade, que, ampliando-se discreta e lentamente, constituí aquilo que hoje chamamos Centro.

Quando as camadas mais abastadas migram do interior para Fortaleza, impulsionadas pelo progresso material gerado com o crescimento do fluxo de exportações e importações, é inicialmente nesse núcleo urbano que fixarão suas habitações e negócios. Os pobres migrantes também fazem esse movimento, sendo que parte deles, como são os casos de Jacaré, Jerônimo, Manuel Preto e Tatá, nas primeiras décadas do século XX. Provenientes das Praias de Caponga, Uruaú e Barra Nova, respectivamente, vão se juntar aos antigos pescadores da Praia de Iracema, ampliando a comunidade que se agrupava ali, fundando, nos anos de 1922, a Colônia Z-1, a mais antiga colônia de pesca de Fortaleza. O primeiro a emigrar foi o mais velho do grupo, Tatá, em torno de 1906. Manuel Preto e Jerônimo chegaram à região em fins da década de 1920,[56] enquanto Jacaré chegou um

---

[53] Eustógio Dantas, *Mar à Vista*, op. cit., p. 29.

[54] Em quadro demonstrativo da "Composição Étnica e Sócio Econômica dos Pescadores Matriculados na Capitania dos Portos", entre 1854-1864, Luiz Geraldo Silva, em *Os pescadores na História do Brasil* (Petrópolis: Vozes, 1988), anota, para o caso do Ceará, os seguintes números: 11,3% brancos, 3,4% índios e 83% negros livres. Advirto que, desde 1863, havia se "decretado" extinta a população indígena na província do Ceará, sendo possível, portanto, que muitos desses "indígenas extintos" tenham migrado para a categoria étnica de "negros", já que era mais difícil para os pobres migrarem para "brancos". Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, em seu *Ensaio Estatístico da Província do Ceará* (op. cit.), de modo cauteloso, confessa: "não tenho dados para avaliar o algarismo com que qualquer dessas raças, puras ou crusadas, entra na massa da população geral" (p. 335).

[55] Eustógio Dantas, *Mar à Vista*, op. cit., p. 18.

[56] Sr. José Pereira da Silva, Sr. Bafô, filho de Manuel Preto, já nasceu em Fortaleza, em 1927.

pouco mais tarde, por volta de 1934, já casado, acompanhado da mãe viúva, alguns irmãos e três filhos pequenos. Até os anos de 1920, Tatá e outros pescadores reinaram soberanos na antiga praia, mas depois disso tiveram que ceder espaço aos "elegantes" que ansiavam por copiar, em mares cearenses, hábitos apreendidos dos europeus: banhos de mar, com função terapêutica ou de lazer, serestas ao luar e "veraneio".[57]

II

O COTIDIANO DO TRABALHO: A PESCA

Enquanto as famílias "distintas" vivenciavam a sociabilidade da Praia, participando das festividades promovidas pelos clubes, tomando banhos de mar, sonhando sob a luz do luar, os pescadores tocavam seu cotidiano marcado, em grande parte, pelo árduo trabalho da pesca nas jangadas, aquelas que a menina Betina gostava de observar na frente de sua casa. Nos anos de 1940, no litoral cearense, como era comum em grande parte também da costa nordestina,[58] os pescadores pescavam em embarcações deste tipo,[59] constituídas de seis paus, sendo, dois "meios", dois "bordos" e duas "mimburas", se olhada do centro da embarcação para fora. A madeira utilizada na construção da jangada era o chamada pau-de-jangada, apeiba tibournou, que era importada do Pará, motivo pelo qual tornava bastante custosa sua aquisição. Dos quatro pescadores, na época da primeira viagem, presumo que somente Tatá possuía uma jangada.[60] Esse tipo de embarcação, por

---

[57] *Cf.* a esse respeito Eustógio Dantas, Solange Schramm e Sebastião Ponte, em obras já aqui citadas.

[58] Câmara Cascudo, em *Jangada* (op. cit), fez um levantamento daquilo que denominou *Geografia da Jangada*, estabelecendo os limites de utilização da jangada: ao norte, o estado do Ceará; ao sul, na Bahia, estas sobreviveram até a primeira década do século XX, e, em Sergipe, nos anos de 1950, quando publicou esse estudo, também já não se pescava de jangadas, exceto quando alguma chegava de Alagoas (p. 125-142). Luís Geraldo da Silva, em *Os pescadores na História do Brasil* (op.cit.), afirma que só foram encontradas jangadas ao longo da costa "nordestina", atribuindo tal fato à herança deixada pelas tribos tupinambá que habitavam a região (p. 38). Raimundo Caruso, em *Aventuras dos jangadeiros do Nordeste* (op. cit.), informa que o limite cearense norte, na utilização de jangadas, são as praias do Preá e Aranaú, 250 km a oeste de Fortaleza; ao sul, ele situa Ilhéus, no Estado da Bahia, mas acrescenta que só existem "três ou quatro semi-apodrecidas e largadas na praia, (...) simples balsas rudimentares sem leme nem bolina, movidas a remo, e não com vela, como as cearenses, que são também muito maiores" (p. 58-59).

[59] Florival Seraine, citado por Câmara Cascudo (*Jangadeiros*, op. cit., p. 141), informa que a pesca de jangadas era realizada em grande parte do litoral do Ceará, ressaltando, entretanto, o trecho compreendido entre as praias do Pecém e Caiçara, em Aracati. Faz questão de frisar que era da Praia de Iracema ao visinho Porto do Mucuripe onde poderiam ser encontrados "os maiores núcleos de jangadas pescadoras".

[60] Tatá, segundo me contou D. Celsa, chegou a possuir três jangadas, sendo que uma pescava em Aquiraz, região metropolitana de Fortaleza. Isso já na época em que esteve casado com ela, portanto, depois de 1953. Lembrou, entretanto, que, como a jangada de piúba durava pouco tempo, ele não pôde mais adquirir novas, ficando com paquetes.

essa época, custava cerca de 1:700$000, segundo disse Jacaré a um jornalista, mas poderia custar mais caro, complementou o pescador. O tempo de duração da embarcação era em torno de 1 ano e seis meses, quando teria que ser aposentada, ou transformada em uma "paquetinho" ou outra embarcação menor.[61]

A jangada dos pescadores cearenses não diferia em quase nada de suas antepassadas, vistas e comentadas pelo inglês Henry Koster no litoral do atual estado de Pernambuco, em início do século XIX.[62] Segundo escreveu Câmara Cascudo, a jangada "já tinha completado o seu ciclo e estava funcionalmente terminada a evolução", com vela, bolina e banco de vela. Já fiz referência que a jangada comum no Ceará até, pelo menos, os anos de 1950,[63] era a de rolos, de seis paus, algumas de até oito metros de comprimento, apropriadas para a pesca em alto mar, quando os jangadeiros se afastavam até 80 km da costa, "quando a terra desaparece no horizonte", segundo relatou Zé de Lima.[64]

O desenho de João de Souza e a descrição do arquiteto Nearco Araújo podem ajudar a detalhar essa engenhosa embarcação:[65]

---

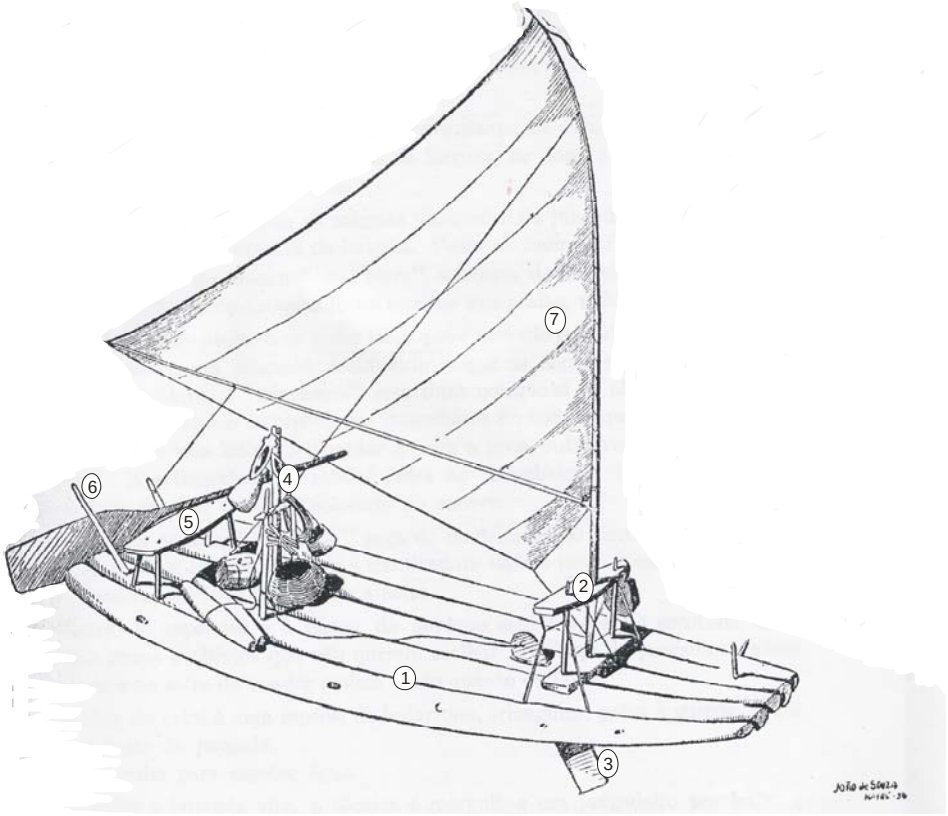
[61] Entrevista concedida ao jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1941. Na verdade, a *São Pedro* custou 1.600$000, conforme divulgaram os jornais cearenses *Correio do Ceará* e *Unitário*. Câmara Cascudo informa, em seu livro *Jangadas*, que já em 1910 uma jangada de paus, como a *São Pedro*, custava cerca de 1.700$000. Segundo ainda esse autor, o tempo de duração desse tipo de jangada era de 8 meses, depois dos quais era desfeita, colocando-se os paus para secar ao sol; e aqueles apodrecidos eram substituídos e transformava-se, assim, a antiga jangada em paquete, e, um ano depois, em bote (p. 143).

[62] *Cf*. Câmara Cascudo, *Jangada*, op. cit., p. 80 e 96. Henry Koster, em livro publicado pela primeira vez em 1816, diz que as jangadas "são simples balsas, formadas de seis peças, duma espécie particular de madeira leve, ligadas ou encavilhadas juntamente, com uma grande vela latina, um papagaio que serve de leme, uma quilha que se faz passar entre as duas peças de pau, no centro, uma cadeira para o timoneiro e um longo bastão bifurcado no qual suspendem o vaso que contém água e as provisões". Henry Koster. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução, Prefácio e Comentários de Luiz da Câmara Cascudo. 12 ed. Rio de Janeiro/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2003. O inglês, que se adaptou perfeitamente à vida brasileira, adotando o nome de "Henrique da Costa", visitou pela primeira vez a cidade de Recife em 1809, quando fez essa descrição. Note-se também que a tradução de Câmara Cascudo insere um impossível "Nordeste" no título, inexistente no original (*Travels in Brazil*).

[63] Informação dada a Câmara Cascudo pelo Capitão dos Portos do Ceará, Capitão de Fragata Ernesto de Mourão Sá, em 2 de dezembro de 1954. *Cf*. Cascudo, *Jangadeiros*, op. cit., p. 141.

[64] *Cf*. Raimundo Caruso, *Aventuras dos Jangadeiros*, op. cit., p. 28.

[65] Nearco Barroso Guedes de Araújo, em *Jangadas* (3 ed. Fortaleza: BNB, 1995), fez um belíssimo e minucioso estudo sobre a estrutura física das jangadas de paus e de tábuas. Cf. Câmara Cascudo, *Jangadeiros*, op. cit., p. 19.



"A jangada chamada de pau ou piúba compreende basicamente um estrado ou flutuador, que podemos grosseiramente chamar de Casco, um velame (vela, mastro, retranca, tranca), lemes (remo e bolina), espeque e bancos.[66]
1. Estrutura de toros de piúba – Armados longitudinalmente e fixados transversalmente entre si por cavilhas de pau-ferro. Primitivamente esta fixação se fazia com lançadas e nós de cipós. (...)[67]
2. Banco de Vela – Compreende uma estrutura mista de madeira e cordas. É formada por uma base de fixação chamada "carlinga" ou "carninga", apoiada em dois dormentes, que por sua vez são cravados ao casco. Pernas em número de duas, travessa de amarração e finalmente o banco, robusto, com dois rebaixos nas extremidades por onde passa o cordame-cabresto- e um profundo sulco, local do encaixe do mastro. No banco de vela tradicional este sulco não existia e sim o furo do banco.A carninga é prancha reforçada, fixada transversalmente ao casco, com cinco furos (rebaixos) circulares que servirão de calço para base do mastro. Estes

[66] Poderiam ser acrescentados alguns utensílios que acompanham a jangada e os jangadeiros numa pescaria: *fateixa* (espécie de âncora, constituída de uma pedra de uns cinqüenta quilos, envolvida por quatro paus, tendo na base dois paus pontudos, atados no formato de uma cruz), *tuaçu* (também é uma espécie de âncora primitiva), *samburá* (cesto onde é guardado o peixe) e *quimanga* (cabaça onde o pescador guarda a comida). *Cf.* Raimundo Caruso, *Aventuras dos Jangadeiros*, op. cit. Câmara Cascudo cita, ainda, os seguintes aviamentos: "Cuia de vela, para aguar o pano, calas de linha de pesca, bicheiro para arpoar, araçanga, etc" (*Jangadeiro*, op. cit., p. 31).

[67] Nearco Araújo situa, no caso de jangadas de Fortaleza, algumas inovações importantes e singulares no modo de corte dos rolos, que vão propiciar "melhores condições de navegabilidade" (*Jangadas*, op. cit., p. 17 e 19).

rebaixos correspondem às várias posições da vela, ao navegar. Outrora era um número que variava de nove a treze. (...)
3. Bolina – No dizer de um mestre pescador, "o juízo da jangada". Na verdade, elemento importantíssimo no sistema de navegação a vela, esta prancha de madeira (duas polegadas de espessura por doze de largura e um metro e oitenta a dois e dez de comprimento) é a verdadeira quilha, que sendo removível, mergulha pelos cacos da bolina, conforme as necessidade da navegação e direção do vento. Na jangada de paus são dois os alços da bolina.
4. Espeque – Pode-se dizer que o "espeque" com seus apoios, cruz, forquilha e salgadeira é o "centro de gravidade" da jangada. Nesta armação, que compreende dois espeques laterais, a haste central terminada em forquilha, a cruz (trave de armação e estrado na base – salgadeira) estão dependurados e arrumados todos os aviamentos da faina diária do jangadeiros.
5. Banco do Mestre ou de Governo – Peça singela, uma simples tábua de 1.40 polegada de comprimento, uma polegada de espessura e oito a dez de largura, apoiada sobre quatro estacas (tornos roliços). Local de ordens e comando, onde o mestre, sentado, controla e escolta o leme de governo de quase três metros de folha, com um ou mais de cabo, calçado a uma das fêmeas. Aí está o rumo da jangada.
6. Calçadores – São os maiores e mais fortes tornos cravados sobre o convés; estão assentados obliquamente entre si na popa, ligeiramente atrás, à direita e à esquerda do banco do mestre, servem para a amarrar ou passar a escota,corda que vem da ponta da tranca.
7. Vela – Elemento condicionante da eficiência e velocidade da embarcação. Compreende um triângulo de lados curvos, executada em algodãozinho."[68]

Os jangadeiros normalmente saíam para pescar em grupo de quatro, denominados, a partir de suas funções na jangada, de mestre, proeiro, rebique e bico de proa. Jerônimo e Tatá atuavam como "mestres" e Jacaré como "proeiro" (em terra, porém, como veremos, a hierarquia se altera). A pesca era de anzol, "pesca a linha", como se referiam, e havia dois tipos de pescaria, a de "ir e vir" e a de "dormida". Na primeira, saíam de madrugada e retornavam no meio da tarde. Na outra, permaneciam até seis dias em alto mar. Dona Celsa, a última esposa de Tatá, me contou a agonia que viveu quando Tatá foi para uma pescaria de dormida e demorou a chegar. Acredita que só suas orações e a proteção de Santa Terezinha, que também dava nome às jangadas do marido, é que

[68] O cearense Paulino Nogueira, em estudo publicado pelo Instituto do Ceará, informava sobre um método utilizado pelos jangadeiros cearenses para prolongar a durabilidade das velas de algodãozinho consistia em "limar a vela", ou seja, banhá-la com uma mistura composta de sangue de peixe e água salgada, para depois deixá-la exposta ao sereno. Conseguia-se, assim, segundo Nogueira, que a vela durasse cerca de dois anos. Apud. Câmara Cascudo, *Jangadas*, op. cit.

trouxeram Tatá de volta, depois de alguns dias. O marido contou depois que um temporal danificou a vela da jangada, obrigando-os a encalhar na praia do Pecém.

Câmara Cascudo observou que o silêncio é condição indispensável para o êxito da pescaria, sem o qual os peixes se assustam e fogem. Durante a pescaria, como em terra, o alimento do pescador é basicamente o peixe com farinha, e, para isso, conduzem na jangada um rústico fogareiro, onde cozinham o peixe e, com o caldo misturado com a farinha de mandioca, fazem um pirão. Sobre a equipagem das jangadas cearenses e divisão do trabalho, assim descreveu Florival Seraine:

> "Comumente, é a seguinte a tripulação de uma jangada; mestre, proeiro, rebique e bico de proa. (...) O mestre é aquele que governa a embarcação, dirigindo-a para toda parte. Quer em viagem, quer durante as pescarias, fica colocado, geralmente entre o banco-de-governo e os espeques. Suas ordens são respeitadas pelos outros tripulantes. Durante as pescarias o proeiro fica localizado próximo ao samburá grande; sustenta a corda da jangada; molha a vela[69] quando vai de terra para o alto-mar. (...) Rebique é o pescador que se acha colocado na parte mais anterior da jangada durante as pescarias, e o bico-de-proa, aquele que fica atrás do rebique, na bolina; molha a vela, quando a jangada vem do mar para a terra. Em viagem, tanto de ida como de volta, os tripulantes, com exceção do mestre ficam colocados em frente do espeque, cada um com o cabo no braço – os cabos de sair na corda, que são colocados na forquilha do espeque."

Os pescadores descobrem os melhores "pesqueiros", "pontos de abundância situados em zonas de pesca", segundo explica Simone Maldonado,[70] e passam a explorá-lo no trabalho cotidiano de seu grupo. No Ceará, como parece também ser o caso dos pescadores paraibanos entrevistados por Simone, havia preferência por áreas em que o fundo do mar era de pedra. Segundo relatou o pescador cearense José de Lima, "na pedra é que estão os mariscos, os peixinhos pequenos e os outros peixes que servem de comida para os peixes maiores, que nós pescávamos".[71]

---

[69] Essa tarefa é executada com a chamada "cuia de vela", um recipiente em forma de concha. Segundo apurou Câmara Cascudo, os jangadeiros acreditam que a vela molhada aproveita mais e melhor o vento. *Cf*. Câmara Cascudo, *Jangada*, op. cit., p. 164.

[70] Simone Carneiro Maldonado. *Mestres e Mares: espaço e indivisão na Pesca Marítima*. 2 ed. São Paulo: Annablume, 1993, p. 74. Nesse estudo, a pesquisadora se debruça sobre o cotidiano da pesca, analisando os saberes construídos, compartilhados e disputados. Parte da noção de "segredo", que acompanha a descoberta dos melhores pesqueiros, condição para o bom aproveitamento da pesca.

[71] O pescador anota que a medição do pesqueiro, "33", "35", "27", fazia-se com uma "sonda", "um cabo comprido, com uma pedra ou pedaço de chumbo amarrado na ponta". Todos esses "pontos" recebiam nomes: "buraco dos galos", "cabeço do mané", "risca do norte", dentre outros. *Cf*. Raimundo Caruso, *Aventuras dos Jangadeiros*, op. cit., p. 29. O Mestre pescador Amadeu Pereira da Silva, de Canoa Quebrada, também entrevistado por Raimundo Caruso (p. 77), pesca de jangada de tábuas, uma evolução da antiga jangada de paus, que possui um convés no casco, e diz que acham os pesqueiros jogando uma pedra lisa de mais ou menos 5 Kg no fundo do mar. Ficam empurrando a pedra, e, ao retirá-la, saberão se

Jacaré também contou aos jornalistas sobre esse cotidiano, mas, segundo frisou o repórter do jornal A Manhã, precisou de "contínuas" perguntas para desenvolver suas respostas. Na verdade, Jacaré, como os demais pescadores, tinha o costume de vivenciar a pesca e não de falar sobre ela. A pesca era um exercício efetivo, prático e não algo a ser "explicado". Mas a(s) viagem(ns), que não tinham por fim a pescaria, mas as reivindicações, se encarregará(ão) de colocar esse desafio para os pescadores, já que suscitará a curiosidade pública por aqueles estranhos e corajosos trabalhadores. Deixo que Jacaré, auxiliado pelo repórter de A Manhã, fale sobre seu trabalho:

> "Pescamos só com anzol, deitando linhas com um ou dois anzóis. Não amarramos as linhas na jangada não. Pescamos com ela na mão todo o tempo. Arrastão? Não usamos também. Pescamos pouco, é um "nada", mas pescamos diariamente. O peixe que mais apanhamos? Tem os peixes miúdos: Biquara, Cangulo, Mariquita, Sapuruna, Pira, Piraúna, Guiuba, Ariaco, que são os peixes 'de pedra', quer dizer, apanhados em lugares rasos, onde o fundo é de pedra; e Pargo, Carapitanga, Sioba, Guaximbora, Cirigado, Arabaiana, Xereu, Cavala, Serra, Aguião de Vela, Mero Beijo Pira, Garoupa, que são os peixes grandes. Os que dão mais lucro? Cavala, Garoupa, Carapitanga e Arabaiana. Pegamos uns sete ou oito peixes por dia, e, uma vez ou outra, mais. Chega até duzentos, lá algum dia. Mas a média é uns trinta, quarenta, nos tempos normais. Sete, oito é no inverno."

A fala de Jacaré denuncia um "saber" das coisas do mar que pode ser considerado como condição essencial para o trabalho do pescador artesanal, destituído, naquela época, de qualquer equipamento de suporte e de localização no mar. Diegues distingue essa forma de "conhecimento" do simples "saber fazer", que seria a habilidade de manejar instrumentos de pesca.[72] Esse "conhecimento" fala de como, quando e por que utilizar essas habilidades de pesca, o que pressupõe um conhecimento sobre as rotas migratórias dos peixes, conhecimento dos ventos, das marés, enfim. Como sugere esse antropólogo:

> "Tornar-se um pescador profissional, entretanto, significa ser portador do conhecer que implica no quando, onde e por que fazer. Esse conhecer é constituído por um conjunto de idéias sobre o navegar, o movimento das marés, os tipos de fundos propícios a vida de certas espécies de pescado, noções empíricas sobre os hábitos dos diferentes peixes, etc. O importante

---

há pedra ou areia no fundo, pois, no primeiro caso, o chumbo ficará machucado, e, no segundo, sairá como desceu.

[72] Antônio Carlos Diegues, *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*, op. cit., p. 195-199; e "Tradição marítima e oralidade: pesca de marcação e mestrança em Galinhos, Rio Grande do Norte-Brasil." *Projeto História*. São Paulo: EDUC, nº, jun/2001, p. 389-400.

não é conhecer um ou outro aspecto do segredo, mas saber relacionar os fenômenos naturais e tomar decisões relativas à captura."

Não havia escola formal para transmitir esses conhecimentos;[73] era na praia, acompanhando os mais velhos e inicialmente cooperando em funções mais simples, que os meninos pescadores aprendiam dos pais e parentes próximos as manhas do ofício. Jacaré contou ao jornalista que sua família, desde seu avô, era de pescadores e que o comum eram os pais levarem os filhos homens pequenos para a pescaria para ensinar-lhes a profissão; com a idade de oito anos, seu irmão mais velho já lhe dava uma linhazinha para pescar.[74] Mas foi o grande mestre dos mares nordestinos, Jerônimo, que teve uma curiosa iniciação na pesca. Tinha horror ao mar, pois lhe provocava muitas náuseas e vômitos. Os parentes, dentre eles o primo mais velho Tatá, aborrecidos com tamanha aversão, ameaçavam o "enjoado Jerônimo" dizendo que iriam amarrá-lo no mastro da jangada e deixá-lo no mar. Jerônimo seguiu um mês os familiares em pescaria, enjoando diariamente. Passado o torturante "rito de iniciação", passou a ter tanta intimidade com o mar e com jangadas que dizia que "se pudesse viveria lá mesmo".[75]

Esse é um dos "costumes" que o tempo preservou. O pescador Amadeu aprendeu a pescar com o tio, conhecido como Casusa dos Esteves, quando ainda era criança. Numa dessas pescarias, ainda na metade do caminho, um vento forte derrubou a jangada, e o menino amedrontado se debatia de um lado para o outro, tentando nadar, e, sem saber, ficava engolindo água pela boca e pelo nariz. O tio, experiente e conhecedor dos caprichos da natureza, confirmou o batismo do sobrinho como pescador e confiou-lhe um segredo, válido tanto para o mar quanto para as coisas da terra: "Amadeu, você não morreu, não morre mais. Agora, não esquece, para viver razoável, basta nunca se afobar do jeito que você se afobou".[76] O pescador Eremilson, também um "viajante", como os tripulantes da São Pedro, e de quem falarei mais no final desse trabalho, deu uma curiosa

---

[73] A Escola de Pesca de Marambaia, no Rio de Janeiro, encampada pelo governo Getulista como escola modelo, foi uma experiência pioneira no Brasil no sentido de formação profissional desses trabalhadores. Falarei com mais detalhes sobre essa experiência no próximo capítulo. *Cf.* MARAMBAIA: Escola de Pesca Darcy Vargas. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1942.

[74] Jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, 22 novembro de 1941.

[75] Encontrei narrativas semelhantes sobre a difícil "iniciação" de Mestre Jerônimo em três fontes: *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 03 de novembro de 1941; Bernardo Doré, em seu romance *A Epopéia dos Jangadeiros: nossos heróis do mar* (3 ed. Fortaleza: s.e., 1973, p. 21), diz que Jerônimo, quando criança, não se interessava pelo mar, tendo ido com relutância para a "risca", com o pai, aos dez anos de idade; Dona Celsa, viúva de Tatá, lembra dessas histórias contadas pelo marido.

[76] Raimundo Caruso, *Aventuras dos Jangadeiros*, op. cit., p. 75.

informação ao jornalista Blanchard Girão:[77] há muito pescadores que não sabem nadar, mas que, mesmo assim, trabalharam a vida toda na pesca. Ele mesmo perdeu dois amigos que não sabiam nadar, em uma pescaria, quando viu a morte bem de perto:

> "Estava numa pescaria quando as ondas revoltas viraram a jangada. Ainda era daquelas de piúba. Vi a morte bem de perto. A jangada pesada, em cima de nós, as ondas violentas nos atirando pra longe. Nessa hora, me vali de São Francisco. Pedi por tudo para ele me salvar a vida. Só me lembrava dos meus onze filhinhos ainda pequenos. De que é que iam viver? – Meu São Francisco, em nome de Jesus, me tire dessa aflição. Pedi com tanta fé e esperança. Consegui segurar na embarcação virada. Já era uma situação melhor. Aí era esperar socorro. É costume do jangadeiro sair em grupos. Para ter quem ajude numa hora assim. Graças a isso, a jangada dos amigos nos descobriu e recolheu. Eu e mais outro,O Raimundo Iguape e um que não lembro do nome não se salvaram.Ficaram para sempre naquelas profundezas. O Raimundo Iguape, como o João da Chaga, não sabiam nadar e aí morreu afogado."

Jacaré também falou ao repórter carioca do jornal A Manhã dos riscos da profissão e dos muitos acidentes que ocorriam, como quebrar perna, quando iam tirar a jangada do mar, e as mortes por afogamento. Eremilson, o devoto de São Francisco que acima relatou o acidente que vivenciou, ficou marcado para sempre depois do ocorrido, quando levou uma forte pancada nas costas. Ficou oito meses deitado numa rede, sem poder levantar-se. Levaram-no para um hospital, mas de nada adiantou, só um pequeno alívio, quando passavam "uma luz vermelha" em suas costas. Concluiu orgulhoso que o que lhe curou mesmo foi um chá amargo de casca de Jucá que tomou por muito tempo.[78]

Há outros "costumes" no cotidiano da pesca que vêm se mantendo ao longo dos anos. Isso porque o tipo de pesca que Jacaré e seus companheiros realizavam era aquilo que passou a chamar-se "pesca artesanal", que ainda responde por grande parte da pesca no nordeste brasileiro,[79] em especial no Ceará. Por pesca artesanal estou entendendo, de acordo com caracterização proposta por Diegues, aquela realizada por pescadores autônomos, só ou em grupo, em que utilizam instrumentos e meios de trabalho relativamente simples, sendo a remuneração feita pelo sistema tradicional de divisão por

---

[77] Blanchard Girão. *Mucuripe: de Pinzon ao Padre Nilson.* Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1998, p. 103-104. Eremilson tem saudades da velha jangada de piúba, pois aquela que a sucedeu, a jangada de tábuas, é considerada, por ele e por muitos pescadores artesanais, "um caixão de defuntos", pois, quando vira, afunda, levando tudo para baixo, diferente da de "paus", que fica flutuando (p. 106).

[78] Idem, p. 104.

[79] Com base em dados do IBGE, Antônio Carlos Diegues, em *Povos e Mares*, op. cit., p. 88, informa que, em 1988, "mais de 80% da produção pesqueira do nordeste era de origem artesanal".

partes, e em que a produção é voltada, prioritariamente, para o mercado.[80] Acrescento a essa conceituação de Diegues a de "pescador artesanal urbano", já que Tatá, Jerônimo, Manuel Preto, Jacaré e seus companheiros residiam e trabalhavam em um centro urbano, em franco processo de desenvolvimento, sendo afetados, cotidianamente, pelas questões e problemas vivenciados por outros moradores e trabalhadores desse espaço. Um desses "costumes" mantidos na pesca artesanal é uma marcação diferenciada dos peixes pescados. Os pescadores da São Pedro não se referiram a isso nas conversas que tiveram com os jornalistas, mas tanto Câmara Cascudo relatou isso em seus estudos dos anos de 1950, como o pescador Amadeu, de Canoa Quebrada, também. Segundo Amadeu,[81] os peixes são diferenciados do seguinte modo:

> "Vamos começar pelo mestre da embarcação, que trabalha na popa. O peixe que ele pescar fica inteiro, sem nenhuma marca. O mestre não corta.Já o proeiro, que pesca um pouco na frente dele, e que é o contramestre, corta a cauda, na parte de cima. Em seguida vem o bico de proa, que vai na frente do contramestre.Ele pesca o peixe e corta a cauda pelo lado de baixo. Sua marca é essa. E finalmente o rebique, que vai na proa da jangada, lá na frente, e corta as duas partes da cauda, em cima e embaixo."

Jacaré não falou sobre isso por acaso. Ele e seus amigos da São Pedro conseguiram sabiamente organizar, em sua fala, nas várias vezes que isso ocorreu, aqueles elementos que dariam alguma base às denúncias que queriam fazer. O que não servisse para esse fim, não era comentado. Jacaré falou que pescava com linha. Em seguida, na entrevista, o repórter informava que Jerônimo entrou na conversa e falou que havia visto uma "rede" boa em Cabo Frio, mas que custava oito contos de réis. Dito isso, ele explicou ao jornalista que o leito do mar no Ceará era de pedra e por isso não poderiam empregar esse instrumento de pesca. Mas, como se essa explicação não fosse suficiente, emendou: "E nem que fosse possível, onde já se viu jangadeiro ter tanto dinheiro para comprar uma rede? Temos que buscar o peixe a linha". A técnica esbarrava na miséria, sugeria de modo perspicaz o mestre da São Pedro.

Mas havia ainda duas questões sobre o universo do pescado que os jangadeiros da São Pedro sempre lembravam de comentar, pontos que diziam questão diretamente ao estado de exploração e de miséria em que viviam os pescadores de seu

---

[80] *Cf.* Antônio Carlos Diegues, *La Pesca Artesanal en Brasil*, op. cit., p. 10.
[81] *Cf.* Raimundo Caruso, *As Aventuras dos Jangadeiros*, op. cit., p. 82.

tempo: os "atravessadores", comerciantes que vendiam o "produto de seu suor", o pescado, e os "proprietários de jangadas", que disponibilizavam as embarcações aos jangadeiros, em troca de metade da produção. Os atravessadores eram aqueles que recebiam o pescado ainda na praia e revendiam-no pelas ruas da cidade, "muitas vezes vestidos de pescador e contando histórias fantasiosas de pescarias", comentava Câmara Cascudo, em seus estudos sobre os jangadeiros e a jangada. Na verdade, os pescadores, dentre eles os da São Pedro, reagiam contra o estado de dependência[82] que tinham de suportar em relação a essa categoria,[83] tendo em vista que a ausência de condições de armazenamento e conservação do pescado, inclusive por sua rápida deterioração, levava-os a depender da capacidade comercial dos atravessadores, que, por sua vez, ficavam com o controle do preço da mercadoria.

Devido aos altos custos de aquisição e manutenção das jangadas e às dificuldades de poupança dos pescadores, muitos trabalhadores do mar dependiam dos proprietários das jangadas, que muitas vezes também forneciam os demais instrumentos de pesca. No acordo entre pescadores e proprietários, ficava acertado que a produção seria dividida meio a meio, em uma relação de trabalho semelhante a "meação", que se verificava no mundo rural.[84] Metade do que era pescado era dividido entre os quatro pescadores que participaram da captura e metade era entregue ao proprietário, em pagamento pela utilização da jangada. Havia uma parte, entretanto, que, de acordo com o "costume", era repassado do proprietário diretamente ao mestre de jangada, prática que permaneceu até períodos mais recentes, conforme atestou o jangadeiro Amadeu,[85] de Canoa Quebrada.

---

[82] Antônio Carlos Diegues, em *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*, op. cit., p. 231-241, faz uma apreciação minuciosa sobre essa questão, sugerindo que a reação do pescador em relação ao "atravessador" não toca no cerne do problema, que diz respeito, fundamentalmente, à exploração sofrida pelo "capital financeiro ou na formação econômico-social mercantil" ao qual a produção pesqueira está submetida. Mas, no caso em que estou analisando, essa "reação pessoal" se coloca quando a pesca ainda não está estruturada de forma empresarial, estando os pescadores submetidos diretamente a pessoas que exerciam funções de comércio.

[83] No próximo item mostrarei que a dependência maior aos atravessadores também foi decorrente de medidas legais, impostas pelas autoridades municipais.

[84] Antônio Carlos Diegues, em *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*, problematizou essa questão, à luz de uma abordagem marxista.

[85] *Cf.* Raimundo Caruso, *As Aventuras dos Jangadeiros*, op. cit., p. 82. Amadeu informa que, em Canoa Quebrada, nos dias de hoje, a parte do proprietário é 33 %, e é dessa parte que o mestre ganha o seu acréscimo.

III

FORA DO MAR: A PINGA, A IGREJA, A FESTA....

Por volta dos anos de 1940, a única festividade importante do calendário do jangadeiro, que tinha como cenário a Praia de Iracema, era a festa de São Pedro, o padroeiro dos pescadores,[86] comemorada no dia 29 de junho. Desde 1939, sublinham jornais da época, quando foi concluída a Igreja de São Pedro, na Praia de Iracema, os pescadores saíam bem cedo, recebiam a comunhão na Igreja do Seminário da Prainha e, depois, partindo do Mucuripe, saíam levando a imagem do santo, numa procissão no mar, com dezenas de jangadas todas enfeitadas, até a Igreja da Praia de Iracema onde a imagem era depositada. Por volta das 9 horas, o Pe. Francisco Pita, que tinha forte ligação com os pescadores, tendo, inclusive, apadrinhado um dos filhos de Jacaré, celebrava uma missa campal. O jornal de Fortaleza O Estado, naquele junho de 1941, anunciava que, aproveitando os alto-falantes instalados no frontispício da Capela de São Pedro, os marítimos, jangadeiros e portuários fariam uma manifestação pública de "seus profundos sentimentos de catolicidade".[87] Ainda naquele ano, a Federação dos Pescadores do Ceará promoveria, à tarde, uma sessão em comemoração à data, ocasião em que solenemente se faria a "aposição do retrato do Presidente Getúlio Vargas" em um dos cômodos de sua sede social. Eram tempos da ditadura e, incorporando uma prática fortemente alimentada pelo Estado, aqui também proliferavam rituais públicos de consagração do Presidente.

De fato, o jornal cearense parecia não estar exagerando esse "espírito de catolicidade" dos praieiros, fato também constatado nos quatro pescadores da São Pedro. Não obstante eles terem sido criados dentro do círculo familiar e comunitário, nos parâmetros do catolicismo popular, ligando-se particular e fortemente a um santo, a Igreja católica cearense, a exemplo do que ocorria no restante do país, exercia incisiva ação assistencial e moral entre os trabalhadores cearenses, através principalmente dos Círculos de Operários Católicos, espaço freqüentado pelos quatro pescadores, especialmente por

[86] Na entrevista publicada pelo jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, novembro de 1941, Jacaré diz que essa era a única festa dos jangadeiros, na Praia de Iracema. Sabemos, entretanto, que muitos pescadores da Praia de Iracema e arredores freqüentavam as festas de Nossa Senhora da Saúde, no bairro do Mucuripe, que ocorriam no mês de setembro. Até hoje, essa é uma festividade de muita significação nas comunidades praieiras, inclusive para os pescadores do Mucuripe.

[87] Jornal *O Estado*, Fortaleza, 28 de junho de 1941.

Tatá.[88] Ele parece ter sido o mais tocado pela proposta circulista, talvez por ser o mais velho do grupo e ter participado dos momentos de fundação da própria instituição. Dona Celsa, viúva de Tatá, até bem pouco tempo guardava a carteirinha de sócio do "Círculo" do marido e lembra com saudades do tempo em que freqüentava com toda a família as atividades sociais da instituição.

Sr. Bafô não lembra muito do círculo, mas não esquece São Francisco, de quem o pai era devoto. Mas, referindo-se a religiosidade do pai, emenda que ele gostava muito de brincadeira, era "um vadio". Na verdade, nas entrelinhas do comentário de Sr. Bafô, estava à sugestão de que o pai, assim como Jerônimo, não se deixava enquadrar na proposta moral da Igreja, dando umas escapadelas do controle que esta pretendia realizar, afastando os pescadores do álcool, dos jogos e das relações ilícitas.

Em junho de 1941, o jornal católico O Nordeste,[89] de Fortaleza, conclamava os pescadores de Fortaleza a "não faltarem" às "instruções preparatórias da Páscoa" da categoria, promovida pelas Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, do Seminário da Prainha. É interessante observar que na conclamação está implícita não apenas o convite, mas um pedido, seguido de uma advertência: "não faltarem". Por fim, a nota diz que "é de se esperar que uma classe como a dos marítimos, que representam tão bem a pujança e o valor do trabalhador cearense, realize uma páscoa coletiva das mais brilhantes". Nas entrelinhas da conclamação parecia constar uma preocupação de que os pescadores declinassem do convite. Estava claro para membros da Igreja que da praia até em casa, havia muitos espaços de "desvios" ao alcance dos pescadores. O pároco da Igreja de Nossa Senhora da Saúde, do Mucuripe, bairro vizinho a Iracema e Meireles, chegado à região nos primeiros anos de 1950, esclarece aquilo que ele chama de "libertinagem" do jangadeiro: cachaça, mulher e miséria:

> "Depois da missa matinal dos domingos, ia me reunir com eles, oportunidade em que me esforçava em transmitir-lhes ensinamentos e conselhos para uma vida 'menos desregrada' do que aquela que eu testemunhava. Eles me ouviam com atenção. Alguns absorveram minhas palavras. A maioria, não. O pescador é um homem extremamente rude, grosseirão, e sem a mínima preocupação com o dia de amanhã. Nas sua mentalidade, tudo se resume àquela pesca, na renda maior e ou menor que conseguem a cada dia, e que esbanjam na libertinagem em que se consomem. Cachaça, mulher, miséria."

---

[88] Bernardo Doré, em seu romance já referido, diz que os quatro eram entusiastas do círculo São José, mas só encontrei evidências concretas da participação de Tatá. Ver Capítulo IV.

[89] Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 19 de junho de 1941. Segundo essa nota, a preparação aconteceria de 19 a 25 do referido mês.

Solange Schramm, em sua dissertação de mestrado, cita um depoimento de um antigo morador da Praia de Iracema, Zairton, que conheceu bem Jacaré e seus companheiros. Ele diz que, quando contou ao pai que iria residir na região, em 1944, ouvira a advertência: "o que você vai fazer num lugar onde só tem jogo de caipira, pinga e facada de pescador?" Certamente alguns casos de tumultos envolvendo pessoas pobres, alteradas pelo álcool, ocorriam na Praia de Iracema, como também em outros bairros de Fortaleza. Pelos jornais é possível acompanhar alguns desses casos,[90] alguns envolvendo pescadores, como o caso de jovem pescador Raimundo Ferreira, de apenas 17 anos, que ficara em um botequim[91] da Praia de Iracema até altas horas da noite bebendo alegremente com o amigo, também um jovem de 20 anos, terminando a noite com uma discussão, quando o pescador deferiu três facadas no "amigo".[92] Certamente, o regozijo dos "elegantes", regado a fartos drinks, também devia acabar, algumas vezes, em tumulto ou outra forma de desordem, mas esses casos, se existiram, como presumo, eram abafados,[93] enquanto o "tumulto" dos pobres virava notícia.

A bebida certamente era comum entre os jangadeiros da Praia de Iracema, como de outros lugares também. Jacaré confessou ao jornalista, após ser perguntado se "tinham algumas fraquezas", que "muitos bebem, jogam cartas e fumam para esquecer a vida" e devolvendo a pergunta ao jornalista desafiou-o com o desabafo: "fraquezas, quem não tem?"[94] Bernardo Doré, em seu romance que tem como personagens os jangadeiros da São Pedro, também reconhece o gosto do pescador pela "pinga" nos dias de folga, mas salientava que apesar da crônica policial de Fortaleza registrar vários casos de homicídios nos subúrbio – Coqueirinho, Moura Brasil, Cercado do Zé Padre e na Franco Rabelo –,

---

[90] Encontrei no Jornal *O Povo*, de Fortaleza, registro de cinco casos de briga envolvendo facadas e pescadores no período que vai de 1937 a 1945; dois deles ocorreram na Praia de Iracema e os envolvidos eram pescadores (07 de abril de 1941 e 05 de novembro de 1942). Um ocorreu na Volta da Jurema (15 de fevereiro de 1937) e, nos outros dois, não é especificado o local, apenas a bebedeira, seguida de briga, envolvendo dois pescadores (07 de fevereiro e 14 de novembro de 1938).

[91] Pedro Garoupa, residente na Praia de Iracema desde 1925, em entrevista realizada por Solange Schramm, listou alguns desses botequins de madeira, com teto de palha, que existiam na Praia de Iracema, freqüentado por pescadores: "do Ricardo, da Sinhá Garoupa, do Seu Menuco, do Seu Vicente". Solange Schramm, op. cit., p. 91.

[92] Jornal *O Povo*, Fortaleza, 07 de abril de 1941.

[93] O *Unitário*, em 1942, informava, ironicamente, que as regras de conduta do *Jangada Club* eram bastante rígidas e que todo tumulto era reprimido imediatamente, por ordem do diretor. Chega a citar um episódio envolvendo um membro de uma família que veraneava na praia, sem, contudo, ser destacado o fato em jornais, como em alguns casos de jangadeiros. Segundo Bernardo Doré, *A Epopéia dos Jangadeiros*, op. cit., p. 33, raramente nas crônicas policiais há o registro de um jangadeiro como criminoso.

[94] Jornal *A Manhã*, 22 de novembro de 1941.

não registrava jangadeiros como protagonistas desses crimes.[95] Sobre o caráter pacífico dos jangadeiros e a "fraqueza" da pinga e do jogo, escreveu Doré:

> "Passam o dia no mar, lavados da cabeça aos pés, ao refrão das ondas agitadas, enquanto o sol de rachar lhes bate em cheio no rosto e nas mãos. Aos domingos e dias de folga, ficam-se sentados na areia, entre as jangadas, jogando baralho, ou olhando o mar. Bebem sua pinga, lá isso bebem, mas só pra esquentar os ossos; um tiquim de cachaça não faz mal a ninguém!"

Manuel Preto e Jerônimo pareciam apreciar bastante, segundo relatou-me o filho do primeiro, Sr. Bafô. Tatá e Jacaré se abstinham dela, segundo eles próprios declararam a jornalistas, fato confirmado com convicção por seus familiares.[96] As filhas de Jacaré, quando perguntei maliciosamente se o pai tinha muitos amigos na praia, com quem, algumas vezes, tomava um "trago", balançaram a cabeça negativamente, dizendo orgulhosas: "Ele não bebia, não fumava e nem jogava". Quando perguntei se elas lembravam de terem visto outros pescadores bebendo, fumando e jogando, elas disseram que "quem era o pescador que não gostava disso?" Câmara Cascudo, que escreveu sua obra Jangadeiros na década de 1950, tendo como fonte em grande parte sua convivência com pescadores quando criança no Rio Grande do Norte, ressaltou esse aspecto da vivência do pescador, aliado a idéia do "grupo". Para ele, opinião que concordo, o "grupo" é fundamental para esse trabalhador. Ele vai para o mar em grupo de três ou quatro e nas horas de descanso ou lazer é em grupo que gosta de ficar. Nas palavras desse folclorista:

> "Como vive e trabalha em convívio, três e quatro homens, sozinho é um ser incompleto. Não bebe sozinho. Ama o grupo, andando de grupo, conversando com a 'turma'. Se vai beber na bodega espera que outro companheiro chegue para a 'bicada' comum. Pelo menos quer uma testemunha para o seu desfastio. Assisti-lo beber é uma forma do solidarismo jangadeiro."[97]

Mas, além dos rituais organizados da Igreja da Prainha e da ação do Circulo de Operários Católicos, que proporcionava lazer "regrado" às famílias dos pescadores, com sessões de teatro, cinema, etc, tentando afastá-los dos vícios, havia uma entidade que

---

[95] Bernardo Doré, *A Epopéia dos Jangadeiros*, op. cit., p. 33 e 34. Entre os autores desses homicídios, Doré listou: estivadores, carroceiros, operários, carreiros ou pessoas "brigadoras", vindas de outros estados.

[96] Tanto Dona Celsa Gomes e seus filhos Paula e Sady quanto as senhoras Maria e Raimunda, filhas de Jacaré, me afirmaram que Jacaré e Tatá não bebiam.

[97] Câmara Cascudo, *Jangadeiros*, op. cit., p. 32.

prestava assistência mais direta a esses trabalhadores e seus familiares com sede na própria Praia de Iracema, na Rua dos Tabajaras nº 502: a Associação de São Pedro da Praia de Iracema. A ação católica incidiu diretamente sobre os pescadores, seja na transmissão de pregações morais condenando os vícios, dentre eles o da bebida, ou seja, tentando exercer um controle sobre seu cotidiano, especialmente no que se refere ao lazer.

A Associação de São Pedro da Praia de Iracema resultou do desdobramento das ações empreendidas por um uma comissão denominada Associação Capela de São Pedro, composta por um grupo de senhoras e senhoritas da sociedade fortalezense, algumas pertencentes a famílias que possuíam propriedades na Praia de Iracema, tendo em vista coordenar as ações de construção de um templo católico para o bairro. A comissão era composta, segundo o jornal O Estado,[98] de Anita Gentil Barbosa, Brinulfa Martins Cavalcante, Glorinha Pestana Horta e Oda de Lima Menezes, além da senhora Maria Oliveira Holanda, aquela que exerceu a liderança do grupo e que depois se tornou a diretora da entidade por ela idealizada, a referida Associação de São Pedro. As obras da capela foram iniciadas em 1935 e concluídas em 1939, quando já tem início a celebração de missas. A entrega à Arquidiocese de Fortaleza ocorre em princípios de 1940. Para dar cabo a essa iniciativa, esse grupo de mulheres católicas mobilizou uma ampla campanha, conseguindo o apoio material e a isenção fiscal, com a participação de autoridades estaduais e federais, a exemplo do interventor Menezes Pimentel, ministro Waldemar Falcão, Secretário de Segurança do Estado Cordeiro Neto, prefeito Raimundo Araripe, jornalista Luis Sucupira, além de outros. Com o fim das obras, essa comissão, que já mantinha uma escola para os filhos dos pescadores, passa a se denominar juridicamente Associação de São Pedro da Praia de Iracema. Mas a atuação da entidade se ampliava na assistência moral das famílias, dentro do viés da ação católica, além da assistência realizada através de ações caritativas, como doações materiais às famílias em épocas de crise.[99]

A proposta de ação da Associação, coerente com a mentalidade católica vigente naquele momento no país, que será apreciada em outra sessão, fundava-se, em parte, nas ações de caridade pública. À frente da entidade, permaneceu ao longo de sua existência uma senhora formada dentro dos rígidos princípios católicos, com uma grande capacidade de mobilização: a Sra. Mariinha Holanda. A jornalista Ângela Barros Leal,

---

[98] Jornal *O Estado*, Fortaleza, 05 de janeiro de 1941.

[99] Conferir a esse respeito Jornal *O Estado*, Fortaleza, 01 e 05 de janeiro de 1941; Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 02 de janeiro de 1941. Todas as matérias em questão se intitulam *Capela de São Pedro na Praia de Iracema.*

referindo-se a ela,[100] que deu nome a uma das ruas de Fortaleza, ressaltou as ações que desenvolveu junto aos pescadores e demais pobres da Praia de Iracema. Em entrevista com a filha de D. Mariinha, Margarida, a jornalista registrou aquilo que a filha sintetizava como base das ações da mãe: "Dar assistência material aos jangadeiros e suas famílias, cuidando para que tivessem o mínimo de segurança. Queria que os filhos deles recebessem condições de educação, opções além das praias com coqueiros e miséria. Construir um local de assistência espiritual no ponto onde eles moravam." Intitulando a matéria, Ângela Leal designou as ações de D. Mariinha como "Pioneirismo na assistência ao jangadeiro".

Segundo apurou, ainda, a jornalista, Mariinha nasceu em Fortaleza, em 1885, e, após ficar órfã de pai, aos oito anos, passou aos rígidos cuidados das irmãs francesas do Colégio da Imaculada Conceição. Sem concluir o secundário, em virtudes das dificuldades financeiras pelas quais passava a família, a jovem Maria passou a trabalhar em casa, costurando e lavando roupas. Casou-se, em 1908, com o ex-seminarista J. Ricardo de Holanda Júnior, que se destacará na sociedade como um próspero comerciante. Mariinha e Holanda Júnior são referidos pelos jornais dos anos de 1940 como pessoas de destaque da sociedade local, mantendo relações com pessoas influentes, como aquelas que mobilizou para a construção da capela de São Pedro e voltará a mobilizar ainda outras vezes. Reforçando o papel que vai construindo ao longo de sua ação filantrópica junto aos pescadores e necessitados da região, passa a apadrinhar várias crianças da localidade, dentre elas a filha mais nova de Jacaré, Maria, na cerimônia de crisma. Ainda nessa memória, é registrado o depoimento de um delegado local que, atendendo a um "inegável" pedido de D. Mariinha, soltou da prisão, certa vez, um pescador armado de peixeira, "utilizando-a como arma perigosa", diz vagamente o texto. Para fundamentar seu "pedido", D. Marinha teria dito ao delegado, referindo-se ao pescador: "se ele ficar preso não vai pescar, e se ele não pescar não traz comida para a família". A filha Margarida ainda contou à jornalista que ouvira sempre da mãe o conselho de que regateasse preço de tudo, menos do pescado, pois aquele dinheiro iria sustentar uma grande prole.

O nome de Dona Mariinha também está diretamente vinculado aos episódios das viagens dos jangadeiros ao Rio de Janeiro; em 1941, foi referida pelos jornais da época como a "madrinha do raid", denominação também assumida pelos raidmen. Seu contato com os pescadores da São Pedro era bastante estreito, seja pelos vínculos promovidos na escola que abrigava os filhos pequenos, seja pelas ações que

[100] Jornal *O Povo*, Fortaleza, 23 de abril de 1989, Coleção "A história do Ceará passa por essa rua".

continuou a prestar junto à capela de São Pedro, ou seja pela assistência espiritual, moral e, até certo ponto, material, que prestava a esses trabalhadores e seus familiares, selada com o apadrinhamento de muitas crianças filhas de pescadores da região.

Mas há outra figura do cenário da Praia de Iracema dos anos de 1940 que também travou contato estreito e sólido com os jangadeiros da São Pedro, especialmente com Jacaré, e também com Orson Welles, quando ele esteve em Fortaleza, por duas vezes, para filmar os jangadeiros, no ano de 1942. Estou me referindo a Fernando Pinto, um homem de posses, que parecia gozar de um imenso respeito e admiração entre os pescadores, incentivando entre esses e associados do clube de que era diretor, o Jangada Club, na Praia de Iracema, a realização de "regatas", ou competições de jangadas. Participavam dessa atividade desportiva pessoas de destaque da sociedade cearense, ou algum visitante ilustre, como o empresário dos meios de comunicação Assis Chateaubriand, que, em 1939, participou de uma corrida à bordo da jangada comandada por Mestre Jerônimo. O Jangada Club, projetado e construído pelo engenheiro Silvio Jaguaribe Ekman, tinha em seu interior decoração que remetia a cenas da vida dos jangadeiros.

Mas as ações de Fernando Pinto na Praia de Iracema também se caracterizaram pela assistência e amparo material aos pescadores necessitados e seus familiares. Dona Celsa, viúva de Tatá, contou que o marido, todos os meses, ia à casa de uma irmã necessitada, deixar uma ajuda oferecida pelo "amigo" Fernando Pinto. Edmar Morel, citado por Firmino Holanda, ressaltou, em seu livro de memórias, o amparo que ele dava às famílias dos pescadores que morriam no mar. Como D. Mariinha, era também referido como "amigo" dos pescadores, aquela reserva de amparo e auxílio material, mobilizada pelos pescadores em momentos de necessidade maior ou de crise.

Além de Fernando Pinto e Mariinha Holanda, outras pessoas que gozavam de distinção social faziam parte, de algum modo, do cotidiano dos pescadores da Praia de Iracema. É só conferir a lista de padrinhos dos filhos dos pescadores da São Pedro, que salta uma lista imensa de nomes de destaque. O Pe. Francisco Pita, da paróquia da Praia de Iracema, era padrinho de um filho de Jacaré, além do advogado Romeu Martins. Quando perguntei a D. Celsa sobre as pessoas presentes em seu casamento, ela lembrou do nome de seus padrinhos, os patrões Manoel e Celeste Porto, e de Stenio Azevedo, padrinho de Tatá. Não lembrou de nenhum pescador. Segundo me contou, não tinha muitos pescadores porque Tatá não queria divulgar logo o casamento, em virtude do receio de que um antigo

afeto, proprietária de um terreiro de macumba, pudesse realizar algum trabalho que prejudicasse essa nova união.

Por esse círculo de "amigos" protetores que cercavam os pescadores e estabeleciam com eles contato permanente, alimentado por necessidades materiais e simbólicas de ambos, eu avalio que as relações sociais presentes na Praia de Iracema dos anos de 1940 se caracterizava por "um intenso processo de interação entre grupos e segmentos diferenciados", como é próprio das sociedades complexas moderno-contemporâneas.[101] Essa interação baseava-se, em parte, na mobilização de recursos materiais de auxílio às famílias de pescadores, mas, também, na mobilização de conteúdos simbólicos, como a experiência vivenciadas por segmentos do sexo masculino, nas demonstrações de bravura e extrema habilidade dos "mestres pescadores" nas competições de jangadas, por exemplo. É essa "rede de relações", me valendo aqui da acepção de Cliford Geertz,[102] que aprofunda a experiência da circularidade cultural,[103] expressa na canção que dá início a esse capítulo.

IV

A FAMÍLIA, A COLÔNIA...

Excetuando-se esses momentos de descontração dos pescadores, quando, com seus pares, tomavam um trago e palestravam animadamente, o cotidiano dos pescadores era marcado por uma vida extremamente simples. A alimentação da família era composta, prioritariamente, de peixe – aqueles que eram separados, antes da venda de parte do pescado para os intermediários, daqueles destinados ao proprietário da embarcação. Orgulhoso da saúde que até hoje goza, o octogenário Sr. Bafô diz que foi criado com "Cangulo", peixe pescado pelo pai e assado pela mãe na brasa, já que a casa não tinha fogão. No quesito "alimentação", esclareceu Jacaré a um jornalista, no ano da viagem ao Rio de Janeiro:

> "O alimento do pescador é o peixe com farinha. Não há luxo nem variedade. Se, de vez em quando, come uma banana, não sabe mais dizer o

[101] *Cf.* Gilberto Velho, *Projeto e Metamorfose*, op. cit., p. 38 e 39.
[102] Cliford Geertz, *A Interpretação das Culturas*, op. cit.
[103] Sugiro isso levando em consideração a rede de relações dos jangadeiros na Praia de Iracema e na Cidade de Fortaleza, que permite pensar em uma amplificação das condições de *circularidade*.

> gosto que tem. Vamos dizer que o senhor tem dez ou vinte mil réis diários para sustentar uma família de onze pessoas. Imagine tirar quatro ou cinco mil réis para comprar um queijo, uma fruta; não pode ser. Deixa-se para amanhã, e assim vai indo, adiante. Um dia lá 'pega' cinqüenta mil réis e nesse dia compra uma laranja e sente-se rico. Desaperta. Lá uma vez ou outra temos uma verdura. Mas a verdura que o pescador come não é pra sobrar; é 100 réis de verdura pra cada um."

As filhas de Jacaré lembram que, quando o pai tinha algum dinheirinho, comprava algumas frutas. Lembram bem do pai chegando em casa com mangas. A avó, Mãe Maria, e o pai, do "Rio Grande", apreciavam as frutas e, quando davam, comiam algumas. Do peixe, cozido ou mesmo torrado, recordam o pirão que a mãe preparava como acompanhamento. Na época da viagem, entretanto, esse cotidiano alimentar mudou um pouco, em virtude das ofertas de pão e outros produtos que iam buscar na casa de Tatá, proveniente das doações feitas por particulares ou por estabelecimentos comerciais em apoio ao raid.

As mulheres e filhas dos pescadores auxiliavam os maridos em atividades feitas dentro da casa ou nos arredores próximos, seja produzindo "rendas", lavando roupa para fora, costurando a roupa da família, ou cuidando da farta prole que nascia a cada ano, fazendo enfim, "ajudamento de mulher", como disse Jacaré ao repórter do jornal A Manhã, do Rio de Janeiro. Os dois filmes produzidos sobre jangadeiros nos anos de 1940, A Jangada voltou só e A Viagem dos Jangadeiros [The Trip of the Jangadeiros],[104] mostram o trabalho dessas rendeiras, realizado na beira da praia. Dada a situação particular da Praia de Iracema, onde as palhoças dos pescadores estavam distantes da beira mar, o ambiente retratado no filme pode ser encontrado nas praias vizinhas e não na Praia de Iracema.[105] As "rendinhas" feitas pelas mulheres dos pescadores e por suas filhas também já haviam se afastado do mar.[106]

Dona Maria, filha de Jacaré, com cerca de 10 anos em 1941, lembra que o pai era muito caseiro; quando não estava em casa, estava no mar, pescando com os companheiros, ou na colônia, decidindo algo importante para a comunidade. Em casa, sempre estava atento às tarefas dos filhos, cobrando que estudassem. O pai sonhava e

---

[104] Falarei detalhadamente sobre esses filmes, de Rui Santos e Orson Welles, mais adiante. Cabe ressaltar que utilizarei, daqui para diante, esse título para o episódio sobre os jangadeiros da *São Pedro* filmado por Orson Welles. Na montagem de 1993, o título foi alterado para *Quatro Homens em uma Jangada* [*Four Men in a raft*].

[105] Na verdade, esse era o panorama, ainda nos anos de 1940, da Praia do Mucuripe. *Cf.* Blanchard Girão, *Mucuripe*, op. cit. Falarei sobre as rendeiras do Mucuripe mais adiante.

[106] *Cf.* a esse respeito Câmara Cascudo, *Jangadeiros*, op. cit., p. 43 e 44.

revelava seu sonho de que um dia os filhos "se formassem". Das brincadeiras de criança, D. Maria lembra pouco, mas não esquece de como brincavam com o pai, de "esconde-esconde". Já o Sr. Bafô lembra muito da vida de menino, brincando de "cabicinha"[107] com Francisco, o filho mais velho de Jacaré. Recorda, ainda, que "vivia na praia, e sempre esperava o pai chegar da pescaria, para lhe pedir: papai me dê um peixe, pai me dê um peixe aí pra eu vender". O pai Manuel Preto lhe dava um "Cangulo" grande, que o menino, aprendiz de comerciante,[108] vendia "por dois, três, [tos]toes". Também não esquece as brincadeiras de "casamento", quando as meninas varriam o terreiro, próximo das palhoças, onde haviam algumas árvores, e os meninos iam atrás das meninas, para casar e depois iam "dormir", "aquele negócio", simplificava malicioso o "danisco Bafô". A liberdade do menino, brincando livre e solto na Praia de Iracema, é revivida por Sr. Bafo, inclusive no confronto infantil com as donas das casas, que praguejavam quando suas "arraias" ficavam presas nos telhados:

> "Eu era muito 'danisco', garotinho de 6 a 8 anos, eu era muito 'danisco', aí aqueles meninos ia brincar, aí ....essas arraia enganchavam na telha e aquelas donas de casa (risos) diziam assim: 'diabo desse nego do Mané Preto, diabo! Ô nego danado, diabo, vou colocar uma praga pra tu: o teu fim a de ser a Marinha, diabo...o teu fim é de ser a Marinha'."

Dos quatro pescadores, era Jacaré que tinha a maior prole, até 1942, quando nasceu o último, Pedro, talvez uma homenagem ao padroeiro dos pescadores ou a jangada que os levou pela primeira vez ao Rio de Janeiro, e teve um total de nove rebentos; a pequena Chiquinha, entretanto, morreu ainda criança. O mais velho, Francisco, companheiro das traquinagens a beira mar com o menino Bafô, tinha cerca de 13 anos na época da viagem de 1941. Os três filhos mais velhos de Jacaré, Francisco, Maria e José, nasceram em Caponga, praia onde residia com a esposa Josefina, até transferir-se para a Praia de Iracema, onde nasceram as outras seis crianças: Raimunda, Francisca, Joaquim, Maria José, Raimundo, Pedro. Mas cuidar de uma família grande já não era novidade para Jacaré, pois, quando o pai morreu, em uma pescaria, ele teve que assumir a família de doze pessoas, com dezessete anos de idade. Nas suas palavras, ditas ao repórter de A Manhã, o irmão mais velho "não tinha cabeça" pra assumir a responsabilidade, que ficou mesmo em suas mãos. Antes de vir para Caponga com os pais e os irmãos, Jacaré residia na praia de Jacaé, no município de Touros, no Rio Grande do Norte.

---

[107] "Cabicinha" era uma brincadeira de bolinhas de gude.

[108] Sr Bafô trabalhou como peixeiro, comerciante de peixe. Orgulha-se de retirar as espinhas de um peixe sem despedaçá-lo.

A morte do pai, em um "dia que foi pro mar e não voltou mais", quando caiu um terrível temporal, parece ter ficado gravada para sempre na sua memória. Na sua recordação, o mar, naquela ocasião, "parecia que ia pegar fogo". Mas, longe de causar um "trauma", no sentido psicológico, as mortes do avô e do pai não se constituíam em um evento extraordinário. O "fantasma" da morte no mar rondava – e ainda ronda – os pescadores desde sempre, como algo que temem, mas que parece exercer uma atração irresistível; afinal, é em parte por conta desse "fantasma" que o culto à coragem e ao destemor do pescador faz parte da formação identitária da comunidade. A pescaria no mar não é apenas o local de onde tiram o sustento material; é, principalmente, o local onde enfrentam corpo-a-corpo os riscos da profissão, as feras marinhas, as tormentas e a ameaça da morte. Bernardo Doré, referindo-se à definitiva introdução de Mestre Jerônimo no mar, se apercebendo dos riscos da pescaria, e orgulhoso por isso, escreveu que "no dia em que lhe deram a roupa engrossada com tinta de cajueiro, foi como se lhe tivessem dado o diploma de homem. Ficou cheio de si!"[109]

Manuel Preto também, desde criança, em Barra Nova, praia do litoral leste cearense, ainda muito pequeno, com cerca de seis anos, ajudava os mais velhos na pescaria, seja puxando as linhas ou na hora das refeições. Em seu relato ao jornalista do Diário da Noite, não se referiu ao pai, apenas a "jangadeiros" que acompanhava no mar. Pode ser que tenha ficado órfão ainda pequeno ou não vivesse com o pai, sendo, por isso, introduzido no ofício pelos mais velhos da comunidade. Jacaré contou ao jornalista que essa era uma forma de amparo aos órfãos que perambulavam e brincavam pela praia, na miséria, pedindo ajuda, aprendendo, mais cedo do que o habitual, o ofício de onde poderiam tirar o sustento. Disse isso depois de relatar que a lei proibia que crianças menores de doze anos fossem levadas ao mar, mas me parece que, apesar de Jacaré demonstrar um certo respeito e admiração pelo universo das "leis", essas eram as regras da "comunidade", ditadas pelo costume e por necessidades reais que sustentavam a prática. Mas, voltando a Manuel Preto, na época da viagem de 1941, ele possuía três filhos: Irismar, com 17 anos, e José, com 13, além da filha adotiva Dulcinéia, com três anos. Os filhos, contou-me Sr. Bafô, como os de Jacaré, nasceram todos em casa, auxiliados pela parteira do lugar, uma "velha caximbeira".[110]

---

[109] Bernardo Doré, *A Epopéia dos Jangadeiros*, op. cit., p. 22.
[110] As filhas de Jacaré, Maria e Raimunda, também usam a mesma expressão para descrever a parteira.

Jerônimo tinha quatro filhos: Maria, 13 anos, Maria Francisca e José Maria, com 9 anos, e Maria do Carmo, com 5 anos. Vivia com suas Marias[111] em um barracão na beira mar da Praia do Meireles.[112]

Tatá, o mais velho do grupo, nascido em 1888, tinha tido até aquela época apenas duas filhas, Antônia, de 24 anos, e Raimunda, de 22 anos. Dona Celsa, a última esposa, ouviu do marido algumas interessantes histórias de família. Segundo ela, o marido vem de uma família branca, de posses, originada de Mundaú. O avô de Tatá era dono de jangadas e de sítios. Mas, tendo o pai de Tatá se amasiado com uma "pretinha", foi deserdado. Dona Celsa ouvira da filha de Tatá, que às vezes ouviu a avó, "a bela pretinha", falar línguas que ninguém conhecia, "porque ela era descendente de africanos.

Mas além do agrupamento familiar, dos amigos "graúdos" da cidade, dos atravessadores, dos proprietários de jangada e dos companheiros de pescaria, os jangadeiros, a exemplo de Jacaré, Tatá, Manuel Preto e Jerônimo, viviam no círculo de seus parceiros de profissão, em terra, aqueles a quem Jacaré chamará, durante a viagem de 1941, de "irmãos de palhoça e de sofrimento". Alguns desses eram seus companheiros de Colônia, a Z-1 – Jerônimo, como já falei, era filiado à colônia do Mucuripe, a Z-2. Tudo me leva a crer, que, nessa época, a colônia representava uma instância importante na vida e sociabilidade dos pescadores da Praia de Iracema. Jacaré assumiu a diretoria da Z-1 em 1939 e, segundo ele contou ao repórter de A Manhã, com uma dívida de 1.000$000. A Colônia, sediada na época em Altamira, possuía duas escolas: a Almirante Barroso, diurna, e a Almirante Bacelar, noturna. Segundo Dona Lyrisse Porto,[113] professora da escola da Colônia, em 1939, a casa onde funcionava a Colônia era alugada, uma casa velha, mas ampla, com três salões, sendo um deles bem grande e um quintal, onde as crianças brincavam.

A criação dessas colônias de pescadores ocorreu na segunda década do século XX e estava diretamente vinculada a necessidade de garantir a posse das áreas litorâneas, consideradas como terrenos de Marinha e a defesa da costa brasileira, contra

---

[111] Jerônimo enviuvou duas vezes e casou três. A última esposa, também Maria, vive com alguns de seus filhos em um morro depois da ponta do Mucuripe, Castelo Encantado, para onde foram afastados muitos pescadores que viviam anteriormente na beira da praia.

[112] Dona Celsa, que conviveu diretamente com Jerônimo, primo do marido Tatá, diz que, na época, ele morava no Mucuripe, bem na "rua da frente". Quando a Prefeitura resolveu construir a Avenida Beira Mar (atual cartão postal da cidade), Jerônimo foi morar em uma rua mais acima, uma casa afastada do mar, fato que desgostou imensamente o velho pescador.

[113] Entrevistei Dona Lyrisse Porto no Teatro São José, onde desenvolve um trabalho social com idosos e dirige o Museu do Maracatu. Ela trabalhou como professora da Colônia Z-1.

eventuais investidas estrangeiras.[114] Além disso, havia a intenção de organizar as aglomerações isoladas de pescadores, incrementar e nacionalizar a atividade da pesca.[115] Para Maria do Céu,[116] essa investida sobre as áreas litorâneas e o aproveitamento dos pescadores como "reserva estratégica da nação", já que conhecedores maiores da zona costeira brasileira, pode ser considerada como "uma questão geoestratégica nacional", pois tratava-se de proteger e garantir efetivamente a posse do território nacional. Foi baseado nesses objetivos, "criar pontos de fiscalização e vigilância na costa brasileira e de defesa nacional",[117] que o governo brasileiro organizou uma missão de reconhecimento do litoral brasileiro, do Cabo Orange ao Chuí. Tal missão, realizada entre 1919 e 1923, foi denominada Missão do Cruzador José Bonifácio e foi coordenada pelo Comandante Frederico Vilar, criador das Colônias de Pescadores do Brasil.

As primeiras colônias de pescadores do Brasil foram fundadas em 1919, pela Marinha de Guerra, sob o lema positivista Pátria e Dever.[118] As colônias, segundo o primeiro estatuto, de janeiro de 1923, eram "agrupamento de pescadores ou agregados associativos".[119] Para exerceram a profissão, os pescadores de todo o país tinham que se associar às colônias existentes nas localidades onde residiam e trabalhavam, ou nas proximidades. Essas colônias eram subordinadas à Federações locais que, por sua vez, submetiam-se à Confederação dos Pescadores do Brasil, cuja criação é de 1920. No pós-1930, até o fim do primeiro governo Vargas, algumas modificações significativas ocorrem na estrutura administrativa dos pescadores. Em 1932, se dá a criação da Divisão e logo depois Serviço de Caça e Pesca, vinculado ao Ministério da Agricultura. Em 1933, são criados o Código de Pesca e a Caixa de Crédito dos pescadores e armadores de pesca, um ensaio de financiamento da atividade, tendo em vista o seu incremento. Em 1942, as Colônias passam novamente a se vincular ao Ministério da Marinha, subordinando-se às Capitanias de Portos; no que concerne ao aparato técnico e ao financiamento, entretanto, ainda permanecem submetidas ao Ministério da Agricultura. Em 1938, questões

---

[114] Desde 19 de maio de 1846, através da lei nº 447, os pescadores estavam divididos em *Distritos de Pesca*, sob a tutela administrativa da Marinha. Em 1912, essa função administrativa passa para o Ministério da Agricultura, retornando cinco anos depois para a Marinha. *Cf.* [http://www.seag.es.gov.br/pesca.htm].

[115] Ver sobre isso Antônio Carlos Diegues, *Povos e Mares*, op. cit., p. 121.

[116] A geógrafa Maria do Céu de Lima (*Comunidades Pesqueiras Marítimas no Ceará*, op. cit.), faz uma interessante discussão sobre a estruturação das colônias de pescadores e as transformações pelas quais foram passando ao longo de sua existência. Interessa, em seu estudo, dentre outras coisas, situar a luta dos pescadores artesanais em conhecer mais e retomar a direção dessas entidades.

[117] *Cf.* [http://www.seag.es.gov.br/pesca.htm].

[118] Esses dados foram extraídos de Sérgio Cardoso de Morais, *Colônia de Pescadores e a luta por cidadania*. In: X Congresso Brasileiro de Sociologia, 2001, Fortaleza-CE. Anais do X Congresso Brasileiro de Sociologia, 2001. p. 39-39.

[119] Avisos n. 194 e 568, In [http://www.seag.es.gov.br/pesca.htm].

relacionadas aos interesses dos pescadores e armadores de pesca, no que se refere às leis de Previdência Social, são debatidas entre os ministérios da Agricultura e Trabalho.[120] Nesses debates, já se vislumbravam esses interesses em relação à Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos, questão não solucionada, mesmo com a transformação dessas caixas em institutos. Mas a mais significativa medida desse período é a criação da Comissão Executiva da Pesca, em 1943, encarregada de organizar cooperativamente a atividade da pesca. Mostrarei mais adiante que essa medida tem relação direta com a viagem dos jangadeiros, ocorrida em 1941, e com seus desdobramentos.

Quero sublinhar que, para os jangadeiros da São Pedro, a importância da Colônia não se devia apenas ao seu caráter corporativo, como espaço de sociabilidade e de assistência, mas um instrumento legítimo de representação de seus interesses. Já em 1939, ano em que Jacaré assumiu a presidência da Z-1, mais de cem pescadores percorreram as redações de jornais da cidade, pedindo o apoio da imprensa no sentido de apelar às autoridades municipais para reverter uma determinação sobre a venda do pescado.[121] No entendimento desses pescadores, a tal determinação contrariava seus interesses, deixando-os ainda mais "cativos" dos atravessadores. Esse expediente legal, de fato, fixava um preço para o pescado, bem como a proibição da venda do produto fora dos mercados municipais. A única exceção seria para aquelas jangadas que chegassem na praia à noite. Mas, mesmo nesses casos, o peixe não poderia ser vendido na praia, apenas por ambulantes. Segundo nota da Prefeitura Municipal de Fortaleza, publicada no Unitário, houve uma reunião no gabinete do prefeito para se chegar a tal tabela, com a presença de lideranças das colônias de pescadores.

Mas, antes mesmo da data prevista para a tal medida entrar em vigor, 19 de abril de 1939, os pescadores reagiram a ela, procurando sensibilizar a opinião pública através da imprensa. Os jornais O Povo e Unitário reproduziram matérias enfocando o tema, acompanhadas de foto com "numeroso grupo de pescadores". Segundo explica o redator do Unitário, os pescadores aceitavam a tabela fixada, mas discordavam:

> "(...) da medida que lhes extorquiu a liberdade de comércio, e que vem afetar profundamente à economia particular de cada um. Afirmam que a ação da policia tem manifestado alem da energia, a ponto de não permitir que um pescador forneça um peixe a um amigo, mesmo gratuitamente. Pedem, por tudo isto, que a prefeitura determine a venda livre do peixe,

[120] Jornal *O Povo*, Fortaleza, 23 de fevereiro de 1938.
[121] Jacaré disse ao jornalista de *A Manhã* que a Z-1 possuía cerca de trezentos associados.

para que os marchantes interessados não venham a explorar o produto do trabalho que eles, os pescadores, desenvolveram."

Além de dirigirem-se às autoridades municipais, os pescadores da Z-1 apelaram para o conterrâneo Waldemar Falcão, que naquela época estava à frente do Ministério do Trabalho. Sensibilizado com o protesto dos jangadeiros, o repórter de O Povo esclarece ao leitor que a medida visou apenas atender aos interesses dos consumidores, sendo os principais beneficiados, no final das contas, os atravessadores. Ainda em sua compreensão, o jornalista sugere que, no "antigo sistema", de "venda livre", o pescador poderia vender um pouco do pescado diretamente, na beira da praia, sem ter que entregar tudo aos comerciantes.[122]

Interessante observar que esses trabalhadores, a exemplo do que observou o historiador E. P. Thompson em relação aos camponeses ingleses do período pré-industrial,[123] protestavam amparados pela idéia de uma referência moral, fundamentada no trabalho e na comunidade, que por sua vez remetia a um costume de que não queriam abrir mão. Sabiam utilizar essa estratégia quando a nova "lei" contrariava seus interesses. Na base dessa argumentação, como um capital simbólico[124] a seu dispor, estava a condição de trabalhador miserável, explorado, apesar da sua bravura enfrentando o mar em busca de seu sustento e de seus familiares. Era esse seu trunfo, que os pescadores utilizavam com muita habilidade, nas estratégias de luta, protesto e pressão que desenvolviam. O repórter de O Povo aceitou a argumentação e o protesto dos pescadores, tanto que colocou em questão os interesses dos "consumidores", dentre os quais se incluía, que não podiam contrariar os interesses maiores dos "trabalhadores do mar".

Mas, como ainda nos lembra Thompson, "o costume também pode ser visto como um lugar de conflito de classes".[125] Ora, o que estava pairando por trás da determinação oficial da prefeitura era o clamor das classes elegantes de Fortaleza, em grande parte usufruindo dos "verdes mares bravios" e das belezas da Praia de Iracema, em favor de um ambiente higiênico e seguro nas redondezas de suas casas de praia. Não queriam conviver, em seus dias de lazer, com cheiro de vísceras de peixe, pedaços

---

[122] Jornal *Unitário*, Fortaleza, 04 de abril de 1939, p. 5; Jornal *O Povo*, Fortaleza, 10 de abril de 1939. O título da matéria era: *Queixam-se os pescadores: cativos dos intermediários, não podem vender o produto de seus labores*; Jornal *Unitário*, Fortaleza, 10 de abril de 1939, p. 1. O título da matéria era: *Um apelo dos pescadores: em nossa redação uma comissão da Colônia Z-1. Pleiteando a venda livre do peixe.*

[123] E. P. Thompson, *Costumes em comum*, op. cit., p. 149.

[124] Estou utilizando essa noção de Pierre Bourdieu, em *O Poder Simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.

[125] E. P. Thompson, *Costumes em comum*, op. cit., p. 95.

apodrecidos e pescadores alcoolizados na beira mar. Os pescadores, de fato, até poderiam permanecer, pois enfeitavam, com suas jangadas à vela, a paisagem da praia. Mas, o cheiro do comércio de peixe era demasiado ostensivo para os narizes elegantes dos moradores e veranistas da antiga Praia do Peixe, remetendo a uma convivência nem sempre agradável.

Os jangadeiros da São Pedro, em 1939, já ensaiavam formas de protesto pela imprensa. Ao invés de incorporarem e se conformarem com alguns estereótipos que lhes eram dirigidos, inclusive, nas sessões policiais dos jornais de Fortaleza, passaram a se utilizar, cada vez mais, da imprensa como forma de dar visibilidade a sua luta. Mas, é na(s) viagem(s) de jangada mar a fora que acharão a melhor forma de fazer ecoar suas vozes, vozes de denúncia, de protesto enfim...

CAPÍTULO II

"SOMOS MENSAGEIROS DOS PESCADORES DE TODO O NORTE": O APRENDIZADO DE CLASSE

I

O SONHO DE JACARÉ E O PROJETO DA VIAGEM À CAPITAL FEDERAL

Quando, em 1939, Manuel Olimpio Meira, o Jacaré, assumiu a presidência da Colônia Z-1 da Praia de Iracema, a mais importante do Ceará, já exercia alguma liderança entre os pescadores das redondezas. É nesse ano que resolveu procurar a jovem professora da escola das crianças, na própria colônia, e revelar-lhe um sonho: queria aprender a ler e escrever para viajar até ao Rio de Janeiro falar com o presidente Vargas em nome dos pescadores cearenses. A professora, que já nutria grande admiração pela figura deste jangadeiro, em especial por sua capacidade de liderança e inteligência, resolveu ajudar o pescador e, durante dois anos, investiu em sua alfabetização.[126]

Tomando como ponto de partida o projeto da viagem e a intenção de alfabetizar-se, pretendo discutir as possíveis motivações de Jacaré, depois assumidas por Jerônimo, Mané Preto e Tatá, para ir até o presidente Vargas e, ainda, o sentido que o jangadeiro atribuiu à necessidade de alfabetizar-se. Procuro, portanto, compreender a cultura política dos pescadores cearenses, através do desenrolar do projeto de irem se entender com o ditador Getúlio Vargas. Um projeto, no sentindo de uma "conduta organizada para atingir finalidades específicas", em que, através da leitura ou qualquer forma de negociação com a realidade, escolhendo as melhores ou as opções possíveis, os homens orientam suas ações para atingir certos fins.[127] Assim, cabe indagar, em primeiro lugar, o sentido emprestado por Jacaré à necessidade de aquisição do letramento e sua relação com o projeto maior da viagem.

É certo que o cargo de presidente da colônia, entidade de caráter associativo e de agrupamento de pescadores, também exigia o domínio da escrita. Apesar das

[126] Entrevista realizada, em junho de 2001 com a Srª. Lyrice Porto, antiga professora da Colônia Z-1.
[127] Gilberto Velho, *Projeto e Metamorfose*, op. cit., p.28.

limitações de ação da colônia, ela tinha uma estrutura administrativa e uma rotina de funcionamento que demandavam não só habilidade para a coordenação baseada na oralidade, mas também na escrita. Mas, pelas palavras da professora das crianças, Jacaré relacionou o domínio dessa habilidade primordialmente à realização do sonho da viagem à capital federal.

Essa parece ser a primeira iniciativa de Jacaré para concretizar seu projeto, tomada dois anos antes de concretizar-se o raid. Porque o domínio da leitura e da escrita era condição vislumbrada por Jacaré para a viagem? Uma hipótese possível, e demonstrada na pesquisa, é que ele tinha a intenção de narrar a viagem, o que me leva a enxergar nessa intenção uma certa consciência histórica. Ele entendia que aquela viagem extrapolaria de importância a época em que se realizaria, ficaria "para a história"; portanto, necessitava de registro que a documentasse.

Os pescadores da Praia de Iracema circulavam por vários ambientes, estabelecendo uma ampla rede de relações, com autoridades civis, religiosas, políticas e intelectuais. Jacaré, particularmente, era curioso e gostava de sempre estar informado. As notícias circulavam de boca em boca, havia um clima de euforia naquele momento, fartamente alimentado pelas propagandas oficiais da ditadura de Vargas. Se os opositores ao regime eram silenciados pela repressão, o entusiasmo com o projeto nacionalista de Vargas tinha amplo espaço de disseminação.[128]

Dentre essas notícias que ecoavam da Capital Federal para o Ceará, uma parece ter despertado grande admiração entre os jangadeiros. Trata-se da criação, iniciada em 1939, da Escola de Pesca Darcy Vargas, na Ilha de Marambaia, estado do Rio de Janeiro. A criação da escola foi iniciativa do grupo católico "Abrigo do Cristo Redentor", que já desenvolvia obras assistencialistas na capital e foi encampada pelo Governo Federal como "Escola Padrão".[129] Em publicação da Imprensa Oficial, de 1942, se vê estampada na primeira página a fotografia da primeira-dama do País, homenageada ao dar nome à escola, com os seguintes dizeres: "Exma. Senhora Darcy Vargas – Patrona e Benfeitora Máxima do Pescador no Brasil". Em seguida, a fotografia do presidente Vargas, em trajes claros, bem mais informais que o da esposa, com chapéu de operário, o costumeiro charuto e escrito em baixo: "Presidente Getúlio Vargas, protetor máximo do pescador brasileiro".[130]

---

[128] Maria Helena Capelato (*Multidões em Cena*, op. cit.) detalha os diversos meios, estratégias e o alcance da propaganda estatal no período do Estado Novo.

[129] O *Abrigo do Cristo Redentor* era uma "Sociedade Filantrópica de amparo a mendigos e menores abandonados, criada em 1936 por Levi Miranda". Getúlio Vargas, *Diário*, op. cit., p. 621.

[130] MARAMBAIA: *Escola de Pesca Darcy Vargas.* Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1942.

O propósito da escola, pelo que se depreende do referido texto, era preparar técnica e moralmente os filhos dos pescadores brasileiros, fornecendo-lhes, ao mesmo tempo, ensinamentos das mais modernas técnicas de pesca e noções de moral e civismo. O conteúdo a ser transmitido aos alunos era dividido em três áreas: Disciplinas de Cultura Geral (Português, Matemática, Ciências Físicas e Naturais, Geografia do Brasil e História do Brasil), Disciplinas de Cultura Técnica (Tecnologia, noções de Meteorologia, conservação e preparo do pescado, etc) e Disciplina Educativas (Educação Religiosa, Educação Física, Educação Musical e Educação pré-militar).

O projeto da escola era ambicioso, com ênfase na formação de caráter mais prático, adequando-se ao projeto nacionalista do Estado Novo. Nessa publicação da Imprensa Nacional, há uma descrição detalhada do conteúdo de cada disciplina, como também orientações sobre atividades a serem propostas aos educandos. À disciplina de História do Brasil, por exemplo, cabia propiciar, segundo o próprio texto, a "integração do adolescente na comunidade nacional", o que se daria com o conhecimento de seus "deveres para com a Pátria" e dos "exemplos de amor e de sacrifício pela nacionalidade, de que foram capazes os nossos maiores". A ênfase recaía, como era de se esperar, nas datas cívicas.

Pelo que consta da publicação oficial, também no quesito "instalações" a escola se adequava às exigências pedagógicas de uma moderna escola profissional, constituindo: dormitórios, refeitório, salas de aula, sala de jogos, biblioteca, barbearia, "Bairro Industrial" e a Aldeia de Pescadores, dentre outros. Se a realidade da escola Darcy Vargas correspondeu minimamente a essa propaganda oficial, deve ter provocado nos pescadores brasileiros e em seus filhos grande admiração, já que contrastava radicalmente com a vida miserável que levavam em seus locais de origem.

O sonho de Jacaré de ir ao Rio de Janeiro foi re-alimentado, então, com as notícias da Escola de Pesca, surgindo daí a idéia de viajar em uma jangada de piúba e doá-la a primeira-dama a fim de ornamentar a fachada da Escola de Pesca Darcy Vargas. Aliás, essa pretensão parece ter sido bastante estimulada pela presidente da Associação de São Pedro da Praia de Iracema, Sra. Mariinha Holanda.

Outra hipótese que também defendo, tanto para explicar a necessidade de letramento, como as motivações para o enfrentamento de uma viagem tão longa e arriscada, é que, na leitura dos pescadores cearenses, se estaria vivendo um momento diferente na história do país, um momento em que iniciativas políticas eram expressas em leis, que era preciso serem compreendidas. Essas promessas, segundo eles, agora eram

cumpridas, desde que o presidente tomasse conhecimento das necessidades dos trabalhadores. Toda a propaganda política em torno da figura paternal de Vargas, personificando o poder em suas qualidades morais e políticas, eram compreendidas pelos pescadores como uma real possibilidade de negociação direta com o presidente.

Mas é possível afirmar que Jacaré e seus três companheiros de Fortaleza conheciam os "direitos sociais" implementados no governo Vargas? Seria atrás desses "direitos" que se arriscavam até a Capital Federal? Em vários momentos da viagem, quando falavam aos jornalistas, os jangadeiros deram pistas de que tinham conhecimento das realizações do governo Vargas no campo das leis sociais de amparo aos trabalhadores, além da encampação da Escola de Marambaia. Na Bahia, onde estiveram por quatro dias, um jornalista local afirmou que:

> "Amparo do governo para a classe dos pescadores.
> Manoel Olimpio Meira, presidente da colônia Z-1 do Ceará e os seus três amigos são entusiastas da obra social do Sr. Getúlio Vargas. Sabem que o governo amparou o operariado com a regulamentação do trabalho, salário mínimo e tantos outros benefícios. O pescador está mais ou menos desajudado da proteção do poder público. Um abaixo assinado era cousa sujeita a protocolos. Demorava muito. Daí a idéia de irem pessoalmente até o chefe da nação."[131]

Eram os jornalistas que sistematizavam as demandas e o entendimento dos pescadores como "direitos sociais"; no entanto, é possível sugerir que esses pescadores possuíam uma noção razoavelmente clara, já naquele momento, de que havia, de fato, direitos a serem reconhecidos. É claro que, com a viagem, essa consciência ficou mais elaborada. Ainda na Bahia, esboçaram essas primeiras idéias aos repórteres:

> "Vamos pedir amparo para os pescadores humildes do Brasil que pagam 2 mil reais mensais às Colônias de pesca e não recebem nenhum direito em troca. Trabalhamos dia e noite. Não temos direito a aposentadoria, a férias, nem nada! Quando Deus ajuda e pescamos alguma coisa, ficamos satisfeitos, porque podemos alimentar nossos filhos.Mas, si o mar não der, temos é que passar necessidades. Si caímos doentes, pior. Estamos certos – arremataram os valentes rapazes – de que seremos atendidos pelo Dr. Getulio Vargas. Ele é um grande homem e muito justo." (grifos meus)

Perpassa essas palavras, provavelmente de Jacaré, a noção de injustiça, presente no ato de pagar a Colônia e não obter nada em troca, ou seja, qualquer tipo de

[131] Jornal *A Tarde*. Salvador, 17 de outubro de 1941, p.1.

amparo. Reconhecem o Estado como a instituição capaz de fazer justiça, isso através da figura do Presidente, alguém acima de tudo "justo".[132] O interessante é perceber se delineando aí a vinculação dessa noção de direito com a condição de trabalhador incansável – "trabalhamos dia e noite" – inteiramente coerente com o ideário trabalhista veiculado pela ideologia estatal.

II
OS PADRINHOS DO RAID: A ORGANIZAÇÃO DA VIAGEM

Se, dentro de um campo de possibilidades, no qual as alternativas extraídas do mundo social acionam o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura,[133] a hora se apresentava como propícia para por em prática o sonho de Jacaré e de seus companheiros de profissão e de miséria, faltava estruturar a viagem, o que demandava um alto custo, seja para financiar o deslocamento até a Capital da República, seja para sustentar a extensa prole que ficaria no Ceará, enquanto os provedores estivessem fora. Jacaré afirmava que durante três anos ele e os seus companheiros alimentaram a idéia de ir falar diretamente com o Presidente Vargas e, numa tarde daquele ano, uma quarta-feira, dia de folga da pesca, debaixo dos coqueiros da Praia de Iracema, "estudando a situação atual da classe dos pescadores", eles chegaram à conclusão que o momento havia chegado.

Segundo esse mesmo depoimento, depois de decidida a viagem, decidiram procurar "pessoas amigas" do lugar a fim de receberem sugestões. Para os gastos preliminares, se valeram de 500$000 (quinhentos mil reis) ofertados por um membro da alta administração da empresa cearense Brasil Oiticica. Entre os "amigos", constavam jornalistas dos Diários Associados, que após ouvir a intenção dos pescadores, decidiram apoiar a viagem através de um "patrocínio jornalístico". Entendendo a seriedade das denúncias a serem feitas ao Presidente da República, que atacavam diretamente a Federação dos Pescadores do Ceará, esses jornalistas aconselharam os pescadores a nada

[132] Essas idéias em torno da noção de justiça e da legitimidade das reivindicações da categoria dos pobres pescadores brasileiros estiveram sempre presentes na fala dos quatro pescadores, em especial Jacaré, o "orador" da São Pedro, a exemplo do que observou Jorge Ferreira a partir das cartas enviadas por trabalhadores brasileiros ao Presidente da República. (Jorge Ferreira. *Trabalhadores do Brasil*, op.cit., p.41)

[133] Gilberto Velho. *Projeto e Metamorfose*, op. cit.

revelar sobre isso até chegarem no Rio de Janeiro. O próprio jornal também não revelaria nada até que tudo fosse dito ao Presidente.[134]

Como já referi acima, os jangadeiros decidiram ir até o presidente de jangada, a embarcação que utilizavam no seu cotidiano no mar e que sabiam ser do interesse da primeira-dama do País possuir, a fim de ornamentar a Escola de Marambaia. Ora, a leitura que fizeram do campo de possibilidades que se colocava para a efetivação de suas demandas foi engenhosa e perspicaz, demonstrando que faziam alguma idéia do efeito simbólico que uma viagem de jangada causaria. Eles também achavam que, através dela, poderiam "demonstrar a coragem e o arrojo" dos jangadeiros cearenses,[135] correspondendo, assim, à representação da figura do trabalhador na ótica do Estado Novo.

Por coincidência ou não, o periódico carioca O Jornal publicara, dias antes de anunciada a viagem dos quatro pescadores, uma sugestiva matéria intitulada "A jangada tem seus problemas", de autoria de Mauricio de Assis, que exaltava o papel representado por essa embarcação para os milhares de pescadores do nordeste do Brasil.[136] Aqui se chamava a atenção para o fato de que a jangada, sendo elemento constantemente referido de modo romântico pela literatura, era, na verdade, um instrumento de trabalho ao qual o pescador estava preso até a morte. A dita matéria fornecia, ainda, dados sobre os pescadores no Ceará e suas respectivas colônias de pesca. Aproveitava, ainda, para denunciar a venda insalubre de peixe sem fiscalização, o que beneficiava os intermediários. Vale a pena conferir o tom desse texto, que reforçava a importância simbólica que uma viagem de jangada representaria nesse momento e, de certo modo, antecipava à opinião pública a viagem a ser realizada pelos pescadores cearenses.[137]

> "Conhece-se a jangada como ornamento da paisagem, como fonte de poesia, como símbolo da indomável vocação do nordestino para a liberdade e até mesmo como cenário ideal para idílios na praia, em noites de luar, junto aos verdes mares bravios. Coberta de flores de retórica, a jangada

---

[134] Em matéria intitulada "Quais são os ladrões: Impõe-se um inquérito para apurar as gravíssimas acusações de Jacaré", de 25 de novembro de 1941, última página, o jornalista do *Correio do Ceará* esclarece essas questões, dizendo estar revelando a "história secreta do *raid*".

[135] Jornal *Correio do Ceará.* Fortaleza, 21 de agosto de 1941, p. 5.

[136] Reproduzido no Jornal *Unitário* (Fortaleza, 10 de agosto de 1941, p. 4). O autor da matéria escreve posteriormente outra, "Meus amigos os Jangadeiros", em que relaciona as questões que levantava às denuncias a serem feitas pelos quatro pescadores da *São Pedro* ao presidente Vargas.

[137] Essa matéria é referida em outro momento do jornal *Unitário*, justamente para reforçar o argumento do jornalista cearense sobre a importância do *raid. A*lguns desses jornalistas cearenses que trabalhavam nos Diários Associados da Capital Federal enviaram uma carta aos pescadores cearenses, publicada no *Unitário* (Fortaleza, 14 de setembro de 1941), com o título "Mensagem aos jangadeiros", apoiando e estimulando a viagem. Seguiam as assinaturas de Austragésilo de Ataíde, Edmar Morel, Carlos Cavalcante, Oscar Andrade, Pedro Elias, Raimundo Ataíde, Paula Domingues e Antônio Pires Cavalcante.

> parece irreconhecível como instrumento de trabalho, dando pão a milhares de pescadores. No Ceará, por exemplo, toda a pesca é feita em jangada, desde as pequenas impulsionadas por um remador, até as de grande dimensões que enfrentam o alto mar, com suas amplas velas. (...) Esses milhares de nordestinos não teem nenhuma concepção lírica ou heróica da jangada, que está indissoluvelmente ligada a idéia da rude luta pela vida sobre o dorso inquieto das ondas traiçoeiras que os chama sempre, com seu fascinante verde de esperança. Falsa esperança porque o pescador não consegue libertar-se da jangada até a morte. Ela não lhe dá senão o pão de cada dia, sem proporcionar-lhe a oportunidade de enriquecer ou ao menos assegurar-lhe uma velhice tranqüila."

Essa importância simbólica da viagem, percebida pelos pescadores e pelos jornalistas, em parte, explica a insistência com que os jangadeiros defenderam essa intenção, contrariando as orientações, que, em nome de uma maior segurança, sugeriam que as demandas fossem enviadas pelo correio, ou em uma viagem de navio. O jornal cearense Correio do Ceará, entre agosto e início de setembro, deu conta da polêmica em torno da demora da emissão de autorização para a realização da viagem de jangada. O que estava se insinuando, claramente declarado na matéria "Escândalos na Pesca", de 10 de setembro de 1941, é que algumas entidades locais temiam as denúncias a serem feita pelos pescadores. Mas permaneciam, como havia sido combinado entre os jornalistas dos Diários Associados e os pescadores, apenas insinuações, e nada mais se dizia.

A Federação dos Pescadores do Ceará, sentindo-se insultada pelo periódico, reagiu às acusações lançadas pelos jornalistas, publicando resultado da consulta feita à Federação dos Pescadores do Brasil (órgão a que estavam subordinadas a Federação local e a Colônia Z-1):

> "Presidente Federação Pescadores
> Fortaleza
> Heroismo e valor dos nossos pescadores não podem ser postos em dúvida.
> 'Raid' jangada projetado sem requisitos salvaguarda vida humana mar,
> contrario regulamento Capitania, podera trazer graves incovenientes. Nada
> impede pescadores fazerem chegar S. Excia sr. Presidente da republica por
> outro meio a memória citado."

Uma sessão extraordinária foi convocada pela diretoria da Federação dos Pescadores do Ceará, tendo sido convocados, além dos delegados que representavam as várias colônias de pesca cearense, os quatro pescadores que pretendiam ir ao Rio. Esses pescadores foram interrogados acerca do envolvimento nas acusações levantadas pela imprensa. Os quatro jangadeiros, fiéis à "estratégia do silêncio" sugerida pelo jornalista do

Correio do Ceará, nada acrescentaram sobre o caso, apesar da diretoria ameaçá-los com a idéia de que as tais denúncias teriam que ser provadas.

A polêmica se estendeu ainda por alguns dias e os jangadeiros permaneceram com a idéia fixa da viagem de jangada, correndo as redações do Correio do Ceará e Unitário. Até mesmo na capital da República ecoou o brado dos pescadores. De 10 a 13 de setembro, o jornal carioca Diário da Noite publicou matérias em torno da indefinição da viagem dos pescadores cearenses, fazendo apelos emocionados às autoridades competentes, como é o caso do texto de autoria do jornalista Austragésilo de Athaide, "Deixem vir os jangadeiros" (11 de setembro de 1941), que também se admirou dos impedimentos oficiais:

> "Dir-se-ia que de toda a parte viessem os aplausos e os estímulos a essa viagem desportiva destinada a demonstrar a fibra da nacionalidade num dos seus povos mais caracterizados pela ousadia, a generosidade e o civismo. Pois houve quem embargasse. Para tal feito, simples e alto nas razões de sua finalidade, são exigidas as licenças burocráticas. É necessário que se pronunciem comissões, que se ouçam técnicos administrativos, que se dê a expontaneidade da idéia o toque sansoborão das licenças oficiais. Fio, no entanto, que todas essas formalidades cumpridas, pagos os emolumentos e selos, deixem vir os jangadeiros para exaltar a grandesa do Brasil."[138]

Após intervenção do Capitão dos Portos do Ceará, Henrique César Moreira, e do Interventor Federal Menezes Pimentel, o Ministro da Marinha Mercante, Sr. Aristides Guilhen, decidiu autorizar a viagem, mediante a assinatura de um documento pelo qual os quatro pescadores eximiram as autoridade de qualquer responsabilidade por quaisquer acidentes que viessem a sofrer.[139] Ressalte-se que, na carta enviada pelo Capitão Henrique César ao Ministro da Marinha, foi enfatizado que o raid era uma atividade "puramente esportiva", fato assinalado também no documento que assinaram mestre Jerônimo e Mané Preto, representando os quatro pescadores.

> "Em conformidade com o telegrama recebido pelo Dr. Menezes Pimentel, d.d. Interventor Federal, em que o exmo. Sr. Ministro da Marinho considera indispensável a declaração escrita perante essa Capitania, de que a prova esportiva do "raid" em Jangada Fortaleza-Rio, é feita expontaneamente e de responsabilidade exclusiva dos respectivos pescadores, vimos com o

[138] A imprensa, tanto a local quanto daqueles lugares onde estiveram os jangadeiros, especialmente Rio de Janeiro, cobriu amplamente a viagem dos jangadeiros cearenses, demonstrando admiração e legitimando o evento. Nos vários textos publicados, sobressaem adjetivos exaltando a figura heróica desses trabalhadores, sendo a viagem pretexto para se falar do nacionalismo.

[139] Esse documento foi transcrito no Jornal *Unitário* (Fortaleza, 14 de setembro de 1941, última página).

> presente declarar que se trata de um movimento espontâneo, ficando essa capitania e quem quer que seja exonerado de qualquer responsabilidade sobre o bom ou mal êxito, desastres ou quaisquer imprevistos que nos possam acontecer. Confiamos em Deus e no Padroeiro dos pescadores que levaremos ao Presidente da Republica a prova do nosso destemor e arrojo de pescador nortista."[140]

Eles assumiam todos os riscos. Eram senhores de seus destinos... Enxergavam o risco e os sacrifícios que teriam que passar para chegar até o Rio desse modo. Apesar de contarem com a experiência e a habilidade, já comprovadas, de Mestre Jerônimo, o comandante da São Pedro, não sabiam quando, de fato, chegariam: teriam que enfrentar mais de mil e quinhentas milhas em mar aberto, enfrentando todas as adversidades da natureza, temporais, falta de ventos, tubarões e o que mais estivesse por vir.[141]

Estavam dispostos a ir de jangada e ela teria o nome do padroeiro dos pescadores, São Pedro. Sabiam que era esse o capital – recurso de poder utilizado como trunfo em uma dada negociação da realidade – [142] de que dispunham para o encontro com o Presidente: presentearíam o Estado Novo e Vargas com a coragem e fibra dos homens do mar. Domando ondas, "desafiando as tempestades e rindo da morte", seguiriam os "herdeiros de Dragão do mar" em seis paus de piúba, pela costa brasileira.[143]

Os custos da viagem aumentavam com essa decisão, pois eles teriam que mandar confeccionar uma jangada especificamente para esse fim. A madeira da embarcação custava caro, vinha importada do Pará, tornando, por isso, bastante custosa sua aquisição. Jacaré, em suas declarações aos jornalistas no Rio, enfatizou que, no caso da São Pedro, adquirida por 1:640$000, o gasto com a importação da madeira representava 1:100$000. Informava sobre o abusivo preço da jangada para demonstrar a impossibilidade dos próprios jangadeiros as possuírem, ficando, por isso, subordinados aos proprietários dessas embarcações.[144]

---

[140] Transcrito no Jornal *Unitário* (Fortaleza, 14 de setembro de 1941, última página).

[141] Segundo o navegador brasileiro Amir Klink, a jangada de velas é ideal para a navegação em alto mar. O problema de uma viagem como essa era a falta de conforto e a ausência de instrumentos de localização. Ele assegura ainda que essa era uma viagem que gostaria de fazer, se pudesse contar com a habilidade de um bom mestre de jangadas. *Revista Nossa História*. Rio de Janeiro, nº 8, junho de 2004.

[142] Pierre Bourdieu, *O Poder simbólico*, op. cit.

[143] Palavras utilizadas pelo jornalista cearense, residente no Rio, Edmar Morel, em matéria sobre os pescadores cearenses, intitulada "A epopéia dos jangadeiros cearenses", publicada na revista *Diretrizes* (Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1941, p. 2).

[144] A *São Pedro* foi construída pelo operário cearense Francisco Altino, medindo aproximadamente 30 ½ palmos de comprimento por 8 palmos de largura. *Unitário.* Fortaleza, 14 de setembro de 1941.

A ampla rede de relações dos jangadeiros foi mobilizada para a concretização da viagem. Se, na obtenção da autorização, foi decisivo o apoio do Interventor Menezes Pimentel e da imprensa, agora essa rede se ampliava para a obtenção dos meios materiais necessários para custeá-la. A principal responsável pela tarefa de mobilizar fundos, se tornando reconhecida como "madrinha do raid", foi a Sra. Mariinha Holanda, a quem também foi entregue a tarefa de amparar as famílias dos quatro pescadores, enquanto estivessem em viagem.

Essas ações de mobilização de recursos materiais tiveram início com a realização de uma competição de jangadas, promovida pelo Praia Club, entidade desportiva que possuía sua sede na Rua dos Tremembés, na Praia de Iracema. Essa agremiação teve a idéia original de organizar uma corrida de jangadas, patrocinadas por estabelecimentos comerciais do estado, inaugurando uma curiosa estratégia de marketing, hoje muito utilizada em ônibus e outros meios de transporte. Nessa competição, cada jangada foi patrocinada por uma loja comercial que apostou 100$000, tendo seu nome divulgado nas velas das embarcações. O Correio do Ceará lembrava ainda que as lojas seriam promovidas também pelos torcedores, que gritariam o nome do estabelecimento respectivo em apoio à jangada de sua preferência. Ao final da corrida, o total arrecadado, 1:000$000, foi doado aos quatro pescadores da São Pedro.[145]

Esse tipo de atividade desportiva acabava, também, por integrar a população praieira ao acontecimento, na medida em que participavam os próprios mestres-pescadores que pilotavam as embarcações, os protagonistas centrais e a audiência, composta de familiares, veranistas e entidades patrocinadoras. Crescia no público a admiração pela destreza e coragem dos mestres de jangadas. Mestre Jerônimo viu crescer seu prestígio através dessas competições, especialmente quando, em 1939, venceu conduzindo o Sr. Assis Chateaubrian, o poderoso homem dos meios de comunicação do período.

A campanha levada adiante por dona Mariinha Holanda conseguiu mobilizar muitos estabelecimentos comerciais da cidade, que colaboravam com charutos, tecidos, chapéus, latas de conservas, cobertores, velas e bandeiras, etc. Além dos objetos

[145] Patrocinaram as jangadas nessa competição as seguintes entidades: *A Cruzeiro, O jangadeiro, A Salineira, Agencia Mercury, A Gávea, Casa Paris, A Branca de Neve, Casa Sloper, A Cearense* e o próprio *Praia Club*, que teve a iniciativa do evento. O resultado final da "regata" (nome atual dessa competição) foi: 1º lugar: "Casa Paris" – pilotada por Mestre Raimundo Eleutério; 2º lugar: "A Salineira" – pilotada por Mestre Manuel Rodrigues da Silva; 3º lugar: "Agencia Mercury" – pilotada por Mestre Valdomiro Miranda de Paula; 4º lugar: "A Cruzeiro" – pilotada por Mestre Rosendo.

doados, foi aberta uma subscrição em nome dos pescadores e de suas famílias, que também mobilizou capitalistas locais, totalizando o valor de 4:175$4000.[146]

Antes mesmo de chegar a autorização oficial para a realização da viagem, no dia 8 de setembro, os pescadores, juntamente com sua legião de "padrinhos" e apoiadores, participaram de uma cerimônia de batismo da jangada, na mesma Praia de Iracema. Em frente ao Jangada Club, se formou um círculo, guarnecido pelos escoteiros da Tropa Benjamin Sodré; no centro, foi colocada a jangada. Ao redor, se instalaram os convidados especiais, autoridades políticas, militares, além de representantes da alta sociedade. O Padre Perdigão Sampaio, juntamente com dois auxiliares, fez orações e discursos de bênçãos em cima da jangada. A esposa do Interventor, Sra. Brígida Pimentel, que, segundo o jornal, era entusiasta do raid, assim como o marido, também presente na ocasião, aspergiu o líquido simbólico na embarcação, depois entregando o frasco vazio ao pescador Manuel Olimpio Meira. Os quatro companheiros permaneceram "atentos ao lado de sua embarcação, acompanhando todas as fases da solenidade com grande emoção".[147]

No universo católico, é comum a realização do ritual de bênçãos a objetos inanimados ou a lugares. No caso em questão, entretanto, se falou em batismo, o que revestiu o evento, em minha leitura, de significado um pouco diferente, indo além do simples ritual de proteção contra adversidades da natureza, que poderiam opor obstáculos ao sucesso da viagem. Esse ato, no contexto em que se realizou, antes da efetivação da autorização oficial, significou, muito mais, um ritual de reconhecimento e legitimação pública da pertinência da iniciativa dos quatro jangadeiros cearenses, servindo, ainda, para inseri-lo nos marcos da legalidade e do consentimento das autoridades políticas, religiosas, militares, presentes na ocasião.

Abençoada a São Pedro, vencida a "fúria das ondas de uma burocracia falha e deficiente",[148] paramentados com suas usuais roupas de trabalho no mar, escurecidas e impermeabilizadas naturalmente pela tinta extraída da casca do cajueiro, com seus brancos chapéus e de peixeira presa às calças, se prepararam para partir os quatro pescadores cearenses. Além da roupa e demais apetrechos comuns numa pescaria, levavam, colados ao peito, escudos de bronze com a inscrição "Pátria e Dever", lema das colônias de pescadores, vindo abaixo a sigla F.C.P.C. Na São Pedro, levavam, além de alimentos, roupas e demais objetos de uso pessoal, bandeiras do Brasil, miniaturas de jangadas a

[146] O jornal *Unitário* (Fortaleza, 14 de setembro de 1941, p.2 e última página) fornece dados completos.
[147] Jornal *Correio do Ceará*. Fortaleza, 9 de setembro de 1941, p. 2.
[148] Jornal *Correio do Ceará*. Fortaleza, 15 de setembro de 1941, p.1.

serem ofertadas aos interventores federais ao longo da costa brasileira, ao próprio Presidente Vargas e a seu filho, além do filho do Ministro Waldemar Falcão. Mestre Jerônimo também entregaria uma dessas jangadinhas ao poderoso Assis Chateaubrian, aquele que um dia conduziu com destreza numa corrida de jangadas.

A partida da São Pedro e os paramentos que carregava a bordo, em especial as bandeiras, os escudos e um canudo de metal com o texto reivindicatório a ser apresentado ao presidente, são sinais importantes e verdadeiramente emblemáticos para compreender e inserir o episódio no contexto político em que ocorreu. Quatro trabalhadores urbanos, conhecedores das ações estatais de amparo aos trabalhadores, resolveram que chegou a hora de ir ter diretamente com o presidente, contar suas mazelas e pedir proteção. Iriam de jangada, numa viagem arriscada, acreditando que assim demonstrariam ao chefe da nação e a todo o país a coragem e a fibra dos "trabalhadores do mar". Uniram-se à imprensa, entusiasta do "Estado Novo", contaram com a ajuda de autoridades e lojas comerciais para financiar materialmente a viagem, dando prosseguimento a uma prática de ação que lhes era comum.

Os símbolos, a bandeira e o escudo eram a demonstração da adesão desses trabalhadores ao projeto político do Estado Getulista. A reivindicação se inseria, assim, nos marcos legais, permitidos pelo Estado. Mas, ainda, reforçava um certo clima nacionalista que pairava em vários recantos do país naquele momento político. Esse clima "nacionalista" era alimentado não somente pelo presidente Vargas e pelos ideólogos do regime autoritário instituído a partir de 1937, mas pela imprensa e contava com a adesão de vários segmentos sociais, inclusive de muitos daqueles ligados às classes trabalhadoras urbanas, beneficiadas pelas leis sociais de amparo e proteção ao trabalhador e pela abertura de canais de comunicação direta com o Estado, como era o caso dos pescadores da São Pedro e de outros que apareceram ao longo do litoral brasileiro.

III

A VIAGEM E O APRENDIZADO DE CLASSE

> "Não queremos reboque – se for preciso, nós 'encostemos' em qualquer lugar, contanto que a 'velinha' branca esteja balançando em cima do mastro. Não temos medo do mar."[149]

A partida da jangada São Pedro ocorreu cercada de grande audiência pública. Era 14 de setembro de 1941. O pescador Manuel Olimpio Meira, razoavelmente alfabetizado, registrou, em seu caderno de notas, o momento em que teve início aquela que seria a sua "grande aventura".[150]

> "Fortaleza, 14 de setembro – o doutor Pimentel, que é o interventor, veio nos cumprimentar e os meninos da Colônia Z-1, cantaram um hino muito bonito. Eu beijei a minha filhinha Maria José, enquanto Tatá, Manuel e Jerônimo despediam-se dos seus. As nove em ponto, quando soprava um bom nordeste empurramos a jangada pra dentro dágua Ia começar nossa grande aventura. O samburá estava cheio de coisas, a barrica cheia dágua e nossos corações cheios de esperança. (...) Havia sol quente e no porto estavam dois navios grandes. Partimos debaixo de muitas palmas e consegui ver, lá longe, os meus bichinhos acenando. Mais de vinte jangadas, trazidas por nossos irmãos de palhoça e de sofrimento, comboiaram a gente até a ponte do Mucuripe. A igreja branquinha foi sumindo e ficou por detrás de farol. Resei pra dentro uma oração pedindo que a Padroeira tomasse conta dos nossos filhinhos, pois Deus velaria por nós. E assim, principiou a nossa viagem ao Rio."

Esse caderno de notas foi redigido por Jacaré com a ajuda de alguns pescadores letrados que encontrou durante a viagem. Em alguns lugares, ele apenas narrou o acontecido e outra pessoa escreveu. O jornalista Edmar Morel, que teve acesso ao registro, justificou desse modo as diversas grafias que aparecem no caderno. Esses escritos foram transcritos nos jornais O Globo e Diário da Noite, do Rio de Janeiro, e O Povo, de Fortaleza, nos dias que antecederam a chegada dos pescadores à Capital Federal.[151]

---

[149] Declaração dos jangadeiros cearenses a um jornalista baiano – Jornal *O Unitário*, Fortaleza, 26 de outubro de 1941, p.14.

[150] *Diário dos Jangadeiros*, op. cit., p. 187 e 188.

[151] Em 2004, o Museu do Ceará publicou o *Diário dos Jangadeiros*, em que foram transcritas as páginas do *Diário da Noite* com as notas de Jacaré. Usarei as referências dessa publicação daqui por diante. O Caderno de Notas de Jacaré será chamado em alguns momentos de Diário de Bordo, nome que recebeu de Edmar Morel. Falarei detalhadamente sobre esse registro no capítulo III.

A emoção que acompanhou os jangadeiros nesses primeiros momentos, transcritos acima, pode ser sentida nas palavras de Jacaré. O principal motor a encorajá-los na arriscada e incerta travessia era a "esperança". Esse sentimento era alimentado em primeiro lugar pela confiança na proteção divina. Jacaré declara em seu texto que eram católicos e confiantes em Deus, sabia que Deus "velaria" por eles. Mas, no plano terreno, no mundo dos homens, confiavam no chefe do governo brasileiro, que, sabendo da situação em que viviam, iria olhar por eles. Era, assim, Deus no Céu e o Presidente Getúlio na Terra.

Jacaré registrou, além da presença da autoridade máxima do estado, o Interventor Federal Menezes Pimentel, a presença de outros pescadores a quem atribuiu a condição de seus "irmãos de palhoça e de sofrimento", sugerindo uma identificação pela condição social. Já demonstrei que ele reconhecia os outros, amigos, protetores, colaboradores, mas se identificava, aqui, entre aqueles que moravam em casebres e sofriam. Em outro momento, disse que, após duas horas da partida, já não podia mais avistar as "jangadas irmãs", reforçando a idéia dessa identificação de condição, ao mesmo tempo informada pelo trabalho de jangadeiro e pela pobreza.

Antes mesmo da partida dos quatro pescadores, o comandante da Capitania dos Portos do Ceará, Henrique César Moreira, havia telegrafado para as capitanias dos portos ao longo do litoral a ser percorrido pela São Pedro, solicitando que fosse dado apoio aos viajantes, o que de fato ocorreu, com pequenas exceções, como falarei adiante. Além disso, também havia uma recomendação a toda embarcação que estivesse navegando no mesmo roteiro para prestar assistência à jangada, em caso de necessidade. Além do pedido de amparo aos pescadores, o capitão solicitava em seu telegrama, enviado às capitanias de Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Salvador e Vitória, que fossem enviadas informações detalhadas sobre a embarcação e sua tripulação à Capitania de Fortaleza.[152]

> "O 7609 – Acordo permissão Marinha, pescadores cearenses Manuel Olimpio Meira, Raimundo Correia Lima, Jerônimo André de Sousa e Manuel Pereira da Silva empreendem 'raid' jangada este porto ao do Rio de Janeiro, tendo assinado declaração isentando autoridades quaisquer responsabilidades. Afim conforto moral suas famílias bem como manter fogo sagrado povo cearense solicito providencias junto Agencias e Capitanias sentido ser esta Capitania informada detalhes navegação intrépidos jangadeiros. Confio cooperação necessária junto federações pesca locais, sentido estimular e amparar heróicos companheiros que procuram

[152] Telegrama transcrito no Jornal *Unitário*, Fortaleza, 14 de setembro de 1941, última página.

> fazer chegar mãos s. excia dr. Getulio Vargas memorial pedindo amparar humilde, laboriosa e patriótica classe marítimos."

Mas, apesar desse suporte ter sido previsto, a viagem em uma jangada de piúba, percorrendo 1.500 milhas em mar aberto, proporcionou aos jangadeiros momentos de grande tensão, colocando em prova sua coragem, capacidade de tomar decisões com rapidez, tranqüilidade e habilidades de navegadores. Em alto mar, eles só poderiam contar com eles mesmos e com a habilidade de um grande mestre. Não foi por acaso que convidaram para pilotar a São Pedro o experiente Mestre Jerônimo, à época com cerca de 35 anos. Também contavam com a experiência de Tatá, o mais velho do grupo, com 53 anos.

Os jangadeiros não carregavam qualquer equipamento técnico de localização, a exemplo da bússola ou de uma carta de navegação. Isso, inclusive, era motivo de orgulho para os experientes jangadeiros e de admiração para aqueles que os conheciam. Galhofo, Tatá disse aos jornalistas do Diário da Noite: "a bússola só serve para atrapalhar a gente... cada porto tem uma estrela para guiar os jangadeiros".[153] Jacaré também registrou em seu "Diário de Bordo" a admiração de um jornalista de Maceió, "que ficou com cara de bocó" ao saber que não possuíam bússola. Anotava orgulhoso: "a gente se guia pela estrelas e deixa o vento fazer o resto".[154]

Tinham que contar com a experiência na decifração da localização através das estrelas no céu e, ainda, na destreza em permanecer em cima de seis paus de piúba, acordados ou dormindo amarrados, manejando a embarcação no embalo das ondas. Uma "jangada de piúba" possui apenas uma superfície, composta de seis paus amarrados, sendo nela que "trabalhavam", descansavam, ou dormiam os pescadores. Daí resulta que permaneciam no mar quase sempre com os pés na água e, às vezes, completamente encharcados, quando eram surpreendidos por um temporal, a exemplo do que ocorreu após deixarem Macau, nas proximidades de Natal e no trecho Maceió-Bahia, "na boquinha do São Francisco", como registrou Jacaré em seu "Diário de Bordo". Também saindo da Bahia, nas proximidades da cidade de Canavieiras, pegaram um temporal "de arromba", como falou Jacaré ao microfone da rádio Cruzeiro do Sul, do Rio de Janeiro.

---

[153] Publicado no Jornal *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 6 de novembro de1941.
[154] *Diário dos jangadeiros*, op. cit., p. 199.

A viagem de jangada, portanto, ficava a mercê dos ventos,[155] demais elementos da natureza e dependia unicamente da destreza dos pescadores. O diário de bordo de Jacaré é atravessado pela percepção e pela relação com o vento, animais marinhos e outras forças naturais, sugerindo uma tal integração entre esses elementos, que passa, às vezes, a impressão de que a jangada e os pescadores são integrantes desse ecossistema marinho. Jacaré explicou ao repórter de A Manhã que se defendiam das "feras do mar" com o "bicheiro", um pau com espigão de ferro na ponta, mas que contavam com a proteção das "toninhas", que perseguiam os tubarões quando estes se aproximavam da jangada.[156]

As descrições iniciais de Jacaré se referiam ao litoral cearense, ao longo do qual navegaram sem grandes problemas, a não ser quando, ao passarem ao largo do Iguape, por causa de um "sudoeste miserável", tiveram que ficar "bordejando" a noite inteira.[157] Aconteceu, ainda, que, por causa da falta de ventos, fenômeno que se repetirá por várias vezes, depois de Caiçaras, tiveram que remar até Areia Branca. Jacaré ressaltou, nessa parte, o desejo que tiveram de abandonar por causa dos ventos que não foram muito "amigos": queriam ir até Aracati, segundo suas palavras, "uma cidade na boca do Jaguaribe, e que é a terra do Dragão do Mar, o jangadeiro que é nosso símbolo".[158]

Cabe aqui um comentário sobre a trajetória do "Dragão do Mar". Segundo o historiador Raimundo Girão, Francisco José do Nascimento nasceu em Aracati, sendo de origem humilde, vindo a desempenhar as funções de "embarcadiço, comandante do cuter Tubarão, prático da barra e prático-mor". Por indicação de um companheiro seu, José Luis Napoleão, chefe da Capatazia do Porto, deu prosseguimento à campanha abolicionista junto aos trabalhadores do mar, lancheiros, catraieiros, jangadeiros e outros, envolvidos com o transporte de escravos até o local de desembarque dos navios negreiros. Ainda segundo Girão, foi Napoleão quem comandou a chamada "greve dos jangadeiros", ocorrida em 26, 27 e 30 de janeiro de 1881, em meio à campanha abolicionista empenhada em impedir o embarque de escravos do Ceará para outras províncias. Francisco José do Nascimento, gozando de grande prestígio entre os trabalhadores do mar, teria dado encaminhamento ao movimento, juntando-se aos abolicionistas cearenses, e se notabilizando no Rio de Janeiro, onde recebeu a alcunha de Dragão do Mar. O jornalista

---

[155] O vento é a força motriz da jangada. Para adaptar-se aos diferentes ritmos e direções do vento, a jangada possui uma vela, presa a um mastro, que é fixado em um dos 9 ou 13 furos da carlinga.
[156] Jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1941.
[157] Bordejar significa navegar à vela, em ziguezague, avançando contra o vento. *Cf.* Raimundo Caruso, *Aventuras dos Jangadeiros do Nordeste*, op. cit., p. 39.
[158] *Diário dos Jangadeiros*, op. cit., p. 188.

Edmar Morel descreveu com detalhes a recepção preparada para Francisco José do Nascimento (o Chico da Matilde) e outros abolicionistas do Ceará, e o clima de verdadeira comoção manifestada pelos cariocas. "Dragão do Mar" chegou no Rio de Janeiro a bordo do navio negreiro Espírito Santo, que também conduzia a jangada Liberdade, símbolo da campanha de libertação encampada pelos jangadeiros. Desfilou por avenidas e participou de importantes eventos na Capital do Império, constituindo e solidificando o mito da bravura, fibra e intrepidez dos caboclos do mar.[159]

Jacaré, a exemplo de seus companheiros, deve ter ouvido falar sobre esses acontecimentos, inclusive, estabelecendo-se uma relação entre o personagem oitocentista e eles próprios, pobres pescadores dos anos de 1940, que iam atrás de dias melhores para sua classe. Esse discurso foi fortemente alimentado pela imprensa durante a realização da viagem, sendo, também, argumento retórico recorrente nos escritos do "livro do raid". Esse outro registro da viagem, diferente do "diário de bordo", não possui qualquer marca da escrita de Jacaré ou de qualquer outro pescador, e se destinou a recolher impressões das autoridades contactadas pelos pescadores ao longo da viagem.[160] O interessante é que essa projeção circulava entre os meios letrados e foi incorporada pelos pescadores, que necessitavam, também, encontrar heróis em seu meio e um elo de heroísmo através da tradição.[161] De Maceió, alguém não identificado escreveu em 13 de outubro de 1941:

> "Com entusiasmo e admiração recebi a visita dos bravos jangadeiros cearenses, que realizam um raid ao Rio de Janeiro, reafirmando a fibra heróica de seus antecessores e fazendo-nos relembrar os feitos históricos do abolicionismo, onde o jangadeiro do Ceará teve papel destacado."[162]

O jornalista Edmar Morel, a exemplo de outros letrados, também reforçou essa linha de continuidade heróica, através de seus artigos publicados no Diário da Noite e da reportagem "A epopéia dos jangadeiros cearenses":

---

[159] Raimundo Girão. *A Abolição no Ceará.* 4 ed. Fortaleza: s.ed., 1988; e Edmar Morel, Chico da Matilde na Corte. In: *Da Senzala para os Salões*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto, 1988, p. 184-194.

[160] No *Diário dos Jangadeiros*, há um fac-símile desse livro, inclusive com os recortes de jornais selecionados pelos organizadores.

[161] Eric Hobsbawm (*A Invenção das Tradições.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997) discute justamente a necessidade de se criar elos sustentados na tradição no processo de afirmação das histórias das nações. Na publicação da Comissão Pastoral dos Pescadores (*Os Pescadores na História do Brasil*, op. cit., p. 177-188), é enfatizada a figura do Dragão do Mar e a ação dos jangadeiros cearenses no movimento abolicionista, como parte do tema "Movimentos Sociais no contexto escravista imperial: a participação dos pescadores".

[162] *Diário dos Jangadeiros*, op. cit., p. 76.

> "O pano que tremula no tope do lenho histórico é o símbolo da saudade... A vela branca dos jangadeiros surgiu, pela primeira vez, como bandeira da liberdade, em 1884, quando no Ceará os negros tinham a carne cortada pelo chicote do senhor. Em 1884 apareceu um preto velho. Foi Francisco José do Nascimento, que arrastando a ira dos senhores feudais, encabeçou um movimento popular para libertar os seus irmãos de cor. Fechou o porto de Fortaleza ao tráfego negro e desrespeitou uma série de ordens do governo. E em 1845, os panos de suas jangadas apareceram em Mucuripe. As jangadas vinham cheias de negro. Eram os últimos escravos arrancados à força das senzalas escuras, perdidas no litoral, ao longo do Iguape, à foz do Jaguaribe. Agora, é uma jangada afrontando a fúria do oceano sem saber se será troféu da tempestade, deixa a Praia de Iracema com destino ao Rio."[163]

Mas essa era uma identificação que ia além da viagem de 1941, sendo disputada pelo pescador Bernardino Fernandes Nascimento, que pilotou a jangada 7 de setembro, de Fortaleza a Belém do Pará, em 1928. Bernardino foi descoberto pelo jornal O Povo, de Fortaleza, quando estava na capital, justamente em novembro de 1941, para embarcar o filho até o Rio de Janeiro para estudar exatamente na Escola de Pesca de Marambaia. O pescador contou aos jornalistas, na ocasião, que era ele o verdadeiro "Dragão do Mar". Havia escutado essa história pela primeira vez da boca dos oradores em Belém e havia assumido para sempre aquele "apelido".[164]

Enquanto "domavam" as ondas, ventos, chuvas e baleias, em alto mar, os cearenses da São Pedro se surpreendiam com as festivas recepções que os esperavam em quase todos os lugares em que atracaram, com exceção da recepção pouco calorosa, descrita por Jacaré em seu "Diário de Bordo", duas léguas antes de chegarem à cidade de Marcos:

> "Indagamos se aí existia algum representante da Colônia e responderam que existia sim. Era o capataz. Falei então com este e verifiquei que o mesmo não cumprira o telegrama do capitão dos Portos. Passamos momentos bem desagradáveis nesse lugar. Não encontramos apoio de ninguém. Nem o padre estava lá: tinha ido confessar uma velha que há duas semanas estava entregando a alma a Deus. O Jerônimo disse pra mim":
> - Começou a urucubaca da miudinha.
> E então, Tatá saiu com esta:
> - Desgraça pouca é tiquim..."

---

[163] Revista *Diretrizes.* Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1941, p. 2. Ao transcrever o "Diário de Bordo" de Jacaré nessa passagem em que o pescador se refere ao Dragão do Mar, Morel coloca uma observação explicando quem foi esse personagem, do seguinte modo: "Dragão do Mar, cujo nome verdadeiro é Francisco José do Nascimento, é aquele herói dos mares do norte, que proclamou a liberdade dos escravos, quatro anos antes da Princesa Isabel, dizendo: No Ceará não desembarcam mais escravos!".

[164] Jornal *O Povo.* Fortaleza, 7 de novembro de 1941, p. 6.

Jerônimo parecia temer que as notícias das denúncias a serem levadas ao Rio tivessem chegado até as federações de cada local visitado, e que estas, com receio de serem envolvidas, evitassem qualquer ajuda aos jangadeiros. Mas a tal "urucubaca", referida por Jerônimo, não teve efeito, sendo tranqüila a recepção nos outros trechos. Já em Macau, Jacaré declarou em seu "diário" terem sido bem recebidos pelo povo do local e pela diretoria da colônia Z-9. Foram aconselhados pelo presidente a visitarem as pessoas mais ilustres do lugar: prefeito, juiz, delegado, vigário e um certo rapaz que havia trabalhado no recenseamento.

Em Natal, as festividades assumiram maior proporção e parecem tem enchido os pescadores de orgulho. Tiveram direito a várias regalias, como hospedagem por conta do governo local e passeios de carro, com visitas a pontos turísticos da cidade. Receberam visitas de várias pessoas ilustres, que deixaram suas impressões no "livro do raid", a exemplo do interventor Raphael Fernandes, "um camarada bom que dói",[165] nas palavras de Jacaré. Em um discurso característico do período, o interventor ressalta o episódio como comprovador da "energia e patriotismo" daqueles "legítimos representantes da raça forte, altiva e brava que povoa o nordeste brasileiro".[166]

Esse contato com autoridades de cada local seria reiterado durante toda a viagem. Para os jangadeiros, isso não se constituía em novidade, já que pessoas graúdas já eram parte dos seus círculos de convívio no Ceará. Delas sempre receberam apoio e julgavam-nas merecedoras de deferência. No entanto, no contexto da ditadura Getulista, em que o Estado estimulava, mas, ao mesmo tempo, buscava manter sob controle a movimentação dos trabalhadores, esse contato funcionava como um mecanismo assegurador do seu enquadramento dentro da ordem.

Mas a viagem, desde o seu início, proporcionou aos jangadeiros do Ceará um aprendizado político, não previsto nem pelas autoridades e simpatizantes que colaboraram com a sua realização nem por eles próprios. Estou me referindo ao contato com outros pescadores, "irmãos de palhoça e de sofrimento", que deu aos quatro uma dimensão real de "classe", no sentido da construção de identidades de interesses que se desenvolvem através de experiências compartilhadas. Enquanto estavam no Ceará, essa compreensão era fracionada, como que restrita ao recorte local. Na viagem, esse recorte se amplia consideravelmente, as paisagens se modificam em gradações diferentes, mas, ao

[165] *Diário dos Jangadeiros*, op. cit., p. 192.
[166] Idem, p. 51.

mesmo tempo, passam a identificar elementos da cultura material e simbólica de seus "irmãos" que os aproximam de suas situações.

Jacaré registrou nesse primeiro trecho da viagem, Fortaleza-Natal, alguns contatos com pescadores. Já em Barrinha, ainda no Ceará, foram recebidos pelo presidente da colônia Z-7 e por capatazes. Em Macau, a São Pedro foi guarnecida de "farinha, carne seca e rapadura", presente de pescadores da região. No caminho de Maxaranguape, ainda em território riograndense, vítimas de um vento que os fez "sofrer" muito, os pescadores encostaram a jangada numa "biboca" e foram acolhidos pela pobre família do pescador Antônio Odorico. Jacaré anota em seu caderno que, chegando na casa, a mulher do pescador disse: "casa de pobre, onde comem seis, comem dez". Feliz com a solidariedade recebida, mestre Jerônimo cochichou baixinho: "se a gente encontrar em toda a viagem gente boa como esta, a viagem será uma beleza".[167]

A saída do Rio Grande do Norte demorou um pouco devido ao não favorecimento do vento. Estava tudo preparado para saírem na madrugada, mas, de repente, o "tempo muda" e a presença de um sudoeste pela manhã toda e uma calmaria à tarde fez com que os jangadeiros permanecessem parados, decifrando o tempo nas brancas areias do litoral riograndense. No final do dia seguinte, resolveram esperar por "bons ventos" no mar, onde permaneceram remando até a chegada do esperado "nordeste".[168]

Resumindo a viagem no trecho Fortaleza-Natal, Mestre Jerônimo declarou ao jornalista Edmar Morel que foram 14 dias "bem puxados", tendo "topado com dois temporais e muito sudoeste".[169] Além desses "sofrimentos",[170] foi registrado, ainda nesse trecho, a visita de um "vulto negro", depois identificado como de uma baleia, que andou algum tempo no rastro da jangada São Pedro. Mas, para tranqüilidade dos pescadores, segundo Jacaré, "Deus levou a bruta pra longe", concluindo que o protetor divino é "cearense".

A viagem de Natal a Cabedelo, segundo Jacaré, foi outro "pedaço duro". Navegaram todo o dia de 4 de outubro, a noite inteira e mais quatro horas do dia seguinte. Tatá feriu a mão justamente quando passavam próximos a uns rochedos, quando mexia na bolina. De Cabedelo a Itamaracá, ventos inconstantes tornaram as noites "desagradáveis",

---

[167] Idem, p. 190.
[168] Alguns trechos do "Diário de Bordo" foram escritos por camaradas dos quatro jangadeiros, pescadores alfabetizados que ajudam Jacaré a narrar pormenores da epopéia.
[169] Idem, p. 193.
[170] Jacaré usa constantemente esse sentimento para descrever os problemas com o vento ou temporal.

segundo informa Jacaré. No litoral paraibano, Jacaré registrou o contato com pescadores no Farol da Pedro e na praia das Conchas. Dessa última praia, anota:

> "Os nossos companheiros tudo fizeram por nós. Ofereceram roupa, comida, dinheiro e queriam que a gente ficasse pelo menos dois dias junto deles. A jangada foi carregada por eles até a praia."

Enquanto enfrentavam "festas, ventos ruins, chuva e temporal" na viagem Fortaleza-Rio, os jornais vinculados aos "Diários Associados" de Fortaleza, que se declaravam "patrocinadores do raid", alimentavam e estimulavam os leitores com notícias dos jangadeiros. Comentavam telegramas recebidos de Capitanias de Portos dos lugares por onde passavam os jangadeiros, que atendiam, assim, a solicitação do comandante Henrique César, da Capitania dos Portos de Fortaleza, além daquelas notícias repassadas por Dona Mariinha Holanda, que usou de sua influência e conhecimentos pessoais para obter pormenores da viagem.[171]

As próximas paradas dos pescadores foram Recife e Maceió, onde se sucederam mais festas, segundo anotou Jacaré em seu "diário de bordo", com direito a troca de mimos entre eles e os interventores desses estados. No Palácio do Governo de Pernambuco, entraram com "os pés cheios de lama", mas, segundo o pescador, o "interventor não reparou nisso" e os "recebeu muito bem". De Recife, seguiram direto para a Bahia.

No caminho da Bahia, como já me referi acima, Jacaré registrou mais um "temporal de arromba", além da companhia de seis tubarões, que permaneceram por algum tempo de boca aberta, nas proximidades da jangada. Foi na Bahia que Jacaré se iniciou no uso do microfone, falando a primeira vez na Rádio Sociedade da Bahia PRA 4 e depois na estação de um rádio amador que entra em contato com PY7VG, de um cearense.[172]

Cabe constatar que era Jacaré o orador "oficial" da São Pedro. De modo espontâneo, ele passou a responder as perguntas dos jornalistas, falou com a imprensa, contando detalhes da viagem, falou no Rádio, além de ser também o seu escrivão. É nessa

---

[171] Foi assim com a família do Dr. Odilon de Macedo Filho, "alto funcionário da Lloyd brasileira", que de Natal envia notícias dos pescadores e fotografia em que estes aparecem posando sorridentes ao seu lado e de sua esposa Letícia Ramos. Esse casal deixa registradas suas impressões no "Livro do *Raid*", no dia 28 de setembro de 1941. *Diário dos Jangadeiros*, op. cit., p. 55 e 117.

[172] A comunicação se estabeleceu a partir das seguintes estações de rádio amador: na Bahia, de propriedade do Sr. Hildebrando Ferrano Nascimento, PY-6 AR, e, no Ceará, PY-7 VG, de Odon José de Menezes (Jornal *Correio do Ceará*. Fortaleza, 20 de outubro de 1941, p. 4 e 5). Jacaré volta a falar sobre essa sua iniciação como locutor da Radio Cruzeiro do Sul. Perguntado sobre os temporais que enfrentou na viagem, o jangadeiro diz que o pior foi quando teve que falar pela primeira vez em um microfone.

projeção, pelo discurso oral e escrito, em que demonstrou grande desenvoltura, inteligência e sagacidade, que Jacaré ganhou proeminência frente aos seus companheiros. As matérias jornalísticas iniciais se referiam a ele como o pescador Manuel Olimpio Meira, sem fazer distinção em relação aos outros. Com o transcorrer da viagem, sua figura ganhou destaque e ele passou a ser descrito como loquaz, desembaraçado, bem humorado, etc. Com a projeção, passou a ser chamado pelos jornalistas pelo apelido, Jacaré.[173]

A permanência na Bahia proporcionou a Jacaré e seus companheiros mais momentos festivos, contatos com "gente graúda", como o Interventor interino, o prefeito de Salvador, o oficial de gabinete da Secretaria de Segurança Pública da Bahia, o presidente da Federação de pescadores daquele estado, além de estudantes da "República Potiguar", uma casa de estudantes cearenses na Bahia, dentre outras pessoas de destaque. Esses estudantes assinalaram nas páginas do "Livro do raid" sua admiração pelos pobres pescadores, enfatizando o caráter reivindicatório da viagem, ao lançar votos de que:

> "Cheguem a salvo de quaisquer perigos ao término da brilhante jornada que empreendem, obtendo do eminente Chefe da Nação todas as reivindicações que pleiteam, conseguindo, finalmente para seus irmãos de todo o Norte um pouco de felicidade, bem-estar e educação para seus filhos, num gesto que caracteriza sobremodo a alma pujante dos heróicos homens do mar."[174]

Como nos outros lugares, o contato com os "irmãos de palhoça e de sofrimento" da Bahia, intermediado pelo pescador Guilherme Lopes Bitencourt,[175] ajudou no fortalecimento da compreensão de que os problemas que enfrentavam eram vivenciados por toda a "classe" dos pescadores "de todo o norte". Falando aos Diários Associados na Bahia, Jacaré afirmou claramente essa ampliação na compreensão da causa comum que passou a defender a partir da viagem e do contato com outros pescadores:

> "Quando saí de Fortaleza pensava que só fossem pobres os jangadeiros do Ceará, mais comprovei que pobres são, também os pescadores dos outros estados os quais não têm casa, nem remédios, nem escolas. Eles me pediram e eu levo mensagens suas para o presidente Getúlio Vargas solicitando auxílio para a classe. Hoje já não somos mensageiros apenas dos pescadores do Ceará. Somos mensageiros dos pescadores de todo o norte."

---

[173] Jornal *Correio do Ceará.* Fortaleza, 20 de outubro de 1941, última página. Esse apelido foi dado por seu pai.

[174] *Diário dos Jangadeiros*, op. cit., p. 78-88.

[175] Também Jacaré registra em seu "Diário de Bordo" o contato com o pescador "Guilherme de Tal", que o levou para almoçar em sua casa, onde comeram um arroz de peixe preparado à moda da terra, com "muita pimenta e azeite de Dendê". *Diário dos Jangadeiros*, op. cit., p. 198.

Os depoimentos dados aos jornalistas cada vez ganharam maior consistência e clareza nesse sentido, ao mesmo tempo em que os jangadeiros se sentiram mais à vontade para identificar aqueles que exploravam o pescador ou opunham obstáculos à melhoria de suas vidas. Em entrevista dada ao Estado da Bahia, em 17 de outubro daquele ano, um repórter baiano lançou luzes sobre essa identificação, a partir do contato com os quatro pescadores:

> "Luta contra os homens.
> Bem se diz que o maior inimigo do homem é o próprio homem. A história que narramos é um exemplo.A luta tremenda que os heróis da formosa Praia de Iracema vem enfrentando, tem sido mais contra os seus semelhantes, seres de carne e osso, como eles, do que contra o mar. Porque, si este é inconsciente em sua fúria aquele é sábio em sua maldade. A realização dessa grandiosa aventura, só Deus e aqueles valentes sabem quanto sacrifício custou!"

A saída do estado da Bahia não foi muito tranqüila para a frágil São Pedro e seus tripulantes. Se da terra saíram contentes com a recepção festiva, a boa hospedagem no Yatch Club e os 400$000 que receberam do interventor federal, tiveram que enfrentar um "mar brabo, muita chuva, e muito vento" até Canavieiras. Jacaré registrou, ainda, em seu "Diário de Bordo", a solidariedade recebida dos pescadores em Atalaia, o que amenizou o sofrimento que passaram. Jacaré comentou com o locutor radialista Mario Grazine, da Rádio Cruzeiro do Sul, esse episódio:

> "O temporal foi em Canavieira. Era quatro hora da tarde quando começou o temporal. Não deu tempo nem de nós chegar na costa e então a chuva e o vento batia e ai passemo o resto da tarde até o outro dia, até as 9 hora da manhã, quando o tempo miorou. Chegando nas praia de Canavieira dirigi-me àquela povoação e uma senhora me disse que 'aqui ninguém dormiu'. Mas porque? 'Porque todo mundo está fazendo promessa para que nada acontecesse aos jangadeiros'. Uma muié passou a noite dando uma surra no filho para que ele rezasse por nós."

Até Vitória outro "calo bem duro" tiveram de enfrentar. Segundo Jacaré, excluindo o trecho Salvador-Canavieiras, foi a "pior etapa do raid".[176] No momento em que noticiam a chegada dos pescadores a Capital do estado do Espírito Santo, os jornais cearenses reafirmaram em suas matérias o zelo com que eram assistidas as famílias dos pescadores, em especial por aquela a quem se atribuiu o título de "madrinha do raid", D.

[176] *Diário dos Jangadeiros*, op. cit., p. 200.

Mariinha Holanda, diretora da Associação de São Pedro da Praia de Iracema. Jacaré, em suas declarações, também seguiu reafirmando agradecimentos e a consideração que devotavam aquela senhora. A campanha para angariar donativos para as famílias dos pescadores não parou, sendo divulgada nova lista de donativos e dinheiro, com destaque para utensílios destinados ao enxoval de mais um filho de Jacaré, o décimo, que estava para nascer.[177]

Mas, enquanto os jangadeiros enfrentavam o litoral brasileiro até a capital da República, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) encomendou ao cineasta Rui Santos um filme enfocando aspectos da vida e trabalho dos jangadeiros.[178] O músico Dorival Caimmi foi escolhido para o papel principal, sendo o autor da música "A jangada voltou só", que também deu título ao filme ambientado no litoral fortalezense, nas mesmas praias de onde partiram Jacaré, Mestre Jerônimo, Mane Preto e Tatá.

De Vitória, os jangadeiros tinham a intenção de ir direto para Cabo Frio, última escala da São Pedro, mas um erro de cálculo, entretanto, os levou a Macaé. Na Praia das Conchas, os jangadeiros estiveram na companhia do jornalista Edmar Morel,[179] encarregado pelos Diários Associados de levantar detalhes sobre a viagem dos jangadeiros. Morel comenta que encontrou os quatro pescadores maltrapilhos, só resistindo o chapéu branco. Estavam com fortes queimaduras de sol, motivo pelo qual compara o rosto de Tatá a uma máscara. Soube pelos jangadeiros que estavam viajando sem dormir há três dias e que uma forte onda jogou fora o resto de comida e água potável. Perguntando a Jacaré como havia sido a viagem, esse sintetiza: "Foi muito gozada... Festas, ventos ruins, chuva e temporal... Mas Deus valeu por nós!"

É nessa conversa com Morel que os jangadeiros se sentiram encorajados a revelar ou esclarecer alguns pontos ainda desconhecidos do raid, ao mesmo tempo em que confiam a ele o "Diário de Bordo".[180] O jornalista do Diário da Noite levantou dados biográficos dos jangadeiros, suas condições de vida, os objetivos da viagem e as

---

[177] Jornal *Correio do Ceará*. Fortaleza, 31 de outubro de 1941, última página.

[178] O roteiro do filme era de autoria de Henrique Pongetti. Falarei detidamente sobre esse filme em outro capítulo desse trabalho; por enquanto, acho interessante destacar a simultaneidade das ações levadas a cabo pelos jangadeiros e pelo Estado.

[179] Edmar Morel esteve pela primeira vez com os jangadeiros na Praia das Conchas, em Macaé, recolhendo material para suas reportagens, que seriam publicadas nos jornais dos Diários Associados, do Rio de Janeiro e do Ceará, e, ainda, na revista *Diretrizes*. O Jornal *Correio do Ceará* publicou no dia 11 de novembro de 1941, p. 3 e última página.

[180] Jacaré acerta com o jornalista que voltaria a contar mais detalhes depois que falasse com o presidente e seus ministros, na Capital Federal, o que de fato vai acontecer no Magnífico Hotel, alguns dias depois da chegada "apoteótica" à Capital Federal. (Jornal *Correio do Ceará*. Fortaleza, 20 de novembro de 1941, última página)

expectativas dos pescadores. É a ele que os quatro pescadores teceram as críticas mais sistematizadas sobre as razões de suas misérias e os culpados por elas. Também sugeriram medidas que poderiam mudar suas vidas.

Jacaré atribuiu à Federação dos Pescadores do Ceará uma responsabilidade nessa situação, já que não vinha repassando há muito tempo o imposto de 5% que recaía sobre o pescado, criado pela municipalidade, e que deveria retornar para as colônias. Chegou a dizer explicitamente que o presidente daquela entidade era contra eles; revelou a Morel que havia sido preso por ter reivindicado o repasse imediato daquele imposto. Mestre Jerônimo denunciou a prática dos currais, que privatizava em poucas mãos as áreas de pesca, além de aprisionar várias espécies de peixe que procuram a costa em demanda dos rios para desovar, impedindo, assim, a reprodução.[181] Todos, em coro, gritaram contra a "injustiça" da divisão do pescado pelo sistema de meia, em que os donos de jangada, "que ficam de papo pro ar", recebem metade do pescado, sendo a outra dividida por quatro homens, que arriscam suas vidas no mar.

Essa percepção de um campo de lutas que se desenvolve entre segmentos de classes diferentes, complementando a identificação, efetuada na experiência da viagem, com os "irmãos de palhoça e de sofrimento", são, seguindo a reflexão de Thompson, elementos de uma certa "consciência de classe" que o episódio da viagem possibilita aos pescadores cearenses. Aqui fica explícita uma percepção do valor atribuído pelos pescadores ao seu próprio trabalho, que estava sendo desvalorizado por quem não trabalhava, ficando de "papo pro ar", pelo fato de ser proprietário de uma embarcação, enquanto eles não podiam ser, e que queriam ter "direitos" iguais. Encontro aqui uma chave para entender a estratégia de dar visibilidade à coragem, vigor e capacidade de trabalho dos jangadeiros, através de uma viagem de jangada em mar aberto.

Além dos proprietários de jangadas, os quatro pescadores se referiram com rancor aos atravessadores ou peixeiros, aqueles que intermediavam a comercialização do pescado e que, segundo disseram a Edmar Morel, "vão surgindo a cada dia num trabalho diabólico em surdina". Eram esses homens, odiados pelos pescadores, que vendiam o peixe na praia e que, segundo Câmara Cascudo, não sendo e nunca tendo sido pescadores, contavam as estórias do mar e de pescaria pelo que ouviram falar.[182]

---

[181] A prática de construção dos currais era proibida. No código de pesca criado por Getúlio Vargas, através do decreto-lei 794, de 19 de outubro de 1938, há um item que trata especificamente dessa questão.
[182] Câmara Cascudo. *Jangadeiros*, op. cit., p.27.

Por outro lado, do ponto de vista da leitura que os jangadeiros faziam do governo Vargas, há uma extrema coerência em sentirem que aquele momento era propício para a realização da viagem reivindicatória. Viam-se encarnados na figura daquele trabalhador do qual o projeto estatal falava, seja através da propaganda ou das leis sociais de que tinham notícia.[183] Acostumados que estavam com a rede de relações paternalistas vivenciadas na "praia" e na cidade de Fortaleza daquele período, estendiam ao Presidente da República a identificação de protetor dos homens honrados e trabalhadores, com a significativa diferença que essa proteção não viria no plano pessoal, ou individual, mas em forma de "lei social", que abarcava uma classe.[184] Tem início assim, para os pescadores brasileiros, um aprendizado de luta "por direitos" que se reatualizará a cada viagem reivindicatória que seguirá posteriormente a trilha aberta pela São Pedro.

É para sanar parte desses problemas que Jacaré revelou a Morel suas idéias. Segundo ele, deveriam ser dados meios para a própria colônia adquirir jangadas e arrendá-las aos pescadores. O lucro retornaria para essa entidade e assim Jacaré acreditava que os pescadores não seriam tão explorados. Dito isso, Jacaré interroga o jornalista: "o senhor acha justo que quatro homens que arriscam sua vida a cada instante trabalhem para um só homem?" Para escapar da exploração do proprietário de jangadas, Jacaré e seus companheiros apostavam numa entidade coletiva, a Colônia, capaz de gerenciar os meios de produção, no caso específico a jangada e demais utensílios necessários a pesca, em benefício dos pescadores. Previa a existência de um lucro, ou excedente, gerado com o arrendamento das jangadas aos pescadores, mas que, diferentemente do que acontecia até então, iria para o patrimônio dessa entidade, retornando assim, de algum modo, para os próprios pescadores.

Jacaré chegou a falar explicitamente na criação de "cooperativas" a serem administradas pelas colônias. Sua preocupação era com a vinculação do pescador a um "bodegueiro" que fornecia gêneros mediante a abertura de uma conta, que, não sendo paga no prazo combinado, o crédito seria cortado, ficando esse trabalhador impossibilitado de sustentar sua família.

---

[183] Maria Helena Capelato (*Multidões em Cena*, op. cit., p. 247) sugere que a "introdução do Direito Trabalhista no Brasil" alterou as "sensibilidades", no sentido de que os trabalhadores se sentiram parte, sujeitos, da história.

[184] Falando ao jornalista Edmar Morel, mestre Jerônimo e Jacaré revelam suas crenças de que o presidente iria acabar com a exploração a que estavam submetidos pelos donos de jangadas. Apontando para o memorial que iriam entregar a Vargas, mestre Jerônimo diz que o presidente iria acabar com a "canja do dono da jangada ficar de papo pro ar a custa do nosso suor". Jacaré diz que "o presidente que criou o salário mínimo e escola para os nossos filhos vai acabar com essa exploração". Jornal *Correio do Ceará*. Fortaleza, 10 de novembro de 1941, última página.

Percebo com isso que a lógica paternalista que orientava a visão de mundo e o comportamento desse segmento social sofria constantes readaptações. Refiro-me a forma como encaravam o Estado, que acreditavam deveria proteger aqueles que trabalhavam; mas não individualmente, como o padre da paróquia, a presidente da associação que apadrinha uma filha de pescador, mas em forma de recompensa por direitos de quem trabalha e leva a vida honestamente. Por outro lado, a lógica pessoal/individual persiste, seja nas doações recebidas de "pessoas graúdas" ou dos companheiros "irmãos de palhoça e de sofrimento", que, orgulhosos e solidários, enchiam a São Pedro com rapadura, farinha, cachaça e outros gêneros. Mas também é possível perceber nas idéias expressas por Jacaré uma ruptura com essa lógica paternalista, ao propor instâncias independentes de gerência dos interesses dos pescadores, a colônia e a cooperativa. O projeto dos pescadores, assim, se metamorfoseia.

A última etapa do raid ainda trouxe mais sacrifícios aos jangadeiros. Em Cabo Frio, um "sudoeste" que soprava há 48 horas, acompanhado de mau tempo, criou dificuldades para a partida da São Pedro. Os jornais dos dias 14 e 15 de novembro noticiavam que vários navios estavam impossibilidades de sair por conta desse entrave climático. Mas, a pedido de Vargas, segundo noticia o jornal Unitário de 15 de novembro, os jangadeiros se aventuraram ao mar, apesar dessas adversidades, a fim de presentear o Presidente e o Estado Novo, justamente no dia de aniversário da República Brasileira. Saíram de Cabo Frio ao meio-dia, do dia 14 de novembro, desafiando, mais uma vez, a natureza.

IV

A CAPITAL FEDERAL RECEBE OS JANGADEIROS "BRASILEIROS"

> "Esses caboclos queimados de sol e ignorantes da valia própria e singular, que aí estão chegando não partiram do Ceará, nem procedem da Praia de Iracema: Chegam de uma idade fabulosa, em que os homens eram maiores do que os deuses e em que júpiter tremia no seu trono de nuvens quando os heróis venciam as leis da natureza e transpunham os limites da frágil compleição humana."
>
> (Crônica de Berilo Neves)

Enquanto os jangadeiros faziam mais um "sacrifício" pela causa de sua classe e pelo Presidente, uma comissão formada por cearenses residentes no Rio de Janeiro tomava a frente dos preparativos para a recepção aos conterrâneos, sendo divulgadas pela imprensa carioca notícias gerais sobre o paradeiro dos pescadores e uma extensa agenda de compromissos a serem assumidos na capital federal, como visitas a colônias de pesca, ao Palácio Episcopal e autoridades do Estado Novo.[185] Nas primeiras previsões, os jangadeiros visitariam no Palácio Guanabara a Sr. Darcy Vargas, primeira-dama do país, aquela a quem o jornal atribuía o epíteto de Patrona dos jangadeiros, e depois, em um momento separado, o Presidente da República no Palácio do Catete.

As autoridades políticas do Estado Novo também estavam empenhadas na recepção aos quatro "intrépidos jangadeiros cearenses" e já tinham declarado oficialmente seu total apoio ao raid desses trabalhadores, comprometendo-se, ainda, com uma recepção condigna. Esse compromisso foi selado oficialmente no telegrama enviado pelo chefia de gabinete do Ministério do Trabalho em resposta a carta enviada pela "madrinha" dos pescadores, Sra. Mariinha Holanda.[186]

> "Em resposta sua carta de 1 do corrente, apraz-me informar jangadeiros cearenses serão recebidos condignamente classes trabalhistas cariocas e que será feito com inteiro apoio do Ministério do Trabalho,
> Cordialmente, Marcial Pequeno.
> Chefe de Gabinete do Ministro."

Em ofício endereçado ao Major Filinto Muller, chefe da Polícia Civil do Rio de Janeiro, o diretor do Departamento Nacional do Trabalho, Luiz Augusto do Rego Monteiro, justificava o apoio do Estado a esse movimento dos pescadores, ao mesmo tempo em que solicitava "a colaboração" daquele organismo no sentido de garantir o estado de ordem por ocasião das festividades preparadas.[187] Sobre a leitura que o Estado fazia da viagem dos pescadores cearenses, o diretor escrevia:

> "(...) considerei adequado o motivo e conveniente a oportunidade para, em torno de uma idea e de um feito accessivel á inteligência e ao sentimento dos trabalhadores, promover uma grande demonstração nacionalista no sentido de comover a consciência cívica do proletariado. Esse objetivo está

[185] Jornal *Unitário*. Fortaleza, 4 de novembro de 1941, p. 7.
[186] Jornal *Correio do Ceará*. Fortaleza, 1941.
[187] Ofício nº 165, de 12 de Novembro de 1941. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro: Fundo Polícia Política, setor Estados – Ceará.

> sendo plenamente alcançado pelo entusiasmo com que entidades sindicais assumiram a iniciativa do movimento."

Essa "justificativa" de Rego Monteiro está bem de acordo com o investimento do Estado Getulista em estimular e promover situações e rituais de culto à Pátria, "consciência cívica", como traduziu o diretor. Não foi por acaso, portanto, que a data sugerida para a chegada dos jangadeiros foi o 15 de Novembro, uma das datas escolhidas pelo governo para promover esse "espírito cívico" no país, como sugeriu Eliana Dutra.[188] Para essa autora, desde os anos de 1936, essas idéias-imagens que relacionavam pátria e moral ganhavam sedimento, se assentando sobre o tripé: "defesa do passado e da tradição e preservação de valores morais".

Várias notícias veiculadas pelos jornais identificados diretamente com o Estado, como é o caso do periódico A Manhã, falavam sobre esses trabalhadores e sua viagem, articulando uma justificativa ideológica para a recepção festiva que os aguardava na capital federal. O jangadeiro, a exemplo do que era divulgado pelos outros jornais, aparecia como representante exemplar da coragem do trabalhador brasileiro e, ao mesmo tempo, como "um dos mais belos e expressivos dos tipos brasileiros". Essa nota, publicada no dia 2 de novembro, antecipava a legitimidade conferida a viagem por esse periódico oficial e o lugar que cabia aos jangadeiros na ideologia nacionalista estimulada pelo Estado:

> "O jangadeiro nordestino é, talvez, um dos mais belos e expressivos dos tipos brasileiros que, pela sua coragem, feita de tenacidade, denodo e resignação, aparece aos nossos olhos como figura de legenda. Todas as reservas físicas morais de que uma raça possa ser portadora parecem concentrar-se nesses homens que o sol dos trópicos bronzeou, de mãos calejadas no árduo e enérgico labor da pesca e que só compreendem a vida através da aventura diária, mar a dentro, com qualquer tempo, zombando das fúrias dos ventos e dos temporais. Justifica-se assim, plenamente, o entusiasmo com que as associações de pescadores e altas figuras de nossa Marinha de Guerra e Mercante e representantes de várias classes, preparam (...) homenagens aos bravos jangadeiros em viagem do Ceará para esta capital, onde vêem trazer um testemunho real do seu valor e da sua coragem singrando a costa brasileira ate a Guanabara, provando assim que não existe a distância quando a ela se opôs a força de uma vontade organizada."

[188] Eliana Dutra. *O Ardil Totalitário. Imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Ed. UFRJ/Ed. UFMG, 1997, p. 185 e 186.

Em resposta à solicitação endereçada do Ministério do Trabalho, a polícia de Filinto Muller faz mais do que acompanhar as festividades organizadas para recepcionar os jangadeiros. Dois funcionários da Delegacia Especial de Segurança Política e Social acompanharam os jangadeiros vinte e quatro horas por dia, inclusive permanecendo no Magnífico hotel onde ficaram hospedados, na Rua do Riachuelo, nº 24.[189] Escrevendo suas memórias, cinqüenta anos depois, o jornalista Edmar Morel registrava que os agentes do DOPS acompanhavam os passos dos jangadeiros "como cães de fila".[190] Ele, que esteve com os jangadeiros algumas vezes na Capital Federal, foi um testemunho ocular dessa vigilância.

Às 11 horas do dia 15 de novembro, aniversário da República Brasileira, uma "flotilha" de barcos da Federação dos Pescadores do Rio de Janeiro partiu do Cais do Entreposto de Caça e Pesca para esperar a São Pedro, segundo o Diário da Noite de 17 de novembro de 1941. Seraphim Braga, chefe da Secretaria de Segurança Social, escrevia em seu relatório que "as 16,30 uma Comissão organizadora do evento, sob a direção de Dr. Rego Monteiro, foi ao encontro dos jangadeiros a bordo do rebocador Emperor".[191] Por volta das 17h50m, em meio aos barcos cariocas, surgiu a vela branca da jangada cearense, que entrava finalmente na Guanabara, sob os olhares curiosos de uma multidão que se distribuía entre o Cais e a Avenida Rio Branco, segundo correspondente do jornal cearense O Povo.[192] Nessa hora, os navios de pesca ancorados tocaram suas sirenes, os carros estacionados nas proximidades acionaram suas buzinas e podia se ver mais de perto o semblante assustado dos "quatro lobos do mar". "Foi uma verdadeira apoteose", segundo relato do jornalista do Diário da Noite.

A "jangada cabocla" e seus tripulantes foram elevados por um guindaste até um caminhão, que percorreu, sob uma chuva de papéis picados, a majestosa Avenida Rio Branco, seguindo em direção a Praça Mauá, onde, segundo o Jornal do Brasil de 16 de

---

[189] Elisabeth Cancelli ("Ação e repressão policial num circuito integrado internacionalmente", In: Dulce Pandolfi (org.) *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999, p. 309-326) analisa o papel repressor da polícia na ditadura Getulista e ainda a vinculação direta dessa esfera com o Presidente Vargas. A ênfase desse trabalho é a perseguição aos comunistas e a relação da polícia brasileira com a de outros países da América e da Europa. Maria Luiza Tucci Carneiro ("O Estado Novo, O DOPS e a Ideologia da Segurança Nacional", In: Dulce Pandolfi (org.). *Repensando O Estado Novo*, op. cit., p. 327-345) também analisa o alcance da repressão policial no governo Vargas, procurando explicar a ideologia que embasava essa ação.

[190] Edmar Morel. *Histórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 110. Para Morel, o receio do Estado de Vargas era a aproximação dos jangadeiros com as "esquerdas", que mesmo estando "esfaceladas pela repressão policial" poderiam tentar algo nesse sentido.

[191] Comunicação do Chefe da Secretaria de Segurança Social, Seraphim Braga, de 17 de Novembro de 1941. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro: Fundo Polícia Política, setor Estados – Ceará.

[192] Jornal *O Povo*. Fortaleza, 17 de novembro de 1941, p.6.

novembro, “raramente” se observou “tanto entusiasmo coletivo”. No cortejo, seguiam representantes de “quase todos os sindicatos desta capital”, segundo esse mesmo jornal. Na Praça Mauá, primeiro ponto de parada, de cima de um palanque montado para a ocasião, discursaram os senhores Gastão Penalva, pela Confederação dos Pescadores do Brasil, Luis Augusto do Rego Monteiro, do Departamento Nacional do Trabalho, os presidentes das Federações e Sindicatos de Trabalhadores do Distrito Federal e Manoel Olimpio Meira, o Jacaré, orador oficial da São Pedro.

Ainda no mesmo dia, os jangadeiros tiveram o tão sonhado encontro com o presidente Vargas, no Palácio Guanabara, sua residência, contrariando, assim, o planejamento inicial. Tal mudança pode ser explicada, em parte, pelas previsões de atraso na chegada dos pescadores, em virtude do mau tempo que enfrentaram na saída de Cabo Frio. O Presidente Vargas anotou em seu diário, sem maiores detalhes, que “à tarde, no Guanabara, recebo os jangadeiros cearenses e assisto ao desfile trabalhista em homenagem aos mesmos”.[193]

Levando em consideração o contexto do governo ditatorial de Vargas, percebe-se que esse tipo de ato, ao mesmo tempo político, festivo e fortemente personalizado, era uma prática comum nas relações do Presidente com os trabalhadores, naquilo que, concordando com Ângela de Castro Gomes,[194] se constituiria como o “pacto trabalhista”. Além disso, esses momentos, valorizados, estimulados, e às vezes patrocinados pelo Estado, funcionavam como estratégias de legitimação da ditadura Getulista, numa demonstração da aceitação e adesão popular ao Regime, corporificado na figura de Vargas, implantado em 1937.[195] A transformação da chegada dos jangadeiros em uma grande festa cívica e trabalhista também pode ser pensada, aproveitando as reflexões de Bacsko,[196] como uma linguagem através da qual uma imagem utópica é manifestada. Nesse caso, essa utopia era de uma sociedade feliz, organizada, baseada na compreensão e cooperação entre as classes, ali representadas pelo Estado, trabalhadores e demais autoridades que entendiam aquele momento vivido pelo país.

Para os jangadeiros do Ceará, a emoção de encontrar o Presidente da República, “ombro a ombro”, poder lhe contar todo o sofrimento do qual eram vítimas e denunciar os seus exploradores, parece ter, definitivamente, compensado o sacrifício da

---

[193] Getulio Vargas. *Diário*. Vol. 2, 1937-1942. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1995, p. 436.
[194] Ângela de Castro Gomes. O Populismo e as Ciências Sociais no Brasil: Notas sobre a trajetória de um conceito, op. cit.
[195] Maria Helena Capelato. *Multidões em Cena*, op. cit., p. 57.
[196] Bronislaw Baczko. Utopia. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Vol. 5: “Antropos-Homem.” Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

arriscada "viagem". Parecem ter estranhado um pouco o clima de festividade que os acompanhou ao longo da difícil travessia, culminando com essa recepção apoteótica no Rio, mas pareciam contentes, pois, como disse Jacaré: eles só queriam mesmo era "os direito".

Ângela de Castro Gomes sugere que nesse "pacto trabalhista" estava presente uma "troca orientada por ganhos materiais e simbólicos", sendo que estes últimos formavam o elemento integrador.[197] Penso que isso se aplica ao caso dos jangadeiros, pois esses ganhos simbólicos da reciprocidade – ser recebido, poder falar tudo etc – acabou sustentando uma confiança no poder do Estado e estimulando novas investidas reivindicatórias realizadas através da viagem e do contato direto. Nesse caso, há a combinação de ganhos simbólicos e a promessa de ganhos materiais: os pescadores não foram apenas recebidos pelo presidente, mas atendidos em parte de suas reivindicações. O pacto se realizou porque as duas partes reconheceram interesses em comum: o Estado se auto-celebrando através do ato dos jangadeiros e esses últimos, aproveitando a brecha aberta na prática política do Estado, efetivamente se sentiram atores de sua história e luta – como disse Jacaré, sentindo-se "senhor absoluto da situação", "deram conta do seu recado", ou seja, falaram o que quiseram com o presidente e, ainda por cima, "ombro a ombro".[198]

Os depoimentos de Jacaré depois do encontro comprovam a força dessa emoção. Em entrevista concedida ao radialista Mario Grazini, da Rádio Cruzeiro do Sul,[199] quando perguntado se gostaria de dizer mais alguma coisa, ele primeiramente diz não tem nada a dizer, porque "a cachola já num funciona". Tendo o locutor lhe encorajado com alguns adjetivos, ele sai com esse desabafo:

> "Então home deixe eu dizer:
> Boa noite Dona Maria Holanda. O maior prazer que senti na minha vida foi me dirigir ao presidente da República porque eu fiquei ombro a ombro com ele. E ainda me lembro que parece que alguém dizia que quando eu chegasse aqui o presidente da república não me ligava importância. Que era golpe errado que nós ia dá. Quando chegar a Fortaleza não procurarei vingança com ninguém. Vou procurar ser amigo de todos aqueles que roubava o meu dinheiro e que muitas vezes quando eu dizia que respeitasse a lei da pesca, o código da pesca, mandavam era me prender. É a autoridade superior a essas pessoas que eu me dirigi e ele me arrecebeu, o doutor Getulio, a quem essa pessoa está sujeita mil e mil vezes ao doutor Getulio."

[197] Ângela de Castro Gomes. *A Invenção do Trabalhismo*, op. cit., p. 195.
[198] Jornal *Correio do Ceará.* Fortaleza, 19 de novembro de 1941.
[199] Transcrita no Jornal *Correio do Ceará.* Fortaleza, 23 de novembro de 1941, p. 2 e última página.

A fala de Jacaré se inicia com uma saudação a diretora da Associação de São Pedro da Praia de Iracema, a "madrinha do raid", segundo os jornais cearenses, a quem o jangadeiro já havia se dirigido em outros momentos, pelo rádio e pela imprensa, sempre destacando a gratidão que devotavam a ela. Jacaré, provavelmente, queria atestar a essa senhora, como ela apostava no sucesso da viagem, que eles estavam certos. Errados estavam aqueles que afirmavam que iam dar "golpe errado", que o presidente não ia dar-lhes importância.

Percebe-se no tom de Jacaré o "orgulho" e "segurança" por ter falado e ter sido ouvido pelo presidente, autoridade superior a essas pessoas que "roubavam seu dinheiro" ou que lhe "mandavam prender" quando denunciava alguma coisa. Falou ao presidente, sem qualquer intermediário, comprovando assim a propaganda do Estado. Ele e seus companheiros parecem ter aprovado inteiramente essa forma de relação "ombro a ombro".[200] Jacaré confessou que em certo momento quase esquecia que Vargas, com quem conversou tão sinceramente, era o chefe da nação, tomando-o por um camarada. E foi isso que realmente aconteceu, os quatro pescadores falaram ao presidente de pé, "ombro a ombro", e Jacaré não se fez de rogado, como ele mesmo disse: "na voz de dizer a verdade eu lasquei o verbo pra cima".[201] O que ficou de fora na conversa com Vargas, Jacaré guardou para contar a seus ministros, como falarei mais adiante.

Jacaré, segundo declarou aos jornalistas, disse tudo o que queria. Nas suas palavras, "deu conta do recado direitinho". O Presidente, segundo o pescador, ouviu "tudinho" e vez por outra esboçava um leve sorriso, provavelmente por causa do jeito simples e rude do jangadeiro se expressar, segundo interpretou o jornal carioca Diário da Noite. Jacaré em entrevista esclarece o que, de fato, motivou o sorriso presidencial: uma certa comparação feita por ele, tão peculiar aos populares que, na falta de elementos da retórica letrada que desse conta da imagem e do tom de gravidade da situação de penúria que queria relatar, saiu com essa:

> "O doutor Getulio achou muita graça quando eu disse que urubu vive mais feliz do que a gente. O urubu tem a casa deles nas palmas dos coqueiros. E nós?"

---

[200] Jornal *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1941. As palavras de Jacaré são as seguintes: "O doutor Getulio Vargas, quando eu topei com ele de proa, viu logo que eu fiquei nervoso. Menino, eu algum dia pensei em falar com o Presidente da República?"

[201] Os jornais que tratam do episódio registraram, ainda, a entrega de um memorial ao Presidente, onde estavam sistematizadas as reivindicações dos pescadores. Tratarei desse documento no próximo capítulo.

Depois de "ouvir tudinho", o Presidente tomou a palavra e fez sua propaganda da legislação trabalhista, assegurando aos jangadeiros que seus "esforços não tinham sido em vão".[202] Três dias após esse encontro, Vargas anotou em seu diário:[203]

> "Regressando ao Guanabara, recebi o chefe de Polícia, a quem entreguei a denúncia americana sobre a Lati. Despachei um longo expediente: assinei o decreto de Reforma Agrária da indústria açucareira, outro incorporando os pescadores ao Instituto dos Marítimos – um dos aspectos do amparo solicitado pelos jangadeiros cearenses."

Os quatro pescadores tomaram conhecimento desse decreto em visita que fizeram às dependências do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), no dia 17 de novembro, na companhia do Sr. Luiz França, membro do Conselho Nacional do Trabalho. Lá eles estiveram no gabinete de Lourival Fontes, diretor geral do órgão, e, conversando com os redatores da Agência Nacional, se inteiraram do conteúdo do documento presidencial que, segundo comentários ufanistas de um jornal cearense, era a "carta de alforria" dos pescadores brasileiros, "arrancada das mãos do presidente" pelos quatro jangadeiros cearenses.[204]

Esse decreto realmente associava a categoria dos pescadores ao IAPM (Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Marítimos), estendendo a estes os benefícios sociais previstos no decreto 22.872, de 29 de junho de 1933, que transformava a antiga CAPs em um instituto, introduzindo algumas modificações.[205] Apesar da importância desse decreto, que reconhecia os direitos de uma categoria social até então excluída das leis sociais, em um contexto em que muitos trabalhadores ficaram de fora, como é o caso dos trabalhadores rurais, é preciso apontar alguns problemas que ele comportava e que dificultavam o seu real cumprimento.

Os pescadores artesanais, entre os quais figuravam aqueles da São Pedro, eram contemplados na alínea c, do art.2, na categoria "pescadores que trabalham por conta própria, de parceria ou mediante parte, ou quinhão, em embarcações não enquadradas na

---

[202] Jornal *Correio do Ceará.* Fortaleza, 19 de novembro de 1941, p. 2, 3 e última página.
[203] Getúlio Vargas. *Diário*, op. cit., p. 436.
[204] Jornal *Correio do Ceará.* Fortaleza, 19 de novembro de 1941, última página; Jornal *Unitário.* Fortaleza, 21 de novembro de 1941, última página.
[205] Segundo Tânia Regina de Luca, em Direitos Sociais no Brasil. In: PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla B. (orgs.) *História da Cidadania*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2003, p.469-493, apesar do Instituto não romper com alguns "princípios básicos" das CAPs, introduzia duas modificações importantes: congregação dos trabalhadores por categoria e não mais por empresa e determinação de que a presidência do órgão seria indicado pelo Governo, que atuaria com a ajuda de um conselho composto de seis membros, três representando os empregadores e três os empregados.

alínea a”. Para esses trabalhadores, os benefícios sociais eram reduzidos em 1/3. Para ter direito ao benefício integral, como era o caso de outras categorias de pescadores previstas no decreto, a contribuição do pescador que trabalhava por conta própria deveria ser dobrada. Isso decorria do fato da contribuição do trabalhador, que era tripartite, recair apenas sobre o trabalhador e o Estado.

Aí residia a primeira grande contradição da concessão desses benefícios para uma categoria de trabalhadores que “trabalhavam por conta própria”, mas que tinham de dividir de modo desigual, como os jangadeiros denunciaram ao presidente, o resultado de seu trabalho, extraindo dele um ganho que não dava sequer para uma sobrevivência digna. Os proprietários das embarcações se beneficiavam economicamente da atividade pesqueira, sem recair sobre eles qualquer ônus. Esses pescadores, portanto, vivendo em uma economia pouco monetarizada, não tinham condição material de efetuar a contribuição previdenciária prevista no decreto governamental. Assim, as leis sociais do Estado Novo não poderiam incluir, de fato, essa categoria de trabalhadores: a inclusão era muito mais simbólica.

Em outro aspecto o decreto também discriminava os pescadores artesanais em relação às outras categorias de pescadores. O art. 6. previa a obrigatoriedade de um seguro contra acidentes, sendo esse seguro “facultado” para os associados enquadrados na alínea c. Outro obstáculo para a efetivação desse decreto recaía sobre a incapacidade administrativa das colônias para efetivar a arrecadação das contribuições dos trabalhadores. Se, para algumas colônias da capital, isso talvez fosse possível, em virtude da obstinação e perseverança de presidentes como Jacaré, isso não acontecia no universo daqueles que residiam em pequenas comunidades distantes dos centros urbanos. O decreto previa idealmente que esses trabalhadores poderiam recolher suas contribuições nas Coletorias Federais, Agências Fiscais, ou Agências Postais, mas isso, na prática, pelas condições que acima apontei, seria muito difícil.

Em suma, os jangadeiros cearenses que “arrancaram” das mãos do Presidente a “carta de Alforria” dos pescadores brasileiros, nas palavras apologéticas de um jornalista, não reuniam naquele momento condições efetivas para serem beneficiados pela política social do governo de Getúlio Vargas. Mas a inclusão simbólica que o encontro com o presidente e o decreto sinalizavam foi suficiente para que eles não desistissem de lutar com a arma que se mostrou eficaz, ou seja, a viagem reivindicatória em jangada.

Jacaré, Tatá, Mané Preto e Jerônimo demorariam, ainda, a entender os limites de efetivação daquela lei social. Segundo comentários entusiasmados dos jornais cariocas e cearenses, eles ficaram impressionados com a rapidez das medidas beneficiadoras tomadas pelo Presidente Vargas, através da assinatura desse decreto. O orador da São Pedro, entretanto, sinalizou uma primeira preocupação a um jornalista carioca, dizendo: "aquele decreto, se for cumprido, pra nós é um colosso".[206] Apesar da confiança que Jacaré e seus companheiros depositavam no Presidente, suspeitavam, mesmo assim, que havia uma distância entre o que estabeleciam as leis e o seu efetivo cumprimento.

O decreto foi amplamente divulgado pela imprensa brasileira, que, na sua grande maioria, limitou-se, entretanto, a proclamar seus aspectos mais gerais, sem acentuar as distinções que acima eu apontei.[207] No Ceará, um jornalista dos Diários Associados resolveu ir até a Praia de Iracema e Mucuripe ouvir a repercussão do decreto no meio dos pescadores de onde saíram Jacaré, Jerônimo, Mane Preto e Tatá. Depois de ressaltar as dificuldades dos pescadores em se expressar por meio das palavras, ele apanhou alguns depoimentos bem sugestivos da leitura que outros pescadores faziam do momento em que estavam vivendo e das expectativas com a viagem.[208]

O primeiro contato foi com os pescadores Francisco Firmino e Paulo Maciel, da jangada Rouxinó, filiados a Colônia Z-1. Nas palavras do pescador se percebe a admiração e o orgulho despertados pela ousadia dos companheiros da São Pedro e a crença no poder dos benefícios conseguidos. Inquiridos se souberam da assinatura do decreto, um deles disse:

> "Os meninos da "São Pedro" estão que nem santo a fazer milagres. Eu não sei lê, mas só vejo os jornais com o retrato deles, ao lado de gente importante. Já sobe que nós vamo receber muitos benefício. Só tenho que agradecê a Deus. Ora, quem haverá de dizer que o Jacaré e aqueles outro danado acostumado nessa vida de privação causasse tanto baruiu no Rio de Janeiro!"

---

[206] Jacaré fez esse comentário ao jornalista Paulo Cabral em entrevista realizada dias após o retorno a Fortaleza. Essa entrevista foi irradiada para o Rio de Janeiro, através da Radio Tupi. A íntegra do programa pode ser encontrada no Jornal *Correio do Ceará.* Fortaleza, 2 de dezembro de 1941.

[207] O *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1941, p. 11) divulgou o decreto na íntegra, em matéria intitulada "Amparo aos pescadores e suas famílias".

[208] A matéria foi publicada com o título "Alvorada de uma nova vida para os pescadores do Brasil". Jornal *Correio do Ceará.* Fortaleza, de 29 de novembro de 1941, p. 6 e última página.

Os pescadores da jangada Urano, Manuel Francisco e Antônio, também falaram com o jornalista Oséas Martins, sinalizando, de modo um tanto desconfiado, a esperança que depositavam na medida governamental:

> "Eu já expliquei ao pessoá lá em casa que essa viagem dos nosso colega foi abençoada por São Pedro, que é nosso melhor patrão. Parece que agora vamo sê menos infeliz, não é verdade?"

Já o pequeno pescador Augusto – que, com seus 11 anos, a exemplo de outros filhos de pescadores, se iniciava no ofício auxiliando o pai no atracamento da jangada – demonstrou em suas inocentes palavras o orgulho que o jangadeiro possuía e alimentava de suas qualidades físicas e morais, em especial a coragem, que, por isso, superava em importância outros homens. Como o pescador da jangada Rouxinó, também ressaltou a importância das pessoas "graudas", ou de distinção social, condição para o amparo e proteção tradicionalmente alimentada pelos jangadeiros. Augusto disse ao jornalista:

> "A gente só pode tá satisfeito com o que fizero Mestre Jerônimo, Jacaré, Tatá e Manoel Preto, eles mostraro o nosso valô e alcançaro a proteção dos graúdo. Papai sempre diz que jangadeiro é mais home que jogador de futebol."

Além da visita ao DIP, os quatro pescadores cearenses cumpriram, no Rio de Janeiro, uma série de visitas a estátuas e monumentos tidos como representativos da história do Brasil, vultos de "figuras heróicas",[209] como a "Placa comemorativa à Princesa Isabel", no edifício dos Telégrafos, monumentos a Tiradentes, D. Pedro I e Marechal Deodoro, além de depositarem flores na estátua do Almirante Tamandaré, "uma das mais destacadas figuras da Marinha Brasileira", segundo o jornal A Manhã. Essa "procissão cívica", bem ao gosto da ditadura getulista, culminou com discursos em frente à herma do Almirante heróico, onde discursaram o Comandante Armando Pina, um representante do Ministério do Trabalho, Sr. Luiz Augusto Rego Monteiro, e Jacaré.

A escolha das figuras heróicas a quem os jangadeiros deveriam prestar reverência, nessa procissão, foi bem sugestiva. No caso da Princesa Isabel, é provável que se estabelecesse o elo entre sua ação redentora, assinando uma lei de libertação dos cativos,

[209] Curiosamente, todas essas figuras heróicas são de algum modo provenientes dos períodos colonial e monárquico. Mesmo o Marechal Deodoro é sabido que tornou-se republicano na última hora. Isso reflete as restrições da ideologia estadonovista para com a República Velha, responsável, segundo essa, pelos principais problemas vividos pelo país.

e a ação do jangadeiro precursor dos "quatro lobos da São Pedro", Dragão do Mar; por fim, eles próprios, os "redentores modernos", arrancaram das mãos do Presidente a "carta de alforria" dos pescadores brasileiros. Tiradentes, o herói da Inconfidência Mineira, que ousou contestar o regime colonial. O primeiro Imperador era valorizado dentro da Ideologia Nacionalista do Estado, por simbolizar a unificação e o centralismo. Deodoro, o republicano escolhido, significa o pulso forte do movimento, o instaurador da nova ordem, perdida com a fragmentação do poder central durante a Primeira República. Por fim, o Almirante Tamandaré é a figura heróica dentro da hierarquia dos povos do mar, herói da Guerra do Paraguai. Essa "procissão" simbolizou, dentre outras coisas, o sentido cívico de reconhecimento, respeito e reverência, que cabia a todo cidadão brasileiro, com as figuras históricas e, ao mesmo tempo, a valorização do povo, simbolizada nas figuras daqueles pobres trabalhadores, que reuniam as qualidades exemplares a serem valorizadas – coragem, sinceridade, etc. Como concluiu Ângela de Castro Gomes a respeito do projeto político-cultural do Estado Novo:

> "Da mesma forma que o projeto político-cultural estado-novista procurava evidenciar o valor do 'povo' por suas tradições, usos e costumes, procurava também ressaltar a existência e a importância de 'personagens históricos' que 'resumiam' em si mesmos as qualidades desse 'coletivo' e, em fazendo, asseguravam tanto a continuidade quanto a transformação de nossa sociedade."[210]

Coube, ainda, na agenda preparada para os pescadores, uma visita a Escola de Pesca Darcy Vargas, em Marambaia. Jacaré e seus companheiros estiveram nessa instituição, chegando até mesmo a pescar em um de seus modernos barcos a motor. É interessante observar a esse respeito que essa visita talvez seja em parte responsável por uma modificação no pensamento de Jacaré sobre as melhorias a serem efetuadas no universo da pesca, quando ele passou a falar, também, sobre a necessidade da introdução de barcos motorizados. Mas, apesar da admiração que lhe causou a visita, Jacaré compreendeu que ainda havia muita coisa a ser feita na escola, pois, sobre ela, ele diz ao jornalista: "achei um grande futuro (...) aquilo mais uns dois anos é uma maravia".[211]

O encontro direto com Vargas ficou restrito à "audiência pública" nos jardins do Palácio, mas os pescadores participaram de evento em que o Presidente e várias

---

[210] Ângela de Castro Gomes. *História e Historiadores.* Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 184-5.
[211] Jornal *Correio do Ceará.* Fortaleza, 2 de dezembro de 1941, última página.

autoridades do Estado Novo também estiveram presentes, um almoço no Abrigo do Cristo Redentor, no dia 20 de Novembro.[212] Tiveram a oportunidade, ainda, de conversar com os Ministros do Trabalho, Marinha e Agricultura, respectivamente os senhores Dulfe Pinheiro Machado (int), Carlos de Souza Duarte (int) e Henrique Aristides Guilhem. Conforme registro de Seraphim Braga, Jacaré fez várias queixas contra o presidente da Federação de Pescadores do Ceará, Minervino de Castro, que, segundo suas palavras, perseguia pescadores da Colônia Z-1 e outras entidades de classe. Sugeriu explicitamente que Minervino fosse afastado da Federação, quando, segundo seu entendimento, teria fim aquela situação.

Outra denúncia levada pelos pescadores foi revelada ao Ministro da Agricultura e recaía sobre a transferência de um certo Itamar de Castro, Chefe do Serviço de Caça e Pesca, no Ceará. Segundo conta Jacaré a Edmar Morel, em entrevista realizada no hotel onde os pescadores estavam hospedados, esse moço estava sempre na praia ao lado dos pescadores, fazendo toda sorte de perguntas, anotando tudo em um caderninho. Depois de reunir muitas informações e fotografias e enviá-las ao Rio de Janeiro, foi transferido. Segundo o pescador, essa "injustiça" foi feita por pressão dos donos de "currais", que o acusavam de ser "contra a família" e o "povo" do Ceará.[213] Em nome dos pescadores cearenses, Jacaré solicitou ao ministro o retorno desse funcionário.[214]

No gabinete do Ministro da Marinha, Aristides Guilhem, agradeceram a autorização para realizarem a viagem a bordo da Jangada São Pedro e ouviram do ministro que "a Marinha de guerra sempre contou e contará com a lealdade e fidelidade dos pescadores sempre que a garantia da Pátria assim o exija".[215] Guilhem, na verdade, fazia referência a condição de "reserva estratégica da nação", conferida aos pescadores através do estatuto das colônias de pescadores. Os ecos da II grande guerra, mesmo soando ainda distantes, até aquele momento, sinalizavam para o papel que poderiam vir a representar os pescadores na vigilância do litoral do Brasil.

Pelos relatórios diários da chefia da Secretaria de Segurança Social da Política de Vargas, é possível acompanhar detalhadamente os passos dos jangadeiros e de algumas das pessoas comuns e autoridades com quem tiveram contato, seja porque os

---

[212] Comunicação do Chefe da Secretaria de Segurança Social, Seraphim Braga, de 18 de Novembro de 1941. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro: Fundo Polícia Política, setor Estados – Ceará.

[213] Tudo leva a crer que o dossiê organizado pelo tal funcionário realmente incomodou pessoas influentes, o que ocasionou sua transferência. O certo é que esse funcionário público encontrou com os pescadores na Bahia, conforme acerto previamente feito.

[214] Comunicação do Chefe da Secretaria de Segurança Social, Seraphim Braga, de 18 de Novembro de 1941. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro: Fundo Polícia Política, setor Estados – Ceará.

[215] Idem.

visitaram no hotel ou que foram visitar em suas residências. Foram a várias lojas da capital agradecer doações, visitaram pontos turísticos, como a Cascatinha, o Corcovado e Santa Tereza. Foram ao estádio do Fluminense por duas vezes: uma para assistir ao jogo do Ceara contra o Baía, ocasião em que estiveram presentes o conterrâneo Waldemar Falcão e o Interventor Federal da Bahia; outra, para assistir a uma partida entre os times do Fluminense e do Flamengo.[216]

Enquanto os jangadeiros cumpriam a agenda organizada por seus conterrâneos, auxiliados por segmentos operários da capital e pelo próprio Estado, sua jangada, documento de sua coragem e da própria viagem, ficou exposta por alguns dias na Cinelândia, sob os olhares curiosos dos transeuntes. A rústica embarcação, "musealizada", ou seja, transformada em documento pela exposição pública naquele espaço, e deslocada de sua função original,[217] simbolizava, também, um Brasil arcaico, que o projeto nacionalista/modernizante visava transformar. Nas suas toscas madeiras atadas, ornadas pela vela branca, o discurso modernizante apregoava ao mesmo tempo um hino de louvor e de morte,[218] prenunciando seu desaparecimento, quando seria substituída por modernos barcos a motor ou a vela.

O jornalista Costa Rego,[219] do Correio da Manhã, chama a atenção, em matéria intitulada "O que sugerem os jangadeiros", para a necessidade de um melhor aproveitamento desses trabalhadores, que deviam ser louvados e festejados por sua coragem e pelo exemplo que lançam à juventude, mas que poderiam sem transformados de simples "pescadores" ou "embarcadiços" em "marinheiros úteis ao país". A jangada, na sua opinião, também estava condenada ao desaparecimento, devendo ser substituída por barcos à vela, que fariam o comércio de cabotagem, entrando em portos inadequados a grandes embarcações. Analisando o significado a ser extraído da viagem, escreveu o jornalista:

---

[216] Comunicação do Chefe da Secretaria de Segurança Social, Seraphim Braga, de 21 e 23 de novembro de 1941. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro: Fundo Polícia Política, setor Estados – Ceará. Os relatórios são de 17 a 25 de novembro de 1941. Os dias restantes de novembro não constam nessa documentação.

[217] Sobre o processo de musealização dos objetos, *Cf.* Francisco Régis Lopes Ramos. *A danação do objeto: o Museu no Ensino de História.* Chapecó-SC: Argos, 2004; e Ulpiano Bezerra de Menezes. "Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico." *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material.* São Paulo: v. 1, p. 3-41, 1993.

[218] Lembro aqui da discussão levada por Jacques Revel, Michel de Certeau e Dominique Julia. A Beleza do Morto: o conceito de cultura popular. In: Jacques Revel. *A Invenção da Sociedade*. Lisboa: DIFEL, 1989, p. 49-75.

[219] Pedro da Costa Rego (1889-1954) foi senador por Alagoas (1929-1930) e pelo Partido Progressista-Al (1935-1937). *Cf.* Getúlio Vargas. *Diário*, op. cit., p. 595; Jornal *Correio do Ceará*. Fortaleza, 19 de novembro de 1941, p.2.

> "Mas creio que há no acontecimento uma lição também para os homens que nos governam. É que toda essa energia realizadora da qual os jangadeiros constituem apenas uma pequena amostra pode e deve ser aproveitada em fins de utilidade, em conjugação de esforços no sentido econômico. O Brasil possui milhares desses jangadeiros navegadores expontâneos, donos do mar. Se em vez das jangadas, lhes dermos navios, eles seriam marujos preciosos. Porque não organizaríamos, aproveitando-os uma frota de barcos de madeira à vela, onde, mediante frete barato, pudéssemos transportar uma categoria determinada de produtos?"

O Jornal do Brasil dá grande espaço para descrever a jangada, detalhando cada parte que a compõe. Antes, entretanto, ressalta as suas qualidades, bem como daqueles trabalhadores que a utilizam, para finalizar destacando as razões pelas quais ela não é e nunca poderá ser "um moderno instrumento de pesca".

> "A jangada, embarcação de fundo chato, é o barco próprio para essas regiões, dentro de certos limites bem entendidos. Entretanto, ela não é e nem pode ser um moderno instrumento de pesca por muitos motivos. Não tem capacidade de carga, não abriga seus tripulantes e nem lhes assegura conforto e bem estar."[220]

O jornalista estava pensando na pesca empresarial, de grande porte, e não na pesca artesanal, atividade desenvolvida pelos cearenses da São Pedro e pela maioria dos pescadores nortistas de que falou Jacaré. Os custos envolvidos em uma atividade de tão grande porte jamais poderiam ser arcados por pescadores autônomos, apenas grandes empresas, grandes grupos financeiros, poderiam assumir negócio desse porte. Até hoje, na maior parte do nordeste brasileiro, o barco a motor ainda não prevaleceu, sobrevivendo, com algumas modificações, a velha jangada de vela, agora de tábuas e não de paus.[221]

Mas não era apenas a jangada que estava a caminho da sepultura. Nessa visão "modernizante", os próprios pescadores, semi-autônomos, e a pesca artesanal, ao qual se vinculavam desde várias gerações, estavam fadados a desaparecer, para dar lugar a trabalhadores proletarizados, submetidos a grandes empresários de pesca.[222] A lógica

---

[220] *Jornal do Brasil.* Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1941, p. 6.

[221] Antônio Carlos Sant'ana Diegues, em *La Pesca Artesanal en Brasil*, op. cit., informa que a pesca empresarial no Brasil vai ganhar impulso através dos incentivos fiscais provenientes do Estado, por meio da recém criada SUDEPE, após 1967. Nesse período, 80 % da produção pesqueira do país provinha da pesca artesanal/familiar.

[222] No decreto assinado por Getúlio Vargas, a ênfase é dada a esses pescadores proletários. Entretanto, os pescadores artesanais, que trabalham por conta própria ou por parte, ou quinhão, como era o caso dos cearenses, também são contemplados. Estudos de Diegues demonstram que os investimentos públicos no

liberal que permeava esse raciocínio tinha como foco, naturalmente, a capacidade de geração de riqueza de um negócio, como a pesca, que até então, no Brasil, ainda era pouco desenvolvida. Em "Energia Desaproveitada",[223] o jornalista Austregésilo de Athaide, fazendo alusão à matéria do colega do Correio da Manhã, também apostava na necessidade de se operar essa transformação:

> "Fica-se assombrado com o tamanho e a fragilidade dos quatro páus em que viajaram os jangadeiros do norte. (...) Dois mil quilômetros de mar, sol, vento, tempestade e bom tempo naqueles lenhos amarrados, num desconforto total, dia e noite, por dois meses seguidos, é alguma coisa que excede todo o conceito de bravura. (...) Estamos diante de homens titanicos, cujo potencial de energia não está sendo aproveitado na medida das suas possibilidades. Tanta coragem, abnegação e capacidade de sacrifício apenas para ganhar o pão, que alguns parasitas repartem ficando com a melhor parte, mostrando assim que teem arte, é, positivamente, o rendimento mínimo de uma força imensa. Jangadeiros como os que aqui chegaram existem aos milhares. Esses homens, no entanto, produzem quase nada para sim mesmos e para o Brasil. Não valeria a pena aproveita-los de maneira inteligente e fecunda, organizando atividades marítimas mais rendosas, em que pudessem servir a coletividade nacional na plenitude de sua" tempera?"

Jacaré e seus três companheiros também enxergavam problemas no mundo da pesca e apontavam sugestões para a melhoria da atividade, como descrevi páginas atrás. Em essência, elas divergiam das transformações apregoadas por alguns de seus contemporâneos, como os acima descritos. Para os pescadores, essas melhorias passavam, necessariamente, pela ampliação da autonomia do trabalho, afastando os odiados atravessadores e proprietários de embarcações, além de por fim à irregular atividade dos "currais". Para o discurso "modernizante", a ênfase recaía na necessidade da mudança técnica, o "fim da jangada", que escondia sutilmente o fim da autonomia dos "donos do mar", como disse Costa Rego. Nessa visão, aproveitar melhor essa "energia", tão bem demonstrada na viagem de Fortaleza ao Rio, seria transformar aqueles simples e corajosos homens em "marinheiros úteis".

Mas em uma coisa as duas visões em disputa concordavam: o Estado deveria intervir na questão.[224] Essa instância, pensada e referida em ambos os discursos,

---

Brasil sempre privilegiaram a grande atividade de pesca e o centro sul do país, em detrimento do nordeste e dos pescadores artesanais.

[223] Jornal *Unitário*. Fortaleza, 22 de novembro de 1941, p. 4.

[224] É interessante lembrar que na Noruega a pequena produção pesqueira, exercida por pescadores autônomos, organizados em uma estrutura de produção familiar ou de vizinhança, sobrepuja em importância a grande pesca empresarial capitalista. Lá, os pescadores, com grande tradição de organização

dos jangadeiros e dos letrados, estando acima das classes sociais, poderia e deveria arbitrar quando os interesses da coletividade estivessem em jogo. Essa intervenção, portanto, viria, para os letrados, em forma de investimentos na modernização da pesca, com a introdução de novos tipos de embarcações, com maior capacidade de extração de riqueza e, ainda, no preparo técnico dos pescadores. Para os pescadores, o Estado poderia inibir a ação dos setores que exploravam os jangadeiros – atravessadores, donos de embarcações etc –, podendo ainda dotar as colônias dos meios necessários para, mediante empréstimo ou financiamento, proporcionar aos pescadores a aquisição de meios e instrumentos de pesca.

Os jangadeiros permaneceram no Rio de Janeiro ainda por cerca de 15 dias, sendo alvos de várias homenagens. As "classes trabalhistas da capital" patrocinaram um almoço de "cem talheres" no Magnific Hotel, onde estavam hospedados os pescadores. O ministro Capanema convocou representantes das escolas da capital para um desfile cívico pela Av. Rio Branco, que culminou com um discurso ao lado da jangada São Pedro, na Cinelândia. O Centro Cearense organizou uma solenidade no Teatro João Caetano, tendo discursado na ocasião o Ministro do Supremo Tribunal Federal, Waldemar Falcão. Estiveram no Palácio Episcopal, palestrando com o Cardeal Dom Sebastião Leme, de quem receberam terços bentos pelo Papa e participaram de missas nas Igrejas de São Sebastião e na Candelária[225]. Também participaram, como convidados, do Congresso de Brasilidade, que ocorria no Rio de Janeiro naquela ocasião.[226] Admirado com o Cristo Redentor, Jacaré, a exemplo do operário do poema de Bertold Brecht, comentou a um jornalista: "dizem que somos heróis e coisa e tal, e quem fez aquela imagem do Cristo Redentor, o que é?"[227]

Além do "apoio do Presidente" na defesa dos "direitos" dos pescadores,[228] outros benefícios materiais foram conseguidos, através de doações, seja de particulares, como uma subscrição popular feita sob a liderança do Centro Cearense para a compra de

---

cooperativa, forçaram o Estado a estabelecer leis restringindo a ação de armadores e outros não pescadores na pesca e, ainda, intervindo no sentido de criação de programas de financiamento. Sobre essa questão, *Cf.* Antônio Carlos Sant'ana Diegues, *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*, op. cit., p. 34.

[225] Participaram ainda dos seguintes eventos: Almoço na sede do S. ª P. S., Cerimônia de Hasteamento da Bandeira Nacional, no Ministério do Trabalho, além de visitas ao: "Lar da Criança", Corpo de Fuzileiros Navais, sede da Associação dos Cronistas Esportivos, Entreposto de Pesca e Policlínica dos Pescadores. Comunicação do Chefe da Secretaria de Segurança Social, Seraphim Braga, de 17 a 25 de Novembro de 1941. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro: Fundo Polícia Política, setor Estados – Ceará.

[226] Falarei mais sobre esse congresso e a sessão a qual participaram os jangadeiros no próximo capítulo.

[227] Jornal *Diário da Noite.* Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1941, p. 3.

[228] É assim que Jacaré se refere ao ato proveniente do Estado quando foi entrevistado pela "Cruzeiro do Sul", como um "apoio" à luta por aquilo que considerava um "direito". Em outro momento, ele diz que, se o decreto presidencial for "cumprido", será a "redenção" de sua classe. Ele separava, assim, o universo das leis do seu cumprimento. Realmente, sua luta até a morte será pelo cumprimento do ato governamental. Sua crença e confiança no presidente se mostrarão infinitas e inabaláveis, até o fim.

uma jangada e de utensílios modernos de pesca, seja de instituições como o Banco do Distrito Federal, que doa 5:000$000 contos de réis aos pescadores, seja a Sul América Seguros, que doa 4:000$000 para suas famílias.[229] A Caixa Econômica Federal, visitada pelos pescadores no dia 24, doou livros de histórias infantis, lápis e cadernos para os filhos. Da visita ao Internato do Colégio Pedro II, receberam 400$000 réis, contribuição dos alunos da instituição e de seus funcionários.[230] Também vários estabelecimentos comerciais da capital doaram produtos ou dinheiro, como a Muller e Cia, Max Krauser, Mapin Webb, Joalheria Masson, A Torre Eifel, dentre outras.[231] Os jangadeiros se sentiam confortáveis e satisfeitos com essas doações. Numa lógica fundada numa economia moral, baseada nas noções de "justiça e direitos fundamentados na moral do trabalho e da comunidade",[232] combinada com uma ética de valorização do trabalhador alimentada pelo Estado, que possuía fortes raízes na cultura dos jangadeiros, nada mais "justo" e "natural" que pessoas poderosas ajudassem.

Em Fortaleza, "mais festas" foram preparadas para os jangadeiros. Uma comissão liderada pelos jornais dos Diários Associados, com a ajuda da "madrinha" dos pescadores, cuidou dos preparativos da recepção àqueles que tinham projetado o nome do Ceará para o Brasil e quem sabe para o mundo. Sim, para o mundo, pois em dezembro desse mesmo ano o cineasta norte-americano Orson Welles tomou conhecimento da saga daqueles quatro brasileiros através de reportagem publicada na revista Time, se referindo ao episódio como: "milagre político no Brasil".[233] Após descrever a viagem dos pescadores e o ato daquele que identificou como o "astuto" presidente Vargas, recebendo em sua casa os pescadores e assinando, dois dias depois, um decreto que os beneficiava, estendendo a eles as leis sociais da legislação brasileira, o jornalista finalizou ressaltando o clima de entusiasmo que, contaminando a todos, levou os diretores de uma empresa aérea a disponibilizar aos jangadeiros um moderno bimotor para o retorno à capital cearense.

O vôo, "de forte cunho nacionalista", conforme proclamou um diretor da Navegação Aérea Brasileira, ilustra esse clima de entusiasmo apontado pelo redator da

---

[229] Jornal *Unitário*. Fortaleza, 27 de novembro de 1941, p.7.

[230] Comunicação do Chefe da Secretaria de Segurança Social, Seraphim Braga, de 25 de novembro de 1941. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro: Fundo Polícia Política, setor Estados – Ceará.

[231] Comunicação do Chefe da Secretaria de Segurança Social, Seraphim Braga, de 21 e 25 de novembro de 1941. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro: Fundo Polícia Política, setor Estados – Ceará.

[232] E. P. Thompson, *Costumes em Comum*, op. cit., p. 150-266, e Frederico de Castro Neves. "Economia Moral X Moral Econômica", op. cit.

[233] O jornal *Correio do Ceará* (Fortaleza, 17 de novembro de 1941, última página) comenta que a Agência *Associated*, de New York, pediu fotos dos jangadeiros para uma reportagem que estava sendo preparada. Posteriormente (11 de dezembro de 1941, p. 4), transcreve e comenta a reportagem publicada na revista *Time*.

revista americana. O episódio da São Pedro representou, também, uma oportunidade para que um conjunto de representações sobre a Nação, a identidade nacional e o papel destinado aos segmentos populares, formando uma estrutura de sentimentos, fossem elaborados e veiculados. Ao celebrar os jangadeiros, as pessoas celebravam a si próprias, ao Estado e a um projeto de Nação que se queria fundado nas qualidades físicas e morais daqueles homens. Como muito bem sintetizou o Cardeal Dom Sebastião Leme, em suas anotações no livro do raid:[234]

> "Acabo de receber a visita dos bravos pescadores da "Jangada São Pedro". Parecia-me estar vendo a própria alma da nacionalidade, naquilo que ela tem de mais brasileiro e cristão: fé viva, bravura física e moral, simplicidade feita de mansidão e doçura. Abençoai Deus os valentes jangadeiros, heróis da pobreza, lutadores do mar, florões da raça e da fé! Para eles, suas famílias e sua classe, com a admiração do Brasil, invoco a proteção, assistência e justiça que, em nome de Deus e da Pátria, lhes são devidas.
> Rio-de-Janeiro, 18 de Novembro de 1941."

[234] *Diário dos Jangadeiros*, op. cit., p. 106.

CAPÍTULO III

NACIONALISMO E CIDADANIA NO ESTADO NOVO:
A "TRILHA" DOS JANGADEIROS CEARENSES

Nesse capítulo, retomarei alguns aspectos da viagem de 1941, num duplo movimento: no primeiro, do lado dos jangadeiros, mostrarei que representou, de fato, um exercício de "luta por direitos", desde seus preparativos; no segundo, tentarei recuperar a "estrutura de sentimentos", de forte cunho "nacionalista", que se constituiu por ocasião da(s) viagem(s) dos quatro jangadeiros. Percebo nessas expressões uma oportunidade para compreender o "lugar" que cabia aos populares, no caso os jangadeiros, nas representações sociais das elites brasileiras dos anos de 1940 e no projeto político cultural do Estado Getulista.

Espero ter convencido o leitor sobre o sentido político dessa viagem. Para eles, estava claro desde o princípio que precisavam dar visibilidade à sua causa e conseguir das autoridades civis, religiosas e do Estado, corporificado na figura de Vargas, apoio para sua luta. A primeira viagem, de jangada, longe de ser um exercício desportista, exigiu doses altas de sacrifício. Coragem, fibra e experiência se constituíam, portanto, no tripé de sustentação desse sacrifício, eram os trunfos reais dos jangadeiros – o "capital" de que dispunham para enfrentar essa "luta".

Mas, estou falando de luta, luta por "reconhecimento", e, por conseguinte, pelo reconhecimento legal da condição de "trabalhador brasileiro". Na verdade, ser incorporado no Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Marítimos significou para a categoria de pescadores brasileiros a inserção profissional que não foi possibilitada a outros trabalhadores, como são os casos dos trabalhadores domésticos e dos inúmeros trabalhadores rurais, dentre outros. As viagens e a visibilidade conferida a elas foram, em grande medida, responsáveis por esse reconhecimento.

Com essa hipótese, pretendo reforçar a idéia de Welles, presente no trecho citado: a viagem de 1941, e seus desdobramentos no ano seguinte, como primeiros passo(s) para se fazer inserir na nação brasileira, o que significou, ainda, uma experiência de

cidadania "ativa", usando a terminologia de José Murilo de Carvalho. Para os jangadeiros brasileiros, Jacaré, Jerônimo, Manuel Preto e Tatá, as viagens significaram condição de possibilidade para que sua profissão, colocada na ordem do dia, recebesse a atenção das autoridades e, portanto, fosse reconhecida legalmente. Mas, insisto, isso se deu como resultado de muita "luta".

Existe um certo consenso na historiografia brasileira que discute cidadania no Estado Novo em ressaltar o avanço dos chamados "direitos sociais" em detrimento dos direitos políticos e civis. Dentro dessa argumentação, pouco lugar existe para a ação política autônoma dos trabalhadores brasileiros, que, cerceados pela ação coercitiva do Estado, aparecem como beneficiários passivos dos direitos sociais. Em Carvalho, essa idéia aparece sintetizada nos seguintes termos:

> "O período de 1930 a 1945 foi o grande momento da legislação social. Mas foi uma legislação introduzida em ambiente de baixa ou nula participação política e de precária vigência dos direitos civis. Este pecado de origem e a maneira como foram distribuídos os benefícios sociais tornaram duvidosa sua definição como conquista democrática e comprometeram em parte sua contribuição para o desenvolvimento de uma cidadania ativa." (grifos meus)[235]

É também nesses termos que Tânia Regina De Luca conclui suas reflexões sobre a questão, afirmando que a cidadania não "figurava como resultado de luta política", antes dependia da benemerência do Estado. Ambos os autores recorrem ao cientista político Wanderley Guilherme dos Santos para concordar com seu conceito de "Cidadania Regulada" que demarca os parâmetros oficiais de reconhecimento dos direitos dessa natureza.[236]

Lucília de Almeida Neves, retomando as várias abordagens sobre cidadania no Brasil republicano, ressalta que, nesse caso, não houve um desenvolvimento linear da cidadania e, seguindo na mesma direção dos autores acima referidos, aponta que "a ausência de liberdade de expressão e de participação política conviveu, durante o período do Estado Novo, com instrumentos legislativos bastante modernos de proteção e assistência ao trabalhador".[237]

---

[235] José Murilo de Carvalho. *Cidadania no Brasil. O longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 110.

[236] Tânia Regina de Luca. Direitos Sociais no Brasil, op. cit., p. 481; Wanderley Guilherme dos Santos. *Cidadania e Justiça. A política social na ordem brasileira.* Rio de Janeiro: Campus, 1979.

[237] Lucília de Almeida Neves, em "Cidadania: dilemas e perspectivas na República Brasileira." *Tempo*. Niterói: v.2, n.4, dez.1997, p. 95 (grifos nossos), faz um excelente balanço da historiografia sobre essa

Penso que a ação dos jangadeiros cearenses escapa a esse enquadramento teórico. Como já frisei e continuarei insistindo ao longo desse trabalho, eles empreenderam um projeto que, mesmo levando em consideração os marcos do apoio civil e oficial, preservou uma margem de autonomia a seus agentes. Dentro do contexto sócio-cultural em que estavam inseridos esses trabalhadores, esse era o campo de possibilidades.[238]

Estou pensando essa "ação social" em perspectiva semelhante àquela destacada por Giovanni Levi, ou seja, como "resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa que, embora difusa, não obstante oferece muitas possibilidades de interpretação e liberdades pessoais".[239] Dentro dessa mesma atitude, seria procurar dentro dos condicionamentos sociais, culturais e econômicos aquela "margem de manobra e iniciativa" dos indivíduos que desenvolvem uma ação, como sustenta Gilberto Velho.

Para destacar essa margem de "manobra e iniciativa individual", dentro do "campo de possibilidades" em que se desencadeou a ação dos quatro jangadeiros, destacarei aqui, inicialmente, a alfabetização de Jacaré, imaginando que realmente houve uma linha de continuidade entre essa iniciativa e a decisão de viajar em 1941 até o Rio de Janeiro. Também discutirei o sentido que os jangadeiros emprestaram à noção de "direitos" e, portanto, a afirmação da viagem como uma expressão de cidadania. Com a análise das representações sociais sobre a cultura dos populares, focada nos jangadeiros, busco explicar o contexto em que se realizou a viagem, justificando a brecha aberta pelos populares no projeto político cultural do Estado Novo.

Ao longo do texto, enveredei pelo universo das representações elaboradas pelos jangadeiros e por segmentos das elites brasileiras e agora analisarei mais algumas dessas representações. Por "representações sociais" venho compreendendo as leituras de mundo e elaborações discursivas constituídas no interior de uma realidade objetiva e em uma temporalidade específica. Essa realidade e temporalidade condicionaram, em parte, as ações dos indivíduos, sujeitos dessas elaborações, deixando, entretanto, uma brecha através da qual eles operaram suas escolhas e selecionaram um determinado tipo de resposta ou de representação.

A noção de "representações-ocorrência", oriunda da Psicologia, vincula, justamente, as representações selecionadas desse repertório a "disposição" dos sujeitos:

---

temática, retomando o estudo clássico e fundador de T. H. Marshall e dos autores brasileiros, dentre eles aqueles a quem estou me referindo.

[238] Gilberto Velho, *Projeto e Metamorfose*, op. cit., p. 21.

[239] Giovanni Levi. Sobre a micro-história. In: Peter Burke (org.) *A Escrita da História*, op. cit., p. 135.

> "O sujeito escolhe e manipula, em cada momento, em razão da situação (real ou imaginária) de sua ação, as representações pertinentes, tomando-as do conjunto de todas aquelas de que dispõe, de modo análogo a um músico ou a um datilógrafo que aciona um teclado (ou vários), segundo a metáfora de um especialista."[240]

Mas estou me referindo também a "representações sociais", que pressupõem elaborações compartilhadas por grupos e não apenas por um sujeito individual. É claro que quem elabora essas representações são indivíduos, informados, portanto, por um modo particular de leitura do mundo. Creio que esse sentido de apreensão compartilhada ao qual me refiro, que sugere a noção de grupo, de coletivo, ficam mais bem compreendidas a partir das noções de *habitus* de Pierre Bourdieu.[241] Em *habitus*, temos "as estruturas mentais mediante as quais os sujeitos apreendem o mundo social", ou seja, acionando escolhas, respostas, elaborações "dentro de um repertório cultural específico".[242]

Procurando "amarrar" as representações sociais à realidade a que se refere, Roger Chartier retoma e se apropria do conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu, ao invés de enveredar pelo caminho trilhado por aquelas abordagens que tendem a quase "autonomia" do discurso, que parece "perder de vista" a realidade que o informa. Para Chartier, portanto, a "representação" aponta necessariamente para "as posições e práticas objetivas" que caracterizam a vida dos indivíduos.[243]

---

[240] Ciro Flamarion Cardoso. Uma opinião sobre representações sociais. In: Ciro Flamarion Cardoso e Jurandir Malerba (orgs.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000, p. 25.

[241] *Cf*., a esse respeito, Pierre Bourdieu. *O Poder Simbólico*, op. cit.; e Ciro Flamarion Cardoso. Uma opinião sobre representações sociais, op.cit.

[242] Ciro Flamarion Cardoso, op.cit. Nesse texto, o autor faz um debate sobre a utilização do conceito entre os historiadores, enfatizando, particularmente, a apropriação da noção nos estudos de Roger Chartier. Também retoma a utilização do conceito em algumas abordagens da Psicologia Social, o que, em sua opinião, permite uma leitura que preserva a complexidade da questão, evitando-se, assim, as simplificações recorrentes em outras áreas do conhecimento, inclusive na história e antropologia. Conferir, ainda, os outros textos dessa coletânea que trazem vários elementos para a discussão da temática. *Cf*. Ciro Flamarion Cardoso e Jurandir Malerba, *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*, op. cit.

[243] Considero as abordagens de Roger Chartier bastante inspiradoras para enveredar no caminho das análises de representações sociais, inclusive por sugerir as noções de conflito e disputa que existem nesse universo. *Cf*. Roger Chartier. "A história hoje: dúvidas, desafios, propostas". In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, n. 13, 1994.

I

JACARÉ:

O "PERO VAZ DE CAMINHA" DA JANGADA SÃO PEDRO

> "Ele, o Jacaré, nasceu numa choça à beira-praia. O pai andava longe com a jangada, e quando voltou, viu aquela coisinha se esperneando. O olhar duro, duro de tanto espiar os temporais, ficou suave, como se tivesse passado o sudoeste e soprasse uma brisa macia. – Mulher, que cara espremida que ele tem. Parece até focinho de Jacaré... E assim, desde o dia em que nasceu, Manoel, filho de Manoel e neto de Manoel, passou a ser 'Jacaré' simplesmente. Cresceu, foi a escola, teve algumas veleidades literárias, fez versos, contou casos, teve amores, tocou violão e ficou respeitado."

Com essas palavras, os jornalistas Edmar Morel e David Nasser apresentavam, aos leitores de "O Globo", Manoel Olimpio Meira, ou simplesmente Jacaré, o jangadeiro cearense que realizou, juntamente com três companheiros, a façanha de viajar em alto mar, em uma rústica jangada, de Fortaleza ao Rio de Janeiro. A apresentação especial de Jacaré se devia a outra proeza realizada pelo jangadeiro: descrever em seu simples caderno de notas detalhes "impressionantes" (aos olhos dos jornalistas) da viagem.

Jacaré ficou conhecido como o "orador" da Jangada *São Pedro*. Em todas as ocasiões em que os quatro falaram aos jornalistas, era ele quem se destacava pela desenvoltura e sagacidade com que narrava suas histórias e comentava aspectos gerais da situação dos pescadores. Também foi ele o autor dos discursos proferidos em rádio ou em espaços públicos. Seus companheiros pareciam tê-lo autorizado a falar em seus nomes, apesar de também se pronunciarem, em algumas poucas vezes.

Mas parece que o papel de orador assumido por Jacaré foi algo que se deu naturalmente, como sugerem as palavras abaixo proferidas pelos jangadeiros ao serem instigados pelos jornalistas no Rio de Janeiro a também comentarem a assinatura do decreto presidencial que os incluía no Sistema de Aposentadoria e Pensão dos Marítimos.

> "- Jacaré já disse a nossa opinião... *(Disse um dos jangadeiros)*
> - Está certo. Qualquer um de nós pode falar, porque não temos chefe.
> - Quando deixamos a Praia de Iracema, juramos que nenhum de nós era superior. *(Exclamou Jacaré)*"[244]

[244] Jornal *Diário da Noite.* Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1941, p. 8.

Além da capacidade oratória de Jacaré, outra vinha se somar a essa: a habilidade com a escrita, que, apesar de limitada, o distinguia dos seus colegas da *São Pedro* e (porque não dizer?) da grande maioria dos colegas de profissão. Apesar disso, quase todas as matérias de jornais que consultei, com exceção daquelas de autoria de Morel, descreviam os quatros pescadores como analfabetos, ao lado de outras mazelas como miseráveis, sofredores etc. Entretanto, esse não era o caso de Jacaré.

Acredito que esse "lapso" de alguns jornalistas tenha a ver com a concepção da cultura popular vigente na maioria da intelectualidade brasileira, em especial daquela identificada direta ou indiretamente com a proposta cultural do Estado Getulista. Nesse projeto cultural, havia um movimento ambíguo de positivação e, ao mesmo tempo, de negativização do povo. Nessa negativização, estavam presentes as idéias do povo como "inconsciente, analfabeto e deseducado", cabendo ao Estado, através dos seus agentes pensantes e ilustrados, "educá-lo".[245]

Devo confessar que também cheguei a acreditar serem os quatro "analfabetos", em primeiro lugar porque imagine**i** que essa era a condição de grande parte dos trabalhadores do mar no Brasil nos anos de 1940,[246] mas também por me deparar, inicialmente, somente com o "livro do raid" e constatar que não havia o registro de autoria de nenhum dos quatro pescadores. Meu raciocínio imediato foi: como eles não sabiam escrever e gostariam que suas "aventuras" fossem registradas, pediram a outros para fazer esses registros. O raciocínio era simples demais e se mostrou falso.

Tal impressão começou a ser desfeita na entrevista que fiz com a filha mais velha de Jacaré, Senhora Maria Olímpio Meira, apelidada pelo pai de "Baiana".[247] Comentei com D. Maria uma matéria de jornal em que aparece Jacaré com uma carta, segundo o jornal de autoria da própria Maria, à época com 10 anos, e em letras garrafais no alto do jornal vinha escrito: "volte logo, papai, que nós estamos com muitas saudades do senhor". Mais em baixo, uma outra frase aparecia como tendo sido proferida por Jacaré: "Minha filhinha de 10 anos já escreve e eu, homem feito, não sei escrever". Mais abaixo, uma foto dos quatro pescadores, Jacaré de cabeça baixa com uma carta entre as mãos e uma

---

[245] Mônica Pimenta Velloso. Os Intelectuais e a Política Cultural do Estado Novo. In: J. Ferreira e L. A . N. Delgado (orgs). *O Brasil Republicano*. Vol. 2: O tempo do nacional-estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 145-179.

[246] Não tenho documentos que comprovem esse fato, mas, se levarmos em consideração que dados do IBGE do ano de 2003 anunciam que 70% dos pescadores brasileiros não sabem ler ou escrever, é de se presumir que, para o ano de 1941, os números seriam mais aviltantes.

[247] A entrevista foi realizada em abril de 2001, em sua residência. Francisco, o filho mais velho de Jacaré, tinha o hábito de apelidar os irmãos com nomes de peixes; Baiana, é de fato, uma abreviação de "Arabaiana".

pequena legenda: “A reportagem do CORREIO DA NOITE entre os jangadeiros cearenses, no hotel onde estão hospedados, vendo-se Jacaré quando *lia* a cartinha de sua filha mais velha”. (grifo meu)[248]

Ao ver essa reportagem, dona Baiana balançou a cabeça e foi logo dizendo: “Ele disse isso de gaiato, porque ele sabia escrever muito bem, sua letra era linda”. Continuou esclarecendo que o pai escrevia poemas e que tinha um caderninho, que tratava com grande cuidado, onde gostava de registrar o nascimento e aniversário de seus filhos. Contou que o pai havia aprendido a ler e escrever com Dona Lyrysse Porto, professora das crianças da Colônia Z-1.

Sobre as leituras de Jacaré, pouco sei. Parecia razoavelmente informado a respeito dos acontecimentos políticos e sociais do Brasil e dava um valor especial aos jornais impressos. Durante os anos em que esteve à frente da Z-1, foi com grande freqüência à redação de jornais locais dar notícias aos jornalistas e fazer denúncias. Essas visitas sinalizam, ao mesmo tempo, momentos de “trocas, interseções, partilhas entre os universos populares e dominantes”, como de modo perspicaz percebeu Rachel Soihet,[249] mas também uma estratégia de inserção no universo da cultura letrada. As filhas de Jacaré não gravaram imagens do pai lendo, mas escrevendo não esquecem.

Para a primeira viagem à Capital Federal, Jacaré organizou um “caderno de notas”, como já me referi, onde registrou alguns momentos do arriscado *raid*. Nele, deixou a sua marca e a de alguns de seus companheiros do mar, pescadores alfabetizados, que conheceu ao longo da travessia. Operou uma diferenciação nos dois documentos construídos durante a viagem, denominando genericamente de “livro do raid” aquele com o registro das autoridades, e o seu e de seus companheiros, de “caderno de notas”. Esse último documento lhe conferiu o título de “Pero Vaz de Caminha da Jangada São Pedro”, resultado de uma situação pilhérica que ocorreu em Natal, segundo relato do próprio jangadeiro, transcrito no jornal carioca *Diário da Noite*, de 12 de novembro de 1941:[250]

> “Na hora das bebidas, quando levantaram a taça pra nós, um doutor perguntou quem estava escrevendo o diário de bordo. Eu disse que era eu. E ele bebeu a cerveja e disse: - Salve o Pero Vaz Caminha da jangada ...
> Eu fiquei intrigado: - Salve quem, homem?
> Ele tornou a repetir: - Pero Vaz Caminha...

[248] Matéria publicada pelo jornal *Correio da Noite*, fixada na página 71 do *Diário dos jangadeiros* (op. cit.)
[249] A autora pensou isso a partir da constatação da recorrente ida de um sambista carioca aos jornais. Rachel Soihet. O Povo na Rua: manifestações culturais como expressão de cidadania. In: J. Ferreira e L. A . N. Delgado (orgs). *O Brasil Republicano*, op. cit., p. 316.
[250] Ver também *Diário dos jangadeiros*, op. cit., p. 191.

Ai o Tatá emendou: - Esse não veio, não senhor...”

Ao chegarem a Cabo Frio, Jacaré, Tatá, Mestre Jerônimo e Manuel Preto foram acompanhados por alguns dias pelos jornalistas Edmar Morel e David Nasser, do *Diário da Noite* e *O Globo*, respectivamente, que fizeram longas e detalhadas reportagens sobre a viagem e os quatro jangadeiros. Foram presenteados com o caderno de notas de Jacaré e transcreveram seu conteúdo, complementado com alguns esclarecimentos, nos dois periódicos, sob o título de “Diário de Bordo da Jangada São Pedro”, que, segundo escreveram os jornalistas no *Diário da Noite*, de 8 de Novembro de 1941, era “a narrativa completa e honesta do *raid* dos heróis bronzeados do sol”.

A narrativa de Jacaré enfocava os acontecimentos mais marcantes e a estrutura de sentimentos que ele e seus companheiros experimentaram durante a travessia, de modo direto, desprovido de elementos retóricos, mas fortemente marcado pela emoção, ritmo, rico em metáforas, consoante com sua condição de homem do povo, com pouco tempo de alfabetização. Tratava os momentos arriscados da viagem, que tanto impressionaram os jornalistas no Rio de Janeiro, com extrema naturalidade e simplicidade, diferente do tom épico que marcou o “livro” do *raid*, que comentarei mais adiante.

Jacaré, como espero já ter demonstrado, se destacava de grande parte de seus companheiros do mar, não apenas pelo ato técnico de saber ler e escrever. Isso não pode ser pensado apenas como uma questão técnica. Estou convencida de que a estrutura de pensamento desse jangadeiro foi se complexificando, suas ferramentas de comunicação se expandindo e, ao meu ver, sua capacidade de fazer uma leitura do mundo se ampliando.

A oralidade dos homens do povo é rica de elementos metafóricos, gestuais, poéticos, rítmicos e imaginativos, como lembra Antônio Vinão Fraga.[251] Jerônimo, Tatá e Manuel Preto, nas poucas vezes em que falaram a jornalistas durante o episódio, dão prova dessas qualidades. Entretanto, na hora em que era cobrada uma opinião sobre determinado acontecimento, portanto, quando o pensamento para se expressar tinha que ultrapassar o concreto e abstrair-se, atribuíam a Jacaré essa tarefa.

Jacaré recebia, hábil e tranqüilamente, a incumbência e a realizava com aqueles mesmos elementos acima descritos. Mostrava-se capaz de falar sobre diversos assuntos, mas trazia, tanto oralmente como escrevendo, aqueles elementos da vida concreta, prenhes de emoção e metáforas. Só essa capacidade justifica a utilização de uma

[251] Antônio Vinão Frago, *Alfabetização na Sociedade e na História: vozes, palavras e textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

imagem tão forte e rica de significados quando descreve em seu "caderno de notas" a cara de tristeza do companheiro Tatá ao se afastarem da bucólica Praia de Iracema: "cara de acompanhador de procissão do Senhor Morto".

Como na fala, a escrita de Jacaré era teatral e performática. Ou seja, para o convencimento do leitor, ou, para que esse sentisse mais do que entendesse o que ele queria dizer, e na falta de elementos gramaticais e retóricos próprios daqueles que utilizam cotidianamente a expressão escrita, Jacaré transmutava para seu texto expressões próprias do universo dos gestos e dos sentidos. Daí ele ter construído frases como a que destaquei acima e essas: "Pra descansar o Jerônimo arriou um pouco e foi descansar na corda"; "Fazia um calor desgraçado, com o perdão da má palavra"; "entusiasmo assim, só quando chegou o Juarez Távora em nossa terra"; "Eu já estava com saudade e os outros pelo jeitão estavam também"; "começou a urucubaca da miudinha"; "Em Maxaranguape esbarrei com um cabeceiro descarado".[252]

Assim, apesar de Jacaré dominar razoavelmente a escrita e a leitura, permanecia, ainda, sob o peso da oralidade. Talvez esse fato se justifique, em parte, por uma alfabetização tardia, que não deu tempo de desenvolver o hábito da leitura e a conseqüente ampliação do vocabulário e desenvoltura na utilização de recursos gramaticais variados da língua. Dessa forma, o adulto recém alfabetizado escrevia como falava.[253]

Mas o peso da oralidade se justifica, principalmente, pelo fato de Jacaré e seus companheiros pescadores, analfabetos ou semi-alfabetizados, viverem, naquele momento, uma situação de "oralidade mista", usando a terminologia de Paul Zunthor.[254] No universo da cultura desses homens pobres, havia pouco espaço, ainda, para a escrita, seja no trabalho, nas relações entre seus pares, no meio associativo em torno da Capela de São Pedro, enfim. Por mais que Jacaré e alguns outros tenham percebido a importância da escrita, como ferramenta de cidadania, o trânsito de uma comunicação baseada na oralidade para a escrita era difícil, porque a cultura estava fortemente marcada pela primeira forma.

---

[252] *Diário dos Jangadeiros*, op. cit., p.188-193.

[253] De modo breve, A. R. Luria, em *Pensamento e Linguagem. As últimas conferências de Luria* (Porto Alegre: Artes Médicas, 1987), se refere a essa questão em termos semelhantes.

[254] Paul Zunthor. *A Letra e a voz: a literatura medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Frederico de Castro Neves, em *As mil voltas de "Seu" Muriçoca: migração e paternalismo no relato de um narrador exemplar* (*Trajetos*. Fortaleza: UFC, v.2, n.3, 2002, p.55-69), também se vale desse conceito de Zunthor, ao analisar o depoimento de um personagem proveniente do mundo rural cearense, acrescentando que a escrita funcionava pouco nas relações cotidianas desses homens, mas que "valia muito nas relações entre as classes".

Concordo com parte das reflexões de Vigotski e Luria[255], ao proclamarem o peso dos aspectos sociais e históricos no desenvolvimento da cognição. Os estudos desses pensadores possibilitaram ampliar as possibilidades de pensar as ferramentas envolvidas no ato de pensar, de modo categorial e abstrato, e da conexão dessas com a linguagem, diminuindo o peso determinante atribuído a fatores biológicos no desenvolvimento cognitivo do ser humano.[256]

Essa idéia de Luria de duplicação do mundo me faz lembrar a proposta da "pedagogia radical" de Paulo Freire, relacionando a leitura da palavra, ou seja, a apreensão da escrita e da leitura, com a leitura do mundo, essa capacidade de se ver inserido na realidade e capaz de refletir sobre esta, posicionar-se e partir para a ação consciente. Não se pode esquecer que a proposta de Freire se voltava diretamente para a alfabetização de adultos pobres.[257]

Na trilha dos estudos de Luria, Vigotskii e provavelmente Freire, situo as reflexões de Jack Goody,[258] que, em grande parte, se volta para o papel da introdução da alfabetização e, portanto, da potencialidade da escrita e da leitura, na transformação cultural da sociedade. Esse autor parece ter se convencido, através de seus estudos no Brasil e mais profundamente na África, que, ao possuir a habilidade da leitura e da escrita, os homens adquirem possibilidades impossíveis de serem realizadas sem essa aquisição.

Parece-me, portanto, que a aquisição da habilidade da leitura e, mais profundamente, da escrita,[259] contribuiu para o desenvolvimento da percepção de Jacaré e do alargamento de sua visão de mundo. Mas não foi apenas isso. As experiências sociais e culturais por ele vivenciadas, o relacionamento com os companheiros na Praia e na

---

[255] L. S. Vigotskii, A. R. Luria e A. N. Leontiev. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem.* São Paulo: Ícone/Ed. USP, 1989.

[256] Luria (*Pensamento e Linguagem*, op. cit.) estava preocupado com a possibilidade do homem se libertar do reino do imediato, sensorial, e passar para o racional, aquele pensamento que possibilitaria, em suas palavras, "duplicar" o mundo. O reino do sensorial aprisiona porque só permite perceber aquilo que se manipula, se vivencia. Já a ampliação da linguagem e do pensamento permite perceber qualidades, relações, ações, para além da experiência imediata. Seguindo Luria, a linguagem é entendida aqui como um complexo sistema de comunicação, inclusive pela escrita, a palavra.

[257] Sobre a pedagogia radical de Paulo Freire, *Cf.* Paulo Freire e Donaldo Macedo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990; e Paulo Freire. *A Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

[258] Sobre esse autor, *Cf.* Maria Lúcia Garcia Pallares Burke. *As Muitas Faces da História: 9 entrevistas*. São Paulo: UNESP, 2000; Jack Goody. *La Domesticación Del Pensamiento Salvaje*. Madri: Akal, 1985; e Antônio Vinão Frago. *Alfabetização na Sociedade e na História*, op. cit.

[259] Sobre a alfabetização em uma perspectiva cultural e particularmente sobre a historicidade da aprendizagem da leitura e da escrita, *Cf.* Jean Hebrard. Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da História Cultural. In: Márcia Abreu (org). *Leitura, História e História da Leitura*. São Paulo: FAPESP/ALB/Mercado das Letras, 1999. Aqui, o autor destaca que nem sempre se deu a aprendizagem simultânea da leitura e da escrita. Isso me faz pensar nas necessidades culturais que orientam essas práticas. Jacaré parece ter se valido mais instrumentalmente da habilidade da escrita.

Colônia, com a professora, com o padre da Paróquia de São Pedro, com Orson Welles e com as autoridades e demais pessoas de seu círculo costumeiro, se constituíram em elementos essenciais para o desenvolvimento de seu pensamento autônomo e de sua ação.

Por outro lado, há aspectos da sua individualidade que não podem ser desprezados. Jacaré gostava de fazer poesia, o que pode explicar, em parte, a utilização em sua fala e em sua escrita de fortes elementos poéticos e emocionais. Como naquele trecho de abertura de seu "caderno de notas", quando diz: "o samburá estava cheio de coisas, a barrica cheia d'água e os nossos corações cheios de esperança". Aqui ele opera uma complexa relação que remete a elementos concretos e imediatos de seu cotidiano na jangada, o samburá e a barrica que estavam cheios, e lança mão da noção mais abstrata e fortemente emocional de um coração, como o samburá e a barrica, igualmente cheio, só que de algo bem mais distante, a esperança de mudanças e de felicidade.

Mas, com sua alfabetização e seu caderno de notas, Jacaré não estaria de modo consciente garantindo para si e para seus companheiros a propriedade da fala e com isso demarcando um território de certa autonomia? Jacaré e seus amigos receberam a sugestão de fazerem chegar por escrito suas reivindicações ao presidente Vargas. Não a aceitaram, queriam provar coragem e se mostrarem merecedores do apoio estatal. Mas, realizando a tão arriscada viagem, quiseram também registrá-la. Disputaram assim a autoria da narrativa, o "poder de falar".[260]

Não é possível, também, concluir que o jangadeiro possuía uma certa consciência histórica – aquela que lhe fazia relembrar o passado, reconhecer o presente e fazer projetos para o futuro? Em seu caderno de notas estão presentes esses elementos, é claro que com muito mais peso para elementos do presente, mas com referência coerente ao passado e ao futuro.[261]

Esses registros transcritos nos jornais são apenas fragmentos das representações construídas por Jacaré sobre a saga que protagonizou, juntamente com Tatá, Manuel Preto e Mestre Jerônimo. São fragmentos de segunda mão, já que passaram pela intermediação dos jornalistas no Rio de Janeiro. Apesar disso, os dois repórteres se comprometeram publicamente a respeitar os originais, o que nos dá alguma garantia de que

---

[260] Peter Burke, em *A Arte da Conversação* (São Paulo: UNESP, 1995, p. 41), sugere oportunamente que "a história social da linguagem, da mesma forma que outras formas de história social, não pode ser separada das questões de poder".

[261] Lembro aqui das reflexões de Hanz-Georg Gadamer, em *O Problema da Consciência Histórica* (Rio de Janeiro: FGV, 1998), sobre o filósofo Martin Heidegger e sua "facticidade do ser", quando atribui à hermenêutica ir além do texto e se voltar para a própria existência, devendo ser uma forma de percepção do mundo. Heidegger reconhece na "facticidade do ser" a interconexão de elementos da tradição, experiência e horizonte de possibilidades.

seu conteúdo foi preservado. O original de seu caderno de notas, contendo descrições não valorizadas pelos jornalistas cariocas e os registros de seus companheiros, ainda não foi encontrado, o que certamente daria mais elementos para a compreensão da ação desses quatro "Heróis Bronzeados do Sol".

Mas Jacaré, além de escrever e narrar para seus companheiros ao longo do litoral aspectos da viagem que realizava, também teve contato, no Rio de Janeiro e no retorno festivo ao Ceará, com outra forma de expressão: o discurso proferido para uma grande audiência, seja em espaços abertos, seja ao microfone de uma estação de radiotransmissão. Em várias ocasiões, discursou ao lado de autoridades, poetas, políticos, Interventores, Ministros de Estado. A partir desses momentos, começou a se dar conta da distância que o separava daqueles de cultura letrada. A escrita, e o discurso verbal, preparado com o recurso do letramento, era uma arma que não estava totalmente à sua disposição[262].

Mas, compreendendo essas diferenças, Jacaré passou a adotar, sabiamente, uma estratégia discursiva de constantemente lamentar "não saber falar bonito, ou não ter linguage". Na verdade, ele utilizou positivamente e como um trunfo a seu favor as dificuldades de expressar-se dentro dos moldes da linguagem formal. Até o agente de segurança da polícia de Vargas achou por bem registrar o fato em seu relatório de 18 de novembro, quando escreveu que, "comovidíssimo, o jangadeiro Manoel Olímpio Meira declarou estar possuído de inveja da cultura de S.S pois era seu desejo agradecer a altura aquela significante homenagem".[263] Lembro que a homenagem em questão partiu do Ministro do Trabalho, depois de ter ouvido a "rude", mas longa, exposição de Jacaré revelando as críticas, dele e de seus companheiros, à direção da Federação dos Pescadores do Ceará. A mesma estratégia foi novamente utilizada no discurso Jacaré que fez na chegada a Fortaleza.[264] Apesar de longa, essa fala do Pero Vaz de Caminha da *São Pedro* dá uma pequena idéia do conflito em que se encontrou esse sujeito com um desejo de saber, que entendeu também significar uma forma de exercício de poder:

> "Cearense,
> Eu não tenho o que vos dize porque todos sabe que o jangadeiro vive numa lama de ignorança. Ah se eu fosse um home desses que acabam nesse instante de falar neste microfone, como eu agradecia a todas as pessoas que

[262] Estou sugerindo aqui a carga de poder simbólico que se esconde por trás das diferentes formas de expressão da linguagem. *Cf.* Pierre Bourdieu. *O Poder Simbólico*, op cit., especialmente p. 7-15.
[263] Comunicação do Chefe da Secretaria de Segurança Social, Seraphim Braga, em 18 de novembro de 1941. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro. Fundo Polícia Política, setor Estados-CE.
[264] Jornal *Correio do Ceará*. Fortaleza, 1 de dezembro de 1941, p. 4.

> concorreram a bem da minha viagem para o Rio de Janeiro.(...) E tanto ele fez (agradecendo ao jornais dos Diários Associados) que nos cheguemo perante o doutor Getulio Vargas para reclamar os nossos direito que muita vez era cuspido com esse cuspe imundo quando defendia nossos direito. Quando o jangadeiro dizia a verdade muita gente cuspia com aquele cuspe imundo. E não querendo tanto se ferir a esse ponto de vista, porque *sou um homem rude, sou um home cego, eu não quero me expressar porque não tenho linguage***.** Boa noite pessoal de Fortaleza. Agradeço desde a mais alta autoridade como o doutor Menes Pimentel, que está de lá olhando as minhas simples palavra, tão pobrezinha, ele com tanta palavra bonita para dirigir ali. O doutor Pimentel está dizendo pra ele mesmo: "Ah se fosse eu no lugar do Jacaré, quanta palavra bonita eu num dizia". *Tanta palavra bonita que existe no doutor Pimentel e tanta ignorança que existe no Jacaré***.** Doutor Pimentel, *dei-me um pouco do vosso estudo e mande pra que eu agradeça ao pessoal de Fortaleza com palavras bonita e rica.* Agradeço a todos, desde a mais alta autoridade até a mais simples criancinha que neste momento está dormindo no seu rico berço. Ah se eu tivesse um pouco de estudo. *Um home que nunca nem abriu uma carta de ABC, como é que eu posso ter o direito de falar a tanta capacidade! Posso dize que sou o home mais atrevido...*" (grifos meus)

II

"A CANJA VAI ACABAR":

AS REIVINDICAÇÕES DOS PESCADORES NO CONTEXTO DE UMA LUTA POR DIREITOS

Já discuti em outro capítulo o que estimulou Jacaré e seus companheiros a efetivarem a viagem. As notícias das realizações do Governo Vargas, provavelmente, chegaram até os pescadores através da boca dos "amigos da Praia" e dos canais de divulgação controlados pelo governo no período, em especial o radio, pois, apesar de não possuírem aparelhos particulares, programas radiofônicos eram transmitidos em praças, alcançando um grande número de ouvintes. A imprensa, o rádio e o cinema, além da publicação de cartazes, folhetos, etc, funcionaram como importantes e eficazes instrumentos de propaganda das ações estatais bem como da divulgação das qualidades dos governantes, em especial do Presidente.[265]

Essas notícias alimentaram nos pescadores do Ceará o desejo de inserção social. Conscientes de que algumas categorias de trabalhadores estavam sendo beneficiadas com as ações do governo no que toca aos benefícios sociais e, por outro lado, vendo-se representados e valorizados no discurso e na prática desse Estado, se sentiram

[265] Maria Helena Capelato, *Multidões em cena*, op. cit., p. 77. Segundo essa autora, o "número de radiorreceptores aumentou, durante o Estado Novo, de 357.921 aparelhos para 5.659.762 em 1942" (p.76).

encorajados a procurarem o Presidente e lutarem por aquilo que consideravam seus direitos.

Essa compreensão a respeito dos "direitos" de quem trabalha honestamente, alimentada e, provavelmente, amplificada durante toda a viagem, é belamente representada nas palavras de Jacaré, em solenidade no Conselho Administrativo do Instituto dos Marítimos, que ele e seus companheiros de viagem são convidados a participar. Aqui, o jangadeiro afirmou que nenhum dinheiro do mundo os faria deixar o Ceará e seus filhos, nem, muito menos, outros apelos, mas vinham porque procuravam aquilo que consideravam "nossos direitos". A beleza e sinceridade dessa representação justificam a transcrição um pouco longa:

> "Eu não sei o que diga – afirma Jacaré – quando ouço dizê que dessa grande casa tem um pedação que pertence a nós jangadeiros do Norte. Eu não sei o que diga quando ouço fala por todo o mundo que está aqui presente que nós jangadeiros, temos algum direito e **podemos pedir esse direito**... Saindo da Praia de Iracema, com o coração partido – continua Jacaré – despedindo dos nossos filhinhos que choravam, vocês pensam que nós queríamos somente era vê a capitá bonita? Vocês pensa que nós queria goza? Não. Nós saímos de lá porque nós tinha de procurá nossos direitos. Porque todos que aqui estão podem acredita, nenhum dinheiro do mundo me fazia abandona meus fio, para vir até aqui. Mas é que eu me achava esmagado, provocado e nem respeito havia pelo pescador no Ceará... Quando nós saímos de Fortaleza – diz adiante – vendo ao longe as velas distantes no farol do Mucuripe, nós queríamos vir buscar nosso direito."[266] (grifos meus)

Jacaré falou, inicialmente, que ouvia de todos os presentes que os "jangadeiros tinham direitos"; disso ele entendeu que havia uma autorização expressa para que esses direitos fossem "pedidos". Aqui sobressai a lógica autoritária e paternalista do Estado Novo, também incorporada pelos pescadores, pois se compatibilizava com suas práticas tradicionais: pedir e não exigir. O *campo de possibilidades* era esse e, parece-me, para os pescadores já era coisa demais. Mas Jacaré também admitiu que saíram, em viagem tão arriscada e perigosa, na busca desses direitos, sugerindo, ainda, que em torno desses direitos estava o reconhecimento e a valorização do pescador, algo que, até aquele momento, no Ceará, ainda não se verificava. É isso que compreendo através da força emocional da descrição de seu estado: "Mas é que eu me achava esmagado, provocado, e nem respeito havia pelo pescador no Ceará".

[266] Jornal *O Radical*, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1941, p.3.

Compreendo que o apelo estatal verificado naquele momento da vida do país tocava os trabalhadores brasileiros e mobilizou Jacaré e seus companheiros, já que eles se percebiam referidos e inseridos no discurso governamental. Eles devem ter compreendido que, através do trabalho, que exigia cotidianamente esforço, coragem e bravura, encarnavam elementos presentes na fala da propaganda estatal e que, portanto, estava aberto um canal de entendimento entre eles e os representantes desse Estado. Isso talvez explique, em parte, a insistência dos pescadores em fazer a primeira viagem em uma rústica jangada de piúba, instrumento usual do trabalho diário. Jacaré e seus companheiros queriam ir de jangada e eles mesmos entregariam o documento reivindicatório ao Presidente e se entenderiam diretamente com este.

Os pescadores cearenses de 1941 compreenderam o peso simbólico de uma viagem reivindicatória realizada em uma rústica jangada naquele momento da vida do país. Para eles era um risco a que já estavam acostumados. É certo que se espantaram com baleias, tubarões, falta de ventos, temporais e outros problemas enfrentados ao longo da viagem. Mas isso não seria um grande problema, já que vislumbravam com a ida ao Rio de Janeiro a chance de mudar o destino dos inúmeros trabalhadores do mar, que viviam sem escola, saúde, assistência e sendo explorados pelos donos de jangadas.

Durante a viagem, os jangadeiros eram inquiridos acerca do que iriam contar a Vargas e o que queriam lhe pedir. Afirmavam que iam denunciar três práticas que ocorriam no mundo da pesca que dificultavam a vida dos pescadores: a prática dos currais, o comércio feito por “atravessadores” e a divisão do pescado pelo sistema de “meia”. Pelo conteúdo das denúncias e da representação acima construída, é possível interpretar que os pescadores não estavam satisfeitos com a forma como os produtos resultantes de seu arriscado trabalho eram divididos. Essas práticas (refiro-me aos atravessadores e à meia), impostas por uma economia de mercado e pela lógica de quem tem propriedade tem o poder de decidir sobre a riqueza por ela produzida, entravam em choque com uma concepção própria de justiça e de direitos fundamentados no valor moral do trabalho. Jacaré e seus companheiros não contestavam a função do mercado, mas consideravam injusta a divisão da riqueza gerada por seu trabalho.

Câmara Cascudo descreve essa tensa situação de partilha do pescado e da relação com o proprietário da embarcação e os atravessadores. Sugere uma certa hierarquia entre os tripulantes da jangada em pescaria e a permanência de alguns costumes.

> "O dono já jangada, pesque ou não, tem direito à metade do pescado obtido. Raramente, o mestre é proprietário. Para a divisão do *monte*, todos os peixes reunidos no final, há uma marcação individual de cada jangadeiro. O mestre não tem sinal algum. Peixe limpo de marca é do *mestre*. O proeiro corta uma ponta da cauda do seu peixe e o bico de proa as duas pontas. O contra-bico tira, com a peixeira afiada, um lapo no focinho do peixe. O proprietário fornece todos os aviamentos, anzóis, cordas, calas de linha, bicheiro, saçanga, araçanga, samburás, barril de aguada e mesmo a alimentação. Recebe cinqüenta por cento da pescaria feita pelo mestre, proeiro e bico de proa e do contra bico se este viaja. Um direito consuetudinário é o mestre receber do proprietário alguns peixes, "de quebra", como gratificação. Cada jangadeiro leva, por uso velho, um ou dois peixes para casa, 'a ceia'. O jangadeiro não vende seu pescado. Vende-o ao "atravessador", ao peixeiro, que se finge pescador, contando as maravilhas heróicas que sabe de ouvido. Encalhada a jangada nos rolos, puxada para o seco, retiram os aviamentos, utensílios de pesca, e vão para casa, esperar o peixe cozido com pirão escaldado e recomeçar, na madrugada imediata, a mesma tarefa."[267]

Se for levado em consideração que apenas nas décadas de 1910/20 o pescado se torna uma mercadoria e que, nesse processo, surgem as figuras de não pescadores que se colocam entre os trabalhadores diretos e o fruto do trabalho, no caso os proprietários de jangadas e os atravessadores, é possível admitir que estava em construção uma lógica capitalista de mercado ainda não inteiramente absorvida e aceita pelos pescadores artesanais. Além do mais, existiam obrigações morais assumidas pelos pescadores em seus círculos de convivência na comunidade pesqueira, que requeriam a manutenção constante de um excedente. Refiro-me ao auxílio prestado aos velhos, pescadores inválidos, viúvas e órfãos da comunidade.

Mesmo considerando os diferentes contextos históricos, acredito poder aproximar essa noção de "justiça e direitos fundamentados na moral do trabalho e da comunidade" dos jangadeiros do conceito de "economia moral" de Edward P. Thompson.[268] O interessante é reconhecer que a leitura que os jangadeiros faziam do momento histórico em que viviam os estimulava a encaminhar ao representante do Estado essas denúncias. Isso, ao meu ver, está inteiramente de acordo com os pressupostos teóricos que embasaram o projeto político do Estado Novo. Os ideólogos do regime não pregavam que a desorganização econômica em que vivia o país era resultado dos excessos de

[267] Luís da Câmara Cascudo. *Jangadeiros*, op. cit., p. 27.

[268] Thompson estava preocupado em compreender os motins de fome que ocorriam na Inglaterra do século XVIII. Acreditava que ali existia bem mais do que uma "reação espasmódica" dos populares, que saqueavam porque tinham fome. Na verdade, reconheceu nas ações daqueles homens e mulheres uma resistência à introdução de novas regras de mercado que contrariava normas aceitas pela comunidade e legitimadas pelo costume e pela tradição. Conferir a esse respeito, E. P. Thompson. *Costumes em Comum*, op. cit., p. 150-266; e Frederico de Castro Neves. "Economia Moral x Moral Econômica", op. cit.

liberalismo da Primeira República? Não atribuíam, justamente, ao Estado Nacional a tarefa de harmonizar os interesses conflitantes entre o capital e o trabalho e colocar limites ao mercado?[269]

Em Macaé, falando a jornalistas, Mestre Jerônimo mostra o "memorial" que iriam entregar ao Presidente, contendo as reivindicações que iam fazer, e exclamou, com a linguagem característica da fala dos homens do povo, rica em metáforas e fortemente emocional:

> "Sabe o que é isto? É o memorial que vamos entregar ao presidente da República. Agora vai acabar a 'canja' do dono da jangada ficar de papo pro ar, gozando a vida à custa do nosso suor."[270]

O memorial entregue pelos jangadeiros, transcrito nos jornais, não toca nas denúncias feitas aos atravessadores, aos donos de jangadas e aos currais. Elas foram proferidas verbalmente, primeiramente a Edmar Morel, em Macaé, depois a outros jornalistas, já na cidade do Rio de Janeiro, ao próprio presidente Getúlio Vargas e com seus ministros, em encontros posteriores. O documento, a parte mais oficial da viagem, dá conta de afirmar o apoio e admiração dos jangadeiros ao Estado, materializado na figura "paternal" de Vargas e do pedido de amparo através da legislação social.

O texto desse documento, escrito de modo correto, respeitando as regras gramaticais e ortográficas, sugere que seu conteúdo passou pela revisão de alguém mais letrado do que Jacaré. Mas, a autonomia demonstrada pelo jangadeiro e certa desenvoltura manifestada na organização do pensamento, que tanto impressionou aqueles que com ele travaram contato, me autorizam a sustentar a hipótese de que ele era o autor ou um dos autores do documento.

O memorial dos jangadeiros, entregue a Getúlio, possuía a seguinte estrutura argumentativa. Em primeiro lugar, afirmava o caráter de reverência e patriotismo que envolvia o ato reivindicatório realizado através da viagem, afastando, assim, qualquer suspeita de contestação ao regime. Fornece, também, pistas do sentido da viagem em uma jangada, nesse documento descrito como um ato de "respeito e devotamento, reverência e simpatia".

---

[269] *Cf.* Ângela de Castro Gomes, *A Invenção do Trabalhismo*, op. cit., p. 205-228.
[270] Jornal *Diário da Noite.* Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1941.

> "Os pescadores do Ceará, cheios de mais justificado amor patriótico e levados pelo desejo de prestar a v. exa. uma homenagem toda particular, incumbiram-nos de trazer até a capital da República uma das nossas típicas embarcações, na qual fomos portadores desta Mensagem. Homens de trabalho homens de Fé, homens de alma brava embora rude, os pescadores do Ceará sentiram que não bastava enviar a v. exa. por intermédio dos Correios uma afirmação de respeito e devotamento que dedicam ao presidente do Brasil. Quiseram que a jangada de que se servem diariamente para conquistar com perigo de vida o pão para si e para os seus fosse o veículo natural para essa manifestação de reverência e simpatia. E coube-nos, a nós, desempenhar essa tarefa. Para muitos pareceu demasiada audácia vir de Fortaleza ao Rio de Janeiro numa tão frágil embarcação. Mas para nós acostumados ao mar e aos seus enganos, era apenas uma questão de mais coragem e de mais paciência."[271]

No segundo momento, construía um perfil dos pescadores cearenses, listando atribuições adjetivadas que coincidem tanto com as elaborações veiculadas pelos escritos produzidos por ocasião da viagem, que mostrarei mais adiante, quanto com o perfil do trabalhador brasileiro construído e veiculado pelo próprio Estado de Vargas. No documento, os pescadores se anunciam como "Homens de trabalho, de Fé, de Alma Brava, embora Rude", "parcela humilde, mas decidida da nacionalidade". Já a representação do Presidente vai ao encontro das necessidades sinalizadas com as atribuições adjetivadas dos pescadores. Assim o Presidente era o defensor dos direitos daqueles que trabalhavam, o construtor da nacionalidade, expressa na imagem de um "Brasil Novo".

A reivindicação era expressa na forma de leis de amparo, sinalizando para uma ação do Estado, aquela instância que aparece no memorial como tendo o remédio capaz de sanar os problemas elencados. O tom é de reverência ao presidente – personalizado, reafirmo – mas que sinaliza o contato com outras esferas de ação, com o universo das leis.

> "Confiando inteiramente em v. exa., sr. Presidente, os pescadores do Ceará nos mandaram aqui para saudando v. exa. lembrar-lhe também que os sentinelas avançadas do litoral nortista ainda não forma devidamente amparados pelas sociais que v. exa. tem promulgado para bem da coletividade nacional. Não possuem os homens que labutam nos v. perigos da pesca o seu instituto de aposentadoria e pensões, não sabem o que sejam férias nem licença com remuneração, não podem almejar possuir uma casinha em que abriguem a numerosa família. Os pescadores cearenses habitam em casas de palha e, por falta de um órgão controlador das suas atividades, o produto do seu trabalho mal é suficiente para o sustento de

[271] Jornal *Unitário*. Fortaleza, 26 de novembro de 1941, última página e p. 7.

> uma vida miserável. Os pescadores cearenses não conhecem o mais mínimo sinal de conforto na vida, seja familiar, seja social, seja profissional. E este abandono ainda persiste porque não é do conhecimento de v. exa., estamos certos. E foi para que não mais continuasse tal situação que nos abalamos até aqui, vencendo os tropeços de uma travessia perigosa e fatigante. Queríamos, por um lado, dar uma demonstração do quanto vale a fé, a coragem, o desprendimento do pescador cearense. E, por outro, conseguir a atenção de v. exa. Para esses problemas que pedem uma solução por parte do estado."

A personificação do Estado na figura do presidente, que possuía as qualidades intelectuais e morais de um verdadeiro chefe da nação, foi expressa por Jacaré em várias ocasiões, reforçando o tom de admiração já expresso no memorial. Logo após saber da assinatura do decreto presidencial que os incorporavam ao IAPM, Jacaré disse a um jornalista do *Diário da Noite*:[272]

> "A gente sabia quando deixou o Ceará, que vinha encontrar no Rio um homem de coração: o Sr. Getúlio Vargas. Para governar um país como este, tão grande e tão rico de tantos quilometros de comprimento e de tanta extensão não é preciso apenas um homem sabio, inteligente, mas um homem que tenha pena dos pequeninos. Sempre li muita lei mas, na realidade, eu não via porque os governos passaram e as promessas não eram cumpridas. Quando eu dava o meu voto, até os políticos importantes vinham ao meu encontro na Praia, oferecer muita vez comida, já preparadinha, com molho e tudo. Hoje tudo mudou. Chegamos no Sábado e contamos para o Dr. Getulio Vargas a nossa miséria. E agora três dias depois veio a primeira lei nos beneficiar. Bem que ele nos disse, quando a gente extendeu-lhe a mão para cumprimenta-lo! – Vão tranquilos porque o governo saberá fazer-lhes justiça."

Essa fala de Jacaré possibilita ver, com certa clareza, a compreensão que o jangadeiro possuía do momento político que atravessava e ainda a imagem que construía do governante ideal, encarnado nas qualidades de Getúlio Vargas. Primeiramente, fica patente a crença que depositava em Vargas desde o início. Tinha a firme esperança de que seria recebido por Vargas e que seria atendido em suas reivindicações. Isso porque o Presidente não era apenas um homem "inteligente e sábio", pois isso apenas não bastava para governar um país com tamanha complexidade. Getúlio, antes de tudo, sabia governar porque "tinha pena dos pequeninos", ou seja, agia em atenção a homens como ele, jangadeiros pobres, trabalhadores.

[272] Jornal *Diário da Noite.* Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1941.

Essa mudança, sinalizando uma certa ruptura, aparecia para Jacaré de modo promissor. Ele revelou, nessas palavras, descontentamento com as práticas políticas a que estava habituado em sua cidade, aquelas que se esgotavam no período das eleições e se baseavam em "compras de voto". A metáfora da "comida, já preparadinha, com molho e tudo", ofertada pelos "políticos importantes" que encontravam Jacaré na Praia, sugeria, ainda, a noção que o jangadeiro possuía da extensão e dos limites das ações que beneficiavam os pobres. Essa "comida", do modo que era ofertada, poderia agradar um pobre pescador que nada tinha para alimentar a família, mas cedo acabava e não sobrava mais nada para os dias seguintes. Com as leis sociais sinalizadas por Vargas, a coisa parecia ser diferente.

O tom do memorial era, portanto, o de um acerto de contas entre instâncias que se respeitavam e confiavam uma na outra. A viagem teve, para os jangadeiros, além das características que já ressaltei, essa função simbólica de confirmar uma relação de admiração, respeito e fidelidade. O que o Estado Novo pregava era entendido e aceito pelos pescadores naquilo que ia ao encontro de suas próprias visões de mundo e de sua moral baseada no valor do trabalho. Por sua vez, a ação dos pescadores, permeada pela coragem, pureza e sinceridade, materializava a projeção do trabalhador brasileiro que o Estado visava proteger dos excessos do liberalismo.

Como já me referi, os jangadeiros já eram acostumados ao trato com autoridades e membros das elites locais. Durante a viagem, esse círculo se ampliou com o contato com interventores federais, prefeitos, padres, cardeais, e, no Rio, esses contatos atingiram o clímax no encontro com representantes do Estado, em especial o representante do Ministério do Trabalho, Luis Augusto Rego Monteiro, que discursou junto com Jacaré no Cais Monroe, e o Presidente da República. Para os jangadeiros, isso significou, em meu entender, uma oportunidade de ampliação da noção de direitos, agora não dependente apenas da vontade de pessoas, mas da iniciativa política de uma entidade abstrata, o Estado.

Está claro que esse círculo maior de contatos, incluindo Vargas, valorizou a relação pessoal direta, buscando, em certa medida, personalizá-los, confundindo a ação estatal com a ação pessoal. O próprio Vargas, fiel a seu estilo, teria dito, segundo depoimento de Jacaré aos jornalistas, no encontro com o jangadeiro: "conte tudo, não me esconda nada". O encontro do Chefe de Estado com o representante de uma corporação profissional ocorria como se fosse entre dois "amigos", sob os olhares curiosos e quase em

êxtase de uma multidão, criando um clima de comoção e de exacerbada manifestação patriótica.[273]

Contudo, acredito que, para os jangadeiros, esses encontros significaram uma ampliação da noção de *cidadania*, entendida aqui como a satisfação de direitos sociais, compreendidos como resultados da legitimação do trabalhador. Por outro lado, a própria noção de identidade social, para os jangadeiros, é modificada com a consciência, expressa por Jacaré a Vargas, de que, após conhecer a realidade de miséria dos trabalhadores do litoral brasileiro, o jangadeiro se deu conta de que falava ou deveria falar em nome dos pescadores brasileiros e não apenas de seus companheiros do Ceará.[274]

São projeções idealizadas, de ambos os lados, mas que realizavam concretamente as necessidades simbólicas e materiais em jogo. Os "recursos de poder eram diferentes", como acentuou Ângela de Castro Gomes, mas se constituiu, de fato, um diálogo, uma troca: a relação entre o Estado e os trabalhadores no Brasil dos anos de 1930, era, de fato, "uma via de mão dupla".[275]

Jacaré e seus companheiros ouviram de tantos com quem toparam durante a viagem que suas ações eram a mais pura demonstração das qualidades da "Nação" que estava em construção. Essa era uma idéia por demais abstrata para ser compreendida por eles com o mesmo sentido em que era construída e expressada pelos intelectuais. Suas ferramentas cognitivas, porém, marcadas pela necessidade de referência ao concreto, à experiência vivida, efetuaram uma leitura própria desses discursos e dessas práticas. Se esse projeto de Nação, como já tinham tido notícia e comprovaram com a viagem, garantia um lugar para os destemidos trabalhadores do mar de todo o Brasil e lhes dava voz, então aceitaram participar desse projeto, operando, assim, uma negociação da realidade.

Desse modo, tendo a concordar, em parte, com José Murilo de Carvalho de que o modelo de cidadania no Brasil se assemelha ao caso alemão, caracterizado pela ação de "cima para baixo", onde o Estado toma a iniciativa de encaminhamento das questões relativas aos direitos. O caso do trabalhismo e sua ênfase no enfrentamento das chamadas "Questões Sociais" e "Direitos Sociais" é um exemplo claro disso. Entretanto, acho que isso não exclui uma ação de baixo para cima, em que os trabalhadores elaboram suas

---

[273] Os jornais cariocas e cearenses cobrem cada momento da permanência dos jangadeiros no Rio de Janeiro e ilustram bem o caráter apoteótico da recepção preparada a esses trabalhadores.

[274] Jornal *Diário da Noite.* Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1941.

[275] A esse respeito, ver Ângela de Casto Gomes, *A Invenção do Trabalhismo* (op. cit.) e Jorge Ferreira (Org.) *O Populismo e Sua História* (op. cit). Uma constatação de que os recursos de poder de ambas as partes eram diferentes e desiguais pode ser tirada do cerceamento imposto sutilmente pela Secretaria de Segurança Social do Governo Vargas.

próprias concepções de direitos, que podem coincidir com as do Estado, como é o caso que estou analisando. Acho que a idéia de "via de mão dupla" se aplica também a essa experiência de cidadania.

Nessa perspectiva, Welles estava certo quando observou que, com essa arriscada viagem, os jangadeiros estavam dando um primeiro passo para serem inseridos na Nação. Para eles, isso significava, concretamente, a oportunidade de lutar por aquilo que consideravam direitos de quem trabalha honestamente.

III

A "FIBRA DA NACIONALIDADE": A SAGA DOS JANGADEIROS E A NAÇÃO

John Breuilly defende uma abordagem do nacionalismo como política, argumentando que, para o historiador, a ação política deixa uma gama significativa de registros históricos, através dos quais se pode com segurança construir explicações. Por outro lado, argumenta ainda a esse respeito que essa ação tende a estar acompanhada por um suporte de doutrinas e de sentimentos.[276]

Tentarei discutir o "nacionalismo" dos anos de 1940, a partir da perspectiva de uma "estrutura de sentimentos",[277] através de um conjunto de representações construídas a partir do episódio da viagem dos jangadeiros, que dão conta, em meu entender, de um certo "clima nacionalista", não me detendo, portanto, na ação política propriamente dita. Minha opção se justifica pelo fato de considerar que a ação política, bem como o ideário político do período, já terem sido suficientemente discutidos em importantes estudos. Considero que em nada poderia eu acrescentar, enquanto as evidências que disponho acerca da viagem dos jangadeiros podem fornecer elementos ricos para compreender as projeções políticas de caráter nacionalista das elites e de membros da esfera estatal.[278]

Já fiz referência à rede de relações paternalistas em que transitavam os pescadores cearenses na época do primeiro *raid* ao Rio de Janeiro, em 1941. Para a concretização da primeira viagem ao Rio de Janeiro, essa rede de relações compartilhada

[276] John Breuilly. Abordagens do Nacionalismo. In: B. Gopal (org.) *Um Mapa da Questão Nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 155-185.
[277] *Cf.* Raymond Williams, *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
[278] A esse respeito, ver Ângela de Castro Gomes, *A Invenção do Trabalhismo*, op. cit.

pelos jangadeiros da Praia de Iracema foi acionada. O presidente do *Praia Club*, instituição elegante da localidade, organizou uma regata com o objetivo de angariar fundos para a construção da jangada, a *São Pedro*; o padre da Paróquia da Praia de Iracema conclamou seus superiores para a cerimônia de batismo da jangada e para as bênçãos aos pescadores; a Diretora da associação católica de assistência aos pescadores, considerada a "madrinha do *raid*", movimentou uma ampla campanha pra levantar dinheiro e donativos aos jangadeiros e seus familiares; até mesmo o Interventor Federal, Menezes Pimentel, participou do rol dos entusiastas e colaboradores da arriscada investida dos pescadores.[279]

Parte significativa desse apoio foi dado pela imprensa, tanto a local, como de outros estados. Os jornais cearenses dos Diários Associados se destacaram na cobertura do episódio, apresentando-se publicamente, desde o início, como aqueles que proporcionaram o "patrocínio jornalístico" do *raid.* Mas, apesar do maior destaque dado ao tema pelos jornais dos Diários Associados, os jangadeiros e sua viagem disputavam com as notícias da guerra as páginas dos principais jornais brasileiros.[280]

Durante os 61 dias de viagem de Fortaleza ao Rio de Janeiro, além das matérias de cunho mais informativo, também foram veiculados crônicas e poemas de homenagem aos jangadeiros. Em grande parte, essas matérias construíam uma imagem grandiosa: "intrépidos", "destemidos", "lobos ou leões do mar", "Novos Ulisses" etc. Em consonância com a auto-representação dos próprios jangadeiros, e também de acordo com a projeto cultural do Estado, foi se construindo uma imagem extremamente positiva dos homens do mar, como essa expressa na "Ode aos jangadeiros cearenses", de Filgueiras Lima.[281]

> "Novos Ulisses, enfrentando as vagas
> dos mares que Homero não cantou,
> vão na jangada intrépida e veloz
> mostrar à rica e excelsa Guanabara
> a coragem, a fibra, a resistência,
> desta raça que em bronze o sol forjou,
> desta raça de mártires e heróis,
> que enche os céus do Brasil, os céus da América,
> de estrelas, de relâmpagos, de sóis."

---

[279] Os jornais locais, em especial *O Povo*, *Unitário* e *Correio do Ceará*, dão ampla cobertura a esses acontecimentos, durante os meses de agosto e setembro.

[280] Érica F. F. Sales, *A Imprensa e os Heróis Bronzeados da Praia: a construção de uma imagem heróica dos pescadores cearenses durante o Estado Novo.* Monografia de Conclusão do Curso de Bacharelado em História na UECE. Fortaleza: 2005.

[281] Jornal *O Povo.* Fortaleza, 18 de outubro de 1941.

Durante a campanha movida pelos Diários Associados, ainda em Fortaleza, com o fim de pressionar as autoridades a autorizarem a partida da *São Pedro*, o jornalista carioca Austragésilo de Athaide, como já fiz referência, engrossou o coro daqueles que torciam pela partida dos jangadeiros. Segundo suas palavras:

> "Alguns jangadeiros cearenses, intrépidos nas labutas do mar, conceberam a idéia de vir na sua frágil embarcação, desde os verdes mares bravios até as águas tranqüilas da Guanabara. Queriam trazer ao Coração do Brasil esse testemunho de sua coragem. Mostrariam assim aos nossos olhos a realidade de uma das mais belas legendas da vida aventurosa do nordeste. Assumiram os 'Diários Associados' o patrocínio jornalístico do audacioso empreendimento. O povo Cearense vibrou com a embaixada de jangadeiros, descendentes do velho caiçara, levando aos seus irmãos supercivilizados da capital, nos lenhos trançados em que afrontam as tempestades oceânicas, a saudação dos filhos de Iracema, um pequeno memento de comoção e de glória. O êxtase de uma epopéia no heroísmo diário da vida dos homens do mar. Dir-se-ia que de toda a parte viessem os aplausos e os estímulos a essa viagem desportiva, destinada a demonstrar a fibra da nacionalidade num dos seus povos mais caracterizados pela ousadia, a generosidade e o civismo. Pois houve quem embargasse. Para tal feito, simples e alto nas razões da sua finalidade, são exigidas as licenças burocráticas. É necessário que se pronunciem comissões, que se ouçam técnicos administrativos, que se dê a espontaneidade da idéia e o toque 'sensaborão' das licenças oficiais. Fio, no entanto, que todas essas formalidades cumpridas, pagos emolumentos e selos, deixem vir os jangadeiros, para exaltar a grandesa do Brasil."[282]

Essa matéria de Athaide é ilustrativa uma tendência do discurso de exaltação da nacionalidade que buscava se apoiar em elementos de uma tradição para referendar conquistas do presente. São utilizados recursos lingüísticos fortemente emocionais, como a referência ao Rio de Janeiro como o "coração do Brasil", ou seja, a parte que vibra, que pulsa emocionada, e a imagem dos jangadeiros como descendentes "caiçaras", que os associa a uma idealização mítica de homens valorosos, que davam com sua "viagem desportista" uma prova da "fibra da nacionalidade", sinônimo de generosidade, ousadia e civismo para os "supercivilizados" das cidades. Já é possível ver aí se delineando a projeção de Nação para as elites intelectuais e o lugar que cabia aos jangadeiros nesse projeto.[283]

---

[282] A matéria, intitulada *Deixem vir os jangadeiros*, foi publicada no Jornal *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1941, p.1.

[283] Respeitando as diferenças de temporalidade e contexto, percebo uma aproximação dessas representações sociais daquelas discutidas por Norbert Elias, em *Os Alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997. Esse autor situa a ascensão das classes médias européias, particularmente a alemã, e a substituição de projeções de futuro, fundamentadas na idéias

Na base dessa representação social e das tantas que aqui retomarei estava a idéia de nação enfocada como entidade autônoma, una, com forte sentido de integração. Essa noção não comportava a idéia das diferenças, sejam elas étnicas ou de classe. O povo – e os jangadeiros – não se constitui em elemento central dessas representações, mas secundário, já que o cerne é a entidade nação, cada vez mais entendida como espaço. Também resultará dessa noção a idéia de "Região", como um espaço diferenciado apenas nos aspectos físicos e culturais, mas a ser integrado pacificamente à nação. A população desses lugares idílicos e remotos, como da nação, são apenas atributos desses espaços, como sugeriu Antônio Carlos Robert Moraes, analisando essas representações como "ideologias geográficas".

> "A construção das identidades regionais é uma manifestação plena daquele campo cultural que se está denominando de ideologias geográficas. E estabelecimento de laços entre os indivíduos tendo por referência os locais de origem ou de residência atua no sentido de criar falsas comunidades de interesses veiculando uma ilusão de identidade sem referência social objetiva. As desigualdades de classe diluem-se na identidade regional."[284]

As matérias, crônicas, odes e poesias, veiculadas nos jornais por ocasião da primeira viagem dos pescadores cearenses, sinalizavam para a força simbólica desse feito, realizada por quatro rudes jangadeiros em uma precária jangada, alimentando o otimismo de grande parte dos intelectuais brasileiros com o Brasil, Nação que, finalmente, tomava um rumo certo. Em uma época de ditadura, quando havia um órgão diretamente encarregado de fiscalizar os meios de comunicação de massa, é claro que esses jornalistas sabiam que suas matérias e as representações aí veiculadas iam ao encontro do projeto de Nação do Estado. Mas percebo que essa "estrutura de sentimentos", mesmo sendo uma resposta à política estatal, era também resultado das leituras e projeções desse segmento social, que também apostou na "Democracia Social" de Vargas e dos ideólogos do Regime.

Com a ascensão ao poder no pós 1930, Getulio Vargas lança mão de diversas estratégias visando trazer a intelectualidade brasileira para perto do Estado. No projeto cultural do Estado Getulista, eram esses intelectuais que cumpririam a missão de "educar e preparar" o povo brasileiro, parte significativa e imprescindível do projeto de construção da nacionalidade. Mas o elemento integrador e gerenciador das ações seria o

---

de civilização e progresso, por projeções que buscavam uma afirmação de suas próprias imagens presentes, dessa vez recorrendo à tradição.

[284] Antônio Carlos Robert Moraes. *Ideologias Geográficas: espaço, cultura e política no Brasil*. São Paulo: Annablumme, 2005, p. 101.

Estado, "cerne da nacionalidade", enxergado como a única instância capaz de realizar tal tarefa, por reunir condições de "ordem, organização e unidade" às ações.[285]

Em meio a essas matérias veiculadas nos jornais, havia espaço, ainda, para uma exposição mais crua e direta da real situação vivida pelos pescadores e da legitimidade de suas reivindicações. Aliás, em todos os escritos produzidos no período, seja nos jornais ou em outros documentos, a ação dos jangadeiros era encarada como legítima e inadiável, como sugerem as palavras veementes do jornalista cearense:

> "Sobre o jangadeiro cearense pesa toda uma poética de enamorados das velas e de embasbacados da coragem rústica dos homens simples e vigorosos do mar. A arte alheia lhe tem sido fatal. Versos e aquarelas, mais do que o sal oceânico, conservam-lhe as condições primitivas de vida e de trabalho incontamináveis à ação do progresso. Chegou, porém, o momento de reivindicar também os seus direitos. Os legítimos direitos que transparecem da própria literatura a seu respeito. Dessa literatura inconsequente e vasia de sentido prático que jamais lhe matou a fome, lhe cobriu a nudez, o levou à escola. Dessa literatura para literatos e não para analfabetos e infelizes como ele. É preciso ter – paradoxo dos paradoxos – o seu lugar ao sol."[286]

O autor fazia questão de demarcar o lugar de trabalhador dos jangadeiros em oposição àqueles que, no país, vivem de futilidades e prazeres, a custa do suor dos trabalhadores – aqueles que "ficam de papo para o ar", descritos por Jerônimo. É interessante destacar aqui uma linha de raciocínio, presente em outras representações dessa natureza, que, destacando as qualidades dos homens pobres, passam a atribuir às elites a responsabilidades pelos males que afligem a nação.[287] O escritor filiava-se, ainda, a um tipo de pensamento dominante no século XVIII na Europa e mais tardiamente no Brasil, de idealização das características de pureza ligadas ao meio rural, ao campo. No caso, os jangadeiros permaneciam fiéis a essas características, não tendo sido, ainda, "contaminados" pelos vícios da cidade grande e pelo progresso.[288] Assim, João Jacques

---

[285] Mônica Pimenta Velloso. Os intelectuais e a Política Cultural do Estado Novo, op. cit., p. 178.

[286] Jornal *O Povo.* Fortaleza, 16 de setembro de 1941, p. 3, Título: *Operários do mar*.

[287] Mônica Pimenta Velloso. Os intelectuais e a política do Estado Novo, op. cit., p. 174, destaca a inversão que se opera nesse período em relação àquelas explicações predominantes no final do século XIX e princípio do XX, de matrizes racistas e evolucionistas, que atribuíam ao povo miscigenado os males do país. Com o Estado Novo, seguindo nova orientação de positivação dos populares, a situação se inverte, passando para as elites as responsabilidades.

[288] Jacques Revel, Michel de Certeau e Dominique Julia, em A beleza do morto: o conceito de cultura popular (op. cit.), situam esse pensamento ao fazerem críticas às abordagens que se voltam para o popular, argumentando que essas reproduzem os equívocos de origem ao negarem voz àqueles que pretendem deixar falar.

legitimava a ação dos pescadores cearenses, através do seu estatuto de digno e autêntico trabalhador brasileiro, cidadão, coincidindo com a ideologia do próprio Estado.

> "Quatro jangadeiros estão a caminho do Rio, para falar com o presidente da República. Como o patriarca Noé, fizeram com as próprias mãos o lenho flutuante em que esperam, com uma confiança bíblica e bem nordestina, subsistir, com a classe, ao dilúvio social e econômico do século. Não os moveu ao perigoso raide um espírito de campeonato. Em seu carro de triunfos não há mais lugar para troféus de glórias meramente legendárias. Eles e os seus irmãos precisam de pão, livro e amparo para os filhos. São esposos, pais e cidadãos, e não turistas em eternos veraneios... Enquanto há yachts particulares embalando sobre as ondas a preguiça obesa e milionária de seus donos e milhares de felizes cruzam os mares pelo regalo de colher sensações e colecionar paisagens no álbum da memória; enquanto a primeira classe dos transatlânticos se diverte nos salões de luxo ou se embriaga de lua pelos convezes longos e aristocráticos – eles trabalham ao frio, à chuva, ao sol e à incerteza, dando muitas vezes a vida como isca ao peixe... Jangadeiros, operários do mar! Que Deus vos ajude, além da "risca", na rota para a liberdade."

O escritor alagoano José Lins do Rego também escreveu sobre os jangadeiros, de modo mais comedido, sem exaltação patriótica, mas reafirmando as qualidades excepcionais desses trabalhadores. De modo coerente, conclamou Euclides da Cunha, não para referendar sua opinião, mas justamente para contestar a imagem do homem do litoral, descrito pelo escritor de *Os Sertões*, como um "pobre doente, raquítico, neurastênico", em oposição ao caboclo sertanejo, esse sim "um forte". Para ele, Euclides modelava, ao seu prazer e imaginação barroca, homem e natureza. De modo poético, Lins do Rego recorre às memórias de sua infância, em Alagoas, quando assistia ao movimento cotidiano dos pescadores.

> "Mas Euclides que amassava matéria plástica para os seus afrescos via a realidade como ele queria ver. Foi assim que os praianos ficaram na sua frase reduzidos a um quase nada de gente. E era uma grande injustiça. Os homens que fazem os trabalhos do mar, no Nordeste, são à primeira vista, mal julgados. Conheço-os bem. Desde a minha infância que me habituei a vê-los e admirá-los."[289]

O jornal *A Manhã*, órgão oficial do Estado Novo, como já destaquei no capítulo anterior, veiculou um conjunto de matérias que pretendia justificar ideologicamente as homenagens prestadas aos jangadeiros cearenses. Em vários desses

[289] Jornal *O Povo*. Fortaleza, 6 de novembro de 1941.

textos, se buscava, ainda, integrar esse episódio aos fatos históricos marcantes da história do país. Esses fatos selecionados compunham a história da Nação. Na matéria abaixo, o cronista se esforçou por apresentar o episódio como elemento que demonstrava a efetividade da "integração nacional", ou, em outros termos, da identidade nacional, apagando, assim, as marcas das diferenças que separam as regiões e as classes sociais. Os jangadeiros, apesar de diferentes dos demais citadinos, civilizados, eram recebidos por esses festivamente, formando uma única nacionalidade.

> "A página épica que sábado encerrou o episódio final da odisséia dos mares, em que os bravos cearenses viram coroada de êxito a sua façanha Fortaleza-Rio, não pode ser fixada numa simples e ligeira coordenada de palavras, porque ela tem vínculos no nosso descobrimento, na nossa emancipação política, na abolição da escravatura e, sem dúvida, se articula com a nova mentalidade brasileira, caldeada em ambiente sadio que, estreitando social e economicamente o elo que une norte e sul, vai identificando os povos de todas as regiões da nação para constituir uma consciência integrada no conceito do mundo moderno num trabalho intenso de unificação cada vez mais indissolúvel da República Brasileira."[290]

A chegada dos jangadeiros motivou, assim, intelectuais brasileiros a refletirem sobre o homem pobre, trabalhador do mar. Muitas vezes, essas representações estabeleciam confusões uniformizadoras entre o homem do litoral e o do sertão, dando vazão a interpretações equivocadas dos escritos de Euclides da Cunha, em *Os Sertões*. Enquanto Jacaré e seus companheiros ampliavam seus recortes espaciais e de classe, entendendo que o problema da pobreza e das desigualdades atravessava muitas léguas e milhas ao longo do litoral brasileiro, essas elites ficaram aprisionadas no recorte regional.[291] Mas os jangadeiros do Ceará já se sentiam brasileiros e isso já não tinha mais volta. É nesses termos que escreve Lia Richet na matéria intitulada *O Nordeste e seus heróis*:

> "A chegada dos heróicos jangadeiros cearenses faz-nos voltar as atenções para essa estirpe indomavel de caboclos nordestinos que vem enriquecendo a história com uma série de feitos e aventuras. E somos mais uma vez levados a olhar o nordeste distante, tema inesgotável para geógrafos, sociólogos, psicólogos e antropólogos."[292]

---

[290] A matéria, intitulada *A Vitória da Jangada*, foi publicada no jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1941, p. 6.

[291] Sobre as críticas ao conceito de "Nordeste", ver Frederico de Castro Neves. *Imagens do Nordeste*, op. cit., e Durval Muniz de Albuquerque Jr. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999.

[292] *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1941, p. 6.

Retomando Roquete Pinto, Lourenço Filho e Euclides da Cunha, a autora da matéria fortalecia sua argumentação do caráter heróico dos "homens nordestinos" que enfrentavam, às vezes vencendo, com fibra, o meio hostil. Em todas essas elaborações, permanecia a força que o meio físico inóspito exercia sobre os habitantes dessas localidades, moldando seu comportamento e sua psicologia. A autora da matéria, assim, operava uma distinção entre os habitantes do litoral e do sertão, em que era também o meio que respondia pelas qualidades dos seus habitantes. Para ela, "quando se estabelece o confronto entre o homem do litoral e o do sertão, compreende-se porque aquele é expansivo e bom e este às vezes é um revoltado".

Também no "livro do *raid"* se encontram essas representações que buscavam pensar o povo no interior da nacionalidade. O "livro do *raid* em Jangada Fortaleza-Rio" foi, provavelmente, idealizado e organizado pela Sra. Mariinha Holanda, então Diretora da Associação de São Pedro da Praia de Iracema. Foi conduzido pelos quatro pescadores cearenses durante todo o período de realização da viagem, 61 dias, entre a navegação em alto mar e os intervalos em terra, mais os 15 dias em que permaneceram na Capital Federal. As páginas do diário estampam diferentes grafias, demonstrando ser o resultado de um trabalho coletivo, construído por muitas mãos. Em grande parte, são registros de autoridades ou outras pessoas de destaque da sociedade daquela época: prefeitos, interventores, vigários, cardeais, funcionários públicos, presidentes de federações de pesca, estudantes universitários, autoridades do Estado Novo, dentre outros.

Dona Marinha Holanda, a provável redatora das páginas de abertura, é a última pessoa a assinar, como diretora, a página de encerramento, redigida pelo então secretario da associação praieira, Sr. Celso Gomes de Matos. O diário é composto de 100 páginas, entre textos manuscritos e recortes de jornais com referência ao *raid* ou aos protagonistas do episódio. Em cada página em branco que intercala os escritos do diário aparece a letra "Z", talvez alusiva à denominação utilizada para designar as colônias de pesca, preenchendo todo o espaço.

Em todas as páginas do "livro", eram ressaltadas as qualidades de bravura, coragem e fibra dos jangadeiros, chamados de "lobos do mar", "intrépidos", "arrojados", "destemidos", "representantes autênticos da raça forte do nordeste", dentre outras designações. Nesse esforço de exaltação da raça, Euclides da Cunha foi recorrentemente evocado, muitas vezes, de modo descontextualizado. Essas qualidades eram, realmente, admiradas e (porque não dizer?) reverenciadas por todo o país, que ficou sabendo do *raid* através da ampla cobertura da imprensa e do rádio. Suscitou em muitos que ouviram falar

do episódio, ou que tiveram contato com os jangadeiros durante a travessia, arroubos de orgulho e de manifestação patriótica. O *raid* foi representado nas páginas do "livro" como expressão da Nação que acreditavam estar sendo, finalmente, construída, como demonstram as palavras do prefeito de Macau, primeira escala dos pescadores cearenses:

> "O povo macauense saúda os destemidos pescadores patrícios, revendo na sua dedicação, coragem e intrepidez todo o valor moral da nação brasileira, tantas vezes demonstrado através das páginas da história."[293]

Também o Interventor Federal no Rio Grande do Norte, Raphael Fernandes, registrou sua admiração com a viagem da *São Pedro*, situando-a como um momento importante na construção daquilo que denomina "civilização Nordestina", não deixando de ressaltar a afirmação da raça forte que compõe esse território:

> "Quatro destemidos jangadeiros cearenses tentam jornada difícil e árdua, suficientemente imponente e admirável, para sagra-los legítimos representantes da raça forte, altiva e brava que povoa o nordeste brasileiro. Deste espécime de homens ousados e eugênicos, dessa parte do nosso país, vão surgindo as gerações novas que, com as elites intelectuais e outras agremiações vitais, ajudam a construir a civilização nordestina. O Rio Grande do Norte se orgulhará com o êxito dessa epopéia, assinaladora dos índices de energia e patriotismo de nossa gente."[294]

De Macau, os jangadeiros fizeram escala, segundo os registros do "livro", em Natal/RN, João Pessoa/PB, Recife/PE, Maceió/AL, Pajussara/AL, Salvador/BA, Canasvieiras/BA, Piratininga/ES, Macaé/RJ, Cabo Frio/RJ e, por fim, chegaram à Capital Federal em 15 de Novembro, coroando as comemorações de aniversário da República brasileira. Os inúmeros registros do diário, em todas as localidades onde os jangadeiros fizeram escalas, já sugerem a forte impressão que os viajantes causaram durante sua passagem, fato confirmado pelos jornais do país que cobriram amplamente cada detalhe do episódio.

Mas a coroação da saga da *São Pedro* e de seus tripulantes se deu na cidade do Rio de Janeiro, destino almejado pelos quatro pescadores, local onde encontrariam o Presidente Vargas. Uma comissão já havia sido formada especialmente para cuidar dos festejos de recepção dos cearenses, e essa não poupou esforços em cobrir o evento de pompa e comoção.

---

[293] *Diário dos jangadeiros*, op. cit., p. 10.
[294] Idem, p. 14.

Durante quinze dias, os pescadores estiveram entre os cariocas, participando ativamente das várias solenidades para eles preparadas. Conversaram com o Presidente, expuseram a ele a situação miserável a que estavam condenados e solicitaram seu auxílio e proteção. Discursaram em praça pública, deram entrevistas em jornais, enfim, concretizaram aquilo que estava programado.

As páginas do "livro" também registraram esses dias na Capital Federal. O então diretor do importante Departamento Nacional do Trabalho, Sr. Luiz Augusto do Rego Monteiro, deixou assinalada sua leitura do feito dos quatro jangadeiros, legitimando-o também como uma demonstração da vitalidade do homem brasileiro. Como em outros escritos, os jangadeiros extrapolaram em importância o recorte geográfico do Nordeste, ressaltado nos primeiros registros, para representar o conjunto da Nação.

Rego Monteiro situou o feito dos jangadeiros como uma resposta a todos que menosprezam as virtudes do povo brasileiro, proclamando isso ao mundo. Essas calúnias, segundo ele, proclamavam que "o nosso grande povo é formado de homens indolentes, apathicos, desanimados, ou fracos".

> "A essa infâmia respondestes com exemplar e magnífica coragem! Demonstrastes ao inverso, a tenacidade, a Fortaleza, os (...) e a capacidade (...) da nossa gente brasileira!"

Insistiu no *raid* como um exemplo de afirmação da raça brasileira, e disse: "Sois, por taes virtudes, um sólido e esperançoso fundamento da nossa pátria imortal!"

Nos primeiros escritos do "livro", os jangadeiros aparecem descritos como valorosos cearenses; durante a viagem, passam a legítimos representantes da raça nordestina; chegam no Rio como "brasileiros". No momento da história do país em que se buscava construir uma idéia positiva do povo e dos trabalhadores do Brasil, o episódio protagonizado pelos jangadeiros cearenses se constituiu em ação exemplar de construção de uma identidade nacional. Tanto os jangadeiros como o Estado Getulista apostaram no feito e se aproveitaram dos dividendos materiais e simbólicos que dele foram extraídos.

Também os discursos proferidos durante as homenagens aos jangadeiros no Rio de Janeiro estavam permeados por esses elementos retóricos, que buscavam ressaltar as qualidades morais e físicas do "povo" brasileiro, que ora se pretendia inserido na idéia de nação em construção. É assim no discurso do Ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema, proferido ao lado da jangada *São Pedro*, na Cinelândia, em solenidade onde estavam presentes o poeta Carlos Drummond de Andrade, Chefe de Gabinete do

Ministro, e o maestro Villa-Lobos, dentre outras autoridades da área educacional e cultural do país, além de representantes das escolas da capital e da "Juventude Brasileira". Em sua fala, o Ministro se voltou contra as "teorias arianas" que justificavam a inferioridade do povo mestiço, como era o caso do brasileiro, valorizando, assim, as qualidades advindas da contribuição das diferenças raciais. Para Capanema, a Juventude Brasileira encontrava nos jangadeiros "o peremptório desmentido das biologias de imaginação e do artifício, das arrogantes teorias eivadas do preconceito ariano, que tantas vezes nos teem tentado diminuir, como raça e como povo". Ressalta a importância pedagógica das experiências de vida, lembrando "aquela lúcida lição do nosso Roquette-Pinto, de que a ciência que está na vida, vale mais do que a ciência que está nos livros".[295]

No momento em que os jangadeiros chegavam a Capital Federal, se realizava o Primeiro Congresso de Brasilidade. Para os organizadores do evento, no contexto que se estava vivendo, marcado pelos horrores da II Grande Guerra, que ocasionou uma entrada significativa de imigrantes refugiados no Brasil e em toda a América, era necessário reafirmar os princípios do nacionalismo brasileiro, ou, como preferiram os organizadores, os princípios de "brasilidade". Para a jornalista Maria Eugenio Celso, o significado do conceito era assim expresso:

> "Brasilidade significa, antes de tudo, amor ao Brasil. Orgulho do Brasil. Desejo de servir ao Brasil. Consciência do Brasil. Capacidade de sacrifício pelo Brasil. Brasilidade significa vontade de corrigir os nossos defeitos e nossos erros, mas firme no propósito de conservar as qualidades legadas pelos nossos antigos, eximindo-nos de abdicar do cunho brasileiro de nossa índole e o que de bem nosso e só nosso possa em nós todos existir. Brasilidade não é e nunca foi intolerância e animosidade contra os filhos de outras nações."[296]

Se a redatora do *Jornal do Brasil* se antecipava em desmentir qualquer crítica de que o movimento era intolerante com os estrangeiros, insistia que era preciso disseminar esse "espírito de brasilidade" entre os próprios brasileiros. Fiéis a esse propósito, os organizadores do evento convidaram os jangadeiros cearenses para participar de uma sessão, no dia 19 de novembro, quando foram saudados pelo congressista Nelson Romeno, especialmente escolhido para esse fim. Coerente com o ideário nacionalista em

[295] Jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1941, p. 9.
[296] *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1941, p. 5.

voga, objeto de minhas reflexões até aqui, os jangadeiros eram celebrados como autênticos representantes do povo, "que deram verdadeira demonstração de brasilidade".[297]

Com essas imagens, segmentos formadores da opinião pública, além de segmentos das elites e do Estado brasileiro, inseriram a viagem reivindicatória dos cearenses no contexto da idéia de Nação que acreditavam estar sendo construída. Com a receptividade e apoio da imprensa, os jangadeiros passaram a recorrer mais freqüentemente à visibilidade por ela proporcionada, utilizando-a como um instrumento de luta.

O processo de positivação do povo e de suas manifestações já estava presente nas preocupações de modernistas dos anos de 1920, mas o certo é que, após 1930, o Estado assumiu para si a tarefa de aproximação com o povo, entendido como portador das "tradições mais puras do país". Os populares eram assim percebidos como a "base" onde se sustentaria a nação que se pretendia construir.[298]

Os jangadeiros, com suas viagens, levaram as elites e as autoridades do Estado a reconhecê-los como parte do "povo brasileiro". Mas esse reconhecimento reclamava a necessidade de conhecer esse segmento social. Assim, por vários meios, se buscou penetrar no universo desses pescadores, decifrando seu modo de vida, habitação, vestimentas, trabalho, famílias, etc. Nessa "cruzada etnográfica", tiveram papel de destaque os jornais impressos, em especial as reportagens de Edmar Morel, que também fez uma longa reportagem para a revista *Diretrizes*.[299]

O rádio também contribuiu na divulgação da viagem através da transmissão de entrevistas com os jangadeiros e, até mesmo, na transmissão de um "rádio-teatro" em que eram simuladas conversas entre os jangadeiros, a descrição da vida pobre, dos problemas enfrentados, decisão da viagem e, por fim, a partida da São Pedro.[300] O programa tinha a participação dos locutores que simulavam as vozes dos pescadores e de alguns de seus filhos, que foram introduzidos na história, além do *speaker* que descrevia os cenários e as situações que cercavam os pescadores.

Também o cinema contribuiu nessa estratégia de decifração do mundo dos jangadeiros, através da produção da película "A jangada voltou só" e "Jangadeiros" filmados na Praia do Mucuripe. No priemiro, através das lentes de Rui Santos, a "cultura da

---

[297] Comunicação do Chefe da Secretaria de Segurança Social, Seraphim Braga, em 20 de novembro de 1942. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro. Fundo Polícia Política. Setor Estados-CE.

[298] Sobre essa questão, há ricas análises em Mônica Pimenta Velloso, Os intelectuais e a política do Estado Novo, op. cit.; Ângela de Castro Gomes. *A Invenção do Trabalhismo*, op. cit.; e Rachel Soihet. O Povo na rua, op. cit.

[299] Revista *Diretrizes*. Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1941, p.2.

[300] Esse rádio-teatro foi transmitido pela PRE-9 do Ceará, de propriedade dos Diários Associados. O Jornal *Correio do Ceará* (Fortaleza, 18 de outubro de 1941, última página) transcreveu e comentou o programa.

praia" era retratada com seus jangadeiros, homens belos, fortes, tostados de sol, como o protagonista, interpretado por Dorival Caimmi, que se lançavam cotidianamente no mar. Também as rendeiras, em grande parte esposas dos pescadores, eram enfocadas tecendo com suas filhas e vizinhas os fios do trançado de labirinto, enquanto esperavam por seus maridos. A jangada, o lenho firme, troféu da coragem e da fibra, mas também de morte e tragédia dos homens do mar, foi mostrada na tela.

É dentro desse contexto que se explica, em grande parte, a valorização conferida a viagem desses trabalhadores brasileiros. Ou seja, se era na cultura popular que podia ser encontrada a "essência" da nacionalidade, por suas qualidades de pureza, espontaneidade e criatividade, dentre outras, os jangadeiros foram logo enxergados como representantes fiéis dessa cultura, portanto, a própria "alma da nacionalidade", encarnada, segundo o cardeal Dom Sebastião Leme, na "fé viva, bravura física e moral, simplicidade feita de mansidão e doçura",[301] demonstrada por aqueles pobres homens.

IV
OS JANGADEIROS NA NAÇÃO: ALGUMAS CONCLUSÕES

Francisco Weffort, em seu livro *O Populismo na Política Brasileira*, levanta questões que, a seu ver, constituem-se em paradoxos da experiência do populismo: "Como entender as formas populistas de emergência das massas populares na política? Como entender o duplo paradoxo do populismo, de setores dos grupos dominantes que promovem a participação dos dominados e de massas que servem de suporte para um regime na qual são dominados?"

Na primeira pergunta de Weffort já está embutida parte de sua resposta, ou suas premissas. As massas populares emergem na política brasileira de forma "populista". Para situar o "aparecimento" dessas massas, o autor discute a chamada "Revolução de 1930" e conclui que nenhuma das categorias sociais envolvidas no episódio tinha condições de legitimar o poder do Estado revolucionário: a classe média porque não tinha autonomia política, as camadas ligadas ao setor agrário exportador estavam afastadas do

[301] *Diário dos jangadeiros*, op. cit., p. 106.

poder pela crise econômica de 1929 e os agricultores afastados do setor exportador não se encontravam vinculados aos centros básicos da economia. É assim que "aparecem" as massas populares urbanas:

> "Aparece, assim, o fantasma do povo na história política brasileira, que será manipulado soberanamente por Getúlio Vargas durante 15 anos. Através de Getulio, o Estado criará uma estrutura sindical que controlará durante todas as décadas posteriores, doará uma legislação trabalhista para as cidades (atendendo assim a pressão das massas urbanas, que manipula, sem molestar os interesses do latifúndio), estabelecerá, através dos órgãos oficiais de propaganda, a ideologia do "pai dos pobres". Enfim, legalizará a "questão social", ou seja, reconhecerá para as massas o direito de formularem reivindicações."

O povo como "parceiro-fantasma", nas palavras de Weffort, significa pensar uma entidade sem existência autônoma, porque aparece manipulada pelo Estado. Mas esse autor reconhece nas entrelinhas que a legislação trabalhista "doada" por esse Estado é um atendimento às *pressões* dessas massas urbanas que esse Estado manipula. Por outro lado, também se dobra a constatar que esse Estado, do pós-1930, "reconhecerá" o *direito de reivindicação* dessa categoria social.

A constatação da existência real de uma poderosa máquina de propaganda e uma adesão significativa da população ao projeto do Estado Novo levou esse pensador a conclusão geral de que "propaganda + adesão = manipulação/cooptação". Nesse sentido, o autor acaba por relativizar o sentido de manipulação e de passividade das massas, reconhecendo que, na aliança estabelecida entre o Estado e as massas urbanas, algumas das aspirações dessas últimas foram atendidas – é o caso de "reivindicação do emprego, maiores possibilidades de consumo e direito de participação nos assuntos do Estado".[302]

Acredito que o problema das interpretações de Weffort e de suas conclusões se deve, por um lado, ao não reconhecimento do papel de sujeitos dessas massas urbanas e, por outro lado, à crença no superpoder de manipulação do Estado. Ao sugerir que, no pós-1930, "aparece" como "parceiro-fantasma" um novo personagem na vida política brasileira (as massas urbanas), Weffort nega a autonomia política dessa categoria e suas reivindicações e lutas em épocas anteriores ao marco histórico (1930) e, ao mesmo tempo, encobre sua existência efetiva, projeções, lutas, no pós-1930, quando passou, a partir de sua idéia de *populismo*, a ser manipulada pelo Estado.[303] Penso que a própria idéia de

[302] Francisco Weffort, *O Populismo na Política Brasileira*, op. cit., p. 11, 51 e 76.
[303] Edgard S. De Decca, *1930: O Silêncio dos Vencidos*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

"populismo", que está na base dos questionamentos de Weffort, não permitiu que ele desenvolvesse efetivamente as questões, paradoxais, que constatou na vida política brasileira.

A forma como os seus questionamentos foram formulados, portanto, estreitou as possibilidades de desenvolver respostas que dessem conta de toda a complexidade desse período da vida brasileira. Se retirarmos a palavra *populismo*, e o conceito que lhe é subjacente, das perguntas de Weffort, talvez fosse possível vislumbrar um outro caminho para a explicação desse autor: "Como entender as formas de emergência das massas populares na política? Como entender que grupos dominantes promovem a participação de dominados e de massas que servem de suporte para um regime no qual são dominadas?" Acho que, mais do que paradoxos, o autor encontraria nesse caminho um processo extremamente complexo, mas rico de significação.

Os estudos historiográficos a respeito da relação dos trabalhadores brasileiros com o Estado Novo (1937-1945) foram em grande parte redimensionados a partir dos anos 80, com a publicação da tese de Ângela de Castro Gomes acerca da noção de *trabalhismo*.[304] Ao rejeitar alguns dos pressupostos do conceito de *populismo*, em especial o entendimento da noção de cooptação dos trabalhadores pelo estado autoritário,[305] a autora prefere entender a relação trabalhadores/Estado a partir da efetuação de um pacto regido por uma lógica material e simbólica, em que a última tinha determinância. A noção de populismo, como aquela desenvolvida por Weffort, tem como corolário, no que concerne a essa questão, a compreensão dos trabalhadores como "vítimas", engabeladas pelas artimanhas persuasivas do "Estado de Massas" que então se verificava.

> "Há o desenho de uma relação em que um dos termos é concebido como forte e ativo, enquanto o outro é fraco e passivo, não possuindo capacidade de impulsão própria por não estar organizado como classe. As massas ou os setores populares, não sendo concebidos como autores /sujeitos nesta relação política, mas sim como destinatários/objeto a que se remetem as formulações e políticas populistas, só poderiam mesmo ser manipulados ou cooptados (caso das lideranças), o que significa precipuamente, senão literalmente, enganados ou ao menos desviados de uma opção consciente."[306]

---

[304] *Cf.* Ângela de Castro Gomes, *A invenção do Trabalhismo*, op. cit.

[305] Ao efetuar uma revisão acerca do conceito de *populismo*, a autora, anteriormente citada, pontua que Francisco Wefford chegou a sugerir a idéia de "aliança" ao invés de "manipulação" sem, contudo, desenvolvê-la.

[306] Ângela de Castro Gomes, O populismo e as ciências sociais no Brasil, op. cit., p. 34-35.

Não se deve entender, contudo, que o entendimento dessa via de "mão dupla" e a ênfase na condição de sujeitos sociais ativos para os trabalhadores brasileiros tenham como desdobramento o desprezo às estratégias de convencimento utilizadas pelo Estado do pós-1937. Várias pesquisas já comprovaram que a sensibilização das massas para a aceitação e participação do estado trabalhista era largamente utilizada, inclusive através dos meios de comunicação de massa e das solenidades organizadas em datas cívicas, em especial o dia 19 de abril, aniversário do Presidente, o dia 10 de novembro, aniversário do Estado Novo, e 1º de maio, Dia do Trabalho.[307] Há evidências nos jornais de que a data prevista para chegada dos jangadeiros ao Rio era o 10 de novembro. Não tendo conseguido cumprir essa previsão, os jangadeiros recebem o pedido das autoridades federais para entrarem na cidade em 15 de novembro, aniversário da República.

Se os trabalhadores brasileiros não podem ser reduzidos a agentes passivos na história, que traíram a tradição de sua classe, vivamente evidenciada no período que antecedeu 1930, cedendo aos apelos emocionais do Chefe da Nação, devemos então reconhecer neles um papel ativo na condução de sua própria história, por mais incômodo que, em alguns momentos, suas ações possam gerar. Significa, no contexto que estou analisando, compreender de que modo esses homens interpretaram a fala e as ações desse Estado que a eles se dirigia, redirecionado suas bandeiras de luta. Isso não significa, entretanto, deixar de reconhecer, como sugere Ângela de Castro Gomes, que os atores dessa relação, Estado e trabalhadores, possuem "recursos de poder diferenciados mas [são] igualmente capazes não só de se apropriar das propostas político-ideológicas um do outro, como de relê-las".[308]

O episódio protagonizado pelos quatro jangadeiros cearenses no contexto do Estado Novo se constituiu em um rico momento de análise da forma como segmentos sociais populares interpretaram a proposta e ação do Estado e, a partir daí, organizaram suas demandas e estratégias de luta. Através das demandas pelos chamados *direitos sociais*, essas "massas" pela primeira vez ousaram vivenciar sua cidadania social e política. Por outro lado, se sentiram, de fato, parte da Nação brasileira.

Está claro que a idéia da viagem ao Rio de Janeiro partiu dos jangadeiros – inicialmente de Jacaré, como sugeri anteriormente, e logo encampada por seus companheiros. Para isso, se prepararam durante um tempo, interagiram com outros

---

[307] Ver, entre outros, Ângela de Castro Gomes, *A invenção do Trabalhismo*, op. cit., e Maria Helena Capelato, *Multidões em cena*, op. cit.

[308] Ângela de Castro Gomes, O populismo e as ciências sociais no Brasil, op. cit., p. 46.

pescadores, com entidades assistencialistas de seu meio, com pessoas de destaque político e social, enfim, como nos sugere Gilberto Velho, operaram uma certa *negociação da realidade*. Nessa negociação, estabeleceram alianças, trocas, interações, já que essas se constituem, além do conflito, em dimensões da vida social.

Com esse entendimento e situando os jangadeiros como sujeitos ativos de suas próprias ações, é possível pensar, ainda com categorias do antropólogo citado, na noção de *projeto*, com a carga de racionalidade que esse conceito possui; aprender a ler e escrever, contar com conhecidos que tinham em seus lugares de origem, receber donativos e dinheiro de autoridades e simpatizantes, ou seja, "negociar com a realidade" era parte constitutiva dos meios possíveis, em um "campo de possibilidades", para por em prática o "projeto" dos jangadeiros de apelar diretamente ao Presidente Vargas. A noção de *campo de possibilidades*, que pressupõe alternativas e perspectivas de comportamento e ação, reclama algo que dê a idéia das mudanças, adequações, reformulações que esse *projeto* necessariamente acaba sofrendo. É o caso do conceito de *metamorfose*.[309]

Jacaré e seus companheiros pretendiam falar diretamente com o Presidente Vargas para denunciar várias irregularidades que observavam no mundo da pesca, dentre elas a existência de atravessadores entre eles e o mercado, o que reduzia, significativamente, o ganho com o pescado. Outra queixa dos pescadores era em relação àquilo que consideravam a divisão *injusta* do pescado. Para eles, não era justo que aqueles que enfrentavam os perigos do mar, arriscando-se cotidianamente, recebessem apenas metade da produção. O fato de não possuírem jangadas próprias levava a maioria dos pescadores brasileiros a trabalharem para alguns proprietários que abocanhavam, no mínimo, a metade do pescado. Os jangadeiros esperavam do Estado a mudança de uma apropriação do trabalho que, da forma como vinha sendo feita, contrariava suas noções de justiça e direitos fundamentados na moral do trabalho e da comunidade.

Essa esperança tinha algum fundamento. No Rio de Janeiro, Jacaré falou aos jornalistas que "antes", quando denunciava, ia preso, mas naquele momento era diferente: podiam falar o que quisessem. O que receberam efetivamente do Estado com sua arriscada forma de reivindicação representou muito, naquele momento, para centenas de pescadores que trabalhavam sem qualquer garantia de "direitos sociais".

Três dias depois de receber os jangadeiros no Rio de Janeiro, o Presidente assinou um Decreto-Lei incluindo os jangadeiros no Instituto de Aposentadoria e Pensão

[309] Gilberto Velho, *Projeto e metamorfose*, op. cit.

dos Marítimos. Os jornais do Rio, assim como os de Fortaleza, veicularam veementes manchetes e reportagens sobre a medida, alardeando que os jangadeiros foram finalmente amparados pelo governo. Ao saber da medida governamental, Jacaré teria dito que o ato era "um presente do céu". Foram pela primeira vez incluídos na política trabalhista do governo brasileiro e foram recebidos pelo Presidente.

Orson Welles, em seu belo filme sobre os jangadeiros cearenses, talvez seja quem melhor apontou pistas para o significado político do *raid* de Jacaré, Tatá, Manuel Preto e Jerônimo: "um primeiro passo para pertencer à nação brasileira".

CAPÍTULO IV

"EU NÃO DEIXO MINHA PESCA NEM POR VIDA DE BACHAREL": O RETORNO

I

"*A RECEPÇÃO TRIUNFAL*": AS FESTAS DE CHEGADA

Alguns dias após a recepção festiva dos jangadeiros do Ceará no Rio de Janeiro, coroada com a assinatura do decreto presidencial que incorporava os pescadores ao Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos, começou em Fortaleza uma movimentação, encampada pelos jornais dos Diários Associados e por D. Mariinha Holanda, a "Madrinha do raid", com o objetivo de preparar uma recepção honrosa aos pescadores da *São Pedro*.[310] No jornal católico *O Nordeste*, o jornalista e poeta Arthur Eduardo Benevides escreveu uma matéria em que exaltava os jangadeiros e conclamava todos os cearenses a receber apoteoticamente os pescadores:

> "Impõe-se, entre nós, uma apoteótica recepção aos bravos filhos do mar. O Ceará precisa recebê-los com os braços abertos, exaltando e fremindo de entusiasmo pelos seus grandes feitos. Porque eles são os heróis desse poema vibrante que a Terra da Luz acabou de escrever na pagina de heroísmo da Historia do homem do Brasil. E a essa festa de Espírito, creio nenhum cearense será capaz de faltar."[311]

O poeta exaltava os jangadeiros como heróis, mas, mais do que isso, ressaltava que o heroísmo maior cabia ao "Ceará", a "Terra da Luz", que "acabou de escrever na pagina de heroísmo da historia do homem do Brasil". Nesse sentido, ele

[310] "Fechará o comércio e todas as repartições públicas: o povo sairá às ruas para a recepção triunfal dos quatro heroicos jangadeiros conterrâneos." Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 27 de novembro de 1941, última página. O título desse capítulo é um comentário feito por Jacaré, em entrevista concedida ao jornalista Paulo Cabral, quando de seu retorno ao Ceará. A entrevista foi transmitida pelas Rádios PRE9 de Fortaleza e Tupy do Rio de Janeiro. Também pode ser encontrada no jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 02 de dezembro de 1941, última página.

[311] "Os heróis vão regressar". Jornal *O Nordeste*. Fortaleza, 19 de novembro de 1941.

acabava por sugerir, mesmo que implicitamente, que os feitos desses heróis jangadeiros promoviam o Ceará pelo Brasil afora. Daí por que nenhum "cearense" podia deixar de reverenciar aqueles que promoveram seu estado. Essa elaboração também esteve presente, de modo mais direto, nas palavras do jurista cearense Dr. Gomes de Matos, que escreveu ao Interventor Menezes Pimentel, do Rio de Janeiro, noticiando a realização de uma festa no *Cassino Atlântico*, promovida pelo "Centro Cearense". No telegrama, Gomes de Matos ressaltava a presença de "elementos de destaque da sociedade carioca" e que "por essa ocasião fez-se excelente propaganda do Ceará".[312]

A primeira reunião de preparação dos festejos de recepção aos jangadeiros da *São Pedro* ocorreu na sede dos *Diários Associados* no Ceará, onde eram publicados os jornais *Correio do Ceará* e *Unitário*, considerados e aclamados como os patrocinadores jornalísticos da viagem. Estiveram presentes o Comandante Henrique César Moreira, Capitão dos Portos, Capitão-Tenente Luiz Clóvis de Oliveira, comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros, Sr. Luiz Sucurpira, Inspetor da Alfândega, Sr. Fernando Pinto, presidente do Jangada Club, Sra. Mariinha Holanda, Diretora da Associação de São Pedro, e Sra. Utilinda Bittencourt, educadora cearense.[313] Dessa primeira comissão, formaram-se três subcomissões. A Comissão de Honra, presidida pelo Interventor Menezes Pimentel e composta, ainda, por importantes autoridades locais, como o Arcebispo de Fortaleza, Dom Antonio de Almeida Lustosa, o prefeito da cidade, Raimundo de Alencar Araripe, e o Desembargador Francisco Leite de Albuquerque, presidente do Tribunal de Apelação. As outras duas subcomissões, também constituídas por autoridades locais, eram as comissões de recepção e de publicidade, sendo a última composta pelos diretores de jornais do estado e da emissora de rádio PRE-9, dos *Diários Associados*.

Os jornais ligados aos *Diários Associados* não poupavam espaço e esforços para relacionar todas as autoridades ou entidades que estavam participando da organização da recepção. Mais do que apoiar, era preciso que fosse dada a divulgação desse apoio, numa espécie de *marketing político e social.* Os pobres jangadeiros da São Pedro agora, mais do que na partida, eram moedas valiosas de promoção desses segmentos, sendo, portando, imprescindível reafirmar publicamente suas adesões. Foi assim na segunda reunião dos preparativos da recepção aos jangadeiros, ocorrida em 26 de novembro, no Palácio da Luz, sede do governo estadual, onde se elaborou toda uma agenda de festejos. A importância conferida a esse fato – o retorno dos jangadeiros – e/ou o seu desdobramento –

[312] Jornal *Unitário*, Fortaleza, 27 de novembro de 1941, p. 2.
[313] *Cf.* Jornal *Unitário*, Fortaleza, 26 de novembro de 1941, p. 7 e última página.

a promoção do Ceará e suas elites pela viagem – pode ser avaliada pelo tom oficial dessa reunião e pela quantidade de pessoas presentes. As maiores autoridades do estado estavam mobilizadas naquela tarde em torno desse tema, como pode se perceber pela lista abaixo que, apesar de longa, e por isso mesmo, deve ser transcrita:

1. Interventor Menezes Pimentel, presidência da reunião.
2. Comandante Henrique César Moreira, Capitão dos Portos;
3. Capitão-tenente Luis Clovis de Oliveira, Comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros;
4. Dr. João Calmon, diretor dos Diários Associados do Ceará;
5. Dr. Andrade Furtado, Secretário do Interior e Justiça;
6. Dr. Luis Sucupira, Inspetor da Alfândega;
7. Dr. Antonio Soares, representante do Presidente do Tribunal de Apelação;
8. Dr. Fernando Porto Lima, chefe do posto de Caça e Pesca;
9. Dona Mariinha Holanda, diretora da Associação de São Pedro;
10. Sr. Holanda Júnior, do comércio local (esposa da Sra. Mariinha Holanda)
11. Sr. José Lopes da Silva, representante da Federação dos Marítimos do Ceará;
12. D. Utillinda Bittencourt, do Magistério Cearense;
13. Sr. José Osvaldo Araújo, representante da Sul América Seguros de Vida;
14. Sr. Clovis Barroso, representante de "*A noite*", do Rio de Janeiro
15. Estudantes Rui Caminha e Álvaro Lins, representantes do Centro Estudantil Cearense
16. Vários jornalistas

Se, na partida dos jangadeiros, o clima já era de festa, nos preparativos do retorno dos pescadores à terra natal, todos os jornais locais anunciavam com grande destaque uma "recepção triunfal", "apoteótica", para aqueles que eram anunciados como os heróis tripulantes da jangada *São Pedro*. As autoridades locais, conclamadas pelos jornalistas, queriam superar as cariocas na celebração e parece não terem poupado esforços. Prepararam Fortaleza para parar, literalmente, na tarde de chegada, quando fechariam o comércio e as repartições públicas. Apesar da organização estar concentrada em torno das autoridades, os "amigos graúdos", precisava-se da audiência pública para legitimar a "festa".[314] Assim, foram disponibilizados ônibus e bondes para conduzir os

[314] *Cf.*, por exemplo: "Fechará o Comércio e todas as repartições publicas: o povo sairá às ruas para a recepção triunfal dos quatro heróis jangadeiros conterrâneos". Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 27 de novembro de 1941, última página; "Organiza-se uma apoteótica recepção para os heróis tripulantes da Jangada São Pedro". Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 29 de novembro de 1941, p. 1; "Dois dias de Festas em homenagens aos tripulantes da São Pedro". Jornal *Unitário*, Fortaleza, 27 de novembro de 1941,

familiares e os populares até o Aeródromo do Alto da Balança e, depois, de volta à Praia de Iracema, onde, para abrilhantar a festa, a Avenida Getúlio Vargas, do fim da linha do bonde até o Jangada Club, foi toda iluminada.

Os jangadeiros chegaram no Aeródromo do Alto da Balança, em Fortaleza, às 13h50m, depois de sete horas e meia de vôo. O avião partiu do Aeródromo do Calabouço, no Rio de Janeiro, e fez uma escala em Bom Jesus da Lapa, na Bahia. Na partida, antes de entrar no avião, o galhofo Jacaré dizia aos jornalistas: "vim feito peixe e vou voltar que nem urubu".[315] No avião PP da Navegação Aérea Brasileira estavam, além dos quatro pescadores e dos Comandantes Portela e Fonseca, que pilotavam a aeronave, o jornalista Edmar Morel, que forneceu notícias de bordo, retransmitidas pelas rádios PRE-9 de Fortaleza e PRG-3, Rádio Tupy, do Rio de Janeiro. Um jornalista d'*O Povo*, de Fortaleza, escrevia, orgulhoso por ter sido um repórter de seu jornal o primeiro a abraçar os jangadeiros na chegada a Fortaleza, as impressões de Tatá sobre sua "falta de prática" com aquele tipo de viagem:[316]

> "Andei perto de enjoar, rapaz. A velocidade é uma coisa doida, quando a gente pensa que ainda está no Rio de Janeiro, que nada! Já vai muito adiante. Ora, quem fez uma viagem até lá em sessenta e um dias, em riba da velha 'S. Pedro', não é para menos a sensação de uma volta assim. Foi um bocado diferente, mas foi bom."

Esperando os jangadeiros no Aeródromo do Alto da Balança, encontrava-se, segundo os jornais locais, uma multidão, composta de "pessoas de todas as classes sociais", numerosos pescadores, além das maiores autoridades políticas, civis e religiosas do Estado. Dali partiram em automóveis especiais para a Praia de Iracema, seguidos de um cortejo de cerca de 150 carros, além de ônibus onde seguiam alguns de seus familiares e demais populares presentes. Cumprindo o que já estava previsto na agenda oficial dos festejos, pararam em frente ao *Jangada Club*, mesmo local de onde haviam saído em 14 de setembro, e no Salão de Honra discursaram o Sr. Luis Sucupira, Inspetor da Alfândega, representando o governo do estado, um representante do Circulo dos Operários Católicos, que fez saudação aos jangadeiros – em especial, Tatá, " sócio veterano e prestigiado desta agremiação" –, além de Jacaré. Segundo o jornalista do *Correio do Ceará*, Jacaré "sobe a

---

p. 7 e última página. "O Regresso Triunfal dos Jangadeiros Cearenses". Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 01 de dezembro de 1941.

[315] Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 21 de novembro de 1941.

[316] Jornal *O Povo*, Fortaleza, 01 de dezembro de 1941, p. 4.

tribuna muito calmo, tomou folego, pôs a mão no bolso e enfrentou com olhar sereno a multidão, que o aplaudia freneticamente". Em sua fala, o jangadeiro disse terem ganho um moderno barco de pesca de pescadores cariocas, advertindo, porém, que isso não era suficiente, pois cada pescador teria que ter o seu, para isso foi que "conseguiram a legislação social".[317]

No centro do cenário festivo, onde havia uma mesa farta de "bolos, doces, sandwichs e bebidas", estavam, naquele recinto elegante, os pobres jangadeiros da *São Pedro*, distintas pessoas da sociedade fortalezense, além das maiores autoridades estaduais. Um pouco mais distante, os miseráveis pescadores da Praia de Iracema e Meireles, convidados para legitimar a festa que, na verdade, não era, apenas, dos pescadores cearenses, mas, principalmente, das elites e do Estado. Os miseráveis companheiros, "amigos de palhoça e de sofrimento", estiveram ausentes dos preparativos da recepção e também não puderam cumprimentar logo seus companheiros; tiveram que esperar acabar a festa dos "graúdos". Tatá, vendo tamanha fartura e olhando ao longe seus camaradas, recusava as iguarias que lhe eram oferecidas, chamando os amigos para ofertar sandwichs e copos de cerveja, enquanto dizia: "beba, companheiro, a vitória é de todos nós. Beba que nós chegamos em paz e com a graça de Deus".[318]

Os familiares dos jangadeiros, como os companheiros de profissão, também foram apenas assistentes daquele espetáculo que se dizia em nome dos quatro pescadores da *São Pedro*. Dona Mariinha Holanda, que havia se prontificado a assistir as famílias enquanto eles estivessem fora, distribuiu, ao seu modo, o apurado das contribuições em dinheiro e produtos, ofertados pelas lojas e por particulares, diretamente nas casas dos "heróis". Segundo D. Mariinha Holanda publicou em jornal local,[319] já em fevereiro do ano seguinte, quando novas e tortuosas águas rolaram entre os protagonistas da viagem e seus padrinhos, foram arrecadados em dinheiro 9:023$700, sendo 7:825$900 divididos entre a manutenção das famílias dos quatro pescadores, reformas das casas de Jacaré e Jerônimo, pintura na casa de Tatá, adaptação na casa alugada de Manuel Preto, instalações, móveis e utensílios para essas residências. O saldo, perfazendo o total de 1:737$800, foi entregue, sem recibo, segundo frisou a diretora na aludida matéria, a Jacaré, Tatá, Jerônimo e a "legítima" esposa de Manuel Preto. A diretora da Associação de São Pedro listou, detalhadamente, toda a receita obtida, com os respectivos doadores, e os gastos efetuados.

---

[317] Jornal *Correio do Ceará*. Fortaleza, 01 de dezembro de 1941, p. 4.
[318] Idem, ibdem.
[319] Matéria fixada no *Diário dos jangadeiros*, op. cit., p. 140; Jornal *O Estado*, Fortaleza, 17 de fevereiro de 1942.

Também enumerou os produtos arrecadados e sua destinação para as famílias. Justificando sua atitude, ela disse:

> "A Associação de São Pedro da Praia de Iracema julgou que andaria acertadamente se cuidasse como cuidou, da melhora, no que se refere à comodidade de vida, as condições das habitações em que residiam as famílias de Jacaré, Jerônimo e Manuel Preto, as quais até aquele momento, residiam em miseráveis choupanas."

Enquanto se preparava a recepção aos quatro pescadores, foi organizada uma festa de encerramento do ano letivo na escola da Associação de São Pedro da Praia de Iracema, onde as filhas dos pescadores que lá estudavam foram homenageadas, pois, nas palavras de D. Mariinha, essas meninas "souberam sofrer, resignadamente, a ausência dos progenitores corajosos e intrépidos".[320] Nesse clima de celebração, a caridade pública continuou sendo mobilizada, pois além dos vários donativos arrecadados nos dias de ausência dos pescadores, também algumas alunas do Colégio da Imaculada Conceição ofereceram brindes aos seus familiares, depois, claro, de passarem pela redação do *Unitário* para divulgarem sua iniciativa.[321] Do Rio de Janeiro, chegou uma sugestão, logo aceita pelos "padrinhos da São Pedro", de que fosse organizado um natal mais digno para os "intrépidos" jangadeiros e seus familiares. A sugestão veio de um comerciante daquela praça, irmão do também comerciante Holanda Junior, esposo de Dona Mariinha Holanda. Para dar andamento a essa iniciativa, as experientes senhoras e senhorinhas da Praia de Iracema, lideradas pela *madrinha do raid*, começaram a mobilização para angariar donativos.[322]

Mas os jangadeiros não eram inocentes quanto ao motivo maior da festa; sabiam que ela não duraria muito e que logo teriam que voltar para a dura realidade cotidiana de pescador. Jacaré, quando chegou em casa, encontrou-a, segundo o *Correio do Ceará*,[323] "remodelada e com um aparelho de rádio, pedido de empréstimo a um vizinho, ligado na PRE-9, uma das iniciativas de D. Mariinha Holanda". Entretanto, sentiam-se e assumiam-se como os protagonistas principais daquele feito, tinham orgulho disso e achavam mais do que justa as homenagens. Tatá, orgulhoso, disse a um jornalista: "Nós deixemos um prestigiozinho para os cearenses lá no Rio. Falá cum gente grande foi só

---

[320] Jornal *Unitário*. Fortaleza, 29 de novembro de 1941, última página.
[321] Jornal *Unitário*. Fortaleza, 05 de dezembro de 1941, p. 3. O jornal divulgou, inclusive, os nomes das estudantes.
[322] Jornal *Unitário*. Fortaleza, 11 de dezembro de 1941, última página.
[323] Idem.

quem falo fumos nós". Com isso, ele dá uma idéia do que significava para homens pobres sentirem-se interlocutores diretos de sua causa.

As festividades de recepção duraram uma semana. Durante dois dias, os jangadeiros foram homenageados na I Feira de Amostras das Pequenas Indústrias do Ceará, que foi instalada na Praça José de Alencar. Além dos exemplares das indústrias cearenses, foi instalado um parque de diversões que, durante os dias de homenagens, foi franqueado aos familiares dos pescadores. No primeiro dia de homenagens, montou-se um palanque onde discursaram um representante do Centro Estudantal Cearense, Sr. José Edisio de Sousa, D. Utilinda Bittencourt, em nome da mulher cearense, Dr. Raul Domingues, pelo Ministério do Trabalho, e Jacaré. Alto falantes instalados na feira transmitiam os discursos, e depois a PRE-9 convidou D. Utilinda Bittencourt para ler seu rebuscado discurso de saudação aos jangadeiros.[324]

> "Este vosso gesto de destemor, bravura e despreendimento, escreverá mais uma página doiro da História Pátria, como tanto já o fizeram os filhos heróicos desta nobre Terra dos Tiburcios, dos Sampaios, dos Dragões do Mar! Êmulos que sois dos bravos heróis do Passado, surgis, na simplicidade estóica de vossa gente como um estímulo no presente e um penhor no Futuro."

Jacaré, como das outras ocasiões em que se pronuncia, encantou a audiência com suas tiradas "interessantes e pitorescas", segundo o repórter do *Correio do Ceará*.[325] Como já comentei em capítulo precedente, ele, mais uma vez, utilizou-se da estratégia discursiva que lhe era própria, lamentando a falta de recursos da oratória erudita para falar e agradecer a tantos que contribuíram com a viagem. Primeiro, ao presidente do Jangada Club, para ele, o Pai dos jangadeiros da Praia de Iracema, pessoa que prestava assistência permanente aos pescadores e a quem esses trabalhadores deviam gratidão. Declarou que esse senhor enviava, para todas as capitanias dos portos por onde passaram, uma quantia em dinheiro para sua manutenção. Em seguida, agradeceu a um jornal local pelo apoio, sem, contudo declinar o nome. Por fim, se dirigiu ao interventor Menezes Pimentel, cobrando sutilmente a defesa da causa dos pescadores, aquilo que já havia incorporado como seus "direito":

---

[324] Essa senhora é quem escreverá em tom de profundo rancor e amargura as páginas finais do *Livro do raid*, que falarei mais adiante. O discurso pronunciado na Feira de Amostras foi incorporado ao *Livro do raid*. Ver *Diário dos Jangadeiros*, op. cit., p. 171 a 175.

[325] Jornal *Correio do Ceará*. Fortaleza, 01 de dezembro de 1941, p. 4.

> "Doutor Meneses Pimentel já hoje falei em seu nome e não me canço de falar, porque eu estou lendo no semblante do Doutor Menes Pimentel como li no doutor Presidente da Republica que eles está pronto para defender os nossos direito."

Após a solenidade, o Interventor cearense homenageou os jangadeiros com Medalhas de Honra em prata, "servindo essa oferta como uma expressiva homenagem da administração estadual aos quatro heróis cearenses", segundo interpretava o *Unitário*.[326] Apesar de Jacaré dirigir-se ao Interventor como uma pessoa que dominava a oratória, e que o examinava, de longe, imaginando quantas palavras bonitas teria para proferir, se estivesse em seu lugar, Menezes Pimentel não discursou em nenhum momento, servindo outras autoridades como seus intérpretes. É claro que havia espaço para seu discurso e que ele detinha capital intelectual para proferi-lo, mas razões de outras naturezas levaram-no a não concretizar esse ato (discutirei essa questão no item seguinte). Ainda no recinto da feira, no segundo dia de homenagens, foi entregue solenemente um cheque no valor de 873$, pagável no Banco dos Importadores.[327]

No domingo seguinte à chegada dos pescadores, foi a vez da Igreja Católica cearense demonstrar publicamente sua homenagem, com a realização de uma missa campal na Praia de Iracema, em frente ao Jangada Club, com a participação de várias entidades. Segundo descreve o *Correio do Ceará*, o altar estava ricamente ornamentado, trabalho realizado pelas irmãs do Colégio da Imaculada Conceição, enquanto crianças do orfanato dessa mesma instituição guarneciam o altar vestidas de anjo. O celebrante foi o Monsenhor Otávio de Castro e a Scola Cantotun, do Seminário da Prainha, regida pelo Padre Neves, se encarregou do canto. Segundo o mesmo periódico, "compareceram" a esse ato religioso "pescadores, vestidos de seus trajes, alguns ainda molhados".[328]

Depois da missa, seguiram os convidados, cerca de 800, segundo esse mesmo jornal, para a sede da Associação de São Pedro, onde foi servido um café, organizado pela "madrinha do *raid*". Ainda dentro desse mesmo espírito cristão, seguiram depois para a casa de Tatá e Jerônimo onde houve uma cerimônia de "entronização" de quadros da Sagrada Família, e, à tarde, os pescadores participaram da inauguração do Altar do Coração de Jesus, no seminário. As entidades ligadas à Igreja católica no Ceará, como é o caso da Associação de São Pedro e o Seminário, também se faziam presentes aos atos

[326] Jornal *Unitário*. Fortaleza, 27 de novembro de 1941, p. 7.
[327] Jornal *Unitário*. Fortaleza, 6 de Dezembro de 1941, última página.
[328] Jornal *Correio do Ceará*. Fortaleza, 6 de Dezembro de 1941, última página.

solenes dedicados aos pescadores, seja para reverenciar e/ou estabelecer um certo controle sobre esses trabalhadores. Não se pode esquecer que os pescadores fizeram sérias denúncias contra autoridades de pesca locais, sendo necessário, portanto, frear os ímpetos de acirramento dos conflitos desencadeados.

O Jangada Club também prestou sua homenagem aos amigos pescadores, com um jantar em que foi servido como prato principal "Filet de Jumento", iguaria que fez Jacaré sussurrar que, se soubesse disso antes de comer, teria recusado. O jangadeiro brada aos presentes que ouvira, por onde andara, referências ao Ceará como a "Terra da Luz", ao que ele emenda ironicamente: "*mas cega para a pesca*". Nessa ocasião, Jacaré declarou mais uma vez sua adesão ao discurso "tecnicista" que enfatizava a necessidade de melhorias técnicas para resolver o problema da pesca, com destaque para a substituição da jangada por barcos a motor. Segundo a transcrição do redator do *Correio do Ceará*, no pedido que o jangadeiro faz àquele que destaca como protetor dos pescadores, Jacaré disse que:

> "Deseja, porém, que o Sr. Fernando Pinto ajude os homens do mar a melhorar os métodos de pesca, abandonando o primitivismo das jangadas, substituindo-as por barcos a motor."

Ainda motivados pela viagem dos pescadores cearenses, a *Agência Meridional*, do Rio de Janeiro, entrevistou o Comandante Armando Pina, diretor do Serviço de Caça e Pesca, a fim de falar sobre o assunto da pesca no Brasil e as possíveis soluções para os problemas que aí se verificavam. Pina referendou a visão dominante naquele momento, que, como vimos, também foi assumida por Jacaré, de que era preciso revolucionar os meios de produção, através da introdução maciça de barcos a motor. Sugeria ainda, assim como Jacaré, que esses barcos fossem entregues às colônias, que os repassariam aos pescadores através de "acordo prévio".[329]

Também no Ceará, a discussão sobre a pesca e os empecilhos para o seu pleno desenvolvimento foi reanimada com a viagem da *São Pedro*. Até a viagem, o que mais se discutia era a necessidade de disciplinar a venda do pescado, seja controlando o preço, seja as condições de higiene e conservação. Por ocasião da viagem, o assunto ganha mais amplitude, passando a incluir as medidas necessárias para a otimização da atividade,

[329] Essa entrevista foi publicada no Jornal *Unitário*, Fortaleza, 7 de dezembro de 1941, última Página. O título da matéria proclamava em grandes letras: "*Barcos a motor para os pescadores de todo o Brasil. Imperiosa a necessidade de novos processos de pescaria – total abolição da jangada.*"

através de uma maior produção. O jornal *Unitário* fecha o ano de 1941 com notícias que destacavam o retorno dos pescadores da *São Pedro* e, ao mesmo tempo, discutindo alternativas para a melhoria da pesca no Ceará.

Em matéria de 13 de dezembro daquele ano, o jornalista cearense retoma o assunto referindo-se à viagem de Jacaré, Jerônimo, Manuel Preto e Tatá, que, segundo sua impressão, "poz em foco o problema da pesca no Ceará". Também refere-se aos argumentos do Comandante Armando Pina, advertindo, porém, as dificuldades de capital para a aquisição de barcos a motor, equipamento que teria que ser importado. Para esse jornalista, o problema maior recaía na limitação do tempo da pescaria, em virtude da necessidade urgente da venda do pescado, que não contava com condições de refrigeração e conservação. Segundo seus cálculos, o pescador saía para pescar entre 5h e 6h. Até 9h, ficava procurando um local com suficiente peixe.[330] Permanecia pescando até 11h ou 12h, quando tinha que retornar para vender o peixe entre 16h e 18h. Para ele, portanto, o problema seria resolvido, emergencialmente, com a compra pelo Estado de um frigorífico de propriedade de particulares, bem equipado, com boas instalações e com capacidade de armazenamento de 50 toneladas de peixe, já em funcionamento em Fortaleza.

Enquanto o assunto se desenrolava na boca do povo e nos jornais, tornaram-se muito freqüentes, segundo o *Unitário*, a visita de populares às casas dos pescadores, sendo esses trabalhadores assediados nos espaços por onde transitavam, na rua, em ônibus, bondes, etc. Dos quatro, era Jacaré o mais admirado, crescendo a cada dia, segundo esse jornal, sua popularidade e sendo considerado mesmo, o "ídolo do povo": "seu nome pronunciado em todos os recantos da cidade, ofuscando o cartaz dos cracks de futebol e dos artistas do radio".[331] Apesar da maestria de Jerônimo, ao comandar tecnicamente a São Pedro, o mais valorizado e reconhecido pelas pessoas eram a liderança de Jacaré e sua ousadia em falar diretamente com autoridades governamentais na Capital Federal. A PRE-9 convidou o "Pero Vaz de Caminha" da *São Pedro* para falar em seu microfone, esclarecendo mais alguns episódios da viagem.[332]

Jacaré volta a falar do temporal que enfrentaram em Canavieira, na Bahia, afirmando ter sido esse episódio o maior perigo que enfrentaram. Também reconhece o valor da experiência de seus companheiros pescadores daquele lugar, que os preveniram

---

[330] Jornal *Correio do Ceará*. Fortaleza, 13 de dezembro de 1941.
[331] Jornal *Correio do Ceará*. Fortaleza 3 de dezembro de 1941, última página.
[332] O Jornal *Correio do Ceará* esclarece que a pedido da direção dos Diários Associados do Ceará, Assis Chateaubriand, autorizou a Radio Tupy do Rio de Janeiro, a transmitir essa entrevista. Todos os dados que aqui comento sobre essa entrevista foi retirado dessa matéria, publicada em 2 de dezembro de 1941, última página.

sobre os sinais dessa ameaça, afirmando por fim que o que diziam era "pura verdade". Sua descrição, como nas outras passagens, era rica e teatral, conseguindo através dela nos dar uma boa idéia do sucedido. Seu esforço em ser entendido leva-o a enriquecer sua linguagem com os recursos de que dispõe, como é comum aos homens do povo, utilizando inteligentemente palavras de forte impacto, como as que se seguem na descrição abaixo:

> "O maior perigo que incontramo foi quando cheguemos a Canavieira. De acordo com isperiencia daqueles home daqueles lugar, de que quando nos avistasse umas nuve preta, quando elas surgisse no mar procurasse a costa promode demorar, nós quando ia chegando em Canavieira, quando olhemo lá vinha o Tufão e dissemos: Lá vem. Depressa serremos o pano e lê vem o tufão de vento. E quando bem num acabava de fechar o pano, o tufão já vinha que quase que istraçalhava a vela. Depressa tiremos o mastro e fiquemos ali sofrendo o resto do dia e da noite até o dia seguinte. Eu fiquei com bastante medo e acabei ficando certo que o que dizia os jangadeiros dali era pura verdade."

Inquirido sobre a sensação da chegada ao Rio de Janeiro, Jacaré voltou a reafirmar o que era mesmo seu propósito, falar com o Presidente: "num olhava boniteza, beleza, nada. O meu desejo era falar com o chefe da nação e dizer o que o meu peito levaria pra dizer a ele". Como em outras ocasiões, se referiu a diversas autoridades com quem tiveram contato no Rio de Janeiro, como o diretor do Departamento Nacional do Trabalho, Luis Augusto Rego Monteiro, e o conterrâneo Valdemar Falcão, dentre outros, a fim de demonstrar sua admiração e gratidão.

Por fim, declarou, na entrevista, que voltaria a pescar e que não deixaria a pesca "nem por vida de bacharel". Foi, provavelmente, para comprovar o propósito de que continuariam como pescadores, como antes da viagem, e que não haviam se deslumbrado com o mundo do poder e das homenagens, que os jangadeiros convidaram o jornalista Edmar Morel para participar da primeira pescaria de retorno, realizada na jangada *Guarani*. Sobre essa pescaria, "Moré" (como os jangadeiros chamavam o jornalista do *Diário da Noite*) redigiu uma bela matéria para o *Correio do Ceará*, em que misturava suas impressões sobre os jangadeiros da *São Pedro* e suas reminiscências:

> "Jacaré, Jerônimo, Manuel Pretinho e Tatá, junto da vela da Guarani e a sombra do coqueiral bonito da velha Praia do Peixe, um pedaço da infância do repórter, deram um último abraço: Que Deus acompanhe você. (...) Moré, seja feliz. Adeus."

II

O INTERVENTOR DA LEC NA CARONA DA JANGADA SÃO PEDRO

Jacaré e seus companheiros, no retorno ao Ceará, estavam mesmo dispostos a agradecer a todos aqueles que apoiaram a viagem reivindicatória, especialmente Dona Mariinha Holanda, a madrinha, Sr. Fernando Pinto, o diretor do Jangada Club, protetor dos jangadeiros na Praia de Iracema, e, muito especialmente, o Interventor Menezes Pimentel e os jornalistas, que fizeram o patrocínio jornalístico do *raid.* Esses agradecimentos, contudo, como parte da "prática política" a que estavam habituados os jangadeiros, muito bem demonstrada no desenrolar da viagem, tinham também a intenção de assegurar a continuidade e ampliação da assistência e apoio recebidos até então. Foi assim com o Interventor Menezes Pimentel. Jacaré, em seu discurso de chegada, como já me referi páginas atrás, proclama sua gratidão pela participação intensa do governante, desde os preparativos da viagem, quando intercedeu pelos jangadeiros junto as autoridades da Marinha, passando pelo acompanhamento da viagem propriamente dita, até a preparação da recepção festiva. Mas, ao proclamar a gratidão, ele também procura assegurar o apoio de Pimentel à luta dos jangadeiros por aquilo que já consideravam seus "direito".

A prática política a que Jacaré e os outros estavam habituados combinava deferência, respeito, submissão às autoridades, demais pessoas "graúdas" e instituições, com orgulho e auto-estima, seja por sua profissão, seja pela condição de interlocutor. A viagem propiciou a eles, em meu entendimento, o crescimento dessas últimas qualidades, já que os colocou na condição de interlocutores diretos com o chefe do poder estatal. É aquilo que já chamei páginas atrás, a partir das reflexões de E. Thompson, de uma prática baseada na noção de "economia moral". Importa enfatizar que os marcos dessa prática política eram relações tipicamente paternalistas, mas enfatizo que essas relações não se esgotavam na submissão e na deferência, mas incorporavam estratégias de insubmissão criativas, como essas de Jacaré ao cobrar publicamente do governante o apoio a sua causa.

O interventor Menezes Pimentel, alvo direto da estratégia política de Jacaré, evitou discursar nas várias ocasiões públicas em que esteve com os jangadeiros da *São Pedro*, apesar de Jacaré fazer menção explícita a sua capacidade de oratória, demonstrando, até mesmo, uma certa inveja. Em seu discurso de chegada a Fortaleza, após ouvir o Sr. Luis Sucupira, Inspetor da Alfândega, falar em nome do governo do Estado, Jacaré se dirige diretamente ao interventor, para agradecer pelo apoio à sua causa e de seus

companheiros, sem, contudo, deixar de lamentar não possuir, como este, o dom da oratória:[333]

> "Boa noite pessoal de Fortaleza. Agradeço desde a mais alta autoridade como o doutor Menes Pimentel que está lá olhando as minhas simples palavra, tão pobrezinha, ele com tanta palavra bonita para dirigir ali. O doutor Pimentel está dizendo pra ele mesmo: "Ah se fosse eu no lugar do jacaré, quanta palavra bonita eu num dizia".Tanta palavra bonita que existe no douto Pimentel e tanta ignorança que existe no Jacaré. Doutor Pimentel, dei-me um pouco do vosso estudo e mande pra que eu agradeça ao pessoal de Fortaleza com palavras bonita e rica. Agradeço a todos, desde a mais alta autoridade até a mais simples criancinha que nesse momento está dormindo no seu rico berço.Ah se eu tivesse um pouco de estudo."

O professor Francisco de Menezes Pimentel era de fato um homem "culto". A época do anúncio de sua candidatura ao governo do Ceará, em 1934, era professor da cadeira de Direito Romano da Faculdade de Direito do Ceará, de quem também foi diretor. Apesar de mulato, como os jangadeiros da São Pedro, e também com uma origem humilde, os cuidados dos padres católicos, a quem foi confiada sua educação no pequeno município de Pacoti, propiciaram um futuro bem diferente daquele dos pobres pescadores cearenses. Ainda nesse município da Serra de Baturité, foi fundador de um instituto educacional, o São Luis, que depois trouxe para Fortaleza, contribuindo para a formação católica de várias gerações. Sua dívida com os padres católicos seria paga, ainda, com sua militância como intelectual leigo, divulgando e defendendo a bandeira da cristianização da sociedade em várias frentes, como no Círculo Católico de Fortaleza,[334] entidade da qual foi Vice-Presidente. Essa militância teve como conseqüência sua eleição, sob a bandeira da Liga Eleitoral Católica (LEC), para o governo do Estado, em 1935, função confirmada (como Interventor) após o golpe de 1937. [335]

Todos os historiadores que se debruçam sobre a história do Ceará, nas três primeiras décadas do século XX, constatam a grande força moral e política da Igreja Católica,[336] em sua ação sobre os intelectuais, as camadas médias urbanas, os trabalhadores

---

[333] Publicado no jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 1 de dezembro de 1941, p. 4.

[334] Esse instituto criado em 1913 no Ceará antecede o seu congênere nacional fundado por Dom Sebastião Leme em 1922, no Rio de Janeiro. *Cf.* Júlia Miranda. *O Poder e a Fé: discurso e prática católicos*. Fortaleza: Edições UFC, 1987, p. 101.

[335] *Cf.* Aroldo Mota. *História Política do Ceará (1930-1945)*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1989.

[336] Júlia Miranda (*O Poder e a Fé*, op. cit.) faz uma profunda avaliação das estratégias empreendidas pela Igreja católica no Brasil, seja através de pastorais ou da criação de organismos de ação, como são os casos da Revista *A Ordem* (1921) e do *Centro Dom Vital* (1922), sediados no Rio de Janeiro, criados sob os auspícios do Cardeal Dom Sebastião Leme, com o objetivo de conclamar os intelectuais leigos para a obra

e os desvalidos, o que se efetiva a partir de 1913, sob o comando do Arcebispo Dom Manoel da Silva Gomes, com a criação de várias entidades, como o Círculo Católico de Fortaleza, o Instituto de Proteção a Infância, a Liga dos Senhores Católicos e o Dispensário dos Pobres. Em 1914, é fundado o Banco da Arquidiocese; em 1915, é criado o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos de São José; em 1922, surge o jornal católico *O Nordeste*; e, em 1925, é criada a Federação Operária Cearense. Nos anos de 1930, essa ação se amplifica com o apoio conferido pela Igreja à Legião Cearense do Trabalho (LCT) e com a criação da vertente local da Liga Eleitoral Católica (LEC). Essa ações verificadas no Ceará se constituíram como parte da estratégia da Igreja Católica brasileira de "recatolizar a sociedade" e influenciar o eleitorado católico, com vistas às eleições constituintes de 1933, como afirma Júlia Miranda. Essa estratégia foi perseguida pela Igreja, em grande parte, em virtude do processo de laicização das instituições e da sociedade, vitória dos liberais e dos maçons, com a Constituição republicana.

Recuando aos anos de 1870, quando eclode o conflito, já latente, entre a Igreja, a Maçonaria e o Estado Imperial, no processo que se passou a denominar "Questão Religiosa",[337] já se podiam vislumbrar as raízes do processo de laicização e liberalização da sociedade brasileira e a resistência da Igreja. Na tribuna e na Imprensa no período, representantes da Igreja e dos liberais, em grande parte representados por Maçons, se confrontavam a partir de projetos distintos de sociedade. Enquanto a Igreja buscava resguardar seu monopólio na direção moral da sociedade, a Maçonaria pregava a laicização da sociedade e das suas instituições, levando adiante bandeiras como casamento e batismo civil, laicização dos cemitérios, fim da obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas, dentre outras. Com a República e a nova constituição, parece "vencer" o projeto dos liberais, maçons particularmente, mas a Igreja no Brasil jamais se deixou marginalizar das grandes questões em pauta, e já se preparava para sua ofensiva que se cristaliza mais solidamente a partir dos anos de 1920.

Já no princípio do século XX, no Ceará, as duas instâncias voltam a entrar em disputa, dessa vez pela liderança dos trabalhadores locais. É sabido que, já por volta

---

a ser empreendida pela Igreja. Faz também um excelente levantamento do discurso e prática do catolicismo brasileiro e cearense nas primeiras três décadas do século XX.

[337] Roque Spencer M. Barros. Vida Religiosa/A Questão Religiosa. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (org.) *História Geral da Civilização Brasileira.* Tomo II, Vol. 4. 2 ed. São Paulo: DIFEL, 1974, p. 317-365; José Murilo de Carvalho. *A Construção da Ordem: a elite política imperial; Teatro de Sombras: a política imperial.* Rio de Janeiro: Relume Dumará/Ed. UFRJ, 1996; Célia M. M. Azevedo. "Maçonaria: História e Historiografia." *Revista USP*. São Paulo: USP-CCS, dez/fev 1997, p. 179-189; Carlos Rizzini. "Dos Clubes Secretos às Lojas Maçônicas." *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Vol. 190, 1946, p. 29-44.

dos anos de 1870, a maçonaria brasileira e cearense, guardadas as devidas proporções, já sinalizavam para uma preocupação com a mão de obra livre, em especial com sua formação educacional, através das experiências da *Escola Popular*, iniciativa da Loja Fraternidade, e da *Escola dos Libertos*, da Loja Caridade, ambas experiências da Maçonaria Cearense, na segunda metade do século XIX.[338]

No começo do século XX, a presença da Maçonaria no interior do movimento dos trabalhadores cearenses já se exercia, dentre outras, em agremiações como o Centro Artístico Cearense, existente na capital e no interior, fundado em junho de 1904.[339] É para se contrapor à liderança e influência maçônica que os católicos fundam o Círculo Operário Católico (COC) São José de Fortaleza,[340] em 1915, o primeiro, portanto, a ser criado no Brasil.[341] Até os anos de 1950, a ação católica frente aos trabalhadores girou em torno do discurso e da prática da assistência e caridade, muito bem ilustrada na ação dos círculos operários e das "conferências Vicentinas". Nos anos de 1940, os círculos operários proliferaram pelo interior do Estado, permanecendo as "Conferências Vicentinas" mais voltadas para os denominados "desvalidos" da sociedade.

Esses trabalhadores cearenses, disputados por católicos e maçons, entretanto, travavam conhecimento, desde finais do século XIX, com outras experiências de doutrinas e práticas de organização e ação como a anarquista, socialista e, na segunda metade dos anos de 1920, da vertente marxista, como salientou Simone Souza.[342] A imprensa operária produzida e veiculada no período, desde a publicação de *União Artística*, de 1860 e o *Artista* de 1862, "uma das mais expressivas formas de expressão" da "vontade de auto-esclarecimento" por trabalhadores cearenses, segundo Adelaide Gonçalves,[343] dá conta de confirmar a emergência dessas idéias e práticas, algumas vezes

---

[338] Alexandre Mansur Barata. *Luzes e Sombras: a ação dos pedreiros-livres brasileiros, 1870-1910.* Campinas: Editora da Unicamp - Centro de Memória da Unicamp, 1999; Berenice Abreu de Castro Neves. *Intrépidos Romeiros do Progresso: maçons cearenses no Império.* Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada à UFC. Fortaleza: 1998.

[339] É Josênio Parente (O Movimento Operário Cearense na Primeira República. In: Simone Souza (org). *História do Ceará*, op. cit., p. 347-358) quem primeiro aponta a força da Maçonaria atuando na organização local dos trabalhadores, disputando a liderança dessa organização com a Igreja Católica.

[340] À frente desse instituto se destacou o padre holandês Guilherme Vaessen, da Congregação das Missões.

[341] Jovelina Santos ("Círculos Operários no Ceará: uma ausência historiográfica." *Trajetos*. Fortaleza: UFC, vol. 2, nº 4, 2003, p. 35-46) faz um apanhado dos estudos históricos acerca dos Círculos Operários no Brasil, apontando que os pesquisadores desse tema citam Pelotas, no Rio Grande do Sul, como o lugar onde surgiu o primeiro círculo operário, desconhecendo a existência da experiência pioneira de Fortaleza.

[342] É ainda Simone Souza (Da Revolução de 1930 ao Estado Novo. In: Simone Souza (org). *Uma Nova História do Ceará*, op. cit., p. 287-316), quem informa que, em torno de 1927, um cearense conhecido por Joaquim Pernambucano retorna do Rio de Janeiro com a tarefa de criar uma seção local do Partido Comunista e organiza o BOC, Bloco Operário e Camponês (p. 292).

[343] *Cf.* Adelaide Gonçalves. Imprensa dos trabalhadores no Ceará: história e Memórias. In: Simone Souza (org). *Uma Nova História do Ceará*, op. cit., p. 261.

amalgamadas, segundo minha leitura, com um discurso visivelmente extraído da sociabilidade das lojas Maçônicas.[344] É sugestivo nesse sentido o seguinte trecho da carta enviada de Camocim ao jornal "A voz do gráfico", de 1921: "O Sindicato dos operários da Estrada de Ferro de Sobral **se acha aqui um pouco fraco por falta do concurso externo**, pois o camarada bem sabe, **onde falta luz o povo tateia"**. (grifos meus)[345]

Na década de 1930, como já me referi, a "Ação Católica" se viu fortalecida com a criação no Ceará de uma outra organização de forte orientação católica e corporativista, a Legião Cearense do Trabalho, LCT, idealizada pelo militar integralista Maranguapense Severino Sombra e que contou com a forte liderança do Padre cearense, então integralista, Helder Câmara. Pregando o anti liberalismo e anticomunismo, agora o principal fantasma a assustar os católicos, a Legião Cearense do Trabalho, passou a abrigar em seus quadros vários sindicatos e agremiações, agregando em torno de 9.000 trabalhadores, provenientes de ofícios como: os "tecelões, barbeiros, trabalhadores marítimos, gráficos, trabalhadores da Light, automobilistas, trabalhadores ambulantes, padeiros, empregados em hotéis e cafés, engraxates, carpinteiros alfaiates, lavadeiras pedreiros, etc"[346]Articulando a experiência corporativista da LCT e a ação católica verificada nos anos de 1930, Barroso Junior conclui:

> "O movimento legionário se enquadra se enquadra perfeitamente nas pretensões da Ação Católica, cujo objetivo principal era estimular e mobilizar os seus leigos para aderirem a uma missão em defesa uma reforma social fundamentada nos princípios éticos cristão. O discurso legionário é, portanto, o resultado de uma articulação que insere um conteúdo político profano numa mensagem moral sagrada, sintetizando uma proposta política constituída a partir de uma interpretação ético-religiosa do mundo moderno."

Cabe salientar que os líderes políticos da "Legião"[347] foram os mesmos que fundaram a célula local da Ação Integralista brasileira, AIB. Esse grupo saiu justamente,

---

[344] Josênio Parente, O Movimento Operário Cearense na Primeira República, op. cit.

[345] Esses trechos são citados por Adelaide Gonçalves, Imprensa dos trabalhadores no Ceará, op. cit., p. 261 e 269. Para Adelaide, esse trecho dá provas da ânsia de auto-conhecimento por parte dos trabalhadores daquele período.

[346] Ver a esse respeito os artigos de Sebastião Rogério de Barros da Ponte, A Legião Cearense do Trabalho. In: Simone Souza (org). *História do Ceará*, op. cit.; e de Josênio Parente, O Movimento Operário Cearense na Primeira República, op. cit.

[347] Depois da saída de Sombra da Legião, em decorrência de seu exílio, por sua participação na revolução constitucionalista de São Paulo de 1932, é o então integralista Jeová Mota que assume a direção da entidade. Mesmo com o seu retorno, Sombra não recuperará seu antigo cargo e prestígio, o que o levará a fundar a Campanha Legionária. *Cf.* Sebastião Barros da Ponte, *Fortaleza Belle Époque*, op. cit.; Josênio

em grande parte, dos quadros da intelectualidade católica que se formava em torno do Centro Dom Vital, criado por Sebastião Leme. O criador da LCT o legionário Severino Sombra já apontava a matriz autoritária e corporativista, depois alavancada pela AIB, nas páginas do jornal católico cearense *O Nordeste*, onde foi redator sob o pseudônimo de Agathon. A AIB, entidade que congregava em seus quadros principalmente segmentos da classe média cearense,[348] também destacou figuras como o Padre cearense Helder Câmara e os políticos Jeová Mota e Valdemar Falcão, esses últimos eleitos para a constituinte federal sobre sigla da LEC.[349].

Mas a ampliação do raio de atuação da Igreja na sociedade brasileira e, especialmente, como venho demonstrando, na sociedade cearense, se verificou com sua participação ativa na esfera da política, verificada com a criação e atuação da Liga Eleitoral Católica, de 1932. Em torno da LEC, no Ceará, foram agregados aqueles segmentos que já militavam nos diversos organismos criados e dirigidos por intelectuais católicos, já referidos, como também figuras saídas das oligarquias mais tradicionais do Ceará, denominados pejorativamente de "decaídos, que haviam sido alijadas do poder com a vitória da Revolução de 1930 e da ascensão do grupo que cercava os Távoras.

Há que se destacar no crescimento da LEC e desse grupo político que a circundava a atuação do jornal católico *O Nordeste*, seja influenciando o eleitorado ou incitando a militância católica a defender as bandeiras da instituição. Destacou-se à frente desse periódico o intelectual Luis Sucupira, aquele mesmo que saudou os jangadeiros em várias ocasiões, em nome do Interventor. Mas também outro motivo responde pelo crescimento da LEC cearense, a postura política de "neutralidade" adotada pelo interventor militar Carneiro de Mendonça. Ao decidir por não se envolver ou tomar partido explícito por qualquer das facções em disputa no Ceará, o interventor acabou por favorecer a livre

---

Parente, O Movimento Operário Cearense na Primeira República, op. cit.; e Raimundo Cordeiro Barroso Júnior, A Legião Cearense do Trabalho. In: Simone Souza (org). *Uma Nova História do Ceará*, op. cit., p. 317-344.

[348] Pude perceber a adesão e identificação da autoritária sociedade católica cearense ao integralismo por uma resposta que obtive de meu pai acerca de seu primo Jeová Mota. Perguntei a ele se sabia que Jeová havia sido integralista, ao que ele me respondeu: "eu também fui, todo mundo era". Minha madrinha, hoje com 92 anos, uma dessas guerreiras mulheres católicas, apaixonada por política, certa vez me contou orgulhosa que ajudou a bordar a bandeira dos integralistas para a solenidade no Teatro José de Alencar, ocorrida naqueles movimentados anos de 1930.

[349] *Cf*. João Alfredo de Sousa Montenegro. Integralismo e Catolicismo. In: Simone Souza (org). *História do Ceará*, op. cit., p. 361-370.

ação da Igreja Católica que já contava com uma estrutura de atuação sem paralelo naquele momento[350].

Cabe ainda salientar outro aspecto que ao meu ver deu um grande impulso a LEC no Ceará, o movimento movido por ela ao envolvimento das mulheres seja através de seu voto[351], seja através da militância a ser desenvolvida. Imagino que mulheres com a capacidade de mobilização demonstrada por Marinha Holanda, a madrinha do raid, ajudaram a alavancar a campanha da LEC, pois elas se encontravam em número bem significativo a frente de sociedades beneficentes, de associações católicas, além de exercerem papel considerável no magistério e na estrutura familiar, conforme sugeriu Miranda.[352] É bem ilustrativo do papel desempenhado pelas mulheres na campanha política da LEC o seguinte trecho de uma carta enviada pelo Interventor Felipe Moreira Lima ao seu congênere na Bahia Juracy Magalhães, as advertir para o retorno dos políticos conservadores ao Poder, com a vitória da LEC. Sobre essa entidade ele diz: "A LEC é, afinal de contas um partido de lavadeiras analfabetas e mulheres fanáticas. Seus homens, em geral pertencentes o sexo neutro, representam uma minoria, sem combatividade e sempre preocupada em ficar encostada ao poder".[353]

Em torno da eleição de deputados constituintes, senadores e deputados estaduais, a LEC foi a grande vitoriosa, dos 10 deputados que irão atuar na constituinte federal 6 foram indicados pela LEC, Dr. Waldemar Falcão, Dr. J.J. Pontes Vieira, Dr. Antônio Xavier de Oliveira, Dr. Figueiredo Rodrigues, Luis Cavalcante Sucupira e Cap. Jeová Mota. O PSD, congregando as novas forças políticas e os tenentes, elegeram 4 deputados, Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora, Dr. Jose´de Borba Vasconcelos, Dr. Leão Sampaio e Major João da Silva Leal. Para a constituinte estadual, mesmo com o apoio explícito dado pelo novo interventor cearense, Felipe Moreira Lima ao PSD, a LEC também vence, elegendo 17 deputados, contra 13 do PSD. Vale lembrar que em torno da LEC se abrigavam, como sublinha Simone Souza "todas as forças reacionárias do Estado:

---

[350] Dulce Chaves Pandofi. A Trajetória do Norte: uma tentativa de ascenso político. In; Ângela de C. Gomes (org). *Regionalismo e Centralização Política. Partidos e Constituinte nos anos 30*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 340-425. A autora salienta essa neutralidade do interventor militar sem contudo desenvolver a tese das conseqüências dessa postura para o crescimento da LEC. Isso é profundamente desenvolvido por Simone Souza, Da Revolução de 1930 ao Estado Novo, op. cit.

[351] O Código eleitoral de 1932 garante o voto feminino, direito confirmado na constituição de 1934, vitória da Igreja, segundo Júlia Miranda (*O Poder e a Fé*, op. cit., p. 71), pois a proposta inicial do código eleitoral recaia apenas sobre as desquitadas ou abandonadas. A proposta vencedora estende as "mulheres solteiras, casadas ou viúvas com economia própria" o direito a voto.

[352] Júlia Miranda, *O Poder e a Fé*, op. cit., p. 71.

[353] Carta de Felipe Moreira Lima a Juracy Magalhães em 28.11.1934. Arquivo GETÚLIO VARGAS, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. Citada por Simone Souza. As Interventorias no Ceará, In: Simone Souza (org). *História do Ceará*, op. cit., p. 343.

os remanescentes dos Partido Conservador e Democrata, a Legião Cearense do Trabalho, a Ação Integralista Brasileira, Círculos Operários Católicos e outras agremiações religiosas". Em torno do PSD estavam os "revolucionários de 1930 e dissidentes daqueles dois partidos. Em maio de 1935, os deputados constituintes cearenses elegem Menezes Pimentel o novo Interventor do Ceará.[354]

Dos quadros da LEC, portanto, saem duas figuras cearenses que serão evidenciadas com o golpe do Estado Novo de 1937, Menezes Pimentel, eleito indiretamente em 1935 e Valdemar Falcão, que saindo dos quadros da AIB e da Legião Cearense do Trabalho, iria atuar no Ministério do Trabalho de Vargas e depois como Ministro do Supremo Tribunal Federal, cargo que estava investido quando saudou os jangadeiros, em nome do Governo, no Teatro João Caetano, no Rio de janeiro. Depois do golpe, Getúlio reafirmou o nome de Pimentel a frente do Governo do Estado, demonstrando a força da Igreja católica no Ceará, contrariando os anseios do grupo ligado em torno da liderança dos Távoras, o tenente Juarez e seu irmão Fernandes[355], abrigados na sigla do Partido Social Democrata, PSD, recém criado.

O acompanhamento do desenrolar da política cearense nos pós 1930, nos dá uma boa idéia da habilidade política do presidente Getúlio Vargas em lidar com as diversas forças políticas em disputa. As indicações dos interventores que dirigiram o estado durante o primeiro período Vargas já sugerem essa habilidade política. Após a tomada do poder em 1930, assume o médico Fernandes Távora, irmão de Juarez, aquele a quem foi delegado a função de estabilizar a revolução no Norte. Aqui se garantia o poder político da máquina do Estado para os aliados de então, Tenentes e nova oligarquia ligados em torno dos Távoras. Com a pressão recebida pelos opositores, as oligarquias tradicionais, chamadas "decaídas", e os grupos católicos cearenses em franca ascensão, o interventor civil é destituído e nomeado um militar que, desde o princípio, se propõe a manter-se na "neutralidade", deixando o terreno livre para ação dos católicos e das oligarquias tradicionais. Nova pressão leva o interventor Carneiro de Mendonça a pedir exoneração,

---

[354] Idem, p. 338-344.

[355] No pós 1930, Getúlio Vargas cria a "Delegacia do Norte", nomeando como seu titular o então tenente Juarez Távora. As atribuições e o prestígio do tenente eram tanto que Juarez era pejorativamente chamado Vice-Rei do Norte. O médico Fernandes Távora foi o primeiro interventor do Ceará, no pós-1930, sendo afastado do cargo por causa de denúncias de que estava utilizando a máquina estatal para favorecer seus familiares. Sobre esse período político no nordeste e no Ceará, *Cf.* Dulce Chaves Pandolfi, A Trajetória do Norte: uma tentativa de Ascenso político, op. cit.; Simone Souza, As Interventorias no Ceará, op. cit.; e Da Revolução de 30 ao Estado Novo, op. cit.; João Alfredo de Sousa Montenegro. O Tenentismo e a Revolução de 30. In: Simone Souza (org). *História do Ceará*, op. cit., p. 307-319; e Aroldo Mota, *História Política do Ceará*, op. cit.

decisão prontamente acatada pelo presidente. Chega ao Ceará, então, um interventor, também militar, com decisão explícita de apoiar os novos grupos políticos ligados aos Távora. Por via indireta, é eleito um interventor indicado pela LEC, que é confirmado no poder após o golpe de 1937.

Pelo Diário do Presidente e por suas correspondências é possível acompanhar os bastidores dessa forma de "fazer política". Através de encontro com lideranças políticas locais, a quem o presidente delegava a função de colocá-lo em dia com os acontecimentos mais significativos, ele partia para a tomada de decisões e, muitas vezes, se antecipava já contornando, ao seu modo, os conflitos. Cito um exemplo que ajuda a esclarecer a sua posição em relação a Menezes Pimentel. Em 3 de Abril de 1935 Getúlio inscreve em seu diário[356] que recebeu um amigo do então Ministro do Trabalho, Agamenon Magalhães,[357] o Sr. Olavo Oliveira[358], deputado eleito pela LEC, com quem tratou da política do Ceará. Em 20 de Agosto de 1938, o político cearense escreve uma carta manuscrita,[359] confidencial, alertando ao presidente, a quem chama amigo, algo que estava ainda por acontecer. O Então Secretario do interior e Justiça da Interventoria Menezes Pimentel, Sr. Martins Rodrigues, viajara ao Rio de Janeiro, a fim de solicitar sua nomeação para substituir o interventor, a quem Olavo Oliveira diz ser: "Homem bom, mas fraco", "dominado" por seu secretario de governo. Por fim, relaciona Martins Rodrigues a outros políticos do período, enfatizando o fato destes terem se oposto ao golpe.

> "Tenho certeza – pela minha polícia secreta – e dou aviso a v. ex. que receberá o mesmo como julgar acertado, do que afirmo: o Dr. Martins Rodrigues é irmão siamês do Senador Arruda – aliado daqui do Juraci – idólatras do José Américo, motivo porque se insurgiram contra o golpe de 10 de novembro, que o interventor acabou apoiando, forçado pelos amigos de v. ex. e levado pelas circunstâncias."[360]

---

[356] *Cf.* Getúlio Vargas. *Diário*, op. cit., p. 375.

[357] Agamenon Sergio de Godói Magalhães (PE, 1893-1952). "Deputado Federal PE (1924-1930). Participou da campanha da Aliança Liberal (1929-30). Revolucionário de 1930 em Pernambuco. Constituinte de 1934 (PSD -PE). Ministro do Trabalho (1934-37). Ministro Interino da Justiça (1937). Interventor PE (1937). Interventor PE (1937-45). *Cf.* Getúlio Vargas, *Diário*, op. cit., p.565.

[358] Olavo de Oliveira (CE, 1893). Deputado Federal CE (1935-37). Getúlio Vargas, *Diário*, op. cit., p 582.

[359] Fortaleza, 20 de Agosto de 1938. CPDOC/FGV. GV 38.08.20. Esse documento me foi disponibizado gentilmente pela professora Simone Souza.

[360] Edgar de Arruda (CE, 1892-1965) foi advogado, professor da Faculdade de Direito, presidente do Partido Progressista, da Liga Eleitoral Católica (1932-34) e Senador da República pelo Partido Republicano Progressista (1935 a 1937), função que deixou após o golpe de 1937. *Cf.* Aroldo Mota, op. cit., p. 178 e Getúlio Vargas, *Diário*, op. cit., p. 369, 374 e 386. José Américo de Almeida (PB). Escritor e Político, Secretario de Segurança (PB-1930), Presidente da Paraíba (1930), Chefe civil da Revolução de 1930 no Norte, Interventor na Paraíba (1930), Ministro da Viação e Obras Públicas (1930-34), Senador pelo Partido Republicano Progressista (PB-1935), Ministro do Tribunal de Contas da União (1935-47), Candidato à Presidência da República (1937). Getúlio Vargas, *Diário*, op. cit., p. 503. Juraci Montenegro Magalhães

Dois meses depois, é a vez do interventor Menezes Pimentel escrever ao Presidente,[361] dessa vez para se queixar de Olavo Oliveira, antigo aliado dos tempos da campanha da LEC a quem o interventor acusa de início de lhe fazer oposição "possivelmente" por não ter sido nomeado pelo presidente Interventor do Estado. O que estava em questão naquele momento, era a indisposição do Interventor cearense em satisfazer o pedido feito pelo então ministro do trabalho, o também cearense Valdemar Falcão, de recompor seu secretariado aproveitando "elementos" ligados a Olavo Oliveira e, ainda, ao jornalista Demócrito Rocha, diretor do Jornal *O Povo*, antigo inimigo político do grupo católico que apoiou Pimentel. Se alongando ainda em pormenores da política local o interventor termina por reafirmar seu compromisso com o Estado, dando contas da situação de "paz, trabalho e ordem" do Ceará, segundo ele só comparável a administração do Interventor militar "neutro" Carneiro de Mendonça.

Como desfecho da fórmula política do presidente em lidar com as forças políticas em atrito deu-se que Pimentel se manteve no pode até 1945, quando foi exonerado sem grandes explicações. Olavo Oliveira foi indicado pelo "amigo presidente" como vice-presidente do Departamento de Administração do Ceará, órgão criado por Vargas para, justamente, diminuir a centralização do poder nas mãos de um único gestor.

A estratégia política de Getúlio Vargas em prestigiar Pimentel e, conseqüentemente a Igreja Católica que se colocava por trás de sua candidatura, contrariando, em parte, os interesses dos aliados de "1930", sinalizava, portanto, o reconhecimento que o Estado ditatorial possuía da força política representada pela instituição no Ceará. Se no plano local essa aliança, Estado e Igreja, se firmava, em parte, com o apoio ao nome de Pimentel, fiel escudeiro da Igreja Católica no Ceará, em termos de Brasil a relação ainda permaneceu um tanto nebulosa depois do golpe. Em 1938, ela parecia não estar claro, já que certas ações de religiosos católicos pareciam ser ofensivos ao estado ditatorial que procurava se estabelecer. A cobrança desse apoio ao Estado e a sinalização de uma pacto a ser estabelecido, pode ser compreendido pelo diálogo entre um funcionário do Estado e o Diretor Geral das Confederações Marianas do Brasil, relatado a

(CE, 1905). Militar do Exército Revolucionário de 1930, Interventor na Bahia (1931-35), Articulador do Partido Social Democrata na Bahia (1933), Governador na Bahia (1935-37), Retornou ao Exército (1937). Getúlio Vargas, *Diário*, op. cit., p. 566.

[361] Interventoria do Estado do Ceará. Fortaleza, 19 de Outubro de 1938. CPDOC/FGV. GV.38.1019. Esse documento me foi disponibizado gentilmente pela professora Simone Souza.

Vargas pelo titular da Diretoria Geral de Expediente e Contabilidade do Ministério da Justiça e Negócios Interiores:[362]

> "Expuz francamente ao referido Monsenhor o desgosto que tem causado ao Governo a orientação mantida pelo clero católico em relação ao Estado Novo, apontando fatos que demonstram a hostilidade de elementos do clero tais como o Padre Helder Câmara que chegou a ser intimado a comparecer a polícia por causa de um sermão pelo mesmo pronunciado na Igreja de N. S. da Paz. (...) Após a minha longa, pormenorizada e documentada exposição que o Padre Dainese ouviu sem contestar, referi-me ao Cardeal D. Sebastião Leme, dizendo saber com absoluta certeza que sua Eminência fazia referências pouco elogiosas ao presidente da República, dizendo entre outras coisas ser o Exmo Snr. Dr. Getúlio Vargas um homem sem princípios. Afirmei estar também o governo informado de que o Cardeal D. Leme antes de sua partida para a Europa e dentro da orientação que havia traçado ao clero recordando mais uma vez que todos se mantivessem em atitude de não cooperação com o Governo."

O documento ainda se alonga com a defesa da Igreja e de sua autoridade máxima no Brasil por Monsenhor Dainese, quando finalmente o funcionário do governo diz o que se desejava que fosse feito, que o Cardeal desse instruções a todo seu clero para pregar a "obediência, respeito e acatamento (...) a todas as autoridades constituídas".O "funcionário" da Igreja, por sua vez apresenta sua disposição em intermediar positivamente o entendimento apresentando, entretanto, sua contrapartida: "que o governo brasileiro examinasse a possibilidade de ser assinada uma concordata com a Santa Sé, mantendo o status quo, isto é a Igreja separada do Estado com a mesma liberdade de ação que até agora tem tido." Por fim, depois de passados dez dias, segundo ainda é relatado no documento, o Monsenhor Dainese manda notícias ao funcionário do governo dando conta do entendimento satisfatório que manteve com D. Sebastião Leme e de sua disposição em colaborar e orientar seus subordinados no sentido solicitado pelo governo ditatorial, fato confirmado, segundo o funcionário estatal, através de "agentes confidenciais". Fechando o documento, o funcionário do Estado diz estar aguardando orientações para satisfazer os anseios expressos pela Igreja do Brasil.

Pimentel e seus aliados, de fato, permaneceram no poder durante todo o período do Estado Novo e a frente do governo cearense implementou, no plano local, as diretrizes do estado ditatorial, seja o de coordenar as ações de repressão às manifestações tidas como subversivas a nova ordem, tanto as consideradas de direita como de esquerda.

[362] CPDOC/FGV. RF: 6U 38.11. 26. Esse documento me foi disponibizado gentilmente pela professora Simone Souza.

Erick Assis, em *O cotidiano das classes populares na cidade de Fortaleza durante o Estado Novo,* apresenta uma profunda apreciação sobre a relação Estado, sociedade e camadas populares no referido período, demonstrando que, de fato, a infra estrutura montada por Vargas na cidade exerceu uma vigilância cotidiana sobre o tecido social. Através de uma variada documentação, dentre elas inquérito policiais, relatórios da Secretaria de Polícia e Segurança Pública, jornais, dentre outras, ele conclui que "as práticas policiais não só atuavam nas esferas da militância política, mas exerciam forte pressão na condução da tensa convivência nos arrebaldes da cidade".[363]

Importa para nós enfatizar que essa ação repressiva exercida sobre comportamentos tidos como subversivos, inclusive advindo do movimento independente dos trabalhadores, aliada à relação direta Estado e trabalhadores inaugurada com o governo Vargas, deixa livre o terreno para a ação assistencialista da Igreja católica, é o que se verificou com a ampliação dos Círculos de Operários Católicos no Brasil e em especial no interior cearense, além da estruturação de outras instituições de beneficência voltada para os trabalhadores, como foi o caso da Associação e São Pedro da Praia de Iracema, criada, como mostrei no primeiro capítulo, nos anos de 1939.

Assim, em 1941, quando os jangadeiros decidiram realizar a viagem, contaram com o apoio direto de instituições católicas, a exemplo da Associação de São Pedro, do Seminário da Prainha, do círculo de operários católicos São José, além dos padres católicos que realizaram o batismo da jangada, na partida, a missa campal, na chegada, o ritual de entronização do quadro da sagrada família nas casas de Jerônimo e Tatá, missa em ação de graças na Candelária, Rio de Janeiro, além da consagrada visita ao representante máximo da Igreja católica no Brasil, o cardeal Dom Sebastião Leme, que deixou registrado suas impressões no *Livro do raid.*

Já o interventor católico Menezes Pimentel esteve presente em todo o transcorrer da viagem como já fiz referência, sendo mesmo referido no *Diário de Bordo de Jacaré* e no *Livro do raid*, sem, contudo, ter deixado nada escrito ou proferido oralmente sobre o episódio. Está claro que os jangadeiros vivenciavam a sociabilidade católica e que suas visões de mundo e de política estavam marcados por esse viés, e, desse modo, é compreensível pensar que a decisão de viajar com o sentido reivindicatório estava de acordo com a prática assistencialista católica fundada na noção de caridade. O Interventor também fazia parte dessa sociabilidade e também sua visão de mundo, de política e de ação

[363] Erick Assis de Araújo. *O Cotidiano das classes Populares na Cidade de Fortaleza Durante o Estado Novo*. Tese de Doutorado em História Social apresentada a USP. São Paulo: 2003, p. 97.

sobre os trabalhadores eram marcadas pela ideologia católica. Mas, mais do que isso, Pimentel e o grupo que o cercava entenderam desde o início que o *projeto* de Jacaré e seus amigos de viajar à Capital Federal, se coadunava com o *projeto político* do Estado Novo. Com a realização da viagem, propriamente dita, e a recepção festiva no Rio de Janeiro, inclusive respaldada pelas audiências com ministros de Estado e com o próprio presidente Vargas, aí tiveram certeza da brecha aberta para projetar o Ceará e sua Interventoria, que, como tentei demonstrar se ancorava na sombra projetada pela Igreja católica, sendo constantemente ameaçado, seja por "inimigos" externos ou por antigos aliados. Tátá perspicazmente sugeria esse prestígio que propiciaram ao Estado lá fora na frase que referi páginas atrás.

Mas porque Pimentel não deixou registrado nada a respeito do *raid*? Arrisco interpretar que para o Interventor que localmente tinha que reprimir manifestações de trabalhadores cearenses e de todos que subvertessem a ordem estabelecida, permaneceu latente o receio do movimento dos jangadeiros sair do controle do Estado, extrapolado os limites tacitamente aceitos. Além do mais, havia o receio de comprometer o Estado em ações que ele não podia ou intencionava realizar. Em síntese o apoio simbólico estava garantido com a presença do Interventor ao lado dos jangadeiros nas várias ocasiões, ou mesmo nos bastidores. Os limites da ação desses jangadeiros, vislumbrado pelos católicos em concordância com a política Getulista, pode ser ilustrada pela abertura do *Livro do raid*, escrita pela católica Mariinha Holanda.

> "Exposta a idéia, não obstante os perigos da longa travessia, as dificuldades da numerosa prole, que necessitava da sua assistência, o apoio dos espíritos bem formados e a garantia da Associação de São Pedro da Praia de Iracema, que tem a seu cargo a educação de grande número de filhos dos pescadores, de que poderiam partir, na certeza de que seus familiares receberiam, em sua ausência, o conforto e assistência moral e material que necessitassem, foi logo determinada a viagem e os seus preparativos. Os donativos e o apoio das autoridades muito auxiliaram essa empresa e, dentro de poucos dias, estava pronta e aparelhada a jangada "São Pedro", cujo nome é uma demonstração da fé christã dos jangadeiros cearenses ao forte e destemido Pescador da Galiléa. E, assim, sob a proteção de Deus e sob os auspícios da Pedra Fundamental da Egreja Católica, esperam o mesmo realizar com êxito o seu grande sonho e justificado ideal. No dia 8 do corrente mez de Setembro de 1941, no porto das Jangadas, na Praia de Iracema, em face do oceano, que vae ser testemunha da coragem e bravura do pescador cearense, foi realisada a solene cerimônia do baptismo da jangada "São Pedro", sendo oficiante o Ver.mo Pe. Perdigão Sampaio, com delegação especial do Exmo. Srnr. Mons. Otávio de Castro, administrador apostólico da Arquidiocese. Foi madrinha da jangada "São Pedro" axma. Snra. D. Brígida

> Pimentel, digna esposa do Dr. Menezes Pimentel, conceituado Interventor Federal, com a presença das autoridades e pessoas de relevo da Imprensa e da sociedade. Com a sua presença abrilhantaram a cerimônia, o Exmo Snr. Interventor Federal e digna família, Snr. Luiz Sucupira, digno Inspetor da Alfândega e jornalista de Mérito, Capitão Francisco Caminha, (...) Os pescadores ofereceram ao Dr. Menezes Pimentel a jangadinha simbólica 'fac–simile' da que lhe servirá de barco e idênticas outras serão entregues aos dignos interventores dos Portos de escala da jangada "São Pedro". Deus que favorece as causas nobres , nos auxiliará nessa arrojada jornada, para que demonstremos ao grande e imortal brasileiro que é o Dr. Getulio Vargas, o quanto póde o destemor, arrojo e o patriotismo do jangadeiro cearense, que deseja ver o Brasil forte e unido, livre e altaneiro como o seu digno presidente."

Desde o princípio, então, o Interventor e demais autoridades ligadas a ele se aproveitaram, cada um ao seu modo, da carona oferecida pela Jangada *São Pedro*. Sem dúvida, o Ceará foi projetado no cenário nacional através de seus "intrépidos" e "destemidos" trabalhadores do mar, fato que trazia ganhos políticos para o Interventor. Mas, os coadjuvantes desse episódio, a quem os jangadeiros também tributavam suas gratidões eram os profissionais da imprensa, que junto com Jacaré e Dona Mariinha Holanda, também ajudaram a construir uma memória da viagem, através das páginas da imprensa de todo o país. Lugar de destaque deve ser dado aos jornais dos Diários Associados, "os amigos de sempre", segundo palavras do próprio Jacaré.

III

OS AMIGOS DE TODOS OS TEMPOS: OS JORNALISTAS DO *RAID*

> "O vento batia de cheio no pano encardido da 'Guarani' e Manoel Pretinho no leme, fez as primeiras manobras pra a jangada passar sobre as ondas que levavam a embarcação de ponta a ponta. 'Tatá' na bolina, impedia que o mar atirasse para terra a Guarani. 'Jacaré' molhava a vela, enquanto o repórter, agarrado às cordas, contemplava o espetáculo magnífico. A uma rajada de vento mais forte, a jangada fica de lado, mas Manoel Pretinho, no Leme, tem o mais completo domínio. E a jangada foi deslizando sobre as vagas e começou a sua carreira para a risca do mar."[364]

[364] Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 04 de dezembro de 1941.

As palavras acima são do repórter Edmar Morel, do *Diário da Noite*, do Rio de Janeiro, descrevendo a primeira pescaria dos jangadeiros, depois do retorno ao Ceará. Ela se realizou na jangada Guarani e por mais que os jangadeiros e o repórter quisessem que parecesse ser uma simples pescaria, como as muitas que saiam diariamente das praias do Nordeste, de fato não foi. Ela significou, especialmente, uma demonstração de que os pescadores haviam se acostumado com a visibilidade conferida pela imprensa, tanto quanto as autoridades com quem se relacionaram nesse período. Se fosse diferente não teriam convidado para dela fazer parte, justamente um repórter. De atividade restrita a quatro homens, os jangadeiros e Morel a converteram, pelas páginas dos jornais, em ato público. Na verdade o propósito central dos jangadeiros, compartilhado pelo repórter, era de "comprovar" que os jangadeiros voltariam a ser simples pescadores. De fato, na matéria publicada no jornal *Correio do Ceará*, Morel se refere aos comentários que sugeriam que os pescadores jamais voltariam a pescar, pois estavam "estragados pela glória". Ao final da pescaria/espetáculo, um dos jangadeiros lançou um apelo ao jornalista: "Quando você chegar amanhã ao Rio, diga aos companheiros que já estamos de novo no mar. Amanhã, vamos aproveitar a lua e... Pode dizer mesmo que a glória não estragou a gente."[365]

Mas esse objetivo último da pescaria não parece ter diminuído a emoção dos pescadores com o retorno ao mar do Ceará para mais uma vez se aventurar em uma atividade da qual tiravam seu sustento. Morel descreveu com belas palavras a emoção dos jangadeiros e a sua própria em participar daquele duplo "espetáculo", especialmente no trecho em que contou um momento de tensão em que a agilidade e presteza dos pescadores foi colocada em prova:

> "Vem uma vaga forte e Manuel Pretinho grita: Pendura. E numa rapidez de relâmpago os jangadeiros deixaram cair o corpo no mar, fazendo então o equilíbrio da jangada. O repórter assiste tudo com a mais viva alegria. Aquele espetáculo era soberbo. As ondas banhavam a jangada e muito ao longe, a faixa branca da praia cheia de coqueiros balançando ao 'nordeste'."

Uma certa intimidade marcava a relação dos pescadores com o repórter. Morel escreveria mais de cinqüenta anos depois[366] daquele encontro que "não foi difícil a convivência com os pescadores da jangada São Pedro", justificando isso pelo fato de ter passado toda sua infância na antiga "Praia do Peixe", justamente o lugar de onde saíram os

---

[365] Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 04 de dezembro de 1941, p. 4. O título da matéria, escrita por Morel, era:*"Os jangadeiros voltam ao Mar"*.

[366] *Cf.* Edmar Morel. *Histórias de um repórter*, op. cit., p. 109.

pescadores da São Pedro, e que, na época da viagem, já se chamava Praia de Iracema. Mas a intimidade do repórter com os jangadeiros foi se construindo ao longo dos vários encontros que tiveram desde a Praia das Conchas em Macaé, quando os pescadores entregaram ao jornalista cearense e a David Nasser o caderno de notas de Jacaré ,ao mesmo tempo em que esclareceram detalhes da viagem, Nessa reportagem, que já fiz referência no segundo capítulo, o repórter dos "Diários Associados", deixou escapar em meio as informações do *raid* que haviam pessoas tentando impedir sutilmente que os jornalistas ficassem a sós com os pescadores, tentando transformar a viagem e seus protagonistas em algo pitoresco.

Ainda como repórter a quem os "Diários Associados" [367] do Rio de Janeiro, delegou a função de acompanhar os jangadeiros na capital, Morel tornou a entrevistar Jacaré e seus companheiros no hotel, esclarecendo mais aspectos da viagem. Nesse segundo encontro, sem a presença daqueles aos quais Morel atribuía a intenção de dificultar a relação dos jornalistas com os pescadores, o repórter conseguiu arrancar os mais profundos comentários de Jacaré e as mais sérias denúncias feitas por ocasião da viagem. Em suas memórias, escritas 58 anos depois, o jornalista registraria o controle exercido pelo Ministério do Trabalho de Vargas, através do DOPS, sobre os jangadeiros, já na capital Federal:

> "O Ministério do Trabalho, querendo evitar que os jangadeiros saudados como heróis tivessem contato com as chamadas esquerdas (embora esfaceladas pela repressão policial), colocou os pescadores sob o controle famigerado do famigerado DOPS, cujos agentes acompanhavam seus passos como cães de fila."

[367] Eram assim chamados os jornais, emissoras de rádio e revistas agrupados no patrimônio empresarial de Assis Chateaubriand. Segundo Fernando Morais, essa denominação "Diários Associados" apareceu pela primeira vez em fins de 1930, em uma resposta dada por Chateaubriand a um jornalista sobre sua posição frente ao governo Vargas: "Ocorre que habituamo-nos a falar alto e como ocorre não termos hábitos palacianos, preferimos a tribuna dos nossos diários associados para debater os atos do governo, com a sinceridade que o ditador já pediu aos jornalistas". Poucos meses depois o nome foi registrado oficialmente. No início dos anos de 1940, segundo esse mesmo autor, os Associados contavam com "vinte jornais, cinco revistas (Entre essas a sonhada *O Guri*, para crianças), oito estações de rádio, uma editora de livros (A Edição *O Cruzeiro*) e a Sirta (empresa encarregada de agenciar e distribuir publicidade entre os órgãos das empresas)" A esse respeito, ver Fernando Morais. *Chatô, O Rei do Brasil*. Companhia das Letras, 1994, p. 422.

Morel fez várias reportagens e matérias sobre os jangadeiros publicadas nos jornais do Rio e do Ceará, além de uma matéria na conceituada revista "Diretrizes",[368] como já fiz referência páginas atrás. Nessa matéria, repetindo o mesmo tom emocional e romanesco das outras, o jornalista enfatiza o tom épico da viagem e a vinculação dos jangadeiros com o mito Dragão do Mar. Tempo depois ele escreveria sobre Francisco José do Nascimento o "Dragão do Mar" e colocaria na capa da primeira edição uma fotografia da jangada São Pedro, reforçando ainda mais o vínculo, já tantas vezes sugerido por ocasião da viagem de Jacaré, Tatá, Manuel Preto e Jerônimo. Nas páginas de Diretrizes, Morel proclamava que "O pano que fremula no tope do lenho histórico é o símbolo da saudade... A vela branca dos jangadeiros surgiu, pele primeira vez, como bandeira da liberdade, em 1884, quando no Ceará os negros tinham a carne cortada pelo chicote do senhor".[369]

Antes do retorno ao Rio de Janeiro Morel ainda participou da intimidade dos jangadeiros, almoçando com Jacaré e sua família na pequena casa no Bairro de Altamira e depois com Tatá e D. Guilhermina na casa da Rua dos Tabajaras. Em ambas as casas ainda residem hoje familiares dos pescadores, a família do filho mais novo de Jacaré, que não chegou a conhecer o pai, o sapateiro recentemente falecido, Sr. Raimundo de Castro Meira (Puraquê) e a última esposa de Tatá, a senhora Maria Celsa Gomes. Em suas memórias o já então afamado jornalista Edmar Morel, que já havia se notabilizado por suas emocionantes reportagens a frente dos jornais dos Diários Associados[370], registraria que voltou a estar com Tatá e sua família, em um jantar na casa da Rua dos Tabajaras, e que encontrara os pescador "bem disposto", apesar dos avançados 75 anos.

Assim, em meio aos agradecimentos proferidos publicamente nos discursos de Jacaré um especial cabia aos jornalistas, "os amigos de todos os tempos". Para isso, os quatro pescadores foram até a sede dos "Diários Associados" agradecer, pessoalmente, a

---

[368] Essa revista, inicialmente mensal, foi lançada em 1938, por Samuel Wainer. A partir de 1940, passou a ser semanal. Segundo Fernando Morais, as vedetes do jornalismo brasileiro, daquela época, trabalhavam nessa revista ou em algum órgão dos Diários Associados.

[369] Edmar Morel. *Histórias de um repórter*, op. cit., p. 112.

[370] Fernando Morais (*Chatô, O Rei do Brasil*, op. cit., p. 421, 422) comenta que, certa vez, Chateaubrian, interessado em focar reportagens sobre a Amazônia, em virtude do sucesso obtido com uma reportagem do jornalista David Nasser e do fotógrafo Manzon, resolveu encomendar uma matéria sobre o inglês Percy Fawcett, desaparecido na Amazônia, entendendo que esse era um bom assunto para atrair mais leitores. O escolhido para tal investida foi Morel, "o pequenino cearense", que estava em destaque naquele momento por ter realizado uma reportagem em que mostrava o racionamento de alimentos, era época da II guerra, e as dificuldades pelas quais a população passava, enquanto a "égua" puro sangue do Jockey Club Brasileiro era alimentada com quatro litros de leite por dia. A população comovida e revoltada saiu atacando armazéns e leiterias. Assustado com a nova missão Morel saiu à caça do paradeiro do tal inglês e conseguiu descobrir que ele havia sido morto por um cacique da aldeia dos Calapalos. Após o sucesso do furo jornalístico o repórter passou a atuar como "setorista" no gabinete do patrão, função, segundo Fernando Morais, nunca vista antes na imprensa brasileira.

divulgação feitas pelos jornais do grupo, posando para fotos ao lado das senhoras Mariinha Holanda e Uttilinda Bittencourt, que os acompanhavam naquela ocasião.Segundo a matéria que divulgou a visita, juntamente com os jornalistas, os pescadores recapitularam todos os momentos de preparação da viagem, que, como já fiz referência no segundo capítulo, contou com a colaboração dos jornalistas do *Correio* e *Unitário*. Essa participação, entretanto, não ficou restrita a divulgação e sensibilização da opinião pública em relação ao *raid.* Os jangadeiros e jornalistas decidiram que para a efetivação do *projeto* era necessário montar uma "estratégia de divulgação" que ocultasse, de princípio, as denúncias. Só depois de bem afastados das praias cearenses elas passaram a ser proferidas e divulgadas.

Realmente, os jangadeiros tinham muito mesmo a agradecer aos jornalistas. Periódicos de todos o Brasil deram ampla cobertura ao episódio, mas foram mesmo os jornais dos "associados" que rechearam suas páginas com notícias, reportagens, crônicas, imagens dos jangadeiros cearenses, exercendo, desse modo, o patrocínio jornalístico da viagem, algo prometido aos pescadores desde os primeiros encontros que aconteceram na redação dos jornais cearenses *Unitário* e *Correio do Ceará*. Também as emissoras de rádio difusão do grupo participaram desse apoio, seja transmitindo entrevistas com Jacaré ou realizando programas sobre o tema, como foi o caso do rádio teatro que fizeram simulando a vida dos jangadeiros, a decisão da viagem e a partida da Praia de Iracema.

Se nos grandes centros urbanos o rádio já complementava a imprensa escrita no fornecimento de informações, no Ceará dos anos de 1940, que possuía apenas a Ceará Rádio Club, PRE-9, era a imprensa que tinha exclusividade na tarefa, pois, como lembrava o jornalista Blanchard Girão, a "coisa mais disputada em Fortaleza era uma edição de jornal no tempo de guerra"[371] e quando os jornaleiros saiam com seus pregões subindo e descendo dos bondes a população ansiosa saia a procura de sua folhas jornalísticas. A procura por jornais era tão grande que, na opinião do jornalista, era esse fato que justificava o fato de existirem jornais matutinos e vespertinos, como era o caso dos dois jornais dos Diários Associados do Ceará. Nesses anos de 1940, anos de guerra, as notícias sobre os jangadeiros da São Pedro ganhavam destaque em jornais de todo o país, com ênfase para os Associados, como já falei, disputando espaço com as notícias dos enfrentamentos bélicos. Não é de estranhar, portanto, o prestígio que adquiriram, especialmente Jacaré, quando retornaram a capital do estado do Ceará.

[371] Blanchard Girão, *Mucuripe*, op. cit., p. 63.

Os jornais de Assis Chateaubriand, *Correio do Ceará* e *Unitário*, adquiridos respectivamente em 1937 e 1940, são apontados como aqueles que mudaram o perfil do jornalismo cearense que, até então, tinha um caráter fortemente partidário e passaram a ser mais noticiosos.[372] Mas, se não possuíam o caráter partidário pareciam completamente submetidos aos anseios e necessidades do poderoso proprietário da rede. Chateaubriand contratou para ficar a frente dos seus jornais e rádios do Norte e Nordeste João Calmon, que ano a ano ia ampliando a rede dos Associados na região, através da aquisição de antigos jornais e de aberturas de novas rádios, contratando jornalistas, que acorriam ao grupo em busca das melhores condições de trabalho e do prestígio que propiciava[373]. Chateaubriand, que participou de uma regata na jangada conduzida por Mestre Jerônimo, a vencedora naquela competição, não colocou qualquer obstáculo para o patrocínio jornalístico dado ao *raid* dos cearenses e todo às vezes em que foi solicitado que as emissoras de rádio do Rio de Janeiro e do Ceará transmitissem reportagens ou entrevistas dos jangadeiros contou com sua aprovação e colaboração.

Se o todo poderoso Chateaubriand deu todo o apoio, através de seus órgãos associados, à divulgação dos jangadeiros e de sua viagem ao Rio de Janeiro, também o Estado Novo não fez nada para dificultar essa divulgação. Páginas atrás, pude demonstrar que em torno dos quatro jangadeiros foram criadas várias polêmicas, como aquela que envolveu a demora na autorização oficial para a partida da jangada *São Pedro* e as denúncias feitas pelos pescadores, dentre outras. Em todas elas, a imprensa escrita desempenhou uma forte pressão que acabou por favorecer os jangadeiros. Outras crônicas e matérias esticavam o tema da exploração a que estavam submetidos os pescadores, provocando com isso uma análise da realidade brasileira. Parece que a censura do Estado Novo não enxergava qualquer problema no conteúdo dessa divulgação.

Sobre o alcance da censura estadonovista no Ceará, o Capitão Manuel Cordeiro Neto nos fornece algumas pistas. Como Secretario de Polícia e Segurança Pública do estado, escrevia em seu relatório relativo ao período de 27 de maio de 1935 a 27 de janeiro de 1941, entregue ao interventor Menezes Pimentel, que, com relação ao exercício

---

[372] A esse respeito conferir: Geraldo da Silva Nobre. *Introdução à História do Jornalismo Cearense*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense Ltda., 1975; e Sebastião Rogério Ponte (Coord) *História e Memória do Jornalismo Cearense*. Fortaleza: NUDOC/UFC/Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará/SECULT-CE, 2004.

[373] O jornalista e escritor Eduardo Campos, que atuou ativamente nos jornais, na rádio e televisão do grupo de Chateaubriand, lembrou que os jornalistas do grupo eram muito bem assistidos na época áurea dos Diários Associados. Podiam realizar viagens de treinamento, a exemplo da que realizou para os EUA e para a Europa antes da instalação da televisão no Ceará. *Cf.* Sebastião Rogério Ponte (Coord.). *História e Memória do Jornalismo Cearense*, op.cit., p. 180.

da comunicação radiofônica ou da impressa no Ceará, não foi "registrado caso algum de infração que mereça referência".[374] Por esse relatório também se fica sabendo que o número de aparelhos de rádios de Fortaleza, entre 1937 e 1941, totalizava 8.201 unidades. Para Erick Assis, o registro desse dado pelo titular da Secretaria de Polícia e Segurança Pública, bem como o empenho na produção de programas de rádio pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, que, de 1938 a 1940, produziu 428 programas de 15 minutos na Ceará Rádio Club PRE-9, se deve ao poder do rádio de "gerar idéias e sentimentos", o que tendo a concordar.

Apesar dessa constatação de Cordeiro Neto, alguns jornalistas cearenses que atuaram no meio nos anos de ditadura estadonovista, não apagaram de suas memórias a censura infringida sobre os meios de comunicação e a figura do censor, funcionário do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, que se instalava nas redações dos jornais, nos horários e dias de trabalho, controlando o que seria publicado. Para esses jornalistas cearenses, como são os caso de Eduardo Campos, Paulo Bonavides, José Raimundo Costa e o também historiador Geraldo da Silva Nobre, dentre outros, as censuras nas duas ditaduras de nossa história, diferiram já que na segunda, no pós 1964, eram os diretores de jornais que deveriam exercer controle sobre seus jornais. José Raimundo Costa, que atuou no jornal O Povo desde fins dos anos de 1930, lembra do jornalista e censor Mariano Martins, do DEIP, que desempenhava essa função de controle do que iria ser publicado nos jornais. Instigado sobre a relação dos jornais com o Estado Novo, o jornalista de *O Povo*, Paulo Bonavides recordou:

> "Foi uma época difícil, eu a testemunhei. Como lhe disse, ingressei no O Povo em fevereiro de 1938; estávamos no auge do Estado Novo principiando, e a asfixia era enorme em relação à imprensa: a imprensa censurada, a imprensa colocada debaixo do controle. Os jornais que tinham, portanto, aquela bandeira de apoio à liberdade e apoio a democracia sentiam dificuldades de respirar aquele clima. Era um clima difícil: me recordo que, mais de uma vez, tive que levar o editorial, ou artigo, a nota de Demócrito ao censor, ao diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda da época. Ainda bem que esse diretor era uma excelente figura humana, tornou-se um distinto professor da Faculdade de Direito, foi posteriormente meu colega nessa faculdade, e nunca riscou ou censurou um trecho dos artigos do Demócrito. Creio que esse não era o panorama em outros estados, onde a censura tomava aspectos ferozes."

[374] Relatório apresentado ao Sr. Interventor Federal pelo Capitão Manuel Cordeiro Neto, Secretário de Polícia e Segurança Pública, no período de 27 de maio de 1935 a 27 de janeiro de 1941. Imprensa Oficial: Fortaleza/Ceará, 1941. Citado por Erick Assis de Araújo, *O Cotidiano das Classes Populares na cidade de Fortaleza durante o estado Novo*, op. cit., p. 101.

Interessante, que, se todos os instigados sobre a censura aos meios de Comunicação no Estado Novo lembravam da figura do censor e do forte controle, nenhum dos entrevistados, entretanto, tinha um caso concreto para lembrar e contar na entrevista. No caso de Paulo Bonavides, autor do trecho acima, a censura ao seu jornal foi mais frouxa por conta do caráter do censor, justificando que em outros estados deve ter sido diferente. Será se a experiência pessoal não tivesse sido traumática, a memória desses entrevistados não gravaria um caso concreto a relatar? Em minha interpretação, a censura foi mais um fantasma e de fato não se efetivou com a mesma intensidade do que ocorreu nos grandes centros urbanos e, especialmente, na capital da República.

Em tempos de ditadura e de controle aos meios de comunicação, não é difícil entender porque essa cobertura se fez tão ampla e, ao que tudo indica, sem vetos dos censores, já que contava com o consentimento das mais altas autoridades do Estado Novo, como demonstrei páginas atrás. Se os próprios órgãos de comunicação vinculados diretamente ao governo valorizaram a viagem e a figura dos quatro pescadores, era muito bem vinda a participação dos jornalistas engrandecendo o episódio. Vale ainda lembrar, como sugere Capelato, que não só a pressão governamental respondeu por certa submissão e silêncio dos jornalistas, mas também a adesão de vários setores da imprensa ao projeto do governo, já que Getúlio Vargas satisfez algumas das aspirações da classe, como a regulamentação da profissão.[375]

O certo é que o patrocínio jornalístico exercido pelos Diários Associados foi responsável, em grande parte, pelo apoio e sensibilização da opinião pública a causa dos jangadeiros. Em um período em que a imprensa era o principal veículo de informação da população e que a censura estadonovista tinha a intenção de controlar o que era publicado, as notícias sobre os jangadeiros e sua espetacular viagem tocaram fundo em grande parte dos brasileiros que leram direta ou indiretamente as páginas dos jornais. Também o rádio, que se consolidava naquele momento, reforçava esse apelo emocional em torno do *raid*, inclusive aproximando os pescadores, através das entrevistas ou do radioteatro, daqueles que não tinham acesso à leitura de jornais.[376] É possível ainda dizer que a imprensa legitimou os atos daqueles personagens, desde a decisão de empreender a viagem de jangada, desautorizada inicialmente pelas autoridades, até os desdobramentos finais. Ao mesmo tempo, ressaltando-lhes os atributos, qualidades e condições miseráveis de vida,

[375] Maria Helena Capelato, *Multidões em Cena*, op. cit., p. 76.

[376] Segundo Maria Helena Capelato (Idem, p. 76), existiam, em 1937, 63 estações de rádio, passando, em 1945, para 111: "O número de radiorreceptores aumentou, durante o estado Novo, de 357.921 aparelhos para 659.762 em 1942".

transformaram os quatro pescadores, aos olhos do país, em quatro heróis, conforme a ideologia dominante no período, que permitia a emergência de heróis oriundos do meio popular.

Se Jacaré e seus companheiros reatualizaram Dragão do Mar nas representações construídas por jornalistas e escritores, é possível também sugerir que não houve apenas um "Pero Vaz de Caminha" da *São Pedro*, mas, pelo menos, dois: Jacaré e Edmar Morel. Pela escrita do jornalista cearense radicado no Rio de Janeiro, se fortaleceu o caráter grandioso e reivindicatório da viagem dos jangadeiros. Se os outros jornalistas, escritores e cronistas, outros tantos escrivões da *São Pedro*, escreveram páginas esparsas, esse jornalista construiu um conjunto articulado de textos sobre o episódio, concluído com suas memórias, já marcadas pelas "ondas" dos novos tempos que sucederam os velhos anos de 1940. Essas novas "ondas" trouxeram o cineasta americano Orson Welles para as águas brasileiras, ao mesmo tempo em que o Brasil de Getúlio Vargas se definia pela entrada, ao lado das potências aliadas, na II Guerra Mundial. A convite de Welles, mais uma vez o repórter dos "Associados" voltaria a estar entre os jangadeiros, servindo de intermediário para as filmagens do cineasta que, em *New York*, espantado com a ousadia daqueles caboclos, resolvera filmar "Quatro homens em uma jangada". É dessas novas e trágicas ondas que falarei no capítulo seguinte.

CAPÍTULO V

E DEPOIS DO RAID...

NOVAS ONDAS, OUTRAS "VIAGENS"

I

O INQUÉRITO DA CONFEDERAÇÃO GERAL DOS PESCADORES DO BRASIL

O novo ano de 1942 é aberto, para os jangadeiros da *São Pedro*, com violentas "ondas", um tanto diferentes daquelas que eles se acostumaram a enfrentar diariamente nas pescarias. Mas, se eram diferentes, não eram inteiramente desconhecidas, já que a viagem ao Rio de Janeiro propiciou aos quatro pescadores o desbravamento de "outros mares", como a iniciação no universo das leis, do funcionamento da burocracia e da administração pública, "ondas", assim, semelhantes àquelas recém chegadas ao Ceará. Como desdobramento das denúncias levantadas por eles nos jornais de todo o país e ainda às autoridades do Estado Novo, por ocasião da viagem à Capital Federal, a Confederação Geral dos Pescadores do Brasil decidiu mandar ao Ceará o seu secretário Oscar Gonçalves, a fim de proceder um inquérito administrativo para apurar a veracidade das denúncias.

Essas denúncias em relação à Federação recaíam, em especial, sobre uma taxa de 5% repassada pela Prefeitura de Fortaleza, desde 1928, à entidade.[377] Esse valor deveria ser repassado às colônias para a manutenção das escolas por elas administradas e no auxílio geral dos pescadores associados e seus familiares, o que, na avaliação deles, não ocorria. Também foi alvo das críticas de Jacaré e seus companheiros o mau uso da contribuição de cada pescador colonizado à Federação, pois, de nenhum modo, em suas opiniões, esse montante retornava no amparo da classe. Em síntese, para os quatro pescadores, que se apresentaram como representantes de sua categoria, a entidade não estava, de fato, amparando os pescadores cearenses. Estava sendo colocada em questão, portanto, desde a viagem à capital federal, a legitimidade da Federação na representação e defesa dos interesses dos pescadores do Ceará. A própria decisão dos pescadores de ir

[377] Lei Municipal n. 237 de 4 de julho de 1927.

diretamente, sem intermediários, falar com Vargas, já sinalizava para essa crise de legitimidade e poder.

Tão logo chegou o tal secretário à Fortaleza e começou a se estruturar o inquérito administrativo, os jangadeiros da *São Pedro* acorreram à redação dos jornais dos Diários Associados para levantar dúvidas sobre sua credibilidade. Em matéria de 14 de janeiro,[378] o redator do *Correio do Ceará* chamava atenção para o fato de que as duas partes envolvidas, denunciantes e denunciados, deveriam ter iguais oportunidades de se manifestar, insinuando que, se a Federação possuía um advogado, os pescadores também deveriam ter um, em vista das dificuldades que teriam de se defender sozinhos, inclusive pela dificuldade básica de serem compreendidos em seus depoimentos.

O secretário Oscar Gonçalves, em resposta, escreveu uma carta para esse jornal,[379] esclarecendo alguns pontos levantados na matéria do dia 14 e respondendo às provocações daquele vespertino, utilizando o mesmo tom provocativo e carregado de ironia. Negou a existência de um advogado da Federação, ao mesmo tempo em que descartou a necessidade desse expediente por se tratar de um "inquérito administrativo". Por fim, ironizou os argumentos utilizados pelo redator do "Correio" sobre a suposta "dificuldade" de expressão dos pescadores, utilizando-se do exemplo de Jacaré, para afirmar que "não são homens tão rudes que não saibam se expressarem". Sobre isso ele afirmou:

> "Devo aduzir que todos os pescadores ouvidos falaram com amplo desembaraço, com inteligencia, traduzindo assim, a plenitude de suas faculdades mentais. Não são homens tão rudes que não saibam se expressarem como julga esse jornal. E todo o Brasil ficou sabendo como Jacaré é inteligente, loquaz, discussador."

Havia algo pairando no meio dessa polêmica assumida pelos jornais associados do Ceará e o Sr. Oscar Gonçalves, que também serviria de aprendizado para os pescadores da *São Pedro*. Não bastava falar, denunciar, gritar aos quatro ventos, era preciso dispor de "provas". Um outro *capital* era exigido por esse novo *campo* onde se inseriam os pescadores. Parece, que, no primeiro quesito, da denúncia rebelde pela fala, Tatá, Manuel Preto, Jerônimo e, principalmente, o "inteligente, loquaz e discussador"

[378] O título da matéria era "Rigoroso Inquérito". *Correio do Ceará*, Fortaleza, 14 de Janeiro de 1942, p. 1 e 4.

[379] Essa carta foi publicada com a seguinte chamada: "Em foco uma recente reportagem do Correio do Ceará. Carta do Comandante Oscar Gonçalves ao CORREIO DO CEARÁ. Antecedendo a transcrição da carta o repórter do jornal esclarece que ela foi entregue no dia anterior, mas que não foi publicada no mesmo dia, por absoluta falta de espaço". Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 16 de Janeiro de 1942, p. 1.

Jacaré, tinham garantido um lugar para os "seus irmãos de palhoça e de sofrimento". Mas, a segunda e fundamental condição de validação das denúncias, as "provas documentais", "pareciam" ser demais para esses homens semi ou completamente analfabetos. Era dessa "arma" que falava o redator do *Correio do Ceará*. Era a ausência dela que respaldava a ironia do secretario da Confederação.

Enquanto os pescadores de Fortaleza se davam conta da pequenez de suas chances no inquérito aberto pela Confederação Geral, do Rio de Janeiro chegavam à Fortaleza as notícias de que Orson Wellles viria mesmo ao Brasil filmar a história dos jangadeiros da *São Pedro*. Em crônica publicada na revista *Diretrizes*' de Janeiro de 1942, R. Magalhães Junior afirmava que o "gênio louco de Hollywood",[380] através dessas filmagens programadas no Brasil, faria uma grande propaganda do país do exterior, já iniciada, graças aos pescadores cearenses, pela ampla reportagem publicada na revista *Time* e em outros impressos publicados nos EUA. Anunciavam-se, assim, mais novíssimas "ondas", em que aqueles quatro homens iriam navegar, dessa vez na jangada de Orson Welles.

Mas, por enquanto, o diretor americano ainda era apenas uma promessa. O que estava na ordem do dia para os jangadeiros e seus defensores da imprensa cearense, os jornais *Correio do Ceará* e *Unitário*, era o inquérito administrativo. Reconhecendo o papel de defesa dos interesses dos jangadeiros exercido pelos dois jornais associados, Oscar Gonçalves procura outro espaço para divulgar o resultado a que chegou em suas investigações. O processo chegou ao fim e foi arquivado. Nas páginas do jornal *O Estado*, de 23 de janeiro, aparece em destaque a constatação a que se chegou: "infundadas as acusações à Federação dos Pescadores do Ceará".[381]

Segundo a conclusão desse inquérito, a taxa de 5% repassada pela municipalidade à Federação totalizou até aquela data em 18:615$800. Segundo comprovantes, que assegurou existirem nos arquivos da Federação, mas que, contudo, não expôs nas páginas desse jornal, ou por qualquer outro meio, o montante foi destinado para: "Escolas mantidas pela entidade; serviços médicos e farmacêuticos; auxílio em dinheiro, roupas e mantimentos para várias colônias, pescadores e seus familiares". Cita a lei nº 237, de 4 de julho de 1927, para esclarecer, com o usual tom de ironia e provocação, que ela

[380] Essa expressão foi utilizada pelo cronista, em virtude do seguinte episódio: Orson Welles pelo rádio anunciou nos EUA que seres extraterrestres, provenientes de Marte, estavam invadindo a Terra, causando pânico geral, tendo como saldo alguns feridos e um morto. *Cf.* André Bazin. *Orson Welles*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

[381] Jornal *O Estado*, Fortaleza, 23 de janeiro de 1942.

não “determinava” que os recursos fossem destinados apenas às três colônias da capital, podendo ser destinados “donde a sua aplicação onde mais se fez mister” dentre as 18 colônias existentes no Ceará naquele período.

Após se referir, por várias vezes, em tom de acusação, aos jornais associados do Ceará e em defesa da Federação, sugeriu que a deficiência de rendas da Federação se devia à contribuição de 200$ que as colônias pagavam por pescador colonizado. Finaliza dizendo que “outras acusações” não foram apuradas porque nenhuma “prova foi apresentada” e que a escrituração financeira da entidade não possuía quaisquer irregularidades, sendo assim, atestada “a lisura dos serviços de sua tesouraria”.

Esse inquérito e o resultado a que chegou fizeram mais do que defender a integridade e lisura da Federação dos Pescadores do Ceará. Tentaram desmontar uma imagem construída dos jangadeiros em decorrência da viagem reivindicatória, a saber, a imagem de honestidade, fibra, coragem, lealdade, destemor, representantes autênticos e fiéis de uma classe desfavorecida, enfim, de heróis dos “irmãos de palhoça e sofrimento”. Para os quatro jangadeiros, já acostumados a serem respeitados na cidade por suas qualidades morais, respeito e admiração que cresceram consideravelmente com a viagem, isso significava uma desmoralização pública. Era o mesmo que chamá-los publicamente de caluniadores, mentirosos, homens sem palavra. Os jangadeiros não tinham qualquer vergonha de divulgar a pobreza material em que viviam; isso era, aliás, utilizado como trunfo, parte importante da estratégia discursiva e política utilizada na luta por reconhecimento e amparo que travavam. Mas a desmoralização, isso parecia ser demais, não era aceitável!

Estou tentando dizer que essas qualidades morais funcionavam como códigos de respeito, de admiração e de prestígio que mantinham e alimentavam as relações sociais dos jangadeiros dentro de seus grupos de convivência, tanto em relação aos “irmãos de palhoça e de sofrimento”, os pobres pescadores, como dos “amigos graúdos”, homens provenientes das elites. No caso dos primeiros, eram esses códigos que legitimavam a condição de representantes de classe; no segundo caso, em vista das diferenças materiais e intelectuais, esses códigos de honestidade, coragem e firmeza eram o cimento que permitia a aproximação e a proteção em uma rede paternalista, reafirmo, necessária para esses pescadores artesanais urbanos. Enfim, mais uma vez recorrendo a Thompson, sugiro que

esses códigos se inseriam no interior de uma *economia moral* que fundamentava as relações comunitárias desses sujeitos.[382]

Mas, há outra questão, segundo minha leitura, pairando sobre o resultado frio e burocrático do inquérito administrativo, que tinha um alvo muito claro: Jacaré, o "inteligente, loquaz, discussador", nas palavras do presidente Oscar Gonçalves. Durante a viagem, Jacaré era o "orador da *São Pedro*"; no Rio de Janeiro, ele se reconheceu e se apresentou ao presidente Getúlio Vargas como representante dos pescadores do Nordeste e, quando ele retorna, sua liderança, que já era significativa, cresceu consideravelmente. Estava, portanto, em questão, a constituição de uma liderança que ousava desafiar a hierarquia de poder das instituições que regulavam as atividades dos pescadores. Jacaré pregava a intermediação das colônias no provimento das condições materiais necessárias para instrumentalizar os pescadores artesanais e falava em cooperativas. Em nenhum momento reconheceu a liderança das Federações. Em suma, eram pescadores coordenando as atividades de pescadores, seja através das colônias, seja através de cooperativas.

Mas, além dessas questões que acima pontuei, permanecia para os pescadores a certeza de que estavam sendo "roubados" pela Federação. Naquele momento, a situação se agravava, pois parecia que estavam publicamente acobertando o "roubo". Ora, os jangadeiros poderiam não ter muita familiaridade com a escrita, como já ressaltei, mas pareciam ser muito bons de contas matemáticas. E essa conta, falsificada pelo inquérito, parecia estar claramente equivocada, pois, se havia a taxa da municipalidade, havia a contribuição que cada pescador colonizado pagava às colônias e era repassado à Federação. Onde estava o dinheiro, já que não retornava em forma de assistência? Esse era um combustível poderoso da "ira moral" que se verificou: eles tinham certeza de que estavam sendo ludibriados, e isso era uma injustiça!

Desse modo, os jangadeiros não aceitaram nem se renderam às conclusões do inquérito. Procuraram, ainda, através das páginas do *Correio do Ceará* e do *Unitário* reagir a ele, demonstrando e divulgando que ele foi, de fato, "uma farsa". Eu acrescentaria, ainda, que o resultado foi considerado pelos pescadores e seus defensores dos jornais, que queriam formar uma opinião pública nesse sentido, uma "injustiça" contra os denunciantes. Estou compreendendo essa intenção, embutida nos conceito de "farsa e injustiça", nos termos da "ira moral" sugerida por Barrington Moore Jr., pois, também, aqui percebo a

[382] E. P. Thompson, *Costumes em Comum*, op. cit., p. 150-202.

violação de normas sociais atuando como componente dessa reação.[383] Impulsionados por essa "ira moral", os quatro tripulantes da *São Pedro*, acompanhados de mais dois pescadores, João Francisco Barbosa e João Francisco Gomes, convertido em "provas vivas" de suas denúncias, procuram a redação do *Correio do Ceará* e apresentam suas próprias versões do transcorrer das investigações.[384]

Em primeiro lugar, argumentaram que o presidente do inquérito visitou apenas uma colônia, a Z-1, da Praia de Iracema, uma única vez. Prometeu retornar, mas não cumpriu a promessa. Não permitiu que um jornalista do Correio do Ceará assistisse a sessão. Quando um jangadeiro, Manoel Frade,[385] falou, o presidente, segundo relataram, não conseguiu compreender sua fala, tomando a palavra Jacaré, que denunciou irregularidades na colônia de Caponga. Com freqüência, segundo falaram ao repórter, o presidente interrompia a fala dos pescadores sugerindo que não "revivessem o passado velho". Perguntando a um dos presidentes de colônia presente a sessão se ele "conhecia os ladrões dos pescadores de quem tinha falado Jacaré", o inquirido respondeu: "conheço e são muitos". Porém, ele não solicitou, segundo atestaram, os nomes dos tais ladrões. Jerônimo pediu a palavra na sessão e afirmou que nem duas horas eram suficientes para listar "todas as irregularidades da Federação".

Os dois pescadores levados até a redação queriam comprovar a denúncia de que a Federação não amparava de nenhum modo os associados. Segundo o pescador João Francisco Barbosa, ele próprio e mais dois irmãos, Francisco José Barbosa e Virgílio Francisco Barbosa, associados da colônia Z-1, da Praia de Iracema, pediram auxilio à Federação, que foi, prontamente, negado. Em vista disso, questionam com conhecimento de causa: "como se justifica que os associados da colônia Z-1, que rendeu para a Federação mais de 18 contos, não recebam qualquer auxílio?" Jacaré informou, ainda, que as escolas da colônia Z-1, da qual era presidente, viviam do dinheiro da própria colônia e da subvenção do Ministério da Agricultura, de onde recebia 50$ réis para a compra de material escolar. Por fim, lançou um desafio para a Federação: citar os nomes de pescadores que receberam socorros médicos ou medicamentos da entidade.

Como parte dessa reação e dando prosseguimento ao seu *projeto*, qual seja, garantir melhorias matérias e assistências para sua classe, os pescadores prosseguiram

---

[383] Barrington Moore Jr. *Injustiça. As bases sociais da obediência e da revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 21.

[384] Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 28 de Janeiro, p. última página e continuação na p. 5.

[385] Manoel Frade participou do segundo *raid* dos pescadores e, junto com Jerônimo, Manuel Preto, Tatá e João Batista, se encontrou com Vargas, em seu segundo mandato, em 1951.

organizando iniciativas de reação e adaptação a nova situação colocada, operando, assim, uma *negociação da realidade*,[386] naquele momento marcada por aquilo que consideraram um falso inquérito, já que não apurou dados reais e que apenas pretendia desmoralizá-los. Como parte dessa *negociação da realidade*, os jangadeiros resolveram apelar, novamente, para o Presidente Vargas. Enviaram-lhe um telegrama, em que diziam:

> "Pescadores jangada 'São Pedro' apelam benemérito presidente sentido determinar abertura rigoroso inquerito todas colônias pescadores Ceará até agora desamparados pela Federação Pescadores pt Comandante Oscar Gonçalves representante Confederação Pescadores Brasil, esteve Fortaleza, afim apurar acusações feitas por nós presença V. Excia. Tendo visitado apenas uma vez colônia Comandante Oscar recusou-se ir colônias, desinteressando-se apurar nossas denuncias. Decepcionados essa infeliz atitude tão diferente da que chefe da nação, vimos pedir V. Excia. Mais um gesto em favor pescadores nordestinos que depositam toda sua confiança esperança na ação Getulio Vargas pt eternamente gratos colocamos nossa experiência mares nordestinos à disposição V. Excia. Que poderá aproveitar-nos para auxiliar defesa litoral nossa querida patria. Viva o Brasil!"

Mais uma vez, é no Presidente Getúlio Vargas que eles depositaram suas esperanças. Vargas parecia sinalizar para eles alguém que pairava acima de todas as classes, o árbitro perfeito e imparcial, que sempre defenderia aqueles que diziam a verdade, correspondendo, assim, à imagem que o Estado Novo tentava construir de si mesmo. O grau de confiança que eles depositavam no Presidente podia ser percebido pela estratégia discursiva de, inicialmente, contar suas versões sobre o inquérito e pedir a ele a abertura de um novo inquérito, dessa vez mais rigoroso e que contemplasse todas as colônias. Legitimavam assim um "inquérito" como um expediente legítimo na defesa dos interesses da categoria, mas ele precisava ser estruturado em outros termos: pareciam ter certeza de que comprovariam as denúncias!

Na finalização do telegrama, eles reafirmavam a gratidão e confiança que depositam no Presidente Vargas, ao mesmo tempo em que demonstravam sua eterna lealdade a ele e ao país, através, naquele momento, do oferecimento de suas experiências de conhecedores destemidos dos mares na defesa do litoral brasileiro. Esse telegrama datava de fins de janeiro de 1942, um contexto, portanto, bem diverso daquele em que se

[386] Estou utilizando esse conceito de Gilberto Velho, que o entende como as iniciativas que as pessoas tomam e as adaptações que acabam por fazer às novas situações, em seus modos de se comportarem socialmente, "permitindo", segundo o antropólogo, "que aquela situação se sustentasse por algum tempo". Gilberto Velho, *Projeto e Metamorfose*, op. cit., p. 19.

encontraram com o Presidente na Capital Federal. Se a II Grande Guerra chegara aos brasileiros até novembro através das notícias das agências internacionais, que, por sinal, dividiram as páginas dos jornais de todo o país com reportagens sobre os jangadeiros cearenses, naquele janeiro a Guerra parecia estar bem mais próxima! Com a entrada americana na guerra, após ataque à sua base em Pearl Harbour, no Havaí, o Brasil do Estado Novo rompe relações com o Eixo, não sendo mais possível insistir com a neutralidade até então mantida. A hegemonia política e econômica dos EUA no continente americano explicava, em grande parte, esse novo comportamento do governo getulista. É então, com vistas à participação do Brasil ao lado dos aliados no conflito mundial, que os orgulhosos e altivos jangadeiros ofereciam sua contribuição ao Presidente Getúlio Vargas.

Mas a reação dos jangadeiros da *São Pedro* não se resumiu a apelar a Vargas. Não ficaram esperando de braços cruzados que o tal inquérito solicitado ao Presidente fosse aberto, resolveram eles próprios irem atrás de reunir as tais "provas" comprobatórias das denúncias que tinham feito. De maleta na mão, Jacaré e Manuel Preto aparecem na redação do *Correio do Ceará* para comunicar que estavam de partida. Visitariam todas as colônias de pescadores, em cima de caminhão e por conta própria. Sobre o propósito da visita, explicou Jacaré ao repórter, que transcreveu em "bom português", na matéria publicada em 29 de janeiro:

> "Eu visitarei todas as Colônias de Pescadores do Ceará para provar que em todas existe a mesma miséria e a mesma exploração. Manoel Preto me acompanhará. Vamos fazer esta viagem pro nossa conta, afim de demonstrar que não somos mentirosos. Quando houver um inquérito de verdade, o Ceará verá que nós não puzemos nagua a jangada 'São Pedro' para ir contar historias ao Presidente da Republica. Agora vou tomar um caminhão para a Caponga, de onde partirei para outra colônia. Até a volta."

A mesma matéria do *Correio do Ceará* que divulgou a viagem dos dois pescadores também publicou que os jangadeiros já possuíam um advogado. O professor Gomes de Matos, da Faculdade de Direito do Ceará, aquele mesmo que escreveu do Rio de Janeiro ao Interventor Menezes Pimentel comentando a repercussão da chegada dos jangadeiros à cidade, oferecia os serviços de seu escritório de advocacia aos pescadores. Também nessa matéria, Jacaré noticiava a chegada de mais um filho, um "jacarezinho", nas suas palavras, o nono, de sexo masculino, que recebeu o nome de batismo Raimundo e o apelido Poraquê, cumprindo um ritual que se repetiu por todos eles; sempre que nascia um filho, o pescador Jacaré lhe batizava informalmente com nomes de peixes.

Enquanto os pescadores da *São Pedro* continuavam lutando para "penetrar na história sem a pecha de mentirosos",[387] repetindo as palavras do redator do Correio *do Ceará*, outras pesadas ondas escorriam pela Praia de Iracema. Um novo e difícil conflito seria vivenciado pelos quatro e seus familiares, dessa vez envolvendo aquela que foi proclamada por eles próprios e pela imprensa a Madrinha do *raid*, a benfeitora dos pescadores da Praia de Iracema e comadre de Jacaré,[388] Sra. Mariinha Holanda. A rede paternalista que envolvia os pescadores e alguns "amigos graúdos" entrava em crise.

II

MAIS DENÚNCIAS, OUTRAS VIAGENS!

Enquanto Jacaré e Manoel Preto percorriam as colônias de pescadores de outros municípios, com o firme propósito de reunir provas para fundamentar suas denúncias em outro inquérito administrativo, o Padre Francisco Pita, pároco da capela de São Pedro, da Praia de Iracema, amigo dos pescadores da região e compadre de Jacaré, tentava apaziguar os ânimos acirrados por ocasião do inquérito administrativo, buscando reaproximar denunciantes e denunciados, os pescadores e os diretores da Federação de Pescadores do Ceará. Foi à redação do *Unitário*, em fins de janeiro,[389] anunciar uma série de reuniões com esse objetivo. Provavelmente, o que moveu o Pe. Pita foi o receio dos desdobramentos do conflito, já que a Federação ameaçava processar Jacaré, enquanto o mesmo, teimosamente, insistia em defender sua honra e palavra, empenhadas nas sérias denúncias que fez. Parece que a iniciativa do padre demoveu a Federação de seu propósito, mas não conseguiu frear o indignado pescador da *São Pedro*.

Mas foi outro fato que deu uma trégua a esse conflito. A convite da Sociedade Cooperativa dos Pescadores do Rio de Janeiro, Jacaré iria novamente ao Rio de Janeiro, interrompendo sua peregrinação, já bem adiantada, pelas colônias cearenses e os confrontos diretos com a Federação. Essa entidade conclamou várias lideranças de pescadores, para discutir a sua transformação em Cooperativa Central dos Pescadores do Brasil, que visava, segundo interpretou o *Correio do Ceará*, "auxiliar os seus filiados, nos

[387] Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 29 de janeiro de 1942, última página e p. 4.
[388] Dona Mariinha Holanda era madrinha de Maria (Arabaiana), a filha mais velha de Jacaré.
[389] A matéria intitulada *Reaproximação dos Pescadores* (jornal *Unitário*, Fortaleza, 20 de janeiro de 1942) divulgava os planos do Pe. Francisco Pita, expostos pelo próprio a um redator desse jornal.

moldes do sistema associativo fundamentado no cooperativismo".[390] Jacaré procurou novamente os "amigos" dos Diários Associados para mostrar o "ofício-convite", falar de sua disposição em aceitá-lo e anunciar que, após sua investigação por várias colônias, já havia reunido as provas que precisava. Despediu-se das autoridades locais e seguiu em um paquete para sua segunda e última viagem ao Rio de Janeiro, dessa vez financiado pela entidade de classe carioca.

Jacaré parecia entusiasta da idéia do cooperativismo, tendo chegado mesmo a discuti-la nas várias ocasiões em que expunha seu pensamento sobre as melhorias a serem feitas no mundo da pesca. Devia saber, também, que o governo era incentivador dessas iniciativas, fato largamente divulgado pelos meios de comunicação, inclusive pelo jornal oficial *A Manhã*, que, em duas matérias do mês de novembro de 1941, apresentava dados estatísticos comprovando o incremento do cooperativismo no Brasil no período de 1938 a 1940. Advertia o redator de *A Manhã* que, apesar do cooperativismo já existir no Brasil, foi somente em 1938 que contou com uma organização legal. Comprovando aquilo que denominou "surto" do cooperativismo no Brasil, no pós-1938, ele alegava que, em 1930, havia apenas o registro de 11 cooperativas, em 1937, 61 registros, enquanto que, em 1940, havia 1.056 registros de cooperativas, com 141.843 associados. Tal crescimento se justificava porque, segundo o redator de *A Manhã*, "uma das feições mais práticas da organização econômica do Brasil, tal como está sendo delineado e executado nos últimos tempos, reside no desenvolvimento do cooperativismo".[391]

Jacaré seguiu sozinho para a capital da República, permanecendo em Fortaleza Jerônimo, Manuel Preto e Tatá. Por essa época, fevereiro de 1942, outra forte onda se insinuou para os jangadeiros da *São Pedro*, junto ao aprazível e promissor vento soprado da Cooperativa do Rio de Janeiro. Tratava-se, dessa vez, de um sério conflito envolvendo os quatro pescadores, seus familiares e a "madrinha do *raid*", Sra. Mariinha Holanda. De todos os amigos graúdos, essa senhora foi a mais referida pelos jangadeiros e pelos jornalistas no apoio material e moral a viagem. Além de mover uma ampla campanha para angariar donativos em espécie e em produtos para os jangadeiros e seus familiares, ela pressionou autoridades em busca de apoio, em Fortaleza e em outros estados, inclusive no Rio de Janeiro, além de ser designada pelos pescadores, fato divulgado por eles próprios

---

[390] Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 11 de fevereiro de 1942, título da matéria: *Jacaré convidado para ir ao Rio*.

[391] As duas matérias a que me refiro são *O Cooperativismo no Brasil* e *Progresso do Cooperativismo*. Jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, 06 e 21 de novembro de 1941, respectivamente. O trecho que acima citei foi extraído da primeira matéria.

aos jornalistas, para assistir as famílias enquanto estivessem fora. No *Diário de Bordo da Jangada São Pedro*, o caderno de notas de Jacaré, seu nome aparece numa referência feita pelo "saudoso" Tatá: "se não fosse a D. Mariinha Hollanda e Fernando Pinto, eu voltava... Mas, com esses dois lá, eu sei que a minha mulher e as mulheres de vocês, e os nossos filhos não vão passar fome".[392]

Penso ser necessário discutir com mais profundidade e cuidado o tipo de relação que envolvia os pescadores da Praia de Iracema e seus "amigos graúdos", exemplificado na relação dos quatro pescadores da *São Pedro* com D. Mariinha Holanda. Já por diversas vezes insisti, ao longo de todo o texto, na ênfase desse tipo de relação, denominando-o simplesmente de *paternalismo*. É fora de qualquer dúvida que esta relação se fundamentava em laços de assistência em momentos de maiores necessidades materiais dos pobres pescadores e de deferência para com a protetora; era uma relação, portanto, entre desiguais, vertical. O apadrinhamento da filha de Jacaré selava bem esse tipo de relação. O tipo de proximidade existente, de fato, estabelecia os muros da distância. O poderoso que protege o pobre o faz de seu lugar social, reafirmando, desse modo, a hierarquia. Esse era o limite dos "amigos graúdos", esse era o limite da "assistência".

Havia regras claras embasando essa relação. Filho de pescador brincava com filho de pescador, ou de outros trabalhadores da região. Podia, eventualmente, brincar com filhos das famílias ricas que veraneavam ou residiam na praia, mas brincavam a partir de seus lugares sociais. O pequeno José, filho de Manuel Preto, por exemplo, era amigo e brincava muito com Francisco, o filho mais velho de Jacaré. As moças e rapazes das famílias de pescadores encontravam seus pares entre pessoas da mesma camada social. O jovem José (Sr. Bafo) enamorou-se de sua companheira nas tarefas de marcar os rolos de algodão. Tatá contraiu sua quarta e últimas núpcias, depois de três viuvezes, com uma jovem empregada da família Gentil, a sertaneja Celsa, que, na infância, nos sertões do Ceará, ouvira falar de jangadeiro pela canção entoada pela irmã, ao embalar na rede a irmã mais nova (ver Capítulo I). Paula, a bela mulata filha de Tatá, teve destino um tanto diferente, desposou um engenheiro e hoje reside nas proximidades de Montpelier, na França, com três filhos, e não sonha voltar a Fortaleza. Dona Betina, a neta do banqueiro Gentil, admirava os jangadeiros e as jangadas deitadas sobre as areias brancas da velha Praia de Iracema de sua infância, mas admirava de longe, de "seu lugar".

[392] Conferir *Diário dos Jangadeiros*, op. cit., p. 188.

Mas esses trabalhadores não dependiam dos amigos graúdos na sua sobrevivência diária. Era a atividade da pesca que supria suas necessidades imediatas. Os amigos graúdos amparavam na hora de uma necessidade extra, como numa consulta médica, uma doença grave, um internamento, presentes de final de ano, desjejum na época da páscoa, ou, eventualmente, ajuda financeira. Acredito que, nesse último caso, era Fernando Pinto, presidente do *Jangada Club*, muito mais que Mariinha Holanda, que realizava esse auxílio. Em síntese, os "amigos graúdos" eram uma espécie de "reserva de proteção e assistência" para os tempos de crise ou de maiores necessidades, tão bem sugerida nas palavras de Tatá – "não deixar que a família passasse fome" – guardadas por Jacaré em seu caderno de notas.

Mas, me parece que a base mais sólida e concreta onde se assentava essa relação paternalista era mesmo no simbolismo do prestígio público que ela sinalizava para os jangadeiros e na *hegemonia cultural* por parte dos "amigos graúdos". E. P. Thompson utilizou esse conceito analisando a relação entre as *gentry* e a *plebe* no mundo rural inglês do século XVIII, na intenção de problematizar e melhor caracterizar aquilo que reconheceu com uma noção "frouxa", paternalismo. Para ele, esse conceito de *hegemonia cultural* dá conta de caracterizar o controle e de revelar as "imagens de poder e autoridade" da *gentry*, bem como as mentalidades populares de subordinação.[393] Com esse conceito, penso que o referido autor se afasta da perspectiva de olhar o paternalismo "de cima", em sua acepção normativa, significando "calor humano numa situação mutuamente consentida". [394]

Quando me refiro à noção de *paternalismo*, portanto, estou falando de uma relação vertical, assentada em algumas poucas situações concretas de auxílio material, fortalecida e alimentada por poderosas ações simbólicas de valorização e prestígio para os homens pobres e de afirmação do poder e de autoridade das camadas mais altas. Essas "poderosas ações simbólicas" de afirmação e reforço dos laços paternalistas em questão podem ser exemplificadas com ações de caridade, o apadrinhamento das crianças das famílias pescadoras, dos casamentos dos próprios pescadores, nas visitas dos "amigos graúdos" nas palhoças dos pescadores, e do relativo livre trânsito dos pescadores e seus familiares nos espaços dominados por esses amigos. Esses rituais "privados e públicos", reforçados com a primeira viagem para o Rio de Janeiro, assumem uma ressonância imensa, reforçando os laços de assistência e deferência entre os "amigos graúdos" e os "irmãos de palhoça e de sofrimento".

---

[393] Edward Thompson, *Costumes em Comum*, op. cit., p. 46.
[394] Idem, p. 32.

Diferente da sociedade inglesa do século XVIII, a Igreja no Brasil e, especialmente, no Ceará, como já espero ter demonstrado no capítulo IV, exercia um papel forte e importante no domínio sobre a população mais pobre, inclusive, os jangadeiros. O "calendário emocional" desses homens pobres, usando a terminologia de Thompson, era fortemente impregnado pelo controle da Igreja Católica, seja no lazer propiciado pelo Circulo Operário Católico São José, nas festividades promovidas pela Associação de São Pedro, nos rituais de nascimento e morte, orientados pelo pároco da Capela de São Pedro, ou nas festividades de São Pedro e de sua tradicional procissão de jangadas.

Gosto da imagem que Thompson constrói de um *campo de forças*, onde ambos os lados impõem e aceitam as regras, através das quais essa relação se sustenta, e que estabelece os limites de suas ações, aprisionando-os, portanto num "campo de força comum".[395] Quando algum dos lados desse campo parecia esquecer ou desprezar essas regras, ultrapassando os limites estabelecidos, essa relação entrava em crise. Acredito que foi isso que aconteceu.

Em meio às festas de recepção e ao clima festivo e acolhedor organizado pelos "amigos graúdos", um certo incômodo pairava no ar. Os quatro jangadeiros começaram a divulgar entre os amigos próximos e depois nas páginas dos jornais que foram ludibriados por Dona Mariinha Holanda, "passados para trás", na rica e sugestiva metáfora popular, que não teria repassado aos jangadeiros dinheiro e produtos recebidos. Respondendo a essas primeiras insinuações dos jangadeiros, a diretora da Associação de São Pedro entrega para divulgação no jornal cearense *O Estado* uma pormenorizada prestação de contas, que já comentei no capítulo anterior e que retomo agora, através das palavras da própria diretora, em matéria intitulada, "A Associação de São Pedro da Praia de Iracema e o raid dos jangadeiros: confronto entre os donativos angariados e as despesas realizadas": [396]

Inicialmente, D. Mariinha situa e justifica o esforço da Associação:

> "Para concretizar a idéia do *raid* dos jangadeiros cearenses ao Rio de Janeiro, a diretoria da 'Associação de São Pedro, da Praia de Iracema' organizou desde logo um plano de ação, que previu, além da obtenção de donativos para a consecução da grande viagem, **os meios necessários para a manutenção das famílias daqueles jangadeiros, durante a sua ausência**. E, mais do que isso, fosse qual fosse o resultado da tentativa, que empolgava, então, todo o povo cearense, a "Associação de S. Pedro, da Praia de Iracema" julgou que andaria acertadamente se cuidasse, como

[395] E. P. Thompson, *Costumes em Comum*, op. cit., p. 78.
[396] Jornal *O Estado*, Fortaleza, 17 de fevereiro de 1942.

> cuidou, **da melhora, no que se refere a comodidade de vida, as condições das habitações em que residiam as famílias de Jacaré, Jerônimo e Manuel Preto, as quais, ate aquele momento, residiam em miseráveis choupanas.”** (grifos meus)

Em seguida, ela separa a ação da própria associação daquela movida pelos jangadeiros, salientando que:

> “Destarte, enquanto os quatro jangadeiros angariavam, eles mesmo, os meios necessários para os preparativos do ‘raid’ e sua realização, fato em que só eles interferiram, recebendo com a s próprias mãos os recursos oferecidos, a ‘Associação de São Pedro da Praia de Iracema’ procurava obter os necessários obulos para o seu desiderato, já acima exposto e que se objetivaria na **manutenção das famílias daqueles pescadores e de melhorar as condições de suas habitações**.” (grifos meus)

Antes de listar todas as doação e despesas, D. Mariinha esclarecia existirem na secretaria da Associação de São Pedro todos os comprovantes à disposição “de quantos deles queiram tomar conhecimento”. Em dinheiro, segundo essa prestação de contas, as maiores contribuições vieram da Sul América e suas congêneres e da Colônia Cearense do Rio de Janeiro, entregue pelo Interventor Menezes Pimentel, correspondendo a 4:000$000, cada uma, somando, junto com diversas outras de menor monta 9:023$700. As despesas somaram 7:285$900, com os seguintes itens: “manutenção das famílias dos quatro jangadeiros, reformas das casas de Jacaré e Jerônimo, pintura da casa de Tatá e adaptação na casa alugada para Manuel Preto, bem com instalações, móveis e utensílios para as mesmas”. O saldo, segundo D. Mariinha, no valor de 1:737$8000, foi entregue “pessoalmente e sem recibo” aos jangadeiros, sendo 434$500 para Jacaré e Tatá e 434$400 para Jerônimo e a “legítima” esposa de Manuel Preto.

Seria por demais extensivo reproduzir o detalhado balanço da Associação. O que importa assinalar é que, pelo exposto, as famílias dos pescadores “foram abastecidas”, se o que foi declarado corresponder à realidade, por itens alimentares, como carne, biscoitos, pães, frutas, etc, além de objetos de consumo, como açucareiros, roupas, toalhas, talheres, calçados e outros, que não faziam parte definitivamente de sua existência cotidiana, marcada pela extrema pobreza material e por um parco cardápio alimentar, composto de peixe, farinha e arroz. Já as despesas com as reformas e aquisição de casas foi ainda mais radical, mobilizando a compra de vários materiais, portas, tintas, cerâmica, fechaduras, além de móveis que contrastavam bastante com a imagem das casas originais, descritas por D. Mariinha como “miseráveis choupanas”, imagem comprovada pelas

fotografias[397] e pela memórias dos filhos dos jangadeiros entrevistados. Além dessas despesas, D. Mariinha listou as contribuições em produtos, que vão desde sapatos doados pelas casas Pio e Veneza, meias, doadas pela Parente, cortinado para berço do filho de Jacaré, telhas, sacas de cimento, etc.

Dá para concluir dessa prestação de contas, assinada pela diretora da Associação de São Pedro da Praia de Iracema, Sra. Mariinha Holanda, e por seu secretário, Celso Gomes de Matos, que ela foi feita em meio a ondas de boatos e insinuações e que visava, através da linguagem objetiva da contabilidade, colocar um fim nas denúncias dos jangadeiros. O meio procurado para tal defesa foi mais uma vez, a imprensa, no caso o jornal *O Estado*, que também publicara a carta esclarecedora do Sr. Oscar Gonçalves, presidente do inquérito movido pela Cooperativa dos Pescadores do Brasil. A arena de disputa, agora tendo como protagonistas os jangadeiros e sua "antiga" madrinha, era, do lado dos primeiros, os jornais associados *Unitário* e *Correio do Ceará* e, do "outro lado", os jornais *O Estado*, *O Nordeste* e *Gazeta de Notícias*. È sugestivo, também, que o balanço é feito em nome da diretoria, ou, simplesmente, "Associação de São Pedro da Praia de Iracema", procurando, com isso, despersonalizar a ação assistencial, estratégia que se diferencia substancialmente das constantes aparições públicas de D. Mariinha ao lado dos antigos "afilhados". São as metamorfoses da prática assistencialista, em tempos de crise.

Por tudo que observei até aqui, é possível constatar que os jangadeiros pareciam definitivamente confortáveis em utilizar a imprensa no tipo de protesto possível naquele *campo de possibilidades.* Ora, a redação dos jornais, em particular dos Diários Associados, parecia estar sempre abertas aos jangadeiros. Havia um espaço de confiança – irrestrito, me parece – para esses trabalhadores. Foi por esse meio consentido que se perceberam com grande poder de ressonância social e política, e que continuaram a exercitar a capacidade de protesto. Além das insinuações no jornal *Unitário*, de Fortaleza, os jangadeiros, aproveitando a estada no Rio de Janeiro, os quatro – reunidos novamente sob o patrocínio de Orson Welles – acorreram à redação do jornal *O Radical* para soltar, mais uma vez, a voz, em seu indignado protesto.[398] Segundo o redator:

> "Calcule [é Jacaré quem fala] que nós voltamos para a Praia de Iracema, lá no Ceará, com o coração tranqüilo. Nossas queixas ao Sr. Gertúlio Vargas tinham sido ouvidas. E a maneira pela qual nos recebeu o povo carioca

[397] A reportagem de Edmar Morel, na revista *Diretrizes*, vem ilustrada com fotos dessas pobres palhoças. Revista *Diretrizes*, Rio de Janeiro, 02 de outubro de 1941, p. 2.

[398] Jornal *O Radical*, Rio de Janeiro, 14 de março de 1942, p. 3. O título da matéria é: "Ludibriados os Jangadeiros!".

> encheu-nos de contentamento. Pois bem. Ao chegarmos lá, as perseguições começaram contra nós. Não por parte do interventor Menezes Pimentel, de quem só temos motivos para gratidão. Mas por parte da Federação Cearense dos Pescadores."

Prosseguindo com seu protesto, transcrito em bom português pelo redator de *O Radical*, Jacaré explica o teor das ameaças feitas pela Federação e se defende, sugerindo que nada mais fez do que falar com "franqueza" ao Presidente, não por interesse particular, mas em nome de todos os pescadores:

> "Doentes, não poderíamos tratar-nos, por falta de remédios e de médicos. Abandonados de tudo e de todos, o chefe da nação nos atendeu, baixando um decreto que satisfaz plenamente aos nossos desejos. Infelizmente, a nossa maneira de agir desagradou à Federação Cearense dos Pescadores, que é a maior responsavel pelo abandono em que durante muitos anos estiveram os jangadeiros do Ceará, tenho sofrido ameaças de processo pelas declarações que fiz aqui, e tudo quanto agora é um direito nosso, assegurado em lei, a Federação não quer executar. Ora, nós não pleiteamos nada no nosso interesse particular. O que pedimos foi para benefício de todos os pescadores cearenses. Mas para fazermos mal, a Federação prejudica a todos eles."

Jacaré assumiu, definitivamente, a noção de "direitos". O decreto que assegurou esses "direitos" parece ter fortalecido nele a confiança para prosseguir lutando, denunciando, protestando. Tirando o foco da Federação, já fartamente denunciada, Jacaré passou a relatar aquilo que o jornal chamou de "esbulho", do qual ele próprio e seus companheiros foram vítimas, apontando, sem delongas, a única responsável, uma "senhora em quem tinham grande confiança":

> "Veja mais o que e deu conosco. A colônia cearense desta capital fez uma subscrição em favor das nossas famílias. Naturalmente, com os **dez contos** arrecadados, poderíamos adquirir um pequeno barco de pesca, redes, etc. para os pescadores de Iracema. Mas aconteceu o seguinte: o dinheiro foi enviado ao Interventor Menezes Pimentel pelo sr. Gomes de Matos, presidente da Academia de Direito do Ceará. O interventor em nossa presença, entregou a importância a sra. Maria Holanda, uma senhora em quem tínhamos grande confiança, por isso, patrocinou o nosso *raid*. Nunca recebemos esse dinheiro. D. Maria Holanda não nos prestou contas de qualquer espécie. Lá mesmo em nosso Estado, também outras subscrições foram feitas em favor dos pescadores de Iracema. Renderam também contos de réis. Nem um níquel foi entregue a quem deveria ser."

Grifei no trecho acima valor da subscrição feita em nome dos jangadeiros pela colônia cearense domiciliada no Rio de Janeiro, dez contos de reis, porque não corresponde ao valor divulgado por outra matéria no *Unitário*. Lá se falava em quatro contos, a mesma quantia referida por Dona Mariinha Holanda em sua prestação de contas. Não consegui descobrir quem, realmente, se equivocou. De todo modo, o mais importante aqui, como mostrarei a seguir, não é o valor, mas o modo como o dinheiro foi gasto por Dona Mariinha Holanda, ou seja, na discordância que houve em torno disso. Importa, também, interpretar o significado dessa frase de Jacaré, "uma senhora em quem tínhamos grande confiança, por isso, patrocinou o nosso *raid*".

Nessa expressão, Jacaré revela, por ele e por seus três companheiros, alguns dos alicerces sobre os quais cimentava suas relações sociais, inclusive com os "amigos graúdos": a confiança, condição para permitir que essa senhora patrocinasse o *raid*. Ora, aparecer como a *madrinha do raid* é parte desse campo de forças das relações paternalistas que ressaltei acima; portanto, parte do *teatro* do paternalismo/deferência em que camadas socialmente distintas estabelecem com homens pobres, como é o caso de Dona Mariinha e dos jangadeiros da São Pedro. Assim, penso como Thompson que "na prática o paternalismo era não só responsabilidade efetiva como teatro e gestos, e que longe de uma relação calorosa, familiar, face a face, podemos observar uma ensaiada técnica de domínio".[399] Mas todo teatro guarda latente a possibilidade de um *contrateatro*, esse espaço de sedição, ameaça, rebeldia e protesto que, no caso dos jangadeiros da Praia de Iracema, foi feito abertamente e com o respaldo da imprensa.

Tatá, emendando e corroborando com as denúncias do amigo, narrou o que lhe sucedeu particularmente, quando, ainda no Rio de Janeiro, soube que estavam sendo construídas casas novas para os jangadeiros, inclusive para ele. Quando voltou, encontrou a família residindo em outra casa, é verdade, mas alugada, e por um preço que ele não poderia pagar com o que ganhava na pesca. Por fim, especulou sobre a verdadeira intenção do ocorrido: "De qualquer forma a cousa é clara: a mudança da minha família, feita na minha ausência, teve em mira apenas impressionar. Tudo foi obra da mesma D. Maria Holanda..." O experiente Tatá já havia se acostumado a perceber as várias cenas desse *teatro* da generosidade.

Dona Mariinha, sabendo das sérias denúncias feitas contra sua pessoa, tratou logo de se defender, enviando uma carta à redação dessa folha carioca, acusando de

[399] E. Thompson. *Costumes em Comum*, op. cit., p. 62.

“infundadas” as acusações dos pescadores. Para fundamentar sua defesa, enviou junto com a carta um exemplar de *O Estado,* contendo a prestação de contas, divulgada nesse jornal em fevereiro passado. Em vista desse novo fato, o jornal, tentando se apresentar como imparcial no conflito, chamou os quatro pescadores para falarem novamente sobre o caso. Em matéria de 28 de março, numa reportagem com o título, nada imparcial, de “*Ludibriados os Jangadeiros”*, os quatro heróis da *São Pedro* reafirmaram e fortaleceram suas denúncias:

> “Não temos nada a desmentir do que contamos ao seu jornal, ‘diz-nos Jacaré’. Mas podemos acrescentar alguma coisa: Já constituímos advogado para forçar D. Maria Holanda a prestar contas do dinheiro que recebeu em nosso nome. Não o fizemos agora, notem bem: mas assim que chegamos ao Ceará, depois do *raid* ao Rio de Janeiro, muito antes, portanto da publicação que ela fez em *O Estado* para tentar justificar-se.”

A defesa de Jacaré e seus companheiros, pelas páginas de *O Radical,* rebatendo as declarações de D. Mariinha Holanda, revela, nas entrelinhas, mais alguns limites da relação paternalista existente entre os jangadeiros e seus padrinhos. O fato de Tatá ter declarado que seguia para o Rio de Janeiro confiante, pois sabia que a Madrinha do *raid* e Fernando Pinto não deixariam sua família passar fome, não pode ser entendida ao “pé da letra”. Isso porque, segundo declararam na última reportagem que estamos analisando, nos seus “projetos” de viagem já estava prevista a manutenção das famílias com gêneros de primeira necessidade, aqueles mesmos mobilizados no cotidiano, que já fiz referência anteriormente. Não era para isso que contavam com os padrinhos, mas para que – em vista de alguma necessidade extraordinária, ou na ocorrência de alguma fatalidade, como a morte ou desaparecimento dos provedores durante a viagem – as famílias tenham a assistência necessária. Para os jangadeiros, como já frisei, os padrinhos eram muito mais uma “reserva de assistência e proteção”; para os “amigos graúdos”, ao contrário, a caridade e a proteção eram a contrapartida da projeção social, da afirmação da autoridade e da hegemonia cultural de sua classe. Sobre a manutenção das famílias, contaram ao jornalista:

> “Vou contar-lhe é de D. Maria. Quando saímos do Ceará deixamos recursos com as nossas famílias para o tempo todo em que estivéssemos ausentes. Tínhamos angariado donativos, e o dinheiro que recebemos deu para comprar uma jangada, sobrando, ainda uma importância razoável. (...) Mestre Jerônimo confirma: Foi isso mesmo. Deixamos dinheiro para as despesas do nosso pessoal. Duas jangadas ficaram trabalhando, e produzindo – Jacaré deu a mulher quinhentos mil réis. Mane Preto deu uma

> importância igual e eu também. Tudo devemos ao comércio de Fortaleza. Na nossa ausência D. Maria Holanda não precisou gastar um só tostão para manter a nossa gente."

Cabe ressaltar aqui uma simples, porém importante, modificação operada no discurso de Jacaré e seus amigos que revelava algumas estratégias do *contrateatro* dos pobres. A sentimental e calorosa forma de chamar a antiga madrinha, Dona Mariiinha, é substituída pela seca, distante e nada afetuosa "D. Maria Holanda". O momento conflituoso e de enfrentamento não comportava diminutivos, enquanto na preparação da viagem e no transcorrer desta a denominação carinhosa já parecia estampar os sinônimos simbólicos de madrinha, protetora, benemérita, abnegada, generosa, mãe, etc.

Assim, insistindo o jornalista em confrontar as denúncias com a prestação de contas de D. Mariinha, ou Dona Maria Holanda, os jangadeiros negaram ter recebido o que esta declarou ter adquirido e entregue. Ironicamente, Jacaré declarou irritado:

> "A carne, os biscoitos e os doces que D. Maria diz que enviou não chegou as nossas casas. Nem os móveis. O muito que fez foi mandar a minha residência cinco cadeiras emprestadas. O mais que tenho lá, são mesas de caixote de querozene. Pedi a polícia uma verificação. A louça que mandou é uma 'fruteira' velha, que lhe pertencia, e na qual mandou colocar um pé de folha de flandres."

É interessante observar que, por trás da irritação e da ironia, Jacaré – estendo isso aos homens pobres, assumindo todos os riscos das generalizações – tinha clara consciência das diferenças existentes entre ricos e pobres, expressas nos objetos da cultura material. As cadeiras emprestadas e a fruteira eram parte do cenário do *teatro* da generosidade. Ele, Jacaré, seus companheiros, os homens pobres, assim, aparentam não se incomodar ou mesmo conferir grande importância às diferenças materiais que os separam dos "amigos graúdos". No *teatro* da caridade/deferência que sustenta, precariamente, o campo de forças dos "pobres" e "distintos" socialmente, aparenta-se uma aceitação e conformação dos lugares sociais ocupados por ambos. Mas uma sombra de revolta e desconfiança está sempre presente, de forma latente, que pode se espalhar e tornar-se visível em momentos de conflito, como esse.

Finalizando a matéria, os jangadeiros reafirmaram a decisão de colocar o caso nas mãos de um advogado, demonstrando terem se apropriado de novo instrumento de defesa, apreendido do "mundo dos graúdos": o recurso à Justiça, que forçaria Dona Maria

a prestar contas das tantas coisas que faltou entregar. Por fim, reafirmavam, mais uma vez, a confiança no Chefe da Nação:

> "Já constituímos advogado para salvaguardar nossos interesses. Quem vai decidir o caso é a justiça. Dona Maria Holanda será chamada a prestação de contas, **custe o que custar**. Além de tudo, confiamos no chefe da nação. Ele, que foi tão bom conosco, a de nos amparar uma vez mais." (grifos meus)

Mas as denúncias de Jacaré e seus companheiros eram, realmente, muito sérias. Os quatro jangadeiros sabiam que estavam "ateando fogo em um palheiro". A expressão "custe o que custar" de Jacaré pode ser lida, nas entrelinhas, como a consciência da repercussão que sua declaração, e a de seus companheiros, alcançaria. Não era fortuito o apelo feito, mais uma vez, ao Presidente Vargas, sabiam que iam precisar de "amparo" de pessoas de maior destaque do que aquela, ou aquelas, que estavam enfrentando. Os jangadeiros, por tudo que estavam vivendo naquele momento (a primeira e essa segunda viagem, o encontro com membros do Estado e com o próprio Presidente da República, o decreto de proteção, o apoio da imprensa, etc.), pareciam muito seguros e orgulhosos do reconhecimento que tiveram enquanto trabalhadores brasileiros. Não pareciam muito preocupados em abalar antigas relações de proteção, pois acreditavam, sinceramente, que o Estado Getulista iria sempre ampará-los. Só não tinham clareza do alcance e dos limites desse "amparo".

E o "palheiro" não demoraria a espalhar o fogo. As denúncias feitas pelos quatro jangadeiros no Rio de Janeiro e endossadas pelos jornais locais dos Diários Associados, foram combatidas não só por D. Mariiinha Holanda, mas também por várias pessoas de destaque na sociedade cearense, que estamparam pelas páginas de alguns jornais locais sua indignação contra aquilo que proclamavam como "calúnias", "acusações absurdas, levianas", "exploração", etc. É possível acompanhar esses protestos através das páginas do *Livro do raid*, que, como já falei, foi organizado por Dona Mariinha Holanda como a memória oficial da primeira viagem dos jangadeiros cearenses ao Rio de Janeiro.

Até aqui, comentei esse documento através de manuscritos de autoridades que estiveram com os jangadeiros durante a viagem. Mas, além desses manuscritos, foram coladas várias matérias de jornais de várias partes do país, com reportagens, notícias,

hinos, fotografias, etc, com alusão ao *raid*.[400] Na página 117 do *Diário dos jangadeiros*, por exemplo, há um recorte de um jornal de Natal, sem identificação, em que aparecem os jangadeiros com um grupo de senhores e senhoras, dentre eles um casal amigo de Dona Maria Holanda, Sr. Odilon e Sra. Letícia Garcia, a quem a "então" madrinha do *raid* solicitou notícias dos viajantes. Essa fotografia, publicada no *Correio do Ceará*, segundo consta no rodapé, foi cedida pela diretora da Associação de São Pedro. Na página 133 dessa edição *facsimilar*, aparecem recortes das residências de Jerônimo e Manuel Preto, as "miseráveis choupanas" das quais falava Dona Mariinha em sua prestação de contas. Na frente dos casebres, os familiares dos dois pescadores. A prestação de contas de Dona Mariinha está contida na página 141, através de um recorte do Jornal *O Estado*, sem maiores referências. Na página 143, recortado do jornal *Unitário*, uma fotografia de Jacaré com a madrinha, na ocasião do regresso do *raid* à Fortaleza.

A partir da página 149 da edição *facsimilar*, a tônica do conteúdo do *Livro* muda radicalmente. O que passa a estampar as páginas dessa memória, construída por Dona Mariinha e seus amigos, é uma defesa explícita da antiga madrinha, ao mesmo tempo em que se desconstrói a figura heróica dos quatro jangadeiros, em especial daquele que mais se destacou, o "loquaz" Jacaré. O fechamento do *Livro do raid*, portanto, foi uma tentativa de consolidação de uma memória sobre um fato considerado de importância histórica, e doado a um museu oficial. Mas do fechamento do *Livro do raid* falarei mais adiante, pois foi conseqüência de águas muito mais turvas e trágicas que escorreram pelas vidas dos "quatro lobos do Mar". Por enquanto, nos contentemos em apresentar o protesto indignado de alguns "amigos graúdos".

Alguém, sob o pseudônimo de *Um amigo da Verdade*, bradou indignado contra essas calúnias diferidas contra alguém que denominou "uma digna dama cearense", senhora "inatacável", "conhecida nos melhores círculos de nossa sociedade" pelos "sentimentos de benemerência e filantropia". Para esse "amigo da verdade", havia algumas "almas vis" por trás desses jangadeiros e por trás dessas denúncias. Porém, reconhece que os pescadores não só "endossavam" essas críticas, mas também as emitiam: "Homens simples e sem instrução, os pescadores com a maior facilidade não só endossam como emitem destemperadas críticas a pessôas de reputação reconhecida e de posição social cercada do mais justo prestígio".[401]

---

[400] Alguns recortes possuem referência, como dos jornais *A Gazeta*, da Paraíba, *A República* e *O Diário*, de Natal, *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro. Grande parte, porém, não há maiores referências.
[401] Jornal *O Nordeste*, 01 de abril de 1942.

A guerra na Praia de Iracema estava deflagrada e, pelas palavras do "amigo da verdade", os protagonistas possuíam qualidades bem distintas, ficando a superioridade claramente evidenciada do lado de Dona Mariinha Holanda. De um lado, uma senhora, digna dama, benevolente, filantropa, prestigiada, inatacável, reconhecida nos melhores círculos, com vastos recursos econômicos. Do outro lado, homens simples e sem instrução, caluniadores, que só poderiam estar sendo manipulado por alguém. Citando as denúncias de Jacaré e seus companheiros, publicadas n'*O Radical* em meados de março, tentam demonstrar suaa contradições, já que desde meados de fevereiro a "digna dama" havia prestado contas de tudo que havia recebido e repassado aos quatro *raidmen*. Por fim, proclama a "história exata", desqualificando o "resto" como "atoarda ignóbil de ingratos".

> "Como se vê, trata-se de acusação extemporânea e indigna. D. Mariinha, que é senhora de vastos recursos econômicos, tudo empreendeu a prol do êxito do *raid*, sendo a nobre dama de uma dedicação sem par pois fez restaurar as casas dos jangadeiros, propiciando, ainda, benefícios inestimáveis às respectivas famílias. Aliás, a sua atuação em prol dos nossos jangadeiros data de 1919. A Historia exata é esta. O resto é atoarda ignóbil de ingratos, que se converteram em instrumentos dóceis, de inescrupulosos, aliás de não difícil identificação."

É interessante observar que, na construção dessa defesa, como das outras que se seguem nos recortes do *Livro do raid*, aparece, claramente, os termos através dos quais se assenta a relação entre pessoas de "mundos" diferentes, no caso D. Mariinha e os jangadeiros. Refiro-me aos termos da filantropia, assistência, e seu correspondente esperado, a deferência, gratidão. Por trás, portanto, da defesa da "madrinha" está o protesto dos "graúdos" em receber ingratidão. No caso dos jangadeiros, o protesto já recaia, como já frisei, pela quebra do código de confiança, pré-requisito tacitamente estabelecido para receber a assistência, caridade, proteção.

Os ataques aos jangadeiros e, particularmente, a Jacaré, acabaram redundando em críticas aos desdobramentos do *raid*. Jacaré foi acusado, claramente, de ter desvirtuado o verdadeiro e digno propósito da viagem, qual seja: de "feito esportivo", transformou-a em "uma espécie de luta vindicatória". As ações que demonstram e comprovam esse fato são evidenciadas por alguém que assina "D.", nas seguintes expressões: "está a por as mangas de fora", "falar demais". A tal matéria repete os argumentos da anterior e acrescenta a comparação com a outra viagem de jangadeiros ocorrida em 1928, para Belém do Pará, quando, segundo relata, "houve muita festa, muito

brilho, muita simpatia para os valentes homens do mar. Não houve, porém, infâmia.” Mas, concluindo seu argumento e fechando a matéria, “D.” conclui que os praieiros são “homens de trabalho”, entenda-se disciplinados, submissos, respeitosos, gratos... e Jacaré, pergunta o redator, não seria “apenas uma agitador?”.

> “Uma pergunta aos marítimos das jangadas cearenses: Jacaré será mesmo jangadeiro? Era pescador? Ou será apenas um agitador primário, a serviço de pessoas interessadas em minar o ambiente de respeito e disciplina que sempre houve entre os homens do mar de nossa terra? Convém esclarecer a situação de Jacaré. Os jangadeiros de nossas praias são homens do trabalho. Possivelmente não lhes pesa nenhuma responsabilidade sobre o que o trêfego Jacaré anda a falar, depois que passou a viver á custa de sua **recente celebridade**.” (grifos meus)

Como nessa matéria assinada por “D.”, uma outra, de autoria de “L.S.”, que presumo ser do jornalista católico Luís Sucupira, mais uma vez ironiza os objetivos tão caros a Jacaré e as seus companheiros: “lutar pelos seus direitos”. Se a viagem clareou e alimentou esse objetivo do ponto de vista dos pescadores, os “graúdos” achavam-no por demais “vago”. Nessa última matéria, da sessão “Pontos de Vista”, L.S. retoma o assunto da viagem, para enfatizar a importância do apoio e da campanha movida por Dona Mariinha, sem os quais, segundo suas irônicas palavras, “continuariam a comer quimanga na risca do Mucuripe”. Depois de ressaltar a ação de D. Mariinha, a quem cobre de adjetivos edificantes, opostos àqueles que desqualificam Jacaré, ele enfatiza, melancólico, o que se esperava dos jangadeiros, beneficiários privilegiados das ações benevolentes da “madrinha”: “Era de ver que esses homens deveriam, daí por diante, beijar comovidos aquela mão feminina que lhes abrira as portas da glória e lhes facultara obter a realização de seus mais dourados sonhos”.

Mas L.S. fornece a chave para o entendimento da ironia em relação a noções de direitos dos jangadeiros, quando se refere às ações de assistência de Dona Mariinha, em relação às reformas das casas, que passaram a ser “asseadas”, as “famílias bem tratadas” e os “filhos alimentados”, quando da ausência dos provedores. Ele diz que esses eram os “sonhos dourados” dos jangadeiros, e isso foi realizado, segundo sua interpretação, por D. Mariinha. “Sonhos dourados”, diferentes de “direitos”, são realizados por madrinhas – quase fadas, acrescento, das histórias de princesas do século XIX. Os “direitos” proclamados por Jacaré, se conquistados, intuía ele muito bem, afrouxariam esse tipo de relação, baseada no paternalismo, minando esse campo de forças e conferindo

maior autonomia aos pescadores. O jornalista bradava, isso sim, em nome da manutenção de uma situação de assistência e deferência já consolidada por muitos e muitos anos. Situação essa que, reafirmo, sob a capa da caridade/proximidade, acabava por consolidar a separação entre o mundo dos pobres e o mundo dos graúdos. Indignado, L.S. denunciou a ingratidão dos jangadeiros, ou, como "D.", preferiu colocar a responsabilidade sobre os ombros de Jacaré, a quem qualifica mais uma vez como "irriquieto e minúsculo jangadeiro":

> "Infelizmente, isso não sucedeu. É certo que tem sido Jacaré o único a exteriorizar as suas acusações mesquinhas á dignidade inacessível, embora da sua protetora. Mas os seus amigos, homens de mais juízo, pelo menos de mais sisudez, deveriam externar suas desaprovações às palavras insensatas do 'orador' da turma. (...) Jacaré e seus companheiros precisam penitenciar-se de tanta ingratidão, sob pena de não merecerem nem mesmo um olhar de indiferença de seus patrícios."

O último a expressar sua indignação, que mereceu ser incluído nas páginas do *Livro do Raid*, não poupou termos desqualificadores à figura do jangadeiro da *São Pedro* e de adjetivos edificantes para com D. Mariinha Holanda. Também aqui pairava a insinuação de que havia gente por trás das acusações de Jacaré: ele estava sendo manipulado por alguém, afirmava-se. Afinal, somente um "graúdo" poderia enfrentar outro "graúdo". Isso só foi possível pela "ignorancia soezmente explorada do envaidecido pescador", interpretava o redator; Jacaré era, portanto, "um enfatuado fantoche, boçal e irresponsável", simplificava revoltado. Somente assim, poderia se compreender a ousadia de se atingir aquela que o redator reconhece como "senhora cuja vida é uma página fulgurante dos mais nobres e palpitantes exemplos de dedicação aos pobres, de solicito e abnegado amparo aos necessitados, e de profunda religiosidade".

Mas havia algo mais pairando sobre os protestos indignados contra Jacaré e seus companheiros. A notoriedade e autonomia de Jacaré incomodavam, pois, como já falei, fazia afrouxar a rede de dependência que se pensava consolidada. Mas, além disso, Orson Welles e a RKO passaram a estar presentes no universo dos pescadores da Praia de Iracema. Nessas matérias que analisei até aqui, sobressaíam, com freqüência, a ironia da "celebridade" dos jangadeiros e do usufruto do conforto patrocinado a eles pela empresa americana, quando da estadia deles no Rio de Janeiro. Na verdade, os quatro pescadores não mais velejavam na rústica *São Pedro*, mas na jangada de Orson Welles, que com eles quis realizar um projeto de mostrar o "verdadeiro Brasil", *Its all True*, diferente daquele

que o turista americano estava acostumado a ver. Eram novas águas, promissoras, é certo, mas igualmente trágicas.

CAPÍTULO VI

QUATRO HOMENS NA JANGADA DE ORSON WELLES

I

ORSON WELLES:

DE GÊNIO DO ESPETÁCULO A EMBAIXADOR CULTURAL DA AMÉRICA

Os boatos sobre a viagem de Orson Welles ao Brasil, realmente, se confirmaram. As filmagens planejadas para serem realizadas eram parte de um projeto, inicialmente bem maior, de aproximação dos Estados Unidos com a América Latina. A iniciativa, segundo André Bazin,[402] partiu mesmo de Welles, que havia convencido o Secretario de Estado para assuntos Interamericanos a financiar um grande filme sobre a América do Sul. Para tal realização, Washington se comprometeu com 300 mil dólares. Foi a RKO, empresa a qual estava vinculado o diretor americano no período, que respaldou, na figura de uma amigo pessoal de Welles, George Shaefer, tal iniciativa. No projeto inicial, haveria filmagens de três episódios, sendo dois no Brasil, o "Carnaval no Rio de Janeiro e as origens do samba" e "Jangadeiros", e outro no México, "Meu amigo bonito", que narraria a história da amizade de um garoto com um touro.

Na verdade, como frisam detalhadamente Firmino Holanda e Juliana Santos, esse *projeto* se inseria dentro da chamada *Política da Boa Vizinhança*, que visava a aproximação dos EUA com os países da América Latina, inclusive o Brasil, por sua situação estratégica para instalação de bases navais, em tempos de II Grande Guerra. No caso do Brasil, como os dois estudiosos ressaltam, havia sérias suspeitas de simpatia, por parte de membros da burocracia getulista, com os países do Eixo. Para dar consistência a iniciativas dessa natureza, foi criado o *Office for Coodination of Relations bettween the Américas*, "responsável por promover na América Latina atividades comerciais, culturais e de comunicação e que entre centenas de atividades e ações conjuntas articulou junto ao

[402] André Bazin, *Orson Welles*, op. cit., p. 95. Segundo Firmino Holanda, *Orson Welles no Ceará*, op. cit., p. 43-44, a proposta do filme se chamava inicialmente *Pan América* e continha quatro episódios: "My friend bonito", "The captain´s chair", "Love story" e "Jazz story".

governo brasileiro a realização de *It´s all true*",[403] justamente o *projeto* de Welles. À frente desse escritório, estava o poderoso empresário americano Nelson Rockfeller, que também investiu fartos recursos em vários empreendimentos ligados à cultura, como a empresa cinematográfica RKO Pictures.

Não me deterei na discussão acerca do papel do *Office* no Brasil nem, tampouco, do processo de americanização que o país viveu nesse momento.[404] Penso ser necessário, entretanto, enfatizar o vínculo existente entre ações aparentemente isoladas, que poderiam ser agrupadas sob o rótulo de "políticas culturais", com uma estratégia política de penetração e supremacia na América, empreendida pelos EUA. Tais ações, realizadas através da cultura, da política e do comércio, resultarão em modificações substanciais no estilo de vida e nos "paradigmas civilizatórios" dos brasileiros, especialmente aqueles que travaram contato direto com os americanos. No caso dos cearenses, Silva e Filho opina que:

> "Ocorre uma transposição – vital, porém repleta de tensões e contramarchas – de um paradigma civilizatório inspirado na cultura francesa, mais ligado ao universo das belas letras e da erudição de círculos de elite, em direção a uma vertente calcada no progresso material e no poderio técnico, representado pela sociedade norte-americana."[405]

É, então, dentro desse projeto político e cultural que se insere *It´s all true*, a proposta de Orson Welles, respaldada pelo *Office* e pela RKO, ambas coordenadas por Nelson Rockfeller. Mas, tal qual o *projeto* dos quatro pescadores cearenses, o de Welles também sofrerá significativas *metamorfoses*, de acordo com o *campo de possibilidades* que vai se delineando com a sua realização e com as escolhas feitas por seu protagonista. São

---

[403] Essa denominação só aparece desse modo em 1944; utilizei-a assim porque suas funções são praticamente as mesmas em todo o período. Firmino Holanda, em *Orson Welles no Ceará*, op. cit., discute de modo competente esse aspecto e alguns outros que permeiam essa trajetória do diretor americano em terras cearenses. Seu olhar de cinegrafista e amante de cinema, além de historiador, lança luzes interessantes sobre o tema. Márcia Juliana Santos (*It´s all true e a construção das imagens do Brasil (1942-1993)*. Dissertação em História Social apresentada a PUC-SP. São Paulo: 2004) também revisita o assunto, procurando compreender o tipo de olhar que o diretor americano projetou para o Brasil, além de questionar as várias explicações dadas para o fim que esse filme teve. Vai mais além, analisando a montagem feita em 1993 como um "novo documento" e não simplesmente a concretização do projeto inicial de Welles. Os dois trabalhos, em minha concepção, se completam apresentando ricas análises do tema, sobressaindo em Firmino o olhar do cinegrafista, amante e grande conhecedor de cinema e em Juliana o faro crítico de historiadora, acostumada a problematizar "memórias". O trecho acima citado está na p. 34 da versão concedida gentilmente a mim pela autora.

[404] *Cf.*, por exemplo, P. A. Tota, *Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; e Antônio Luís Macedo e Silva Filho, *Paisagens do Consumo*, op. cit.

[405] Antônio Luís Macedo e Silva Filho, *Paisagens do Consumo*, op. cit., p. 9.

águas muito novas, surpreendentes, que vão colocar em uma mesma "jangada" o cosmopolita diretor americano, um pescador esperto e loquaz, o pequeno Jacaré, e mais três jangadeiros da Praia de Iracema. Dos quatro pescadores da *São Pedro* já falei demais, resta conhecer mais de perto o "genial" diretor americano.

Na época do *raid*, o "genial" diretor estava com 27 anos e a *Seleções do Reader´s Digest*, após sugerir um balanço até aquela data, concluía que sua vida poderia ser caracterizada como "fenomenal". Após retratar pormenores dessa "fenomenal" história de vida, iniciada com uma infância pródiga e uma inteligência fora do comum, manifestada desde muito cedo,[406] o redator J. P. McEvoy reconhecia: "sem que os magnatas de Hollywood dêem o braço a torcer, Welles está revolucionando o cinema...".

Dessa infância *fenomenal*, cabe aqui ressaltar a ampliação do universo cultural do jovem Welles, propiciada pelos freqüentes e estreitos contatos com atores, pintores, escritores e músicos, amigos dos pais, que freqüentavam a casa da família, além do conhecimento de novas e exóticas paisagens, através das muitas viagens feitas em família, ou apenas com o pai, após a perda da mãe, ocorrida em uma dessas viagens à Europa, quando ainda tinha oito anos.[407] Ressalto isso para sugerir que Welles, diferente de grande parte dos filhos das elites estadunidenses, conheceu outros mundos, outras gentes, culturas diversas, enfim, não apenas por livros, sejam eles enciclopédicos ou romances, mas *in loco*, não sendo, portanto, um conhecimento escolar, livresco. Essa experiência "antropológica" tão prematura marcou, creio eu, para sempre o "gênio" de Welles, que, em um determinado período de sua vida, resolveu não só conhecer de perto, mas transpor para as imagens captadas por uma câmera cinematográfica, a vida de pobres pescadores cearenses.

Mas cabe explicar as razões que justificam o reconhecimento da genialidade de Welles, pois, como é sabido, ele não chegou aqui como um simples cinegrafista americano desconhecido, mas como alguém que estava "revolucionando" o cinema. Uma referência constante atribuída a Welles e que justifica os adjetivos lançados a ele é seu

---

[406] Na aludida matéria, há referência a um diálogo travado com um psicólogo de Chicago, amigo da família de Welles e seu tutor após a morte prematura dos pais, em que se questiona a veracidade do fato de Welles falar como um adulto com apenas 2 anos de idade, ao que o "cientista" respondeu: "Como um adulto, sim, mas de cultura.". *Seleções do Reader´s Digest*, edição brasileira, setembro de 1942, p. 42. O biógrafo de Welles, André Bazin, também referendou essa tese ressaltando que, na Washington School de Mueller, onde Welles estudara, após testes, constataram que o garoto possuía uma "idade mental monstruosamente avançada". *Cf.* André Bazin, *Orson Welles*, op. cit., p. 56.

[407] *Cf.* André Bazin, *Orson Welles*, op. cit., p. 56. O autor ressalta que, após a morte da esposa, o pai de Welles, Richard Head Welles, viajará ainda mais, sempre na companhia do filho. Juntos, percorrerão quase toda a Europa e parte da Ásia.

filme “Cidadão Kane”. Aliás, em muitas matérias, vem escrito nas chamadas *Orson Welles: O Cidadão Kane,* fundindo em uma mesma denominação diretor e sua obra. Quando da chegada ao Brasil, em fevereiro de 1942, fazia apenas três meses que seu filme “Cidadão Kane” fora exibido nas salas de cinema do Rio de Janeiro.

No Brasil, Vinicius de Morais, que na época escrevia crítica de cinema, não escondia seu deslumbramento com *Cidadão Kane* e seu diretor, a quem identificou como “homem essencial da América”. Vale a pena, ainda, retomar seus comentários, pois são contemporâneos à chegada de Orson Welles ao Brasil e dão, assim, idéia do clima com que o diretor foi saudado por parte da intelectualidade brasileira. As palavras de Vinicius, pronunciadas em conversa com Franklin Oliveira, foram transcritas em matéria publicada no *Diário da Noite*:[408]

> “Vinicius considerava Orson Welles o homem mais essencial da América. Não por conveniências de “boa vizinhança”. Mas porque ele é, sobretudo, um homem voltado para a vida, debruçado sobre a natureza humana crendo unicamente nos milagres que a inteligência e a arte podem realizar, milagres que estão muito acima das efêmeras injunções. Deve haver em Orson Welles, diz-no uma grande experiência íntima e um grande lustro inconsciente para permitir tanta tranqüilidade humana dentro da convulsa paixão humana – sobretudo da criação artística – que o anima e empolga. Porque é um apaixonado e isso vê-se nos seus olhos, nas suas idéias, na multiplicidade dos problemas que o movem, reunibilidade que os liberta. É um meninão cheio de sonhos e esquece-se mesmo a grandeza de sua missão artística por isso que nele é mais humano – a sua natureza viva e moça, fundamente votada para pureza.”

Penso que essas palavras sobre Welles e sua primeira e, me parece, principal obra *Cidadão Kane* dão conta de descrever esse irrequieto e genial diretor de cinema que marcará para sempre a vida dos jangadeiros da *São Pedro* e de seus familiares. Cabe, ainda, destacar que o caminho profissional de Welles foi marcado por polêmicas, atitudes irreverentes e problemas com produtoras. Antes do cinema, onde atuou como ator e diretor, já havia se projetado no teatro e no rádio, expressões artísticas que, segundo seus críticos, marcaram profundamente seu modo de fazer cinema. Sua irreverência já despontava nas adaptações que fez para o teatro e rádio, inclusive, no caso do primeiro, nas improvisações geniais, como foi o caso da encenação da peça *The craddle will rock,* encenada no meio da rua, sob o olhar espantado de uma elegante platéia, pois o governo americano não permitiu sua apresentação no teatro. Para Bazin, o teatro não só marcou

[408] Jornal *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 2 de março de 1942.

Welles, mas condicionou toda sua obra e vida. Em suas palavras, "o teatro, no sentido tradicional da palavra, está na base da cultura e das inclinações de Orson Welles e, ainda mais precisamente, o teatro elisabetano; mas não é menos certo que nele a teatralidade extravasa o palco e invade a vida".[409]

No rádio, sua criatividade e irreverência profissional geraram conseqüências um tanto trágicas. Transpondo para um programa radiofônico um roteiro baseado na "Guerra dos Mundos" de H. G. Wells, cujo resultado, segundo Bazin, não agradou aos adaptadores, Welles procurou enriquecê-lo, dando um tom dramático e de maior veracidade, informando à população que marcianos estavam aterrisando em Nova Jersey. Após ter sido lançado o comunicado inicial, os ouvintes recebiam, com pequenos intervalos, novas e alarmantes informações, em tom dramático e oficial, sobre o paradeiro dos marcianos. O resultado desse episódio pode ser resumido na descrição sumário de uma obra de Sr. Hadley Cantil, professor de Psicossociologia da Universidade de Princeton, referente ao ocorrido: "primeira manifestação de pânico moderno observada até hoje no que diz respeito a material de pesquisa adequado para sociólogos".[410]

O filme *Cidadão Kane* não apenas revolucionava a arte de fazer cinema, mas é possível também sugerir que causou grande reboliço na sociedade americana e nos fundamentos dos valores que alicerçavam o poder econômico e político de alguns segmentos sociais. Foi isso que parece ter sentido o magnata das comunicações daquele país, William Randolph Hearst, que se percebeu representado na figura do herói do filme, e tentou por todos os meios criar problemas para o lançamento do filme, adiado por várias vezes, sob protestos veementes de Welles. O filme, sucesso de crítica e que causou tanto frisson, não foi sucesso de bilheteria, o que a princípio desagradou os produtores que investiram largas somas em sua realização, servindo ainda para abalar, segundo Bazin o prestígio de Welles e de seu amigo pessoal Shaefer, na RKO.[411]

Em matéria enviada pela agência de notícias norte-americana, *United Express(conf)*, Welles declarava que o movia nas filmagens a serem realizadas era fornecer aos americanos do norte "uma idéia tão verdadeira quanto possível" dos países que se uniam aos aliados. Seu *projeto* ainda estava vagamente informado pela intenção política de construir uma idéia de integração das Américas, agora unidas no esforço comum de luta

---

[409] André Bazin, *Orson Welles*, op. cit., p. 58.
[410] Citado por André Bazin, *Orson Welles*, op. cit., p. 68. Essa obra fornece maiores detalhes do "pânico coletivo" e das conseqüências para Welles e para a empresa onde trabalhava, a CBS (Columbia Broadcasting System).
[411] Idem, p. 71-93.

contra os países do "Eixo". Por excesso de "pureza", por confiar demais em sua genialidade e capacidade de manter-se autônomo, ou por não imaginar mesmo o que iria encontrar no Brasil, Welles não desconfiou que sua proposta de "verdade" ia de encontro às "verdades" do magnata Rockfeller, da RKO, do *Office*, da burocracia de Washington e das elites conservadoras brasileiras e seu governo.

> "Pretendo realizar algo de interessante para todos os povos da América. Depois de visitar o Brasil, percorrerei outros países americanos, aproveitando o que posso filmar. Como necessitarei de atores e de atrizes, pretendo utilizar os elementos latino-americanos. Procurarei dar ao povo Norte Americano uma idéia tão verdadeira quanto possível dos países que a nós se uniram e que pretendo visitar."

Assim, já tendo dado provas de seu talento e irreverência no teatro, no rádio e no cinema, através do revolucionário filme *Cidadão Kane*,[412] Welles chegou no Brasil em 8 de fevereiro de 1942, para, inicialmente, filmar o carnaval carioca. Segundo concluiu Holanda, baseado em depoimentos do diretor e de seu assistente Richard Wilson, tal projeto inicialmente não animou muito o genial Welles; somente quando começou a entender a cultura e a música que estavam por trás daquela manifestação é que o projeto, realmente, o interessou.[413] O carnaval daquele ano, segundo os jornais, estava fraco em relação aos anos anteriores, em virtude da guerra. Era o último ano de desfile na famosa Praça Onze e Welles pôde participar dos protestos dos amantes do carnaval contra aquele final. Welles foi mesmo se contagiando com o clima "momino", expressando entusiasmado e talvez literalmente embriagado que "o carnaval carioca" era a "única instituição em todo o mundo completamente despida de espírito comercial".[414] Essas palavras revelavam o desencanto do cineasta com o mundo dos interesses mercantis, do qual nunca conseguiu se livrar e com o que tinha grande dificuldades de lidar. Talvez resquício do garoto e jovem rico que sonhou em fazer "arte por arte"...

Na Praça Onze,[415] com lentes apontadas aleatoriamente para os foliões que desfilavam representando clubes, escolas de samba e blocos carnavalescos, Welles focalizou um grupo de jangadeiros. Seriam os "bravos pescadores da *São Pedro*", que

---

[412] Welles tinha rodado, também, o filme *Soberba*, que, contra sua vontade, segundo conta Firmino Holanda (*Orson Welles no Ceará*, op. cit, p. 45), deixou para ser montado em sua ausência, quando veio para o Brasil.

[413] Idem, p. 45.

[414] Jornal *Unitário*, Fortaleza, 19 de fevereiro, 1942. Título: "Orson Welles impressionado com os folguedos carnavalescos do Rio".

[415] O bloco vencedor do desfile na Praça Onze daquele ano, *Turunas de Monte Alegre*, tinha como tema *União das Américas.*

também se rendiam ao samba e ao carnaval carioca? Não, ainda não era ali que o diretor iria conhecer seus "heróis"; tratava-se de um grupo de foliões de um dos clubes cariocas que, com alegorias de jangadeiros, desfilavam na Praça Onze numa homenagem aos "nortistas que realizaram o *raid* Fortaleza Rio na jangada *São Pedro*".[416] Os jangadeiros de verdade, como mostrei antes, estavam enfrentando fortes ondas, mas já se preparavam para conhecer o "americano".[417]

O *projeto* do carnaval e do samba carioca já começava a dar sinais de *metamorfose*. Rogério Sganzerla, Márcia Juliana e Firmino Holanda fornecem maiores e mais ricos detalhes sobre as filmagens no Rio de Janeiro, apenas ressalto que, bem ao estilo irreverente e fortemente marcado pela abertura do conhecimento do outro, no sentido antropológico me refiro, Welles não se contentou em mostrar "um carnaval para turista ver", mas se sentiu tocado pelos batuques criativos que saíam das ruelas das favelas, entoados por negros sambistas – foi isso que decidiu retratar em suas filmagens.[418] Enquanto filmava entre ruelas, batuques e negros o "verdadeiro" carnaval do Rio, Welles se encontra com Jacaré, que, em suas palavras, será imortalizado como o "verdadeiro herói americano".

II

O "CIDADÃO KANE" PEDE UM AUTÓGRAFO A JACARÉ

O roteiro de filmagem dos jangadeiros permaneceu vago e indefinido por muito tempo. Sabe-se, entretanto, que Welles tomou conhecimento do tema pela reportagem publicada na revista *Time*, e que tinha a intenção de tematizar essa viagem reivindicatória. Não cansava de declarar sua admiração pelo feito e pelos jangadeiros da *São Pedro* que, na sua opinião, expressa muitas vezes aos jornalistas, era um feito único na história. R. Magalhães Junior, em sua crônica semanal na revista *Diretrizes*,[419] saudou a vinda de Welles, a quem chamou o "genio louco de Hollywood", "a maior sensação dos

[416] Jornal *Unitário*, Fortaleza, 19 de fevereiro, 1942. Também no carnaval cearense desse ano, um dos blocos carnavalescos homenageou os jangadeiros da *São Pedro*, o que motivou Jacaré declarar a um jornalista que no carnaval daquele ano no Ceará estava todo mundo vestido de jangadeiro.

[417] Era assim que Manuel Preto, Jerônimo e Tatá passaram a chamar Welles, segundo informavam os jornalistas da época. Jacaré, perpetuando seu velho costume, preferiu dar-lhe nome de peixe.

[418] Os filmes de Rogério Sganzerla, *Nem tudo é verdade* e *Tudo é Brasil*, bem como os trabalhos de Firmino Holanda e Márcia Juliana Santos, já citados aqui, enfocam com detalhes essas filmagens, o contexto em que se realizaram e seu papel no futuro que terá o filme.

[419] Revista *Diretrizes*, janeiro de 1942.

últimos tempos nos Estados Unidos", ressaltando a intenção do diretor de filmar os jangadeiros. Enfatiza a propaganda feita do Brasil, através do feito dos jangadeiros, fartamente divulgado pela imprensa falada e escrita daquele país. Tecendo demorado comentário sobre a reportagem da *Time*, o jornalista ressaltava o que mais o impressionava nisso tudo: a intenção de Welles de filmar esses "colegas de Jacaré".

> "Mas o que é mais notável ainda é que Orson Welles, o mago, o 'super-man' do cinema, o fabuloso realizador de 'Cidadão Kane', viu esse jornal e deu pulos, entusiasmado com os nossos machissimos caboclos, (...) e decidiu fazer um filme documentário sobre a vida dos jangadeiros do Ceará! Prepare-se Fortaleza, 'a loura desposada' do soneto chatíssimo de Paula Ney, para receber a visita desse grande das Américas, Don Orson de Ics Welles, que ai vem de 'câmera' em punho, disposto a cochilar na objetiva, na Praia de Iracema, até conseguir a documentação mais exata e abundante, sobre a vida dos colegas de Jacaré."

Welles convidou para ajudá-lo na pesquisa sobre os jangadeiros o jornalista Edmar Morel, que havia escrito longas e belas páginas sobre aquela saga e, acima de tudo, era cearense e conhecedor da cultura daquele lugar. O primeiro encontro com Morel se deu em um jantar no Copacabana Palace e estava presente, além dos dois, Leo Reisler, assistente de Welles.[420] Lá, Morel relatou detalhes da viagem da *São Pedro* e de outros episódios de jangadeiros, como o de Dragão do Mar, um assunto que parecia ser de sua grande predileção.[421] Presenteou Welles com uma miniatura da jangada *São Pedro*. Segundo o redator carioca, o diretor se mostrava "deslumbrado" com o feito de Jacaré e seus companheiros e com as outras "epopéias". Welles, já fortemente admirado pela figura do líder da *São Pedro*, declarou entusiasmado ao jornalista que queria dar "um abraço bem forte nesse robusto Jacaré".[422] À convite de Edmar Morel, Welles aceitou participar de uma "corrida de jangadas", quando de sua estada em Fortaleza.

Antes, porém, de vir ao Ceará, Welles teve um primeiro contato com Jacaré, no luxuoso hotel Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, onde se encontrava o pescador, a convite da Cooperativa dos Pescadores do Rio de Janeiro. Sabe-se, pelo pouco que foi publicado nos jornais sobre essa estada de Jacaré na capital da República, que o pescador, antes de iniciadas as filmagens, participou de um treinamento com novos equipamentos e técnicas de pesca, conduzido por pescadores ligados a Federação dos Pescadores do Rio de

---

[420] Jornal *Unitário*, Fortaleza, 03 de março de 1942, p. 1 e 2.
[421] Como já falei, Morel escreveria tempos depois um livro sobre esse personagem histórico.
[422] Jornal *Unitário*, Fortaleza, 28 de fevereiro de 1942, p. 1.

Janeiro, dentre essas novas técnicas estava a pesca de rede, em barcos de motor e a pesca de tubarão.

O encontro entre "O Cidadão Kane e Jacaré" foi detalhado em matéria publicada no jornal carioca *Diário da Noite*, de 10 de março de 1942. Jacaré chegou ao hotel, acompanhado de Morel, e, pouco depois dos cearenses, chegava o diretor americano, que, esforçando-se no português, cumprimentou o pescador dizendo: "muito prazer em conhecê-lo", ao que Jacaré, simplesmente, respondeu: "sim, senhor". Welles, justificando um compromisso de última hora, não pôde permanecer no hotel naquele momento, desculpou-se ao pescador e pede que o espere. Jacaré permanece no salão do hotel, contando detalhes da viagem. Inquirido sobre a impressão que teve do diretor ele, diz: "só vendo poderei lhe dizer". Os outros insistem que ele já havia conhecido Welles, mas ele não volta atrás. Enquanto esperava, Jacaré recusou o café que lhe foi oferecido, declarando se abster dessa bebida àquela hora da noite. Algum tempo depois, retornou Welles, oferecendo um charuto a Jacaré que, mais uma vez, recusa declarando, "orgulhoso", que não fumava nem bebia. Welles, intermediado por sua assistente e intérprete Elisabeth Kastrup, disse que já conhecia o pescador por fotos, ao que ele responde que nunca pensou que lhe tirassem tantas. Jacaré teve dificuldades em pronunciar o nome do diretor, sendo-lhe sugerido que arranjasse um apelido para ele. Sabendo que o diretor tinha apenas 26 anos, Jacaré arriscou um primeiro apelido: "Bebê chorão". Depois, pensando melhor, e reconhecendo o prestígio do diretor, resolveu pelo de "Arabaiana". Fechando o encontro, o Cidadão Kane pediu um autógrafo a Jacaré, ao que o convencido e orgulhoso "Pero Vaz de Caminha" da *São Pedro* declarou: "vê como é bom a gente saber desenhar o nome da gente".

Do relato do jornal acerca desse curioso encontro, sobressai a ênfase em certos detalhes que parecem sugerir uma certa inversão de papéis, a começar pelo título. Orson Welles não aparece investido de sua identidade pessoal, mas identificado com sua principal criação. No caso do pescador, aparece como Jacaré, seu apelido, consagrado após a realização do *raid.* Essa inversão do nome de Welles sugere, em minha opinião, uma demarcação das diferenças sociais que separam aqueles dois homens que se encontravam naquele momento, por terem *projetos* que se cruzavam. Mas a inversão se completa quando o famoso e prestigiado diretor pediu um autógrafo ao semi-analfabeto Jacaré. O redator da matéria frisa que era Welles que vivia a distribuir autógrafos! É interessante notar que Jacaré não parecia intimidado com o lugar, as pessoas distintas, o próprio diretor

e o inusitado pedido. Ele, segundo o repórter, deu o autógrafo e ainda fez graça, esbanjando com o fato de saber "desenhar" o nome.

Welles declarou a jornalistas cearenses,[423] quando de sua primeira estada em Fortaleza, que sua admiração por Jacaré aumentou consideravelmente após esse encontro. Na verdade, de acordo com a revelação do diretor, o que mais o impressionou em Jacaré foi sua desenvoltura e desembaraço com que falava sobre vários assuntos. Confessou ao jornalista que esperava encontrar "um homem encabulado, acanhado, medindo os movimentos, pensando nos gestos que iria fazer, era natural que isso acontecesse, pois todas as creaturas de condição humildes, ao serem apresentadas àqueles que são socialmente lhe são superiores, sempre ficam acanhadas. Jacaré, entretanto, constituiu uma surpresa". Jacaré "conversou com desembaraço, discutiu assuntos e ofereceu sugestões", anotou o jornalista a partir das palavras do diretor

Também nesse encontro, enquanto esperava Welles, o "falante" Jacaré, como pejorativamente o chamavam seus inimigos de Fortaleza, contou ao grupo o episódio do carnaval de Fortaleza, em que todos se vestiram de pescador, sem, contudo, enfatizou em seu relato, serem pescadores. O processo de identificação positiva da figura do pescador, já ressaltei, foi fartamente alimentado pelas possibilidades abertas com a "primeira viagem". Nesse encontro, já na "segunda viagem", essa demarcação de identidade foi fortalecida com a explicação que Jacaré fornece sobre os motivos de sua recusa em aceitar café à noite e charuto, ao que ele acrescentou, também, que não fumava e nem bebia. Jacaré, com sua aguçada sensibilidade, apresentava a Welles a "sua verdade", pois sabia, ou soube por aqueles dias, inclusive por Morel, das intenções do diretor de colocar em seu filme uma "história verdadeira" sobre os pescadores. Ora, será que Jacaré não queria sugerir que, desmentindo a fama já consagrada, nem todos os jangadeiros possuíam vícios? Eram trunfos seus, que ele queria garantir para sua classe.

Jacaré e Welles aparecem no registro fotográfico de Jean Mazin, estampados na revista *Cruzeiro*, bem vestidos, sentados frente a frente e palestrando à vontade e de modo descontraído, cercados por uma audiência curiosa e bem animada. Não parecem, como sugere o título da matéria do *Diário da Noite*, tão separados pelos muros sociais. O clima que aparece sugerido pela foto é de total descontração. A diferença entre Jacaré, Welles e os outros que os cercavam se dá pela tonalidade de seus ternos, claro de Welles e dos outros homens presentes e o tom mais escuro e formal da vestimenta de

[423] Jornal *Correio do Ceará*, 9 de março de 1942, p. 1 e 3.

Jacaré. Enfim, são dois cidadãos tratando de interesses comuns. Na verdade, quero começar a sugerir que quem deu a tônica inicial da relação dos pescadores com o diretor americano foi Jacaré, tratando Welles com respeito, mas de igual para igual. Welles, por sua vez, respondeu no mesmo tom, nunca escondendo seu deslumbramento e admiração sincera por Jacaré e os amigos. Foi informado por esse extremo respeito e admiração que esse encontro e os posteriores aconteceram e isso marcou o modo como reagiram os pescadores da *São Pedro*, durantes as filmagens e após a realização destas.

Esse respeito e admiração sinceros eram percebidos nas aparentemente insignificantes atitudes de Welles, como nesse encontro ocorrido no elegante *Copacabana Palace*. Sabendo da estada de Jacaré no Rio de Janeiro e da ansiedade de Welles em conhecer o pescador, a equipe do diretor, em especial Edmar Morel, estruturou o encontro nesse lugar distinto. Ora, dentro da lógica sutil dos muros simbólicos que separam as camadas distintas das mais humildes, esse era um local por demais sofisticado para um simples pescador. Parece que para o cosmopolita e irreverente diretor essas barreiras não eram tão rígidas. Era no local onde estava hospedado, no salão social, que ele marcava os encontros necessários para tocar seus projetos no Brasil, foi lá que também foi apresentado a Edmar Morel. Porque com Jacaré deveria ser diferente? Enfatizo isso porque escapa do tipo de relação vertical que os pescadores costumavam ter com os "amigos graúdos", que também o admiravam e queriam ajudá-los, mas, como tentei mostrar, sem sair de seu lugar social e sem deixar que o outro ousasse querer sair. Acredito, assim, que a relação com Welles foi fundamental para o tipo de comportamento que vão ter os pescadores da *São Pedro*, insisto, durante as filmagens e depois destas, com todas as conseqüências, trágicas, inclusive, que se verificaram. Essa relação era semelhante àquela que travavam com os jornalistas, os "amigos de sempre", como chamavam. Esse tipo de relação era propício para o florescimento da autonomia, confiança, segurança, rebeldia, quando necessário, não para a proliferação da submissão, disfarçada em deferência e gratidão.

Outra peculiaridade do encontro é a solicitação feita a Jacaré de que apelidasse o diretor, ao que o jangadeiro, após saber da idade de Welles e analisar seus traços físicos, arrisca um "Bebê chorão". Parece um "batismo" acertado e visionário, pois Welles em toda sua vida reclamou contra todos que tentavam deturpar sua arte, roubando sua autonomia, em nome dos interesses mercantis que permeiam as produções culturais, também vistas como objetos de consumo de massa. Parece que Jacaré conseguiu enxergar a alma do eterno menino, que Welles parece nunca ter deixado de ser, como sugere André Bazin, percebendo em toda a obra do diretor uma certa fixação pelo tema da infância.

Parece-me, até, que o gosto de Welles pela maquiagem e "máscara", pelo teatro, enfim, era parte de sua estratégia de ocultar esse menino, esse "bebê chorão". Mas, retribuindo, ao seu modo, o respeito sincero que conseguiu ler nos olhos de Welles, o jangadeiro preferiu coroá-lo com o apelido de "Arabaiana", um dos mais nobres peixes do litoral cearense, à época de Jacaré.

Enquanto as filmagens do carnaval do Rio de Janeiro se desenrolavam e Welles começava a se estruturar para filmar os jangadeiros da *São Pedro*, na provinciana e católica Fortaleza se especulava e desconfiava da veracidade dos propósitos do diretor americano. O jornalista cearense Otacílio Colares escreveu para o *Correio do Ceará* uma matéria intitulada "Orson Welles, Ruy Santos e a Jangada", que ilustra bem o clima que se instaurou na cidade com a confirmação dos boatos da visita. Ressalto que era pouco o entusiasmo geral com a vinda de Welles, inclusive se comparado com a chegada de Orlando Silva no ano anterior, que deixou o artista espantado com tamanha euforia. Welles não era conhecido no Ceará, nem mesmo pelos intelectuais e jornalistas, que ainda não tinham visto e, segundo insinuava Otacílio, talvez nunca viessem a ver, sua mais famosa realização, *Cidadão Kane*. Sem destacar aspectos particulares do cineasta americano, Otacílio sugeria a polêmica em torno das impressões sobre o diretor, que simplifico nas oposições sugeridas, "Gênio" ou "Excêntrico". Por fim, o redator dos Associados conclui que o mérito maior de Welles, o que justificava um boa recepção na cidade, era sua intenção de filmar os jangadeiros. Dou a palavra a Otacílio:

> "Enquanto Orson Welles não chega, vamos assistir 'A jangada voltou só'. Quando ele chegar, vamos cerca-lo de algum carinho, porque ele bem o merece, quando não por outra coisa, pelo menos por haver, nos longes de sua pátria, sintonizado com o entusiasmo de todo o Brasil pelo heróico feito dos nossos homens do mar. Sim, vamos assistir o filme de Caymmi e conversar com o autor de 'Cidadão Kane' quando ele aqui estiver. Ao menos conversar com o autor do grande filme. Porque quem pode assegurar que vamos assisti-lo?"[424]

Conhecedor da cidade, do provincianismo de sua sociedade e do conservadorismo de suas elites, o jornalista Edmar Morel "apresentou" Orson Welles dizendo o que ele não era, talvez sabendo que seria isso o que mais entusiasmasse a sociedade local. Ressaltava que Welles era "diferente", pois, como um repórter, sublinhava, lhe interessavam as "histórias reais". Por fim, se utilizou de um argumento

[424] Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 28 de fevereiro de 1942, p. 2. Sessão *Comentário do dia.*

mais direto para alimentar um clima de maior entusiasmo na recepção ao diretor americano em Fortaleza: a divulgação do "Ceará ao mundo".

> "Não procurem ver Orson Welles como um romântico namorado da tela, nem como o mocinho apaixonado do final dos "films" que morre nos braços da garota loura. Orson é diferente. Seus filmes são historias reais. Como um repórter, ele vive o ambiente, sente de perto o calor e a palpitação da vida e depois realiza uma película como *Cidadão Kane.* Orson Welles vai mostrar ao mundo que na América do Sul existe um recanto muito bonito, onde o coqueiral enche de ternura o viajante. A sombra do coqueiral, Orson verá dezenas de palhoças. Nas palhoças de Mucuripe ele viverá algumas horas com os jangadeiros, irmãos dos polinésios, conquistadores do Pacífico. Recebam Orson Welles como o homem que vai mostrar o Ceará ao mundo."[425]

Após adiar por algumas vezes a viagem, por dificuldades no abastecimento da aeronave em que deveria viajar nos pontos a serem escalados, Welles, acompanhado de Edmar Morel, do escritor de rádio e cinema Robert Metzber e de sua intérprete, chegou a Fortaleza em 9 de março de 1942, um domingo. No aeródromo do Alto da Balança, esperavam por ele, segundo os jornais, representante da Interventoria, jornalistas, diretoria do *Jangada Club*, inclusive o presidente Fernando Pinto, talvez um dos mais entusiasmado da comitiva de recepção, além dos jangadeiros ali presentes, que, "vestindo trajes típicos", "aplaudiram delirantemente", segundo frisa o jornalista do *Correio do Ceará*, quando o diretor desembarcou da aeronave.[426]

Nos três dias que permaneceu nessa primeira vez que veio ao Ceará, Welles se hospedou no Excelsior Hotel, o mais elegante da cidade. No mesmo dia em que chegou, foi apresentado por Fernando Pinto aos três outros jangadeiros da *São Pedro*, a quem cumprimentou pelos nomes e participou de uma corrida de jangadas. Welles, juntamente com Fernando Pinto, tripulou a jangada "Urano", dirigida pelo experiente Jerônimo. Nas outras jangadas, em torno de 9, segundo os jornais, seguiram outros convidados distintos, sob o comando de habilidosos pescadores. Tatá e Manuel Preto, respectivamente, pilotavam as jangadas "Nem sei" e "Flor do Mar". Nenhuma das três jangadas venceu a competição; foi a jangada "Flexa" comandada pelo pescador José Policárpio de Sousa e

---

[425] Correspondência rádio-telegráfica de Edmar Morel para o *Correio do Ceará*, enviada pela agência Meridional, no dia 6 de março, dia da partida da comitiva de Welles do Rio de Janeiro. No cabeçalho da correspondência, o jornalista escreveu: "No momento em que o avião da NAB deixa a Ponta do Calabouço rumo ao Ceará, conduzindo Orson Welles, dirijo este bilhete aos cearenses". Publicado no jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 06 de março de 1942, p. 1.

[426] Jornal *Correio do Ceará*, 9 de março de 1942, p. 1 e 3.

tripulada por Ernesto Saboya, que sagrou-se vencedora. A jangada "Urano", de Jerônimo, Welles e Fernando Pinto, chegou em terceiro lugar. Welles, graças a intervenção rápida e precisa de Fernando Pinto, se safou de uma pancada na cabeça, provocada pelo "pau de vela", que acabou por ferir levemente o presidente do *Jangada*.

Na noite do primeiro dia em Fortaleza, o *Jangada Club* ofereceu um jantar ao recém chegado diretor, onde aconteceu uma apresentação de "côco", por um grupo de pescadores e do Maracatu Az de Ouro,[427] que encenou um cortejo imperial com homens pintados de preto. Segundo registrou o *Correio do Ceará*,[428] Welles ficou bastante impressionado com a apresentação, saindo de sua poltrona e vindo se sentar no chão, ao lado dos dançarinos. O *côco*, segundo me contou Sr Bafô, naquelas épocas, só era dançado em momentos especiais, como aquele em que chegou Welles. Mas, recorda ele, quando o pai, o pescador Manuel Preto, tomava uns goles a mais de cachaça, saía a dançar *côco praieiro*. Câmara Cascudo informa que, por volta de 1910, era dança comum entre os jangadeiros; realizava-se numa roda, participando, quase sempre, apenas homens. Alguém ficava fora da roda puxando uns versos, acompanhados por batidas vindas de uma orquestra a base de latas de querozene vazias. A coreografia dos que ficavam na roda consistia em três ou quatro batidas de pé para a direita e para a esquerda, enquanto um solista ficava no centro, desenvolvendo passos mais elaborados, com saltos e contorções. Quando queria sair do centro, convidava outro para entrar, dando-lhe uma "umbigada", ou, de modo mais formal, dependendo do sexo do convidado e do grau de intimidade.[429]

Conversando com jornalistas do *Correio do Ceará*, Welles forneceu algumas idéias sobre o filme que pretendia realizar, mas, ainda, de modo vago e impreciso: "O enredo será a própria historia da viagem. Os quatro herois constituirão o 'cast'. E uma jangada, açoitada pelas ondas do mar, será o cenario. Naturalmente no filme aparecerão alguma cenas em que os jangadeiros ficam em perigo, porque o publico gosta destas cousas. Não podia ser de outra forma." Talvez, a corrida de jangada que acabara de participar tenha lhe trouxe mais um elemento para o roteiro ainda indefinido – a cena de uma jangada açoitada pelo mar, que Welles teve a oportunidade de presenciar.

---

[427] Esse grupo de Maracatu existe até hoje em Fortaleza, foi fundado por Raimundo Alves Feitosa, por volta de 1936. Maiores detalhes sobre o Maracatu cearense podem ser encontrados em Calé Alencar, Reis do congo, reisados e maracatus. In: Gilmar Chaves. *Ceará de Corpo e Alma: um olhar contemporâneo de 53 autores sobre a Terra da Luz.* Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002, p. 185-197.

[428] Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 9 de março de 1942, p. 3 e 5.

[429] Câmara Cascudo, *Jangadeiros*, op. cit., p. 32 e 33.

Depois dos três dias previstos de permanência do Ceará, um dos quais voou até São Luis do Maranhão no avião da Navegação Aérea Brasileira (NAB), que estava a sua disposição, Welles seguiu para o Rio de Janeiro com sua comitiva. Poucos dias depois, em 12 de março, seguiram também os três pescadores cearenses, para filmar as cenas da chegada da *São Pedro* na Capital Federal. Após apelo feito por Jerônimo, Welles adianta uma verba no valor de 250$000 aos futuros contratados da RKO, para assegurar o sustento das famílias dos pescadores, que, mais uma vez, ficariam sem seus provedores. As gravações no Rio de Janeiro já começariam no domingo seguinte.

As filmagens dos jangadeiros no Rio de Janeiro se desenrolaram em meio aos conflitos que seus protagonistas tiveram que enfrentar: de um lado os pescadores da *São Pedro* com a Federação dos Pescadores do Ceará e com a madrinha do *raid*, e, de outro lado, Orson Welles com os financiadores americanos e o próprio governo brasileiro, que protestavam contra o conteúdo de seu filme sobre o carnaval do Rio de Janeiro, um tanto diferente daquilo que idealizaram. Sabe-se que a RKO também se queixava dos gastos excessivos do diretor no Brasil. Em entrevista publicada no *Diário da Noite*, em 10 de abril daquele ano, o diretor desabafou:

> "Se eu quisesse fazer um filme de carnaval semelhante àquele em que Hollywood costuma retratar os costumes e as cenas de terras estranhas eu não precisaria sair dos Estados Unidos. (...) Digo-lhes mais: ponho tanta sinceridade no meu trabalho que preferiria corromper-me a corromper minha obra. Vocês não me acreditam?"

Analisando o desenrolar das filmagens do carnaval carioca, o "conhecimento do Brasil", geográfico e culturalmente falando, Márcia Juliana sugere que foi se delineando a imagem que Welles construiu acerca do país e de seu povo e, ao mesmo tempo, foi se definindo o roteiro de seu filme e o lugar que caberia a viagem dos jangadeiros. Para ela, nessa visão transparecia a dicotomia arcaico/moderno. Os jangadeiros, vindos de um lugar remoto, primitivo, encontram o Brasil moderno. O carnaval selaria o encontro festivo dos dois Brasis:

> "Percebemos que o objetivo político do diretor seria fazer um filme sobre o Brasil que se iniciava num Brasil 'arcaico', 'primitivo', e que ia 'evoluindo' na viagem através do mar para encontrar o Brasil moderno. (...) Importa destacarmos que o elo que liga os dois Brasis não é o avião, nem tampouco a estrada, mas o mar que simboliza transição e esperança."

Os jangadeiros permaneceram cerca de dois meses na Capital Federal à disposição da RKO e de Orson Welles, hospedados no *Palace Hotel*, um dos mais melhores do Centro da cidade, segundo frisam os jornais, localizado na Avenida Rio Branco. Cada pescador recebia, de acordo com o contrato firmado com a empresa americana, 500 mil réis por semana,[430] algo impensável para um pescador que vivia daquilo que pescava. Logo no dia 17 de março, segundo o *Diário da Noite*, iniciaram as filmagens na Baía de Guanabara. Uma grande prancha flutuante levava todo o maquinário necessário para as tomadas, enquanto Welles dirigia as cenas do alto mar. Cada gesto, cada manobra feita por mestre Jerônimo, tudo era capturado pelas câmeras de Welles, repetindo-a várias vezes. Jacaré, pelo que declarou Welles certa vez aos jornalistas, ajudava-o a dirigir seus companheiros, fornecendo sempre sugestões.

Mas as "fortes ondas" continuaram a se colocar na frente da *São Pedro*. Em abril, os pescadores Manoel de Quirino Gomes, João Olimpio de Meira, Manoel Lopes Martins e Raimundo Felício do Nascimento, protestavam junto aos jornais dos Diários Associados,[431] em Fortaleza, contra uma atitude tomada pelo secretário da Federação dos Pescadores do Ceará. Alegando ter recebido um telegrama do Rio de Janeiro tratando da demissão de Jacaré, ele resolveu convocar novas eleições para a diretoria da Colônia Z-1. No protesto, argumentavam que Jacaré estava representando os interesses da classe no Rio de janeiro e, só depois disso, é que foi convidado por Welles para atuar em seu filme. Não aceitaram nova eleição, pois não admitiam essa demissão arbitrária de seu líder. Tinham certeza que tudo voltaria ao normal após seu retorno.

Ainda na Praia de Iracema, os filhos de Jacaré viam passarem-se os dias sem chegar a hora do regresso do pai. A esposa, D. Josefina, nunca concordou com a segunda viagem do marido, e tentou persuadi-lo a desistir várias vezes, insistindo que "lugar de pobre pescador era em sua casa". Mas, segundo ela, Jacaré estava muito entusiasmado com os elogios que vinha recebendo e decidiu ir.[432] Ela sabia que, diferente dela, Jacaré não pensava assim e entendia que lugar de pobre era lutando por seus direitos. Em um dia de maio daquele ano, a esposa do jangadeiro teve um sonho horrível, em que via seu companheiro morto com o rosto dilacerado, "que metia medo", lutando contra bravas ondas, no mar da Praia de Iracema. A jangada ficou partida ao meio, vítima como Jacaré de um forte vendaval. Mas era apenas um sonho...

---

[430] Dentre os jornais que divulgaram o valor da remuneração paga aos pescadores da São Pedro, ver *O Nordeste*, 20 de maio de 1942.
[431] Jornal *Unitário*, Fortaleza, 05 de abril de 1942.
[432] No relato que fez ao jornalista, D. Josefina conta esses episódios.

Os jangadeiros já estavam há quase dois meses no Rio de Janeiro, tendo filmado com Welles parte desse tempo. As cenas finais na grande cidade estavam programadas para acontecer na Praia do Golfe, perto da Barra da Tijuca, na semana do dia 19 de maio. Nesse dia, em virtude de uma grande cerração, os jangadeiros foram convidados pelo diretor para seguirem em uma lancha a motor, convite que recusaram, afirmando vaidosos já estarem acostumados a mares "tormentosos quanto mais brumosos".[433] Welles e sua equipe seguiram de carro. A frágil embarcação foi atrelada por um cabo de ferro à lancha. O mar estava agitado e a cerração dificultava a visão dos jangadeiros. Não avistando Welles na praia, passaram adiante do local combinado, tendo chegado na Barra da Tijuca. De repente, uma onda muito forte rompeu o cabo de ferro que unia a jangada à lancha, virando a destemida *São Pedro* e atirando nas profundezas do mar seus quatro tripulantes. Jerônimo, Tatá e Manuel Preto, emergindo com esforço do fundo do mar, enxergaram, um pouco distante, Jacaré tentando vencer as fortes ondas e ainda conseguiram ouvi-lo gritar para que nadassem e fossem para a costa, ao que obedeceram, pela última vez.... Jacaré partia, para sempre, em sua "última viagem", deixando só a velha jangada *São Pedro*, destroçada pelas ondas da Barra da Tijuca, a mãe, esposa e nove órfãos na Praia de Iracema, além dos seus irmãos de palhoça e de sofrimento.

Welles, sabendo da fatídica notícia e numa confirmação do batismo visionário de Jacaré, que o apelidou de "bebê chorão", não conseguia conter o pranto, chorando convulsivamente. A morte de Jacaré levou Welles a externalizar incansavelmente a admiração que devotava ao jangadeiro, ressaltando sua vivacidade, inteligência e capacidade de liderança, como nesse depoimento que forneceu ao *Jornal do Brasil*.[434] À todas aquelas qualidades que Welles tantas vezes ressaltou, ele acrescentou o auxilio que lhe prestou na condução do trabalho dos companheiros:

> "Eu não lamento a morte de Jacaré como um simples jangadeiro. Naturalmente, todos os dias a vida do mar registra o desaparecimento de um pescador que deixa filhos a criar. Eu sinto profundamente a morte de Jacaré porque ele era um homem excepcional, um herói um ' leader', uma inteligência viva, interessantíssima. Quando estive no Ceará, observando o prestígio de seu nome, senti verdadeiramente, que Jacaré era um herói americano. Ele era o chefe da Colônia Z1 de Fortaleza, estimadíssimo, com uma popularidade impressionante. Um homem como há poucos. E não estou exagerando. Quem algum dia palestrou com ele passou a admirar-lhe a vivacidade. Tatá, Mané Preto e Jerônimo entregavam-lhe a decisão de

[433] Todos os jornais cearenses e muitos cariocas fizeram amplas reportagens sobre o episódio fatídico. Cito aqui o *Unitário*, Fortaleza, 20 de maio de 1942, p. 1 e 2.
[434] *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 de maio de 1942, p. 6.

> todas as coisas. Era ele que julgava problemas, resolvia casos e tomava a iniciativa. Um homem excepcional. E sabe que era ele o animador da representação dos outros?... Sim, Jacaré, que tinha o dom da palavra, fazia com que outros representassem com maior naturalidade."

Foi assim que, lutando contra o corte de verbas da RKO, o pouco apoio do governo brasileiro e contando com a ajuda do amigo Fernando Pinto e a generosa colaboração dos pescadores do Ceará, Welles decidiu que finalizaria seu filme sobre os jangadeiros. Esse seria seu tributo a Jacaré. Reconhecia que talvez isso não significasse tanto para os familiares, já que não traria o jangadeiro de volta, mas para ele, confessava, "significava muito". Ainda ao *Jornal do Brasil*, disse o diretor, "Há agora, mais do que nunca, uma razão para continuarmos filmando. O filme será um tributo à sua morte. Essa homenagem talvez não signifique tanto para a sua família ou para os seus demais amigos, como significa para nós. Para mim ela será muito."

Um repórter do *Unitário* visitou a família do jangadeiro e conversou com a viúva e os órfãos que, como Welles, choravam compulsivamente. Mas, diferente do diretor, eles eram realmente crianças, tendo a mais velha dez anos e o mais novo apenas três meses. Saindo da casa do jangadeiro morto, o repórter foi até à praia conversar com os jangadeiros que chegavam de mais um dia de pescaria. De um deles pôde ouvir que devotavam grande gratidão ao Manuel Meira, pois antes "viviam como escravos, só tinham deveres e não direitos". Sobre a morte, inexplicável, de Jacaré, que era um exímio nadador, um irmão de palhoça e de sofrimento opinou:

> "Sei que Jacaré sabia nadar como um peixe. Não podia morrer afogado. Mas as coisas são assim. **Qualquer coisa de estranha aconteceu**. Posso dizer para o jornal uma verdade: Jacaré morreu no mar como queria. O oceano é a nossa vida, mas também é a nossa morte. E Jacaré morreu feliz...." (grifos meus)

A morte inexplicável de Jacaré deu lugar, como era de se esperar, a várias memórias. Vários necrológios foram escritos, relatando aspectos biográficos do pescador, ressaltando suas qualidades de liderança, sua inteligência, capacidade de oratória e o destemor que demonstrava na luta por sua classe. Otacílio Colares, Edmar Morel, Francisco da Silva Nobre, dentre outros, escreveram em sua homenagem. Várias missas em ação de graças pela morte do jangadeiro foram celebradas, nos dias que sucederam o

trágico acontecimento e o Instituto dos Marítimos enviou telegrama à família de Jacaré com um voto de pesar, retirado em uma última sessão daquele órgão.[435]

As matérias de jornais, que circularam logo após a tragédia, faziam reverência a Jacaré e lamentavam sua morte, sublinhando o momento que isso vinha a ocorrer, quando o jangadeiro estava em destaque após o *raid*. Algumas, contudo, tinham como tônica central o fato de Jacaré ter morrido durante as filmagens. Há nelas, implícita ou explicitamente, uma condenação moral e social por Jacaré ter saído do "seu lugar", de pobre pescador que luta justamente por seus direitos e ter ingressado no universo da ficção, lugar de astros de Hollywood. Esse é o teor das representações veiculadas nos jornais, que, de modo sutil e implícito, construíram uma explicação fatalista e vingativa, pois a morte do jangadeiro parece ter sido uma vingança por ele ter ousado sair daquele que reconheciam ser o seu lugar, tal qual falava a esposa de Jacaré, D. Josefina.

Para Murilo Mota:

> "Pobre Jacaré! Falou com o presidente da República, foi saudado pelo ministro da Educação. Conseguiu a inclusão dos jangadeiros nos benefícios da legislação social, trabalhou como "astros" de uma película de Orson Welles. **Reconheçamos que tudo isso é excessivo na existência de um caboclo analfabeto da Volta da Jurema!** E agora esse desastre a cortar inesperadamente ao herói o gozo de tantas venturas!" (grifos meus)[436]

Para Berilo Neves:

> **"Jupiter vinga-se dos que lhe desafiam a onipotência. (...) Forte como Ulysses, não soube, à feição do grego, fugir aos braços voluptuosos de Calipso. O Rio foi a sua Ogigia fatídica e fascinadora, a cujos encantos deveria perecer – como um amante vulgar e ingênuo... (...) O cinema cobiçou-o (como a todos os heróis) e só serviu para ludibriar e arruinar....** Homens como Jacaré não se dão bem no ambiente enganador do "film". Jacaré era um homem de bronze e o cinema é uma mentira de celulóide. Foi infeliz a idéia de lhe fazer reproduzir falsamente, o que ele só sabia fazer de verdade.(...) A fotografia, o "cameraman", a encenação – disso não sabia o herói, nem lhe conhecia os segredos e artifícios. É erro grave transplantar a realidade para a ficção, o heroísmo legítimo para as lenda fugitiva. (...) A jangada dos caboclos nordestinos não cabe no ambiente estreito de uma objetiva de cinema." (grifos meus)[437]

---

[435] Jornal *Unitário*, Fortaleza, 28 de maio de 1942.
[436] Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 20 de maio de 1942.
[437] Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 25 de maio de 1942.

Para Austregésilo de Atayde:

> "Quando vi os jangadeiros da 'São Pedro', depois do feito heróico, metidos em boas roupas, hospedados em hotéis de luxo e fumando charutos caros, fiquei pensando comigo. Viviam a existência da sua gente, nas fainas do mar. Não seria folgada a vida nem suave o labor. Mas assim tinham vivido seus pais e seus avós. **Assim deveriam continuar vivendo.** Ficaram embriagados com a fama. Atordoaram-nos os ricos presentes. Voltando ao Ceará nenhuma graça acharam nos seus trabalhos obscuros. Nunca mais voltaram à jangada, para ganhar com o rude barco o pão de cada dia. A grande cidade, as notícias de jornal e uma carreira de atores cinematográficos, o ganho abundante e fácil entre coisas volutuosas, mataram os estímulos simples da sua viagem triunfal. Assim acabaram os jangadeiros. **Jacaré pereceu á beira da praia, numa ventura sem grandeza.** O titan dos verdes mares bravios, afeito às tormentas das soltas ventanias, desapareceu num vórtice, engulido por um peraó, junto dos rochedos de terra. **Ficassem todos nas suas dunas, nas pequenas casas de palhas de carnaúba, sem nunca ver as seduções de Babilônia, sem encontrar-se com os cineastas americanos. Ficassem lá longe como jangadeiros, na terra de Iracema. Sem conhecer Orson Welles**." (grifos meus)[438]

Nessas três representações, é explícita a visão de que os pobres jangadeiros se deixaram corromper e deturpar pela vida fácil e fantasiosa do cinema. De heróis trabalhadores, passaram a "astros", gozando do luxo de hotéis, bons charutos, roupas finas e chapéus caros. Ressalto que Berilo Neves e Austregésilo de Atayde já haviam feito matérias engrandecendo esses pescadores, quando da primeira viagem. Ironicamente, este último havia escrito uma matéria intitulada "Deixem vir os jangadeiros", justamente protestando contra os obstáculos burocráticos relativos a vinda dos pescadores de jangada. Menos de um ano depois, escreve essa matéria em que os antigos heróis nacionais são rebaixados à condição de aproveitadores, em uma matéria cujo título diz: "Ficassem lá longe, na terra de Iracema..." Qual foi o crime que "justificaria a vingança divina" contra esses pescadores? Ter saído de sua pacata vida de trabalhadores, que ganhavam com seu suor o pão de cada dia. Os pescadores estavam, assim, condenados a perpetuar sua condição social. O crime que cometeram foi ousar transpor esses muros sociais, simbolizados, nessas representações, pelas irônicas palavras de Austregésilo de Atayde, que grifei acima. Por trás dessa condenação aos jangadeiros, estava embutida também uma crítica a Welles, homem vindo de camadas mais distintas da sociedade, mas que não respeitava os limites de sua classe, um "excêntrico", na visão de alguns. Ainda estava

[438] Jornal *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 20 de maio de 1942.

presente, nessas representações, uma valoração negativa do cinema e da modernidade que ele representava.

Pretendi sugerir acima que essas representações sinalizavam para uma idéia de que a morte de Jacaré aparecia como uma vingança "divina" pela ousadia que esses jangadeiros empreenderam, ao aceitarem participar do filme do diretor americano. Essa idéia aparece mais explícita e funesta, quando nos detemos nas páginas finais com que o *Livro do raid* é fechado, justamente poucos dias antes de ser doado ao Museu do Estado e assim ser perpetuado como a memória oficial do *raid* de 1941. Devo lembrar ao leitor que o livro mudou inteiramente de tom após o conflito dos pescadores com a madrinha do *raid*. Antes de ser encerrado, portanto, os heróis jangadeiros de setembro de 1941, quando partiu a jangada rumo ao Rio de Janeiro, já haviam sido rebaixados à condição de vilões, caluniadores, etc. As páginas finais foram dedicadas à Diretora da Associação de São Pedro da Praia de Iracema, Dona Mariinha Holanda, "madrinha do raid, e a quem os jangadeiros devem todo o apoio moral, material e intelectual do grande feito, sem o que, jamais o teriam realizado, esclarece a redatora".[439]

> "Por vezes, atrás do roseiral magnífico, oculta-se a serpe vil que espreita o momento propício para o bote traiçoeiro e infernal. E, assim, foi: de toda a magnificência apoteótica, surgiram as intrigas, a calúnia, que exornam os espíritos covardes e invejosos, toldando de crepe, maculando de lama a trajetória gloriosa dos homens hercúleos de hontem, audazes vencedores das fúrias oceânicas – **transformando-os em meros joguetes da ignomínia e da perfídia.** E já as nossas frontes não se ergueram impávidas, curvaram-se confundidas, enquanto de nossos olhos jorrava o pranto e nos nossos peitos, esturgiam os soluços, ante a sórdida mesquinhez da investida contra a patrícia irmã – verdadeira e única propulsora do heróico feito. A repulsa, a revolta, logo se fizeram sentir, fazendo esturgir em cada peito digno, em cada coração reto, em cada mente sâ, a veemência do protesto espontâneo e sincero. Fugindo do círculo aurifulgente que lhe circundara o feito redentor, retraíram-se os gigantes da véspera para a sombra dos pigmeus sem fibra, sem discortínio. Sem reflexão nem pudor. **Escrevia-se mais uma página negra da ingratidão** na velha, mas, sempre nova, história dos Cains e dos Judas. **E novos horizontes surgiram funestos e tenebrosos. A parca traiçoeira espreitava vigilante e eis que, num certeiro golpe, abate, em pleno vigor dos anos, a figura central do grupo glorioso – Jacaré – o 'erudito', o dinâmico, o empreendedor. Eram os desenganos do Destino,** as garras da Dor e da Desolação que obrigavam a curvar as frontes aureoladas os que o não fizeram quando bateu-lhes em cheio, a investida torpe da mentira e da cilada. (...) Aguardemos, portanto, a seqüência dos dias, a revelação do provir, repetindo a frase histórica inspirada na angustia do abandono, da injustiça e da ingratidão; com fé, com altivez, com

[439] *Cf. Diário dos jangadeiros*, op. cit., p. 157 a 175.

dignidade e repitamos: **aguardemos a Justiça de Deus na voz da história."** (grifos meus)

Nessa representação/memória, a morte de Jacaré está tragicamente relacionada a sua atitude e a de seus companheiros, em relação à madrinha do *raid*. Não há qualquer referência a Welles, mas a traição dos pescadores, ou de Jacaré, contra aquela que o texto quer, na verdade, louvar, "a verdadeira e única propulsora do heróico feito". A viagem de 1941, ou antes, a sua idealização e preparação, foi arrancada das mãos dos jangadeiros e colocada nas de D. Mariinha Holanda. Nesse caso, a disputa se desloca para o campo da memória. Se os registros contemporâneos ao acontecimento reverenciavam Jacaré, aquele "livro", preparado desde o início para figurar como uma memória oficial daquele feito histórico, destaca a Diretoria da Associação de São Pedro. Na verdade, o sentido do diário se define e se completa, inteiramente, em seu final. Ele não celebra os jangadeiros, em primeiro lugar, mas aquelas autoridades, dentre elas a diretora da associação praieira, que estavam, de algum modo, por trás daquele feito. Trata-se, ao final, de uma auto-celebração de classe.

Dois recortes de jornais, colados nas páginas finais do *Livro*, são ainda mais ilustrativos nesse sentido: um informa que o Conselho Nacional de Pesca negou um voto de pesar pela morte de Jacaré, com a justificativa de que ele não morreu no exercício da profissão; outro noticia da morte de Jacaré, com o registro de que ele possuía dois seguros de vida, ambos obtidos a pedido de D. Mariinha Holanda.[440] Analisando os diários como um todo, então, é possível aferir sua coerência, a partir do desenrolar dos acontecimentos que antecederam e sucederam o *raid* de 1941. Como nas representações de jornal, é possível, também aqui, e de modo mais funesto, encontrar a idéia da "punição divina", uma espécie de justiça que, segundo o ditado popular, "tarda mas não falha".

Mas não foi essa a memória que prevaleceu em relação a Jacaré. Dias depois de sua morte, um redator dos Diários Associados no Ceará[441] conclamava a Prefeitura a homenagear o jangadeiro morto com o nome de uma rua naquele que seria "o futuro bairro do Mocuripe". Segundo palavras desse redator, tal fato se justificava porque "nenhum herói popular, desde o tempo do Dragão do Mar, emocionou mais o povo e foi por este admirado como Jacaré". A tal sugestão foi acatada e Jacaré virou nome de rua

[440] Idem, p. 155 e 156.
[441] Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 25 de maio de 1942, p. 2, Sessão *Problemas da Cidade*. Cf. também Jornal *O Povo*, Fortaleza, 23 de abril de 1991, Coleção "A história do Ceará passa por essa rua", fascículo *Manoel Jacaré é doce morrer no mar*.

nesse mesmo bairro. O então jornalista Francisco Nobre, que escreveu um necrológio em sua homenagem na ocasião de sua morte, anos depois homenageou Jacaré com sua inclusão entre os 1001 cearenses notáveis,[442] numa obra que publicou com esse mesmo título, ao lado de contemporâneos ilustres como Waldemar Falcão, Menezes Pimentel e Edmar Morel, dentre outros.

A notícia da morte de Jacaré também ecoou nos Estados Unidos de Orson Welles, estampada em um necrológio publicado no prestigiado *The New York Times*,[443] com o título *Líder jangadeiro do Brasil morre estrelando filme*. Nesse registro, a morte de Jacaré teria ocorrido "durante a filmagem de uma batalha entre um tubarão e um polvo". O pescador, prossegue a matéria, "nadou para longe dos monstros em luta, caindo em um redemoinho". Não posso afirmar se havia desinformação do redator do necrológio, ou se havia, de fato, a intenção de Welles de filmar uma batalha deste tipo, pois, na narrativa da viagem de 1941, os pescadores se referiam a existência de tubarões, em alguns pontos, o que pode ter inspirado o diretor. Firmino Holanda, em capítulo intitulado sugestivamente de "O tempo dos Tubarões", comenta um trecho de outro filme de Welles, *A dama de Xangai*, de 1946, em que aparece uma alusão a Fortaleza e a tubarões. Para Holanda, essa referência era própria daqueles que, como os "antigos cronistas europeus", coloriam suas narrativas sobre o Novo Mundo com doses fortes de aventura.

Em crônica publicada no jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, R. Magalhães Junior comentava esse necrológio, ironizando a suposta inveja de alguns ao ver que o personagem central daquela matéria era um simples pescador. Após comentário inicial sobre o conteúdo do escrito publicado no *The Times*, ele concluiu que "isso aconteceu ao pequeno e feio Jacaré, para desespero de sujeitos grandes e limpos, cujo cabotinismo deve lamentar em altos brados o espaço perdido com esse filho do povo". Parece-me que Magalhães Júnior estava atento a alguns escritos póstumos de Jacaré, com conteúdo semelhante àqueles que acima comentei.

Penso, entretanto, nessa "batalha", descrita no necrológio do *The Times*, como uma metáfora do conflito que estava vivenciando Orson Welles, ele mesmo convertido em um "polvo" em batalha contra um tubarão, a RKO de Rockefeller, que "arrancava-lhe os braços", cortando-lhe verbas para a finalização de seu filme. É, pois, marcado pela morte de Jacaré e por esses conflitos acima, que Welles retornou ao Ceará para concluir seu filme com os jangadeiros da *São Pedro*, trazendo na bagagem apenas "10

[442] Francisco da Silva Nobre. *1001 Cearenses Notáveis*. Fortaleza: Casa da Palavra, 1996.
[443] Jornal *The New York Times*, Nova Iorque, 20 de maio de 1942.

mil dólares, uma câmera Mitchell silenciosa, sem iluminação, 40 mil pés de negativo preto e branco", além de uma "equipe reduzidíssima".[444]

III

WELLES E OS JANGADEIROS NO MUCURIPE: A CONSTRUÇÃO DE UMA "HISTÓRIA VERDADEIRA"

Orson Welles retornou a Fortaleza pela segunda e última vez em 13 de junho de 1942, acompanhado de sua secretária Shifra Haran e do casal Richard e Elisabeth Wilson.[445]

Penso que havia a intenção inicial da equipe de se hospedar durante toda a permanência, mais uma vez, no *Excelsior Hotel* e fazer do *Jangada Club* um ponto de apoio. Mas, provavelmente, em virtude do corte de verbas, talvez insuficiente para manter a equipe nesse estabelecimento por cerca de três semanas, conforme previsão inicial, foi disponibilizada, por Fernando Pinto, a pedido do diretor, sem nenhum ônus, uma casa de um particular, Sr. José Colares Cintra, na Praia do Mucuripe,[446] convertida, também, em studio. O *Jangada* era o ponto de apoio de Welles e da equipe, sendo também o lugar onde faziam as suas refeições.

Mucuripe era, nessa época, uma exemplar vila de pescadores. As pequenas e miseráveis choupanas – como aquela em que morava Mestre Jerônimo – estendiam-se pela beira do mar. Dona Zaída Amora, em entrevista a Blanchard Girão, descreveu com minúcias a "aldeia" onde morou desde pequena e acompanhou a intensa ação da mãe junto

---

[444] Firmino Holanda, seguindo as sugestões de Bárbara Leaming, biógrafa de Welles, afirma que Welles atribuía mesmo a Nelson Rockefeller a responsabilidade direta pela frustração de seu projeto *It´s all true*. Welles se dirigiu ao filme, certa vez, como o "desastre-chave" de sua história. Ainda segundo este autor, um emissário da RKA, Phil Reisman, antes da morte de Jacaré, teria ido ao Rio para informar a Welles a decisão de cortar do projeto o episódio dos jangadeiros. Após a tragédia, Welles convenceu a empresa a prosseguir com as filmagens. Esta relação entre a vida de Welles e as lutas entre criaturas marinhas gigantescas também é sugerida por Firmino Holanda. *Cf.* Firmino Holanda, *Orson Welles no Ceará*, op. cit., p. 87-89.

[445] Segundo Firmino Holanda (Idem, p. 91), também participaram das filmagens no Ceará George Fanto e Reginaldo Calmon, respectivamente diretor de fotografia e assistente de câmara, além de Roberto Cavalieri, todos vinculados à produtora carioca Cinédia.

[446] Em matéria de 14 de junho daquele ano, p. 16, o jornal *Unitário*, de Fortaleza, registra que um companheiro do diretor, talvez Richard Wilson, reclamou dos preços do hotel, o que levou Welles a fazer uma brincadeira, chamando-lhe, em seu português sofrível, de "pão duro".

a comunidade local. Dona Zaída atuou no filme de Ruy Santos, *A jangada voltou só* e, um ano depois, acompanhou as filmagens de Orson Welles.

> "Isto aqui não passava duma pequena aldeia de pescadores. Casebres cobertos de palha de coqueiro, um terreno batido na frente, onde colocavam um coqueiro deitado sobre duas forquilhas, o banco onde se sentavam todos, ao cair da noite alumiada por lamparinas. Dentro do casebre, - vi tudo bem de perto e posso contar – havia pouca coisa. Um catre de varas, com palhas de bananeiras como colchão, uma trempe com um pote em cima e uma caneca de flandre ao lado, dentada, para tirar água, que se bebia em latas vazias de Leite Moça. Casa de pescador não tinha cadeiras. Nem mesas. Comia-se no chão, numa esteira de palha, e em pratos de ágate, colheres também do mesmo material, comida preparada em fogão a lenha (de barro), em panelas também de barro ou de ferro. Havia ainda umas forquilhas nos cantos do casebre para armar as redes de dormir, que permaneciam, aliás, enroladas quando não em uso. Um caixão de madeira, encostado na parede de taipa, guardava os poucos utensílios e pelos cantos os instrumentos de trabalho da família: remos, samburás, facas do pescador e as grades de bordar da mulher e filhas."[447]

Essa descrição de Dona Zaída finaliza por fazer referência às "grades de bordar", numa alusão ao trabalho feminino preponderante no Mucuripe daquela época, o de bordadeira, seja nas grades de labirinto, ou nas almofadas de confeccionar renda de bilro, ou, ainda, no crochê. Além dessas atividades, também predominava a fabricação de exóticas iguarias, herança indígena, feitas à base de batata doce, milho ou carimã, de onde saíam doces, tapiocas, bolos, broas, rosquinhas, pães, anguzô.[448] Esse trabalho feminino, apesar de gerar pouca renda – pois era, como o trabalho dos pescadores, apropriado por atravessadores e intermediários –, complementava, de algum modo, o suprimento das necessidades básicas da família pescadora, além de enriquecer o cardápio familiar. Sobre isso, rememora Eremilson, um pescador do Mucuripe que, como Jacaré e seus companheiros, cerca de 30 anos depois também botou sua jangada no mar para lutar pelos direitos dos pescadores:

> "Não havia mulher preguiçosa naquele tempo. Ela estava sempre na almofada ou na grade. Fazendo renda ou labirinto. Quando não, era na trempe. Fazendo cuscuz (pão de milho com coco), tapioca, broa, bolo,

[447] Blanchard Girão, *Mucuripe*, op.cit., p. 155.
[448] Idem, p. 179. Segundo o depoimento da labirinteira Dona Olímpia Magalhães, ainda existe, no Mucuripe, quem possua o conhecimento e receita na fabricação dessa iguaria, feita, como boa parte das outras, de milho.

> mungunzá, para engordar a barriga da meninada e delas também, enquanto chegava o peixe para comer com pirão escaldado."[449]

Em vários depoimentos publicados por Blanchard Girão, sobressai a referência à morte no mar, recorrente entre as famílias de pescadores. A mesma Dona Zaída relembra o triste e desesperador quadro de ver, junto com esposas e filhos, o retorno solitário de uma jangada na beira da praia:[450]

> "A mulher e a filharada na beira d´água horas a fio, tardes, noites sem fim, na esperança de ver ao longe a vela branca da jangada do marido e do pai. Até concluir pelo desaparecimento, a morte nas profundezas do oceano, sem direito sequer á última imagem do ente querido. Como aconteceu, por exemplo, com a família do 'seu' Manuel Salviano, que o povo chamava de Silvano. Já era um homem idoso. Foi no barco dele sozinho, e nada de chegar à tardinha. A mulher e a turma de filhos a aguardá-lo na praia por muito tempo. Horas infindas. Até o desespero diante da certeza, o bote retornando solitário, com o chapéu e o remo como últimas lembranças. Cenas inesquecíveis de dor e sofrimento que acompanhei muitas vezes nos meus dias de menina e de mocinha praiana."

Era nesse Mucuripe que Welles resolveu passar as semanas que ficou em Fortaleza. Logo na chegada à cidade, respondendo às impacientes e ansiosas perguntas dos jornalistas, o diretor americano confessou ainda não ter um roteiro pronto sobre o episódio dos jangadeiros, mas que tudo giraria em torno do *raid*. Justificando a demora em apresentar um roteiro pronto e acabado, Welles esclarecia sua intenção de fazer uma "história verdadeira" e não uma ficção:

> "É preciso se compreender que **não se trata de uma ficção**. Se fosse uma história comum, um romance qualquer, naturalmente eu já teria escrito e o trabalho já estaria muito adiantado. Mas no caso trata-se de **uma história verdadeira**. A minha preocupação máxima é salientar a figura dos quatro líderes de uma classe. Quatro homens que lutaram para a conquista dos direitos de todos os seus companheiros. Pretendo, no Ceará, estudar todas as minudencias desses heróis anônimos. Sua maneira de vida, as condições de existência, modo de pescar, tudo, enfim, para depois chegar a uma conclusão."[451]

---

[449] Idem, p.105.
[450] Idem, p. 58 e 159.
[451] Jornal *Unitário*, Fortaleza, 14 de junho de 1942, p. 16.

Sublinho essas duas expressões apresentadas em oposição – ficção e história verdadeira – porque considero de fundamental importância procurar descobrir as intenções que estavam balizando o *projeto* "jangadeiros" do diretor americano. Considero, como Roger Andrade Dutra, que, além de atentar para o filme como documento de uma época, já que diz muito sobre o contexto em que foi produzido, como pontuou Marc Ferro, seguido por boa parte dos estudiosos da relação história e cinema, devemos considerar a "validade das intenções" do diretor com sua produção. Agora deve estar claro para nós, historiadores, que a construção dessas "verdades fílmicas" está informada pelas condições que são colocadas para o autor da obra no momento de sua feitura, as fontes de que dispõe, os questionamentos iniciais que levanta, as circunstâncias que permeiam o trabalho, os acontecimentos extraordinários, o contexto, enfim. Além disso, deve ser considerado o público a quem se destina a obra e a motivação para sua realização, seja afetiva, intelectual, comercial, etc, que a dirige. Não se deve esquecer, por fim, a particularidade do tipo de narrativa que constitui o cinema, imagens e sons. Penso que as observações acima também são as mesmas que nós, historiadores, guardando as devidas particularidades, devemos estar atentos em nosso próprio ato de construir histórias.[452]

Welles reafirmava sua intenção de reconstruir em celulóide a viagem dos jangadeiros, mas não de modo ficcional, mas "verdadeiramente". Cabe aqui abrir um questionamento: *O que seria uma história verdadeira para Welles?* Pela trajetória pessoal e profissional do jovem diretor já se tem uma idéia de sua personalidade e de seu modo de fazer cinema. Também já adiantei quais eram as fontes disponíveis ao diretor: textos escritos, de autoria de Morel ou pesquisadas por esse, provavelmente redigidos com fartas doses de romantismo, como era comum a escritos dessa natureza, além do diário de Jacaré, que deve ter chegado às mãos do diretor, pois Edmar Morel tinha a posse desse documento. Por fim, como um "antropólogo", Welles passou dias entre pescadores, conheceu suas casas, acompanhou seus modos de vida, enfim, compartilhou seu cotidiano e cultura, apesar do problema da diferença de idioma, que o impedia de falar diretamente com os pescadores e com as demais pessoas o cercavam, tendo que recorrer na maioria das vezes a simples observação e intermediação de intérpretes. Por fim, não se pode esquecer que Welles era um estrangeiro.

---

[452] Roger Andrade Dutra. "Da historicidade da imagem à historicidade do cinema." *Projeto História*. São Paulo: EDUC, nº 21, nov/2000, p. 121-140. Sobre essa relação entre história e cinema, *Cf.* Marc Ferro. O filme: uma contra análise da sociedade? In: Jacques Le Goff e Pierre Nora. *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 199-215.

A morte de Jacaré conferiu à sua intenção uma forte carga emocional, transformando o seu *projeto* em uma dívida, um tributo, como falava, a ser feito em homenagem ao jangadeiro morto, mas, principalmente, aos seus órfãos, sejam os pescadores, a família de Jacaré, seus amigos e admiradores. Welles não queria fazer, simplesmente, um documentário, no sentido restrito da palavra, então decidiu compor sua história, seu filme, criando uma narrativa romanceada, mas com um fundamento real, verídico. Seria aquilo que no cinema aparece com a ressalva de que foi "baseado em fatos reais"? Parece-me que foi essa a saída que o diretor encontrou. Se decidiu construir uma narrativa romanceada, não abriu mão de realizá-la, em boa parte, com personagens reais: os jangadeiros de Fortaleza, dentre eles, os três sobreviventes da *São Pedro*.

Quando retornou, logo decidiu que iria ambientar seu filme no Mucuripe e não na Praia de Iracema, de onde, na "verdade", saíram os quatro pescadores. Ora, essa decisão já nos dá uma pista da noção de "verdade" de Welles. Era o Mucuripe que daria uma ambiência de uma isolada comunidade de pescadores, com as palhoças à beira mar, mulheres labirinteiras nas portas das cabanas a trançar os fios das linhas de seu bordado, enquanto a comunidade em volta tocava a modesta vida. Essa decisão, portanto, pode ser interpretada como uma visão romântica do diretor, marcada pelas fontes escritas e relatos oficiais da viagem, construindo, assim, uma situação exemplar e ideal de vida daqueles homens, demonstrando que não haviam sido "contaminados", ainda, pelos valores, política e estilo de vida da grande cidade. Mas, por outro lado, é possível interpretar também que, com a utilização desse recurso, Welles queria garantir para os jangadeiros um lugar de autonomia nas decisões gerais sobre suas vidas e, particularmente, frente à decisão sobre a viagem reivindicatória.

Foi, decidindo-se por essa primeira "verdade", que Welles se hospedou no Mucuripe e passou longos dias convivendo com os pescadores, visitando suas palhoças, registrando com detalhes suas vidas, rituais, modos de trabalho, convivência e anotando tudo, para converter no roteiro de sua película. Como um romântico antropólogo, Welles deu as costas ao tempo e às mudanças que vinham com o vento da próxima Praia de Iracema, da Aldeota, enfim, da cidade de Fortaleza que se urbanizava, e enquadrou a comunidade do Mucuripe, de onde saiu o mestre Jerônimo, como seu "ideal" de comunidade pescadora. Além dos três jangadeiros, arregimentou para trabalhar com ele um irmão de Jacaré, Izidro, que por conta das semelhanças físicas, faria o seu papel,

aparecendo de costas, um pouco afastado, nunca muito próximo da objetiva,[453] além de figurantes escolhidos na própria comunidade, como o pescador Bráulio, na época um belo jangadeiro, negro e com porte atlético,[454] dentre outros.

Mas há outra decisão de Welles, relatada ao jornalista do *Unitário*, que é sugestiva da "verdade" que quis construir em seu filme: o lugar que a morte real de Jacaré ocupou no filme. Indagado pelo jornalista se aquele episódio provocou mudanças no planejamento inicial, Welles reconheceu que sim e acrescentou: "O acontecimento da morte de Jacaré terá que ser incluído. Todos aqueles detalhes de que todos nós nos lembramos contristados aparecerão na película". Na sua "verdade", filmada em preto e branco com parcos recursos e com equipe reduzida, o tema da morte, provavelmente motivada pela morte de Jacaré, seria o mote para a luta reivindicatória. É após a morte de um jovem rapaz, recém desposado, que leva os mais velhos da comunidade, justamente os "quatro jangadeiros da *São Pedro*", a decidirem viajar até o Rio de Janeiro, capital da República, na busca de amparo. Desse modo, a morte de Jacaré foi reatualizada e reinterpretada no filme de modo heróico. Era esse o tributo do jovem diretor ao seu herói popular.

Welles passou cerca de um mês em Fortaleza filmando. Algumas tomadas fez sozinho, quando visitava os pescadores, driblando jornalistas e demais curiosos.[455] Depois, com a equipe minimamente formada e com o acréscimo de poucos equipamentos cedidos pela empresa fotográfica cearense ABA FILM, que inclusive disponibilizou os irmãos Antônio e Francisco Albuquerque para auxiliar nos registros fotográficos, Welles filmou as seqüências centrais de sua película.[456]

Welles esteve com a família de Jacaré durante essa permanência na cidade e reafirmou que esta não ficaria desamparada. Os jornalistas cearenses cobravam do diretor uma posição clara sobre esse amparo, mas não obtinham informações precisas, já que Welles já vivenciava sérios conflitos com a empresa RKO, que apenas sugeriu que ele

---

[453] Jornal *Unitário*, Fortaleza, 14 de junho de 1942, p. 16. Para Welles, Jacaré "era um herói", e complementa: "era uma gente muito nobre, muito orgulhosa". *Cf*. Peter Bogdanovich, *Este é Orson Welles.* Rio de Janeiro: Globo, 1995, p. 211.

[454] *Cf*. Blanchard Girão, *Mucuripe*, op. cit., p. 95.

[455] Segundo o jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 15.06.1942, p. 4, Welles aproveitou que muita gente estava no estádio Getúlio Vargas no dia anterior para percorrer as palhoças dos pescadores e filmar sua "vida normal".

[456] Tempos depois, esse fotógrafo diria que aprendeu muito com o diretor americano. Parte desse aprendizado pode ser conferido nos excelentes trabalhos publicitários desse artista, notabilizado como Chico Albuquerque, além do belíssimo ensaio fotográfico que fez da comunidade de pescadores do Mucuripe em 1950. *Cf*. Chico Albuquerque. *Mucuripe*. 2 ed. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2000. Detalhes dessas filmagens e do cotidiano do diretor em Fortaleza podem ser encontrados no livro de Firmino Holanda e na dissertação de Mestrado de Márcia Juliana Santos.

opinasse sobre o assunto. No final das contas, a família de Jacaré recebeu 70.000$000 de indenização da RKO e 25.000,000 da Sul América Seguros, depositados em um banco de Fortaleza, enquanto a extensa família passou a viver dos juros resultantes desse depósito.

Welles seguiu com sua equipe, mais Tatá, Manuel Preto, Jerônimo e Izidro, para as outras cidades a serem feitas locações, correspondendo a algumas das escalas feitas pelos jangadeiros. Depois disso, já que as cenas finais haviam sido realizadas no Rio de Janeiro, Welles se despediu dos jangadeiros em julho e voltou para New York. Os quatro retornaram a Fortaleza e continuaram a tocar o mesmo modo de vida anterior, envolvidos com a pesca, com seus familiares e amigos, até se decidirem a novamente sair ao mar lutando por seus direitos. Mas, essas são outras viagens...

Os desdobramentos conflituosos da passagem de Welles pelo Brasil tiveram como conseqüência o arquivamento do material filmado e, com o tempo, o desaparecimento de boa parte dele em vários arquivos americanos. Segundo Firmino Holanda, Welles tentou recuperar judicialmente os direitos sobre o material filmado, mas não deu prosseguimento ao intento. No Brasil, em 1946, após contato e autorização com Welles e com a RKO, que se dispôs a repassar o filme por ínfima quantia, o governo brasileiro não quis assumir oficialmente o interesse pelo resgate do material, frustrando mais uma vez o projeto. Em entrevista a André Bazin, Charles Bitsch e Jean Domarchi, da revista francesa *Cahiers du Cinema,* na década de 1950, Welles dizia já não acreditar mais na possibilidade de montar seu filme brasileiro, que imagina ter sido perdido, lamentando, principalmente, pelo episódio dos jangadeiros. Em entrevista a Peter Bogdanovich, Welles queixa-se pelo malogro do projeto ao mesmo tempo em que apresenta sua leitura da viagem dos jangadeiros da *São Pedro*, um ano antes.

> "Acho que era a mais valiosa [*The trip of the jangadeiros*]. Os jangadeiros eram quatro marinheiros que achavam que não estavam recebendo o preço justo por seu peixe – eles eram os intermediários. E por isso saíram ao mar numa daquelas balsas feitas com seis troncos e uma vela e desceram pela costa inteirinha do Brasil, desde a cidade natal deles – fizeram essa viagem heróica desde o cocuruto do Brasil até o Rio – para se queixar ao Presidente brasileiro. Quando chegaram ao Rio, estavam tão famosos, simplesmente pela viagem, que o Presidente não podia dizer 'eu não vou recebê-los'."[457]

Apesar de confundir-se com a geografia local, Welles ainda preservava uma certa emoção ao falar daquele filme e do episódio que o motivou:

[457] Peter Bogdanovich. *Este é Orson Welles,* op. cit., p. 211.

> "Talvez um dia seja possível fazer alguma coisa. Perdi um tempo maluco, vocês sabem, meses e meses, anos, tentando salvar esse filme. Mas a parte mais interessante, a história que fiz sobre os 'jangadeiros', essas pessoas que descem o Amazonas pra vir conversar com o Presidente do Brasil, está definitivamente perdida: era um documentário puro. Mas a RKO queimou tudo, nunca mais vi, exceto os testes de cores."[458]

Mas, contrariando a melancólica previsão de Welles e de muitos que já não mais acreditavam ver as cenas filmadas no Ceará, foram encontradas, meio por acaso, cerca de trezentos e noventa latas de negativo de *It's all true*, em 1985, nos estúdios da empresa cinematográfica Paramont. Antigos colaboradores de Welles nas filmagens no Brasil, Richard Wilson, Bill Krohn e Myron Meisel, realizaram a montagem do material encontrado, em 1993, englobando fragmentos de "My friend Bonito", "The story of the samba" e o episódio "Jangadeiros", batizado pelos montadores de "Quatro Homens numa Jangada" (*Four men in a raft*).[459]

A montagem do episódio cearense pareceu seguir as duas folhas de roteiro, deixada por Welles, que expunha os seguintes eixos temáticos. "1. O que é uma jangada? / 2. Lançamento da jangada / 3. Seqüência da pesca / 4. Afogamento do rapaz / 5. Abaixar das velas e o retorno dos jangadeiros / 6. Venda de peixe e notícias dadas a família / 7. Descoberta do corpo / 8. Funeral? / 9. Reunião e decisão – Partida / 11. A viagem / 12. A chegada".[460]

O filme inicia-se com a fabricação coletiva da jangada *São Pedro*: a preparação e corte da *piúba*, a confecção e pintura do nome da vela, a feitura dos seus acessórios, especialmente do samburá. Após fabricada, a *São Pedro*, juntamente com inúmeras outras jangadas, parte para o mar, em busca do pescado. Enquanto isso, as mulheres da aldeia, auxiliadas por suas filhas, tecem delicadas rendas em almofadas de bilros e telas de labirintos. No crepúsculo, retornam as jangadas, momento em que acorrem todos ao encontro dos seus tripulantes e do pescado do dia.

No meio do enredo, tem lugar a construção de um relacionamento amoroso entre dois jovens da colônia, que findam por casarem-se na pequena e singela igrejinha do povoado. A jovem seria mais uma a esperar diariamente por seu marido, que um certo dia

---

[458] André Bazin, *Orson Welles*, op. cit., p. 173.

[459] Idem, p. 96, nota 1. Nem o crítico de cinema nem Welles viveram para presenciar essa nova versão do filme. A pesquisadora Catherine Benamou participou da montagem. *Cf.* Jornal *O Povo*. Fortaleza, 05 de setembro de 1990; Firmino Holanda, *Orson Welles no Ceará*, op. cit.; e Márcia Juliana Santos, *It´s all true e a construção das imagens do Brasil (1942-1993)*, op. cit.

[460] Citado por Firmino Holanda, *Orson Welles no Ceará*, op. cit., p. 105.

não mais retorna, sendo o seu corpo tragicamente encontrando boiando nas águas calmas entre as pedras da praia. São mostradas cenas da virada da embarcação e da tentativa de socorro por parte dos companheiros que estão no mar. Segue-se o cortejo acompanhando o corpo do jovem pescador; no meio do grupo podemos avistar a viúva e demais familiares com seus trajes de luto.

É após esse trágico, mas, de certo modo, rotineiro episódio, que quatro jangadeiros – protagonizados por Jerônimo, Tatá, Manuel Preto e Izidro, irmão de Jacaré, que só aparece nas cenas finais – decidem ir ao Rio de Janeiro. O grupo de despede de seus familiares e amigos e partem sob a orientação das estrelas e a proteção de São Pedro. São mostradas cenas da viagem, de certas paragens, como Recife e Salvador, e, finalmente, sob os olhares curiosos de modernos banhistas em frente ao *Capacabana Palace*, chegam à Capital da República, o destino almejado.

O filme, contudo, apresenta um povoado de pescadores em harmonia, afastado da vida urbana e alheio às tramas da política de classes. O *raid* aparece destituído de suas relações com pessoas e entidades que não pertenciam diretamente ao universo da vida cotidiana dos jangadeiros, embora, na verdade, participassem de uma teia de relações sociais bastante amplas e complexas. Fortaleza, por outro lado, em 1941, já era muito mais do que uma aldeia de pescadores. No entanto, a proposta ficcional de seu autor parece alcançar seus objetivos ao mostrar a fragilidade da vida de homens que desafiam constantemente os elementos da natureza, contando apenas com sua bravura, sem apoio ou proteção do Estado.

Podemos perceber, agora, que a "verdade" de Welles – que, de algum modo está presente nessa montagem dos anos de 1990, excluindo-se alguns recursos ficcionais – era um retrato documental bem aproximado de uma comunidade pesqueira do nordeste brasileiro, que o Mucuripe ilustrava exemplarmente. É certo que, com isso, perdeu muito da complexidade dos protestos dos jangadeiros, que expunham as contradições econômicas e sociais vivenciadas por aqueles trabalhadores. Mas nem o Mucuripe daqueles tempos estava isento das relações de mercado e de poder com que se defrontavam cotidianamente os jangadeiros. Em vez de tematizar essas questões, Welles preferiu, na "sua verdade", render um belíssimo tributo plástico à vida pesqueira, valorizando aqueles trabalhadores pelo viés do *trabalho*, fartamente valorizado na película, pela noção de *comunidade*, presente em vários momentos do filme, e pelo sentido humano do *protesto*, que se faz a partir do desamparo provocado pelas recorrentes mortes de jangadeiros. Firmino Holanda demonstrou de modo sensível e hábil o momento político impactante do filme, presente nas

imagens da reunião dos pescadores na praia, que culminou com a tomada coletiva de decisão sobre a viagem. Acrescento que o pintor Raimundo Cela e o fotógrafo Chico Albuquerque prosseguiram em seus trabalhos nessas “trilhas” abertas por Welles. Refiro-me à série de quadros “Jangadeiros em palestra” (1942), produzida pelo pintor cearense, e ao ensaio fotográfico “Mucuripe” (1950), de Albuquerque.

Por fim, pergunto-me: quando essa história realmente termina? Não tenho resposta para isso. Lembro-me de uma imagem que vi estampada nas páginas de um jornal do Rio de Janeiro (*Diário da Noite*), de 1941, quando por lá estiveram os quatro jangadeiros da *São Pedro*. A imagem mostrava uma frase escrita em um quadro negro, que dizia: “Eu dei conta do recado”. Abaixo, uma singela assinatura: “Jacaré”. Eu só posso admitir que o jangadeiro estava certo. Em minhas últimas linhas, também rendo meu tributo aos quatro e anuncio que Jacaré, Jerônimo, Tatá e Manuel Preto não morreram, pois, enquanto existir um pescador artesanal no Brasil, sempre haverá uma vela branca de jangada a protestar pelos mares desse Brasil afora, a lutar pela conquista de direitos.

Depois de 1941, saíram outras jangadas em 1951, em 1958, em 1972, em 1993... Mas essas são outras viagens....

CONCLUSÃO

AINDA OUTRAS VIAGENS

Chegamos ao destino final da(s) primeira(s) viagem(s) reivindicatória de jangadeiros. Essas "viagens" e seus desdobramentos são sugestivos para o entendimento de como segmentos sociais populares interpretaram a proposta e ação do Estado Novo e, a partir daí, organizaram suas demandas e estratégias de luta. Através da reivindicação pelos chamados "direitos sociais", essas camadas ousaram construir efetivamente sua cidadania social e política. Por outro lado, sentiram-se, de algum modo, parte da Nação brasileira.

Houve, na atitude dos quatro jangadeiros, uma aceitação daquilo que poderíamos chamar de "regras do jogo" da política oficial articulada em torno da figura de Getúlio. É muito possível até que essas "regras" tenham mesmo contribuído para encorajá-los em sua viagem ao Rio de Janeiro. Acredito que a forma como a política do Estado Novo se realizava – inclusive no que concerne à legislação trabalhista e seus apelos à constituição da figura do trabalhador brasileiro no centro do cenário político – tenha alimentado a sensação de que eram atores de sua própria história. Como adverte Maria Helena Capelato, "a introdução do direito trabalhista no Brasil, embora não tenha sido acompanhada de significativa melhoria das condições de vida, também alterou as sensibilidades: as classes populares pela primeira vez se sentiam presentes na cena histórica".[461] Jacaré e seus companheiros, de fato, compreenderam e aproveitaram a porta aberta de entendimento com o Estado.

Membros das elites intelectuais e políticas do país, jornalistas, escritores, interventores federais, membros do clero, dentre outros, também construíram representações sobre o *raid* de 1941. Essas representações se inseriam no interior do projeto de construção de uma memória nacional,[462] operando um enquadramento do papel

[461] Maria Helena Capelato, *Multidões em cena*, op. cit., p. 247.

[462] Sobre o conceito de representações, *Cf.* Ciro Flamarion Cardo e Jurandir Malerba, *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*, op. cit.; Roger Chartier, *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990; e Textos, impressões, Leituras. In: Lynn Hunt (org.). *A Nova História Cultural*, op. cit., p. 211-238; e Pierre Bourdieu, *O Poder Simbólico*, op. cit. Estou utilizando essa

que cabia aí aos populares, em especial aos jangadeiros. Essas representações engendraram construções idealizadas vinculando as figuras dos quatro jangadeiros a um passado heróico, também idealizado, que servia de fundamento para o presente e para o futuro em construção. Os jangadeiros se viram representados, com suas qualidades de coragem, pureza e lealdade, nos próprios fundamentos, que acreditavam estar sendo definitivamente alicerçados, da Nação.

A ditadura do Estado Novo, por sua vez, procurou se beneficiar amplamente do episódio. A coragem dos quatro jangadeiros foi premiada, bem ao modo da política de massas tão a gosto de Vargas, com os aplausos da sociedade brasileira e o amparo do governo federal. Além do mais, era uma oportunidade ímpar para a demonstração pública da adesão dos trabalhadores brasileiros à política estatal.

O decreto presidencial, de incorporação dos pescadores no Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Marítimos (IAPM), de fato reconheceu os jangadeiros como parte da classe trabalhadora brasileira, prevendo, assim, benefícios sociais para a categoria. Mas as peculiaridades da atividade da pesca artesanal – realizada por "um pequeno produtor que participa diretamente do processo da pesca, dono de um cabedal enorme de conhecimentos e dos instrumentos de trabalho", que é também "dependente do mercado, através de uma teia de intermediários e 'marchantes'"[463] – colocaram obstáculos concretos para a efetivação do registro dos pescadores, a contribuição que deviam ao Instituto e, portanto, o gozo dos benefícios nele previstos.

Depois da morte de Jacaré, a secretária da delegacia regional do IAPM fez uma campanha pelos jornais para que os pescadores se inscrevessem e regularizassem sua inscrição junto ao órgão; poucos, entretanto, assim procederam. O jornal *Correio do Ceará* se empenhou na campanha, chegando a lançar a sugestão, apoiada pelo delegado regional, de que Jacaré fosse o primeiro pescador brasileiro a se beneficiar com a incorporação, apesar de sua morte prematura tê-lo impossibilitado de regularizar sua situação.[464] Nem Jacaré, nem sua família, nem os outros pescadores da *São Pedro* se beneficiaram de aposentadoria oficial do Estado.

Os vários "lados" se aproveitaram, de algum modo, do episódio, apesar de seus trunfos serem bem diferenciados e desiguais. Os jangadeiros, pelo menos, puderam

---

idéia de *memória nacional* e *enquadramento* de Michael Pollak, em "Memória, esquecimento, silêncio", *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: v. 2, nº 3, 1989, p. 3-15.

[463] Antônio Carlos Diegues, *Povos e Mares*, op. cit., p. 86.

[464] Segundo o jornal *Correio do Ceará*, Jacaré, antes de viajar, tinha "tomado providências preliminares para seu registro".

mostrar ao Brasil, e também ao mundo, o drama em que viviam cotidianamente com suas famílias. Apareceram como protagonistas principais de sua própria história. Até então, figuravam como personagens românticos e bucólicos na literatura. Naquele momento, entretanto, apareceram com sua rudeza, suas roupas encardidas e sua jangada, instrumento de trabalho diário. Tomaram para si a sua voz. O Estado fortaleceu a sua imagem, através do espetáculo do consenso.

Realmente, Jacaré, Jerônimo, Manoel Preto e Tatá foram acolhidos com muita festa, tanto que Jacaré descreveu a viagem a um jornalista carioca como: "festa, vento ruim, chuva e temporal". Não foram simplesmente recebidos pelo Presidente da República. Isso aconteceu, mas em meio a grande entusiasmo coletivo. Desfilaram pelas principais avenidas da grande cidade, com sua jangada em cima de um caminhão, e participaram de várias solenidades, que contavam sempre com a presença de diversas autoridades destacadas na política estadonovista.

Jerônimo, o príncipe dos jangadeiros cearenses, tomou tanto gosto pelo mar e pelos *raids* que ainda realizou mais dois, em 1951 e 1958. Foi só o presidente Getílio Vargas subir ao poder novamente que ele arrumou sua jangada, a *Nossa Senhora de Assunção*, chamou os amigos Tatá e Manuel Preto, acrescentou Mané Frade e João Batista,[465] e partiu novamente rumo à Guanabara, para, mais uma vez, apelar ao Presidente o apoio à sua categoria, pelos mesmos motivos de 1941. De lá, seguiu para o Rio Grande do Sul, terra natal de Vargas. Em 1958, foi a vez da jangada *Maria Tereza Goulart* singrar e ultrapassar os mares brasileiros, em um *raid* pra lá de audacioso, com destino a Buenos Aires – a viagem demorou seis meses e alguns dias. A embarcação "era uma homenagem a esposa do Vice-presidente João Goulart, um amigo de Getulio Vargas", explicou José de Lima, um dos participantes desse *raid*.[466] Ao presidente Juscelino Kubstcheck, Jerônimo falou sobre a situação da pesca no Ceará, em uma audiência privada: "a vida por lá vai dia a dia se tornando mais feia e só com a ajuda 'dos grandes' podemos continuar a luta com o mar".[467] Os companheiros de tão longa travessia eram Samuel Izidro, Luís Carlos de Souza, Luis Garôupa e o primo de Jerônimo, o pescador José de Lima. Jerônimo tinha a intenção de presentear o presidente argentino com sua jangada e, como em 1941, entendia que ela encarnava o sofrimento e a luta cotidiana dos pescadores:

---

[465] Tatá e Manuel Frade eram os mais velhos do grupo, com mais de 60 anos; Jerônimo e Manuel Preto tinham 49 e João Batista, 31 anos.
[466]. *Cf*. Raimundo Caruso, *Aventuras dos Jangadeiros do Nordeste*, op. cit., p. 32.
[467] *O Jornal*, Fortaleza, 19 de dezembro de 1958.

> "Talvez ele não dê muito valor ao nosso presente. No entanto alguém poderá dizer-lhe que cearense não pode dar presente de muito valor. Nossa jangada representa mais de 120 dias de sofrimento, de lutas e de vitórias sobre o mar. São apenas alguns paus, um mastro e uma vela com o mapa do Brasil para figurar na jangada, porque pensamos que o Ceará é o próprio coração do Brasil"[468].

No dia 13 de abril de 1959, os jangadeiros chegaram à Argentina sem o conhecimento do Presidente Arthuro Frondizi, pois o governo brasileiro, segundo noticiou *O Jornal*, de Fortaleza, dessa mesma data, apesar das promessas, não enviou qualquer comunicado oficial. Apesar do "desprezo", a jangada "Maria Thereza Goulart" passou alguns dias sendo admirada pelos argentinos que, impressionados com a façanha daqueles caboclos tostados de sol, não cansavam de exclamar *Imposible*, ao que os jangadeiros respondiam, "balançando a cabeça como lagartixa": "si, si, si".[469] A jangada, testemunha dos "120 dias de sofrimento" de Jerônimo e seus companheiros, retornou para o Ceará a bordo de um navio mercante e os jangadeiros, como os seus antecessores, voltaram pelos ares.

Jerônimo viveu seus últimos dias de "reinado" em uma casa simples de um bairro pobre, o Castelo Encantado, para onde foram empurrados também outros pescadores de Fortaleza. De suas palhoças bucólicas, sobraram apenas os registros da literatura e dos filmes produzidos até os anos de 1950. Como a Praia de Iracema, que, a partir dessa data, passou a sofrer com a ação de fortes ondas que invadiam ruas e algumas casas elegantes, em virtude da intervenção provocada pela construção do Porto do Mucuripe, as praias do Meireles e Mucuripe foram ano a ano se tornando pontos nobres, abrigando clubes, restaurantes e edifícios suntuosos. Mas Jerônimo não se conformou em morrer nesse "castelo"; um príncipe audacioso, corajoso e teimoso como ele merecia mortalha mais nobre.[470] Numa dessas madrugadas de novembro de 1965, saiu com o companheiro Zezito para uma "pescaria de dormida", lá para os lados da Praia do Pecém, e nunca mais voltou. Sobre o episódio, lembra Eremilson:

> "Jerônimo foi pro mar num dia ruim pra pesca. Era muito teimoso, que Deus tenha piedade da sua alma. Com ele ia também um irmão meu, o Zezito. No tempo escuro por causa do temporal, um navio partiu a jangada

---

[468] *O Jornal*, Fortaleza, 19 de dezembro de 1958.
[469] *Cf.* Raimundo Caruso, *Aventuras dos Jangadeiros do Nordeste*, op. cit. p. 36.
[470] Vários depoimentos citam Jerônimo como muito "teimoso". Foi assim nos depoimentos de Dona Celsa, Eremilson e José de Lima. *Cf.*, sobre os últimos, Raimundo Caruso, *Aventuras dos Jangadeiros do Nordeste*, op. cit.

deles ao meio, matando todos os tripulantes. Quando acharam a jangada, viram que ela estava arrebentada pela violenta batida do navio."[471]

Nenhum dos pescadores da *São Pedro* conseguiu se aposentar pelo Estado. O máximo que Tatá, Manuel Preto e Manuel Frade conseguiram foi uma pensão fornecida pelo governo estadual do Ceará, em reconhecimento pelas viagens reivindicatórias que realizaram. O "teimoso" Jerônimo não quis ir com os companheiros "pedir" a pensão, disse que podia viver da pesca até morrer, segundo Dona Celsa.

Tatá morreu atropelado na Avenida Domingos Olímpio, em Fortaleza, com 83 anos, em 23 de junho de 1971, véspera da tradicional festa do padroeiro dos pescadores. Já não enxergava quase nada, mas todas as tardes ia para a beira da praia, ver o movimento dos seus companheiros, chegando nas jangadas. Contou-me Dona Celsa que ele sempre pedia aos amigos para levá-lo em pescaria, mas os companheiros, cautelosos, negavam o pedido. Manuel Preto terminou seus dias morando no Bairro do Pirambu, uma área pobre de Fortaleza, depois da morar por um tempo na casa do amigo Tatá. Morreu com mais de noventa anos.

Enfim, desistiram de viajar os jangadeiros? Afinal, o governo brasileiro mudou sua sede para Brasília, desde os anos de 1960, e não dava mais para chegar pelo mar. As jangadas de piúba, desde os anos de 1950, foram sendo substituídas pelas jangadas de tábuas, que possui um convés no casco. Os jangadeiros do Ceará, no entanto, ainda singrariam o litoral brasileiro em três viagens de denúncia e reivindicação. As iniciativas governamentais no plano da pesca não privilegiaram o pescador artesanal, conseguindo, entretanto, impulsionar violentamente a atividade empresarial, abrindo uma nova frente de conflitos para os jangadeiros. A Terra da Luz parecia permanecer "cega para a pesca", como um dia disse Jacaré. Assim, em 1967, 1972 e 1993 novos *raids* saíram dos "verdes mares bravios" do Ceará, levando a bordo as queixas dos jangadeiros.

Da Prainha do Canto Verde, cerca de 120 km de Fortaleza no sentido do litoral leste, saiu, em fins de abril de 1993, a Jangada *SOS Sobreviventes*,[472] cujo objetivo era sensibilizar as autoridades e a sociedade para o problema da pesca predatória de

[471] Blanchard Girão, *Mucuripe*, op. cit., p. 102.

[472] Após a realização dessa viagem, profissionais envolvidos com a pesca ou em trabalhos comunitários junto aos pescadores, como a engenheira de pesca Soraya Tupinambé e René Sharer, dentre outros, criaram a ONG TERRAMAR. *Cf.* as entrevistas de Soraya e René realizadas por Raimundo Caruso, *Aventuras dos Jangadeiros do Nordeste*, op. cit. Essa entidade desenvolve atividades educacionais junto às comunidades de pescadores, além de assessorar os movimentos sociais dos pescadores.

lagosta, realizada por mergulhadores, e para as mudanças nas regras de aposentadoria[473], fixando 50 anos, e não mais 60, como a idade mínima para o recebimento do benefício.[474] Segundo explicou Mestre Mamede, que comandou a jangada nesse *raid*, o pescador se inicia na profissão aos dez, doze anos e muito cedo se encontra com a visão prejudicada, pelo excesso de sol, maresia e sal da água do mar.[475] O protesto de Mestre Mamede se situa no interior dos inúmeros conflitos vivenciados pelas comunidades de pescadores do litoral cearense que buscam lutar pela manutenção e melhoria das condições da pesca artesanal, preservando de forma sustentável a tradicional forma de subsistência de muitas comunidades e a terra onde vivem com seus filhos, cobiçada pela especulação imobiliária, realizada, inclusive, pelos investimentos turísticos nacionais e estrangeiros, que vêm se tornando realidade no Ceará.[476]

Antes mesmo de Mestre Mamede, contudo, Mestre Eremilson comandou uma viagem a Ilhabela, litoral paulista, em 1972, em plena ditadura, outra na história política do Brasil, dessa vez sob o regime das Forças Armadas. Os jangadeiros José Eremilson e José Maria da Silva, o Zé Surrão, "um homem que valia por dez", nas palavras do primeiro, viajaram para Ilhabela e, de lá, de avião, para Brasília, a pedido do General Emílio Garrastazu Médici, de quem obtiveram a promessa, concretizada logo depois, de aposentaria para os pescadores brasileiros pelo sistema de aposentadoria rural.[477] Eremilson, como Jacaré, também era poeta e dono de muita argúcia e inteligência. Tinha também a coragem, a teimosia e o destemor de Mestre Jerônimo, a fé em São Francisco de Manuel Preto e a sensatez de Tatá. Suas palavras, com as quais eu aproveito para encerrar

---

[473] A aposentadoria para os pescadores foi garantida através dos benefícios sociais do FUNRURAL, conquista do *raid* de 1972, liderado pelo pescador Eremilson.

[474] Essa pesca é chamada de "compressor" porque o pescador mergulha até o fundo do mar, chegando a mais de 40 m de profundidade, respirando por uma mangueira ligada a um compressor localizado em um barco. O jangadeiro utiliza "manzuás", espécie de gaiolas, com isca dentro. Enquanto o mergulhador de compressor pesca centenas de lagostas por dia, o jangadeiro muitas vezes retira seus manzuás vazios. Sobre isso, conferir a entrevista com Aldemir de Oliveira Rebouças, pescador de compressor de Icapuí, Ceará. Raimundo Caruso, *Aventuras dos Jangadeiros do Nordeste*, op. cit., p. 132-140.

[475] Conferir entrevista com Mestre Mamede Dantas de Lima, em Raimundo Caruso, *Aventuras dos Jangadeiros do Nordeste*, op. cit, p. 115-122.

[476] Há vários trabalhos acadêmicos que enfocam esses conflitos: Antônio Carlos Diegues, *Povos e Mares*, op. cit., p. 105-130; Túlio de Souza Muniz. *O Ouro do Mar - Do nascimento da pesca industrial da lagosta a Guerra da Lagosta (1955-1963): uma narrativa sócio-histórico marítima*. Dissertação de Mestrado em História apresentada a Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 2005, p. 39-65; Maria do Céu de Lima, *Comunidades Pesqueiras Marítimas no Ceará*, op. cit., p. 143-172. Na Prainha do Canto Verde, há interessantes experiências de organização comunitária dos pescadores, em especial a criação de uma cooperativa de comercialização do pescado, para o enfrentamento dos "atravessadores". Também aí está se tentando a utilização de "catamarãs" a vela na pesca artesanal, com fabricação local. *Cf.* as entrevistas de René Sharer e Soraya Tupinambé em Raimundo Caruso, *Aventuras dos Jangadeiros do Nordeste*, op cit.

[477] Segundo contou, orgulhoso, Eremilson a Raimundo Caruso (*Aventuras dos Jangadeiros do Nordeste*, op. cit., p. 73), o primeiro pescador a se aposentar foi seu próprio pai, com 91 anos.

meu estudo, deixam pistas sobre os sentidos que vão assumindo as viagens reivindicatórias no universo de vida do pescador, sugerindo como começa "uma história dessas". Como e quando termina, entretanto, nem eu, nem os quatro jangadeiros da *São Pedro*, nem Eremilson, ousamos opinar.

> "Como é que começa uma história dessas? Ora, não às claras, e também não nasce pronta. O povo é que principia, murmurando. Uma noite, numa venda ou num boteco, alguém comenta, como quem não quer nada, uma idéia, no dia seguinte um outro acrescenta uma lembrança, um terceiro cochicha qualquer coisa, o quarto olha para um canto lá da praia, e então, **aos poucos a figura de uma viagem começa a se formar.** (...) Estás compreendendo o raciocínio? A comunidade vai escrevendo o plano à sua maneira, **e como outros já fizeram, pensam que uma viagem até pode ser mesmo a forma certa para reivindicar o que se está carecendo**. É o que costumam dizer, aos poucos. Só mais tarde é que passa a ser um desafio, que será comentado abertamente pelos pescadores: afinal, quem é que vai e quem é que não vai? Então chega um dia, e aquela idéia do início está pronta, logo é preciso tomar algumas providências, porque aqui ninguém é covarde. O que é que acontece? **Acontece que de repente estás assumindo a causa de todos os. pescadores e aí não tem mais volta**. Com coragem ou sem coragem, com valentia ou sem valentia, tu assumes teu lugar no banco de mestre da jangada e até logo."[478] (grifos meus)

[478] Mestre José Eremilson da Silva, em entrevista a Raimundo Caruso, *Aventuras dos Jangadeiros do Nordeste*, op. cit., p. 68.

FONTES

1- Jornais:

Rio de Janeiro: (Biblioteca Nacional)

Jornal do Brasil
A Manhã
Diário da Noite
O Radical

Bahia: (Biblioteca Pública do Estado da Bahia)

O Imparcial
Estado da Bahia
A Tarde

Fortaleza: (Biblioteca Pública Menezes Pimentel)

O Povo
Unitário
Correio do Ceará
Gazeta do Ceará
O Nordeste
O Estado

2- Revistas:

Diretrizes
Seleções do Reader´s Digest
Careta
O Cruzeiro

3- Documentos Manuscritos

- Museu do Ceará:

  Diário do *Raid* da Jangada São Pedro

- Setor de Manuscritos da Biblioteca Nacional (RJ):

  Arquivo Edmar Morel

- Arquivo Nacional:

  Fundo Ministério do Trabalho
  Gabinete Civil da Presidência da República
  Arquivo Fotográfico do Correio da Manhã

- Arquivo do Estado do Rio de Janeiro:

  Fundo Polícia Política – Estado do Ceará

4- Filmes:

- *Quatro Homens em um Jangada* (1993) – Orson Welles/Richard Wilson/Bill Krohn/Myron Meisel
- *Nem Tudo é Verdade* (1985) – Rogério Sganzerla
- *Cidadão Jacaré* (2005) – Firmino Holanda

5- Fontes Orais:

- José Pereira da Silva (Sr. Bafô) – Entrevista realizada em Fortaleza, no dia 22 de agosto de 2006.
- Lyrisse Porto – Entrevista realizada em Fortaleza, em junho de 2001.
- Maria Alberto Costa Sousa Gurgel (Dona Betina) – Entrevista realizada em Fortaleza, no dia 16 de junho de 2001.
- Maria Celsa Gomes – Entrevista realizada em Fortaleza, nos dias 11 e 16 de agosto de 2006.
- Maria Olimpio Meira – Entrevistas realizadas em Fortaleza, em abril de 2001 e em 2006.
- Raimunda Olimpio Meira – Entrevistas realizadas em Fortaleza, em 2001 e em 2006.
- Raimundo Olimpio Meira – Entrevista realizada em Fortaleza, em abril de 2001.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Alzira Alves de et alii. *Dicionário Histórico, Biográfico Brasileiro pós –1930.* Rio de Janeiro: Editora FGV – CPDOC, 5 vol, 2001 (edição revista e ampliada).

ALBUQUERQUE JR, Durval M. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999.

ALBUQUERQUE, Chico. *Mucuripe*. 2 ed. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2000.

ARAUJO, Erick Assis de. *Cotidiano das classes populares na cidade de Fortaleza durante o Estado Novo.* Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo. São Paulo: 2003.

ARAUJO, Ricardo Benzaquem. "O dono da casa – Notas sobre a imagem do poder no 'mito Vargas'". In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: ISER/CER, 1986.

AZEVEDO, Célia M. M. "Maçonaria: História e Historiografia." *Revista USP*. São Paulo: USP-CCS, dez/fev 1997, p. 179-189.

BACZKO, Bronislaw. "Imaginação social" e "Utopia". In ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Vol. 5: "Antropos-Homem." Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BARATA, Alexandre Mansur. *Luzes e Sombras: a ação dos pedreiros-livres brasileiros, 1870-1910.* Campinas: Editora da Unicamp – Centro de Memória da Unicamp, 1999.

BARROS, Roque Spencer M. Vida Religiosa/A Questão Religiosa. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (org.) *História Geral da Civilização Brasileira.* Tomo II, Vol. 4. 2 ed. São Paulo: DIFEL, 1974, p. 317-365.

BARROSO, Gustavo. *Praias e Várzeas/Alma Sertaneja.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

BAZIN, André. *Orson Welles*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOGDANOVICH, Peter. *Este é Orson Welles.* Rio de Janeiro: Globo, 1995.

BOMENY (org.). *Constelação Capanema. Intelectuais e política*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001.

BORGES, Vavy P. "História e Política: laços permanentes." *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 12, n.23/24, p. 7-18, set.91/ago.92.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.

BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. *Ensaio Estatístico da Província do Ceará*. Tomo I. Fortaleza: Typ. B. de Mattos, 1863.

BREUILLY, John. Abordagens do Nacionalismo. In: GOPAL, Balancrishnan (org.) *Um Mapa da Questão Nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 155-185.

BURKE, Peter. (org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

BURKE, Peter. *A Arte da Conversação.* São Paulo: UNESP, 1995.

CAPELATO, Maria Helena R. "Estado Novo: Novas Histórias." In FREITAS, Marcos C. (org) *Historiografia Brasileira em Perspectiva.* São Paulo: Contexto, 1998, p. 183-213.

CAPELATO, Maria Helena R. "O populismo latino-americano em discussão." In FERREIRA, Jorge L. (org.) *O Populismo e sua História: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 127-165.

CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em Cena: propaganda política no varguismo e no peronismo.* Campinas, SP: Papirus, 1998.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na era Vargas (1930-1945).* São Paulo: Brasiliense, 1995.

CARUSO, Raimundo C. *Aventuras dos Jangadeiros do Nordeste*. Florianópolis: Panan Ed. Culturais, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. "Cidadania: tipos e percursos." *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: v. 9, n. 18, 1990, p. 337-359.

CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem: a elite política imperial; Teatro de Sombras: a política imperial.* Rio de Janeiro: Relume Dumará/Ed. UFRJ, 1996.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Jangada, Uma pesquisa etnográfica*. 2 ed. São Paulo: Global, 2002

CASCUDO, Luís da Câmara. *Jangadeiros.* Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Serviço de Informação Agrícola, 1957.

CHABLOZ, Pierre. *Revelação do Ceará.* Fortaleza: SECULT-CE, 1993.

CHARTIER, R. "'Cultura popular': revisitando um conceito historiográfico". In: *Estudos Históricos.* Rio de Janeiro: FGV, n. 16, 1995.

CHARTIER, R. "A história hoje: dúvidas, desafios, propostas". In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, n. 13, 1994.

CHARTIER, R. *A história cultural*: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHAVES, Gilmar. *Ceará de Corpo e Alma: um olhar contemporâneo de 53 autores sobre a Terra da Luz.* Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002.

COLLINGWOOD, R. G. *A Idéia de História*. 5 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1981.

CORSI, Francisco Luiz. *Estado Novo: Política Externa e Projeto Nacional.* São Paulo: UNESP, 2000.

D´ARAÚJO, Maria Celina. Estado, Classe Trabalhadora e Políticas Sociais. In: FERREIRA, J. e DELGADO, L. A . N. (orgs). *O Brasil Republicano*. Vol. 2: O tempo do nacional-estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 213-239.

D´ARAÚJO, Maria Celina. *O Estado Novo.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. *Mar à Vista: Estudos da maritimidade em Fortaleza*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

DE DECCA, Edgard S. *1930: O Silêncio dos Vencidos*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DE LUCA, Tânia Regina. Direitos Sociais no Brasil. In: PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla B. (orgs.) *História da Cidadania*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2003, p.469-493.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'anna. "Tradição marítima e oralidade: pesca de marcação e mestrança em Galinhos, Rio Grande do Norte-Brasil." *Projeto História*. São Paulo: EDUC, nº, jun/2001, p. 389-400.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'anna. *La Pesca Artesanal en Brasil*. Ancona: mayo de 1993.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'anna. *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*. São Paulo: Ática, 1983.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'anna. *Povos e Mares: leituras em sócio-antropologia marítima*. São Paulo: NUPAUB-USP, 1995.

DORÉ, Bernardo. *A Epopéia dos Jangadeiros, nossos irmãos do mar*. Fortaleza: ed. do autor, 1973.

DUTRA, Eliane Regina Freitas. *O ardil totalitário*. Imaginário político no Brasil dos anos 30. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Ed. UFRJ/Ed. UFMG, 1997.

DUTRA, Roger Andrade. "Da historicidade da imagem à historicidade do cinema." *Projeto História*. São Paulo: EDUC, nº 21, nov/2000, p. 121-140.

ELIAS, Norbert. *Os Alemães*. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.

FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social. 4 ed. São Paulo: Difel, 1986.*

FERREIRA, J. e DELGADO, L. A . N. (orgs). *O Brasil Republicano*. Vol. 2: O tempo do nacional-estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Jorge (Org.) *O populismo e sua história:* debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FERREIRA, Jorge L. "A cultura política dos trabalhadores no primeiro governo Vargas." *Estudos Históricos.* Rio de Janeiro: FGV, v. 3, nº 6, p. 180-195, 1990.

FERREIRA, Jorge L. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: FERREIRA, Jorge L. (org.) *O Populismo e sua História: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 58-124.

FERREIRA, Jorge. *Trabalhadores do Brasil*: o imaginário popular (1930-1945). Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1997.

FERREIRA, Marieta de M. "A nova 'velha história': o retorno da história política." *Estudos Históricos.* Rio de Janeiro: FGV, v. 5, n. 10, p. 265-271, 1992.

FERRO, Marc. O filme: uma contra análise da sociedade? In: Jacques Le Goff e Pierre Nora. *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 199-215.

FORTES, Alexandre e NEGRO, Antônio L. Historiografia, Trabalho e Cidadania no Brasil. In: FERREIRA, J. e DELGADO, L. A . N. (orgs). *O Brasil Republicano*. Vol. 2: O tempo do nacional-estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 181-211.

FRAGO, Antônio Vinão. *Alfabetização na Sociedade e na História: vozes, palavras e textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Paulo e MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. *A Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRENCH, Jonh. *Afogados em Leis. A CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001.

GADAMER, Hanz-Georg. *O Problema da Consciência Histórica*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GINSBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlo. *Mitos Emblemas e Sinais*. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIRÃO, Blanchard. *Mucuripe: de Pinzon ao Padre Nilson.* Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1998.

GIRÃO, Raimundo. *A Abolição no Ceará*. 4 ed. Fortaleza: s.ed., 1988.

GIRÃO, Raimundo. *Pequena História do Ceará.* 4 ed. Fortaleza: Ed. UFC, 1984.

GOMES, Ângela de C. "Política: história, ciência, cultura etc." *Estudos Históricos.* Rio de Janeiro: FGV, v. 9, nº 17, p. 59-84, 1996.

GOMES, Ângela de C. *A Invenção do Trabalhismo.* Rio de Janeiro: IUPERJ/São Paulo: Vértice, 1988.

GOMES, Ângela de C. *Burguesia e Trabalho: Política e Legislação social no Brasil (1917-1937).* Rio de Janeiro: Campus, 1979.

GOMES, Ângela de Castro (org). *Regionalismo e Centralização Política. Partidos e Constituinte nos anos 30*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GOMES, Ângela de Castro. (org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2000.

GOMES, Ângela de Castro. *Cidadania e Direitos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GOMES, Ângela de Castro. O populismo e as Ciências Sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. In: FERREIRA, Jorge (org.) *O Populismo e sua História:* debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GOODY, Jack. *A Lógica da Escrita e a organização da sociedade.* Lisboa: Edições 70, 1986.

GOODY, Jack. *La Domesticación Del Pensamiento Salvaje*. Madri: Akal, 1985.

GOULART, Silvana. *Sob a Verdade Oficial. Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo.* São Paulo: Marco Zero, 1990.

GURGUEIRA, Fernando Limongeli. A Integração Nacional pelas Ondas: O Rádio no Estado Novo. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo. São Paulo: 1995.

HEBRARD, Jean. Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da História Cultural. In: ABREU, Márcia (org). *Leitura, História e História da Leitura*. São Paulo: FAPESP/ALB/Mercado das Letras, 1999.

HOBSBAWM, Eric. *A Invenção das Tradições.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Firmino. *Orson Welles no Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

HUNT, Linn (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

IANNI, Octavio. *O Colapso do Populismo no Brasil.* 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

JUCÁ, Gisafran N. M. *Verso e Reverso do perfil urbano de Fortaleza.* São Paulo: Annablume, 2000.

KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução, Prefácio e Comentários de Luiz da Câmara Cascudo. 12 ed. Rio de Janeiro/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2003.

LACERDA, Aline Lopes de. "Obra Getuliana ou como as imagens comemoram o regime". *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, n. 14, 1994.

LEMENHE, Auxiliadora. *Razões de uma cidade: conflitos de hegemonia*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Ed. da Unicamp/Papirus, 1986.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.) *A Escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992.

LEVINE, Robert. *O regime de Vargas, 1934-1938: os anos críticos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LEVINE, Robert. *Pai dos pobres?* O Brasil e a era Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LIMA, Maria do Céu de. *Comunidades Pesqueiras Marítimas no Ceará: território, costumes e conflitos*. Tese de Doutorado em Geografia defendida na Universidade de São Paulo. São Paulo: 2002.

LINHARES, Paulo. *Cidade de Água e Sal: por uma antropologia do litoral nordeste sem cana e sem açúcar.* Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 1992.

LURIA, A. R. *Desenvolvimento Cognitivo*. São Paulo: Ícone, 1990.

LURIA, A. R. *Pensamento e Linguagem. As últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MALDONADO, Simone Carneiro. *Mestres e Mares: espaço e indivisão na Pesca Marítima*. 2 ed. São Paulo: Annablume, 1993.

MARAMBAIA: *Escola de Pesca Darcy Vargas*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1942.

MARSHALL, T. H. *Cidadania, Classe Social e Status*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MASCARENHAS, Mário. *O melhor da música popular brasileira.* 5 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Irmãs Vitale, s.d.

MELLO, Evaldo Cabral de. Collingwood e o Ofício do Historiador. In: *Um Imenso Portugal: História e Historiografia*. São Paulo: Edições 34, 2002, p.280-287.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. "Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico." *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material.* São Paulo: v. 1, p. 3-41, 1993.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. “O Museu na cidade *versus* a cidade no Museu: para uma abordagem histórica dos museus.” *Revista Brasileira de História.* São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 5, nº 8/9, p. 197-205, 1985.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Mito e Museus: reflexões preliminares. In FELIX, Loiva O. e ELMIR, Cláudio (orgs) *Mitos e Heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998, p. 41-50.

MIRANDA, Júlia. *O Poder e a Fé: discurso e prática católicos*. Fortaleza: Edições UFC, 1987.

MOORE JR., Barrington. *Injustiça. As bases sociais da obediência e da revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MORAES, Antônio Carlos Robert. *Ideologias Geográficas: espaço, cultura e política no Brasil*. São Paulo: Annablumme, 2005.

MORAIS, Fernando. *Chatô, O Rei do Brasil*. Companhia das Letras, 1994.

MORAIS, Sérgio Cardoso de *Colônia de Pescadores e a luta por cidadania.* In: X Congresso Brasileiro de Sociologia, 2001, Fortaleza-CE. Anais do X Congresso Brasileiro de Sociologia, 2001, p. 39-39.

MOREL, Edmar. Chico da Matilde na Corte. In: *Da Senzala para os Salões*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto, 1988, p. 184-194.

MOREL, Edmar. *Histórias de um Repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará (1930-1945)*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1989.

MUNAKATA, Kazumi. *A Legislação Trabalhista no Brasil.* 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MUNIZ, Túlio de Souza. *O Ouro do Mar – Do nascimento da pesca industrial da lagosta a Guerra da Lagosta (1955-1963): uma narrativa sócio-histórico marítima*. Dissertação de Mestrado em História apresentada a Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 2005.

NEVES, Berenice Abreu de C. “Odisséia numa Jangada.” *Revista Nossa História*. São Paulo: Vera Cruz, nº 8, jun/2004, p. 14-21.

NEVES, Berenice Abreu de C. *Do Mar ao Museu: a saga da jangada São Pedro.* Fortaleza: Museu do Ceará, 2001.

NEVES, Berenice Abreu de C. *Intrépidos Romeiros do Progresso: maçons cearenses no Império.* Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada à UFC. Fortaleza: 1998.

NEVES, Berenice Abreu de C. O Diário do Raid. In: *Diário dos Jangadeiros: Fortaleza-Rio de Janeiro (1941)*. Edição fac-similar. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura, 2004, p. 20-37.

NEVES, Frederico de Castro. “As mil voltas do Seu Muriçoca: migração e paternalismo no relato de um narrador exemplar.” *Trajetos*. Fortaleza: UFC, v.2, n.3, 2002, p.55-69.

NEVES, Frederico de Castro. “Economia Moral *versus* Moral Econômica, ou: o que é economicamente correto para os pobres?” *Projeto História.* São Paulo: EDUC, nº 16, 1998, p. 39-58.

NEVES, Frederico de Castro. “Getúlio e a Seca: políticas emergenciais na era Vargas.” *Revista Brasileira de História.* São Paulo: ANPUH/Humanitas, v. 21, nº 40, p. 107-131, 2001.

NEVES, Frederico de Castro. *Imagens do Nordeste. A Construção da Memória Regional*. Fortaleza: SECULT, 1994.

NEVES, Frederico de Castro. Para Futuros Historiadores: teoria e história na música de Chico Buarque de Holanda. In: VASCONCELOS, J. G. e MAGALHÃES Jr., A. G. (orgs.). *Linguagens da História*. Fortaleza: imprece, 2003, p. 68-81.

NEVES, Lucília de Almeida. “Cidadania: dilemas e perspectivas na República Brasileira.” *Tempo*. Niterói: v.2, n.4, dez.1997, p. 80-102.

NOBRE, Francisco da Silva. *1001 Cearenses Notáveis*. Fortaleza: Casa da Palavra, 1996.

NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à História do Jornalismo Cearense*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense Ltda., 1975.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs.) *História: novos problemas*. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 179-193.

OLIVEIRA, Lúcia L. *et alli* (orgs) *Estado Novo: ideologia e poder.* Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

OLIVEIRA, Lúcia L; VELLOSO, Mônica P.; GOMES, Angela de Castro. *Estado Novo. Ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As Muitas Faces da História: 9 entrevistas*. São Paulo: UNESP, 2000, p.29-55.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1986.

PANDOLFI, Dulce (org). *Repensando o Estado Novo.* Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

PINTO, José de B. *A Jangada.* São Paulo: Saraiva, 1955.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio.” *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: v. 2, nº 3, p. 3-15, 1989.

PONTE, Sebastião Rogério (Coord). *História e Memória do Jornalismo Cearense*. Fortaleza: NUDOC/UFC/Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará/SECULT-CE, 2004.

PONTE, Sebastião. *Fortaleza Belle Époque: Reformas Urbanas e Controle Social*. 2 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 1999.

PORTELLI, Alessandro. "Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade." *Projeto História*. São Paulo: EDUC, nº 14, fev/1997, p. 10.

PORTELLI, Alessandro. Memória e Diálogo: desafios da história Oral para a Ideologia do século XXI. In: Marieta M. Ferreira, Verena Alberti e Tânia M. Fernandes (orgs.). História Oral: Desafios para o Século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC-Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 70-71.

RAMOS, Francisco R. L. *A Danação do Objeto. O Museu no Ensino de História*. Chapecó-SC: Argos, 2004.

RÉMOND, René (org). *Por Uma História Política.* Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

REVEL, J., CERTEAU, M. e JULIA, D. A Beleza do Morto: o conceito de cultura popular. In: REVEL, J. *A Invenção da Sociedade*. Lisboa: DIFEL, 1989, p.49-75.

RIZZINI, Carlos. "Dos Clubes Secretos às Lojas Maçônicas." *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Vol. 190, 1946, p. 29-44.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SALES, Érica F. F. *A Imprensa e os Heróis Bronzeados da Praia: a construção de uma imagem heróica dos pescadores cearenses durante o Estado Novo*. Monografia de Conclusão do Curso de Bacharelado em História na UECE. Fortaleza: 2005.

SANTOS, Jovelina. "Círculos Operários no Ceará: uma ausência historiográfica." *Trajetos*. Fortaleza: UFC, vol. 2, nº 4, 2003, p. 35-46.

SANTOS, Márcia Juliana. *It´s all true e a construção das imagens do Brasil (1942-1993)*. Dissertação em História Social apresentada a PUC-SP. São Paulo: 2004.

SANTOS, Wanderley G. *Cidadania e Justiça: a política social na ordem brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

SCHRAMM, Solange Maria de Oliveira. *Território Livre de Iracema: só o nome ficou? Memórias coletivas e a produção do espaço na Praia de Iracema*. Dissertação de Mestrado em Sociologia na UFC. Fortaleza: 2001.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macedo e. *Paisagens do Consumo*: *Fortaleza no tempo da Segunda Grande Guerra*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

SILVA, Luiz Geraldo (org). *Os Pescadores na História do Brasil. Vol. 1*. Colônia e Império. Petrópolis: Vozes, s.d.

SILVA, Marcos (org.) *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, FFLCH, FAPESP; Natal: EDUFN, Fundação José Augusto, 2003.

SOIHET, Rachel. *A Subversão pelo Riso*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1994.

SOIHET, Rachel. O Povo na Rua: manifestações culturais como expressão de cidadania. In: FERREIRA, J. e DELGADO, L. A . N. (orgs). *O Brasil Republicano*. Vol. 2: O tempo do nacional-estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 287-321.

SOLA, Lourdes. O golpe de 37 e o Estado Novo. In MOTA, Carlos G. (org*) Brasil em Perspectiva.* 10 ed. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 256-282.

SOUSA, Simone (org). *História do Ceará.* Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 1994.

SOUSA, Simone (org). *Uma Nova História do Ceará.* Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

SOUSA, Simone e OLIVEIRA, Francisco de A. S. *Movimento Operário Cearense na Primeira República.* Fortaleza: NUDOC/UFC (Cadernos do NUDOC, Série História nº 3), s.d.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo!* O mito de "Leônidas da Silva" e a construção da identidade nacional através do futebol (1930-1947). Dissertação de Mestrado em História apresentada a UFF. Niterói: 2002.

SOUZA, José Inácio de Melo. "Trabalhando com Cinejornais: relato de uma experiência." *História: Questões e Debates*. Curitiba: UFPR, nº 38, jan/jun 2003, p. 43-65.

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros.* Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. Folclore, Antropologia e História Social. In: *As Peculiaridades dos Ingleses e outros ensaios.* Campinas-SP: Ed. UNICAMP, 2001, p. 227-268.

TOTA, P. A. *Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VAINFAS, Ronaldo e CARDOSO, Ciro F. (orgs) *Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia.* Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VARGAS, Getúlio. *Diário.* Vol. 2, 1937-1942. São Paulo: Siciliano/Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VELLOSO, Mônica P. Os Intelectuais e a Política Cultural do Estado Novo. In: In: FERREIRA, J. e DELGADO, L. A . N. (orgs). *O Brasil Republicano*. Vol. 2: O

tempo do nacional-estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 145-179.

VIANNA, Luís Werneck. *Liberalismo e sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

VIGOTSKII, L. S., Luria, A. R. e LEONTIEV, A. N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo: Ícone/Ed. USP, 1989.

WEFFORT, Francisco. *O populismo na Política brasileira.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ZUNTHOR, Paul. *A Letra e a Voz: a literatura medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.